



Manipulado até
A MORTE

BV LAWSON



MANIPULADO ATÉ A MORTE

Um mistério de Scott Drayco

BV Lawson

Crimetime Press

Copyright 2014 by BV Lawson

Manipulado até a morte é uma obra de ficção. Todos os nomes, personagens, lugares, organizações e eventos retratados neste romance são produtos da imaginação da autora ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança a eventos reais, localidades, ou pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.

ÍNDICE

PARTE UM

PARTE DOIS

PARTE TRÊS

PARTE QUATRO

AOS MEUS LEITORES

AGRADECIMENTOS

SOBRE A AUTORA

PARTE UM

Meu coração está pesado, meus olhos cheios de pesar,
A escuridão toma conta de mim.
Não consigo mais cantar sobre o amanhã,
Pois estou mudo de mágoa e choro.

—Da canção “Eu quero e não tenho,” poema de Bohdan Zaleski,
música por Frédéric Chopin

Capítulo 1

Segunda-feira, 15 de março

Era uma baita de umas boas-vindas a uma cidade. Era mais uma ferida em carne viva na paisagem do que um sinal – com grandes letras vermelhas chorando pela frente da madeira compensada toda enlameada. *Cape Unity, lar dos americanos de verdade! Desenvolvedores e outros demônios, voltem agora!* Scott Drayco esperava admirar as águas de Chesapeake Bay, mas não era isso que tinha em mente.

O mirante próximo à placa estava deserto, exceto por Drayco em seu velho Oldsmobile Starfire, sua cor índigo coordenando como pele machucada com o céu âmbar. Ele escalou e olhou para a baía. O Oceano Atlântico do lado oposto da península fica escondido por barreiras de ilhas, mas não era difícil imaginar os imigrantes europeus, de muito tempo atrás, em frágeis navios avistando estas costas. Talvez ele tivesse mais em comum com esses peregrinos exaustos do que queria admitir.

O vento gelado soprava borrifos cortantes de água salgada em seus olhos, mas era bom. Uma forma de saber que ele não estava mais confinado em uma metrópole urbana. Sem falar daquele aroma inconfundível da costa, Eau de Alga Marinha com um toque de peixe de mercado. Ele tinha de ficar tirando o cabelo, arrebatado pelo vento, de seus olhos, seus dedos afastando fios escuros. Seu barbeiro disse que os trinta anos eram um tanto cedo demais para se ficar careca, deixe o stress para lá e “você vai ficar bem”. Talvez na próxima vida.

Olhando para o seu relógio, Drayco arquejou um longo suspiro e voltou ao banco do motorista. O barulho do motor de oito cilindros provavelmente soava como um monstro marinho para a vida selvagem nativa. Ele seguiu as instruções rabiscadas no pedaço de

papel no banco do carona e finalmente encostou o carro em frente ao seu destino. Fragmentos da sonata “Pathétique” de Beethoven lampejavam por sua mente – obscura, mal-humorada, pesarosa – ao fitar a Casa de Ópera à sua frente. Ele estava em território desconhecido, em mais de uma forma.

Drayco saiu do carro para ver melhor o prédio da Casa de Ópera, um retrato definhante de dias melhores conforme se avultava no brilho do crepúsculo da manhã. Ele estudou a fachada, uma estilística verdadeira esquizofrênica. Telhas padronizadas e rosetas de cobre desgastadas flanqueavam as cumeeiras acima. As paredes de tijolo laranja ostentavam destaques em pedra branca. As janelas lúgubres permaneciam intactas, mas rachaduras se arrastavam pelos degraus da frente, e a tinta descascando lembrava varíola, poeira do ar do mar que ele cujo gosto ele quase podia sentir.

Uma rajada dos ventos inquietos de março o assustava. Ele pulou para trás quando um pedaço de cornija se soltou do teto da Casa de Ópera, caindo diante de seus pés. Um presságio? Drayco entrecerrou os olhos diante do que restou da cornija, esperando que manter unido.

Ele tinha duas razões para estar ali e não havia pedido por nenhuma delas. Uma dessas razões, o cliente em potencial com o qual concordou se encontrar aqui, não estava à vista. Era tudo aquilo uma grande piada à custa de Drayco? Se sim, o cliente misterioso era um grande ator, sua voz ao telefone agitada, insistente. Não, provavelmente atrasado.

Decidindo dar uma olhada dentro e usando a chave que o seu advogado deu a ele, Drayco entrou pelo salão de entrada sobre o tapete desbotado. Um dia foi um tapete de um vermelho brilhante, agora estava mais para um rosa salmão. Duas janelas da bilheteria fechadas estavam lá como sentinelas mudos perguntando quem se atrevia a perturbar seu mausoléu musical.

Ao se aproximar do auditório, Drayco parou subitamente, ouvindo. O edifício não era usado há anos, mas era como se ouvisse esforços tímidos de música de piano e aplauso. Ele foi até a porta para abri-la, mas seus pés pareciam grudados ao tapete. Ele se movimentou até lá, não? O que estava feito estava feito? Ficando de pé, ele entrou no

salão escuro como breu, sua lanterna relevando fileira após fileira de assentos fantasma e a silhueta tímida do piano no palco.

Ele desceu pelo corredor à frente e tateou desajeitadamente procurando por um interruptor. Quando seus dedos pousaram em um próximo ao palco, ele o ligou. A longa lâmpada liberou um brilho turvo e âmbar, mas era o bastante para ele ver algo ali que não pertencia.

Com um nó se formando em seu estômago, Drayco ficou grato por suas longas pernas ao se içar sobre a ribalta da boca do palco, andou a passos largos até o centro do palco, e parou. Se este era o homem misterioso com quem deveria se encontrar, o homem não estava atrasado para seu compromisso.

O corpo caído no chão tinha um tiro na testa e um padrão entalhado no peito onde a camisa estava cortada. Um cravo vermelho definhando estava fixado na lapela do casaco do homem, o sangue e o cravo formando uma colagem grotesca. Mas eram os olhos escancarados do homem que eram o mais perturbador. Olhos congelados em surpresa? Terror?

A partir da condição seca do sangue, ele foi assassinado há poucas horas. Mesmo assim, Drayco procurou por sons do assassino se emboscando por perto. Ao não ouvir nada, ele ligou para o 9-1-1 em seu celular, o morto desventurado e o piano sua única companhia.

Enquanto Drayco esperava, sua respiração formava temporais de vapor naquele espaço frio e silencioso, as nuvens de respiração serpenteantes ecoando de volta para ele. Ele resistiu a uma vontade enorme de tocar no piano, para tocar algo nele antes que o teclado impecável ficasse coberto de pó preto para procurar impressões digitais. Em vez disso, assoprou em suas mãos, tentando aquecê-las. Como ele queria se agachar e fechar os olhos abertos do homem...

Drayco sabia que qualquer outra pessoa se recusaria a marcar um encontro com um estranho em uma Casa de Ópera dilapidada às sete da manhã. Mas em sua linha de trabalho, isso era normal. Assim como a cara impassível do homem no uniforme de delegado que avançou pelo corredor apenas oito minutos após a ligação de Drayco.

“Você é o Drayco,” o delegado constatou, inclinando a cabeça para cima.

A pança de quarto minguante e a cachola ficando careca daquele delegado em particular não o tornava ameaçador, até que se notaram os olhos marrons penetrantes e ombros desajeitados dignos de um atacante ofensivo^[1]. Drayco balançou a cabeça para o policial e olhou para o seu crachá, “Delegado Sailor.” Sem assistentes, apenas o próprio chefe. A escala de tudo era diferente em uma cidade pequena.

Sailor deu uma olhada para o corpo e disse: “Jesus,” e então se juntou ao Drayco estudando o falecido. Um par de óculos pincenê como aqueles que Teddy Roosevelt gostava, estão ao lado do corpo. Os óculos estavam intactos, mas lambuzados com sangue do buraco de bala na testa do homem, a provável causa da morte, apesar do padrão lascado na pele.

Drayco disse: “Duvido que a vítima repartiu o próprio sangue antes de dar um tiro em si própria. E nenhuma arma ou faca à vista.”

“Ou você as escondeu?” Sailor não estava brincando, observando atentamente as reações de Drayco.

Em vez de se ofender, gavinhas de compaixão embrulharam o cérebro de Drayco. Ele havia se colocado no lugar do homem várias vezes. Ele respondeu: “Como eu disse, assassinato por uma pessoa ou pessoas desconhecidas, não suicídio.”

O delegado disse: “A esposa da vítima, Nanette, concordaria contigo em relação a suicídio. Quinze minutos antes de você ligar, ela ligou para dizer que seu marido havia sumido. Não deixou uma carta, suicida ou não.”

“Essas são as chaves da Sra. Nanette? Supondo que a nossa vítima ali seja Oakley Keys.”

“É ele. Você nunca o encontrou antes?”

“Nunca ouvi falar dele até que ele me ligou ontem e disse que queria me contratar.”

“Então você não conhece razão alguma para que ele quisesse contratar um detetive bem antes de ser assassinado – na dita propriedade do próprio detetive?”

Drayco prendeu a respiração e escolheu suas palavras com cuidado. “Keys marcou um encontro no começo da manhã mas não deu detalhes. De qualquer forma, eu havia planejado vir à cidade,

mesmo.”

Era para ser bem fácil. Viagem rápida para a Eastern Shore, viagem rápida, longa o bastante para decidir o que fazer com a Casa de Ópera. A Casa de Ópera de Drayco. Ele jamais se acostumaria ao som disso. Tinha de ser um recorde mundial para legados inusitados de clientes gratos. Quando o seu advogado ligou para dizer que o Horatio Rockingham havia deixado para o Drayco o local em seu testamento, ele olhou para o calendário para ter certeza de que não era primeiro de abril. “Como você sabia que eu era o novo proprietário?”

“É o meu trabalho saber dessas coisas. Um pouco surpreso em ter ver em pessoa. Esperava um corretor de imóveis para lidar com tudo. Os rapazes e eu apostamos o quão rápido uma placa de ‘Vende-se’ apareceria.”

“Tem tanta certeza assim de que eu vou vender?”

“Você seria louco se não vendesse.” Sailor olhou para o corpo novamente. “São só sete e meia. Mas parece que o Keys está no chão há algum tempo. Não faz sentido ele ter marcado um encontro com você e então entrar escondido horas antes.” Sailor examinou o esguicho de sangue. “Mas ele não foi arrastado para cá de outro lugar. Ele morreu aqui.”

Drayco apontou para o peito da vítima. “E quanto ao entalhe? Lembra-me uma letra do alfabeto. ‘A’, eu acho. Tem até serifas.”

“A de abominável. A coisa mais estranha que eu já vi. Talvez o M. E. no escritório de Norfolk no estado descubra mais coisas. Junto à uma hora da morte aproximada.” O delegado fixou o olhar em Drayco novamente. “Alguém pode confirmar o seu paradeiro na noite passada e nesta manhã?”

“Amigos motoristas ficaram presos na Bay Bridge, graças a uma batida de reação em cadeia. Deixei o distrito às oito na noite passada, mas só cheguei aqui quinze minutos atrás. Passei a noite em meu carro na ponte.”

“Alguma corroboração?”

“As equipes de emergência trabalhando na batida não pegaram informações das carteiras de motorista, se é o que está me perguntando.”

“Onde você estava antes das oito da noite de ontem?”

“Em casa, sozinho, mas meu vizinho abelhudo e biógrafo não oficial pode te fornecer um registro detalhado de tudo que eu fiz.” Por um microssegundo, Drayco pensou ter visto uma centelha de diversão no rosto do delegado. Se sim, foi embora tão rápido quanto veio.

Drayco media as suas opções. Enquanto o delegado conjecturava, ele secretamente esperava por uma rápida venda da Casa da Ópera antes de partir para as suas primeiras férias de verdade em cinco anos. Apesar de que, se ele fosse honesto consigo próprio, não eram bem férias como fuga, uma chance de expulsar os pesadelos de seu último caso. Pesadelos que o deixavam se perguntando se era hora de se aposentar de todo o trabalho investigativo.

Em vez disso, lá estava ele, preso em meio a um campo minado jurídico.

Em casa, sua resposta seria se afundar numa fuga de Bach, no complexo contraponto do compositor para inspiração. As investigações eram o contraponto de Drayco, e uma vez que um “tema” como o assassinado de Oakley Keys aparecia, os mecanismos de investigação de Drayco faziam efeito, procurando por motivos, padrões, camadas.

Ele deu uma olhada no corpo mutilado de Oakley. O sangue seco e congelado se espalhou no palco como a pintura a dedo de uma criança endiabrada. Porque o homem não podia esperar até o horário em que concordaram de se encontrar? E como ele entrou?

“Está disposto a localizar um suspeito para fazer algumas perguntas, delegado?”

Sailor passeou ao redor do piano, uma posição que o colocava em distâncias iguais de Drayco e do cadáver. “Depende do que você perguntar.”

“Pra começar, já houve mutilações semelhantes?”

“Faz parecer que temos alienígenas removendo línguas das vacas.” Sailor estalou um fiapo imaginário de seu chapéu antes de colocá-lo em cima do piano. “Mas a resposta é não. Embora este seja meu primeiro caso de homicídio.” Ele rapidamente acrescentou, “Nesta cidade.”

“Então o que faria de Oakley Keys um alvo?”

“Provavelmente uma disputa por terra. Ele era Davi contra uma empresa de desenvolvimento Golias que quer construir condomínios. Sem ameaças específicas.”

Drayco leu sobre isso no *Washington Post*. Um breve artigo sobre o desenvolvimento da Eastern Shore, enterrada numa página interna. Sem menções diretas à controvérsia, mas algumas pistas sobre poluição em estuários. Aquela eterna e esquisita dança entre o progresso e a entropia, valsando pelo litoral de Cape Unity.

“Oakley Keys era rico?”

“Ainda não.” O delegado tirou luvas de plástico de seu bolso e caminhou em direção ao corpo.

Drayco se afastou para permitir que ele passasse. “Então não foi roubo.”

“A esposa dele disse que nada foi levado da casa. Exceto uma máscara de algum tipo.” Sailor pegou uma carteira recheada de dinheiro e um cartão de crédito. “E tem isto.”

Dois assistentes emergiram pela frente do salão e marcharam pelo mesmo corredor que o delegado. Com uma inclinada de cabeça de Sailor, eles foram direto ao trabalho. Ficou mais claro, e Drayco examinou o palco. Onde ele havia passado batido por um interruptor? Um dos assistentes usava uma câmera envolvida ao redor de seu pescoço, tinha um bloco de desenho em mãos, e um kit de provas e alguns sacos de coleta de papel marrom aos seus pés. Todos devem fazer jornada tripla neste departamento.

O assistente da tripla jornada derrubou um estojo de alumínio, e Drayco recuou diante das espigas pontudas magenta que o som disparou em sua cabeça. Ele percebeu que devem tê-lo identificado em voz alta, quando Sailor inclinou sua cabeça a perguntou, “Espigas pontudas magenta?”

Drayco começou a repelir a pergunta, mas não queria que o delegado pensasse que estava perdendo a cabeça. Ou um psicopata. Ele podia ver a manchete do jornal agora: Detetive demente troca *investigação por fatia* ^[2].

Ele respondeu: “Cromestesia. É um tipo de sinestesia onde as pessoas ouvem sons como cores, formas, e texturas.”

Sailor inclinou a cabeça. “É mesmo?”

Drayco deu uma olhada para o assistente com o estojo de alumínio, o homem distraído diante da sinfonia de fogos de artifício que ele ativou. Às vezes, Drayco invejava as pessoas que só experienciavam o mundo em som 2D, plano. “Meu advogado mencionou um caseiro. Ele está aqui?”

O delegado gritou, “Tyler, encontre Seth Bakely para mim. A casa mais próxima nos fundos.”

O segundo assistente, uma mulher jovem, desapareceu pela porta dos bastidores por alguns minutos e retornou com um homem em macacão de brim, que se movia pelo palco. Com cabelo sépia, sobrancelhas níveas e sulcos de rugas, sua idade era difícil de adivinhar: algo entre sessenta e oitenta anos.

Bakely encarou o Drayco, que estava entre o Seth e o corpo. “Quem é ele?” ele rosnou com uma voz de lixa líquida.

“Este é o Scott Drayco, Seth. O novo proprietário.”

Seth Bakely não apertou a mão estendida de Drayco. “Ouvi falar de você. Achei que fosse mais velho.” Ele tossiu. “Acho que os herdeiros do Sr. Rockingham estão felizes por ele ter abandonado dessa coisa. Não pense que eu vi o homem duas vezes. Não sei por que ele me pagou para ficar.” A testa de Seth se enrugou em fileiras mais apertadas. “Suponho que você vai querer contratar outras pessoas para assumir.”

“Você conhecia aquele homem lá em cima?” Drayco se moveu para o lado, para que Seth pudesse ver o corpo.

Bakely piscou seus olhos várias vezes e encarou o cadáver, então se virou para limpar a boca em sua manga. “Nesta cidade, você conhece um pouquinho de todo mundo. O que aconteceu? Ele morreu?”

“Muito morto.”

“Você o matou?”

Engraçado o Seth ter expressado a pergunta que Drayco esperava que o delegado perguntasse de cara. Tem alguma ideia de como ele entrou, Seth?”

“Num o vi aqui. Não recebe visitantes. Só ratos e aranhas. Deve ter entrado pela porta do palco. A tranca é temperamental. Nem sempre

funciona.” Seth ficava mexendo seus pés no mesmo lugar. “Falei que o Rockingham nunca gastou um centavo neste lugar.”

“Algum sinal de mais alguém que não tinha a ver com esse lugar? Algo fora do comum?”

“Só você. E ele.” Seth limpou seu rosto suado, que estava um ou dois tons mais pálidos do que quando chegou.

O delegado Sailor, se inclinando no piano e em silêncio a maior parte do tempo, aproveitou aquele momento para entrar na conversa. “A que horas você deixou a Casa da Ópera na noite passada, Seth?”

“Lá pelas seis. Fui para casa e assisti TV. Com Paddy. Não começo minhas rondas matinais até as nove.”

“E você ouviu algo? Um tiro?”

“Orelhas não funcionam como costumavam funcionar. Estava assistindo a um filme de guerra antigo. E estava chovendo, pesado. Quase como granizo.”

Sailor disse: “Tudo bem. Por enquanto é só, Seth. E não limpe aqui até a gente autorizar.”

Bakely inclinou-se em seus pés, então se endireitou e puxou seu dedo para Drayco, “Minha casa está na rua logo atrás. Se precisar de alguma coisa, dá um grito.” Ele bamboleou pelo salão e desapareceu.

Drayco disse: “Tipinho prolixo, não?”

“Homem de mil palavras. Não na mesma vida. Manter seu filho Paddy fora da cadeia não ajuda na atitude dele.”

Surpreendentemente, o delegado não deteve Drayco quando ele se curvou para estudar a pele de Oakley, sendo cuidadoso para não tocar no corpo. “Cinzento, sinais de rigor avançado no torso. Com a temperatura baixa aqui, é mais difícil dizer, mas provavelmente morreu entre oito e doze horas atrás, pegar ou largar. O que significa que ele chegou, e foi morto antes da meia-noite.”

Ele examinou a ferida na testa. “Buraco irregular, um pouco de pólvora e lesões, mas nada de abrasão. Um tiro de alcance médio.”

Drayco fez uma rápida visão de 360 graus. Várias linhas de visão abertas, com as alas do palco e cortinas perfeitos para uma abordagem furtiva. “A partir dos padrões do sangue, deve haver uma ferida exposta. Será que a bala atravessou?”

O assistente da tripla jornada chamou do lado. “Se alojou num

pilar aqui. Só uma eu encontrei.”

Pelo menos é uma pequena boa notícia. Drayco disse: “Se tivermos sorte, sem danos no interior e nos sulcos da bala. E será mais fácil remover um pedaço do poste do que a parede toda.” Ele se aproximou o máximo possível do cravo sem manuseá-lo. “Não vejo sangue algum no alfinete, o que significa que o nosso entalhador não o manuseou com suas mãos sangrentas ou luvas. Keys o usou aqui.”

Sailor dobrou os braços através de seu peito. “Você age mais como um investigador criminal do que como um detetive particular^[3]. O jornal estava errado? Não que seja a primeira vez.”

Drayco ficou surpreso. “Jornal?”

“Temos desses por aqui. E um detetive de fora da cidade se tornando o novo proprietário de um edifício histórico é algo grande.”

“Não sou um investigador criminal. Não exatamente um detetive particular. Chame-me de consultor criminal. Ou guru do crime, como alguém fez uma vez. Acho que foi um insulto.” Drayco apontou para a jaqueta da vítima. “Estranho ele estar usando pano leve de algodão. Só faltava um ou dois graus para congelar na noite passada.”

O delegado deu de ombros. “Oakley tinha problemas com dinheiro e não fazia o tipo GQ.”

“A esposa não deu por falta dele até esta manhã?”

“Ele era excêntrico. Estava andando na linha por um tempo, mas tinha um histórico com bebida. E outras indiscrições. Isso não era novidade para Nanette, que, a propósito, é uma senhora distinta. Faz muita coisa por esta comunidade.” Ele fez uma pausa. “É uma pena ela não ter um álibi.”

“Como você sabe?”

“Ela me contou que ficou sozinha a noite passada.”

Drayco ruminou sobre isso por um minuto. “As ‘indiscrições’ de Oakley eram dignas de prisão?”

“Da última vez que verifiquei, casos extraconjugais não são ilegais.”

Um caso aumentaria as possibilidades de que isso fosse nada mais do que um simples caso de disputa doméstica. Drayco devia estar aliviado com isso. Mas ele aprendeu a nunca confiar em uma

coincidência – como ter um aspirante a cliente assassinado antes que pudesse falar com você.

A voz do delegado talhou o devaneio de Drayco. “Guru do crime ou não, meus assistentes e eu temos trabalho a fazer. Já te saquei com meia dúzia de perguntas. Mais do que eu geralmente faria.” Seu tom de indeferimento saiu alto e claro. “Suponho que você vai ficar na cidade por um tempo?”

Drayco viu no que aquilo ia dar e anteviu sua última chance de uma saída rápida voando para fora da janela. Ele pensou brevemente na passagem de avião sem reembolso para Cancun em sua casa geminada. “A Casa da Ópera me acorrentou aqui, mesmo. O que são mais alguns dias?”

“Muito tempo para um grand tour em Cape Unity. Pensando bem, isso deve levar só metade do dia.” As expressões de Sailor variavam do gama de “A” a inexpressivo. O homem deve ser um bom jogador de pôquer, se fosse do tipo que aposta. Naquele momento, Drayco esperava que ele fosse.

Sailor acrescentou, “Que diabos, se essa coisa nos deixar confusos, talvez a gente te contrate. Estamos com um funcionário a menos com caxumba. Fiquei um pouco mais na cidade. Especialmente se pegar caxumba.”

“Para você delegado, não vou cobrar.” Drayco trabalhava com policiais de todos os tipos, e era sempre uma caça de merda. No pior dos casos, descambava em uma competição. Egos, um; justiça, zero. “Isso significa que tenho a sua bênção para ir embora agora?”

“Contanto que você não toque em nada ao sair. Mas, como um consultor do crime profissional da cidade grande, isso deve ser procedimento padrão para você, certo?”

Com uma última olhada nos restos mortais de Oakley Keys, Drayco deixou o prédio e se sentou em seu carro com o motor desligado, fitando uma linha pontuda tijolos rachados na fachada da Casa de Ópera. Uma Casa de Ópera decadente e indesejada, um potencial cliente assassinado, um delegado cauteloso, e ele estava na cidade em menos de uma hora.

Ao abrir a janela de seu carro para deixar entrar um sopro de ir gelado e salgado, Drayco observou as nuvens se movimentando

rapidamente, engolindo os últimos traços no nascer do sol. Ele dedilhou os restos de seu café da manhã, a embalagem de uma barra de chocolate da PayDay. O que dizia o antigo *jingle* deles? “A barra com mais noz da cidade ^[4].” Porque parar com uma só barra? Porque não todo o universo?

Quando o universo distribuiu carmas, Oakley Keys estava na fila errada. Era tão fácil para as pessoas que explicavam cada mal no mundo como “Vontade de Deus,” ou predestinação, ou seja lá qual for o credo ao qual se inscreveram, confortáveis na crença de que há propósito para tudo. Até mesmo homicídio.

Ele observou a ambulância encostar-se à porta traseira da Casa de Ópera, pronta para levar o recém-falecido para sua autópsia. Cedo demais para afirmar é que os resultados fiquem prontos, mas Keys foi provavelmente morto poucas horas antes de Drayco chegar. Um fim brutal para alguém nesta cidade, e um começo desconfortável para outro.

Ele recuperou a imagem mental do corpo outrora conhecido como Oakley Keys, aguardando o seu encontro com o médico examinador. Porque o Keys queria contratar Drayco? Porque ele invadiu a Casa de Ópera, só para levar um tiro e ser entalhado como um peru de Ação de Graças? E porque diabos Keys estava usando um cravo vermelho?

Capítulo 2

Armado com um café etíope escaldante de Sidamo de um lugar chamado de Novel Café, Drayco navegou pela Main Street, nome apropriado para aquela rua de Cape Unity. Não tinha um prédio construído após a primeira metade do século XX. Alguns estavam em boa forma, mas outros eram cascas decadentes com telhados parcialmente desmoronando. Eram monumentos esquecidos com buracos na frente, como olhos te olhando fixamente. Olhos implorando por ajuda. Ele tentou não pensar nos olhos de Oakley, congelados e escancarados devido ao rigor.

Drayco continuou passando por uma lista de chamada da cidade pequena Americana ^[5] – tribunal, biblioteca, correio e igreja. Cornisos desgarnecidos cercavam a praça da cidade, com tufo de grama dormente no meio, como pelos no ouvido. Os poucos potes eram para exibir flores, mas só tinham sujeira do meio do Atlântico, como covas em miniatura.

Ele estacionou em frente ao seu alvo, o tribunal. Se ele estava preso na cidade por alguns dias, então ele poderia fazer bom uso desse tempo. Pesquisar registros, fazer cópias de documentos, tudo que pudesse ajudar a vender a Casa da Ópera. Esta parte de sua viagem, pelo menos, devia ser sem problemas.

O tribunal para o condado de Prince of Wales partilhava da mesma construção que a Casa de Ópera, mas mais carrancudo e mais institucional. Porque os arquitetos pareciam determinados a construir prédios governamentais não controversos em caixas sem graça? Uma tentativa desavisada de provar que o governo não era frívolo? O interior combinava em tom – paredes de concreto bege padrão, remates de pedra bege ao longo, e uma janela de recepção feita de madeira, também pintada de bege.

Seria um alívio se livrar logo dessa tarefa.

Uma recepcionista com uma tatuagem de beija-flor em seu

pescoço pegou um formulário e perguntou pelo nome dele. Ele mal respondeu “Scott Drayco,” quando, do canto de seu olho, espiou uma figura vindo em sua direção.

Drayco saltou fora do alcance de seu suposto atacante, um homem de cara abatida, macilenta, com uma cicatriz branca pontuda sobre uma sobrancelha e cabelo fino desalinhado por cima de seus ombros —um espantalho vivo, que respira. Os braços do homem debateram-se, pontuando seus epítetos errantes como pontos de exclamação.

“Seu maldito verme arrogante. Meu pai ganhou aquele prédio. Cuidou dele quando mais ninguém dava a mínima. Volte de onde você saiu. Ou melhor ainda, vá direto pro inferno.”

Drayco manteve o homem na largura do braço. Mas com o rosto do homem num vermelho apoplético, Drayco não estava preocupado em ser golpeado pelo estranho, mas sim de desmaiar com um infarto. Dois oficiais de justiça foram para cima do espantalho de contorcendo, arrastando-o para o interior do tribunal.

Enquanto o maltratavam para fora, ele gritou, “Keys merecia o que teve, aquele verme. Certifique-se de que não aconteça com você.”

Drayco não sabia se devia seguir os oficiais de justiça, mas foi detido por outro homem cuja voz gotejava com uma voz carregada feia, de caramelo. “Venha por aqui.” Uma mão pressionava contra o braço de Drayco, empurrando-o em direção a uma sala de reuniões vazia. Grande o bastante para uma mesa para oito pessoas, o espaço tinha o doce cheiro químico de graxa de limão falso.

“Acabei ouvindo o seu nome, Sr. Drayco. Permita-me que eu me apresente. Sou o conselheiro Randolph Squier. Sinto muitíssimo pelo pequeno incidente. Paddy Bakely não é dos nossos cidadãos mais exemplares, tendendo a exagerar na bebida.

Então aquele espantalho infeliz era o filho do zelador da Casa de Ópera. O comentário do delegado sobre Seth Bakely fazia mais sentido. Drayco disse: “Eu acho que entendo.”

“Na verdade, Paddy está no tribunal acusado de agressão. Espero que você não julgue nossa cidade injustamente por causa dele.”

Só por causa dele? Isso era duvidoso. Cape Unity não era Mayberry. “Toda cidade tem suas almas perdidas.”

Squier colocou as mãos nos bolsos de seu terno cor creme e

balançou os pés. Ele seria perfeito como ficha de janota sulista num jogo de tabuleiro chamado Políticos Estereotípicos. “Alma perdida é um bom apelido para o Paddy, Sr. Drayco. Ele e seu pai ficaram na pior a maior parte de suas vidas. A mãe de Paddy morreu no parto. Seth nunca mais foi o mesmo, e sequer sabia o que fazer quanto ao seu filho.”

“Eu conheci o Seth Bakely mais cedo. Arredio, mas são.”

“Ele cuida da Casa de Ópera desde que chegou a Cape Unity. Não estou certo se ele pretendia se estabelecer na cidade por tanto tempo. Mas ele se casou com uma beleza local, Angel Quillin. E então tinha o Paddy para cuidar, então ele se tornou parte de nossa comunidade.”

“Paddy acha que o Rockingham devia ter deixado a Casa de Ópera para os Bakelys?”

“Um sonho débil da parte deles, talvez. Mas na verdade, mesmo que eles saibam fazem um trabalho estranho aqui e ali, o que eles saberiam quanto a gerenciar e restaurar uma Casa de Ópera?”

Squier arqueou uma sobrancelha em um V de cabeça para baixo. “Você está aqui com um propósito para esse fim, talvez?”

Gerenciar e restaurar não eram exatamente o que Drayco tinha em mente, mas ele entraria no jogo. “Tudo que puder fazer para ajudar.”

“Eu cogitei comprar a Casa de Ópera para mim, uma vez. Eu concluí que não era um investimento sábio para os negócios.”

Drayco quase disse: “Eu que o diga,” mas segurou a língua. “Você não ficou surpreso quando o Paddy mencionou o homicídio de Oakley Keys.”

“Paddy provavelmente ouviu isso de um dos oficiais de justiça. O delegado informou o prefeito, que por sua vez ligou para os conselheiros. Foi o assunto do tribunal nesta manhã. Nós nos orgulhamos, em Cape Unity, de nossa baixa taxa de criminalidade, então incidentes assim deixam as más línguas ocupadas. Pode chegar aos jornais de Washington.”

Squier parecia alegre com a ideia. Ou ele se inscreveu na filosofia de que não existe publicidade ruim. Assassínatos atraíam tubarões de sangue frio para qualquer isca lucrativa que encontrassem, seja os caçadores de ambulâncias, autores de livros que contam tudo ^[6] —ou

alguém querendo um artifício de marketing para usar em uma brochura de viagem a Cape Unity.

Squier acrescentou, “As pessoas vão tentar acusar o vizinho de Oakley, Earl Yaegle. Ele é um dos quatro cidadãos, que possui vários negócios na cidade. Vários cidadãos das antigas podem ir a julgamento. Temo um linchamento simbólico.”

O conselheiro inclinou sua cabeça para frente. Drayco achou a princípio que ele estava fazendo reverência. “Tem alguma forma de tornarmos a sua visita mais agradável, Sr. Drayco?”

“Acesso a todos os arquivos da Casa de Ópera que o tribunal tem.”

“Não temos muita coisa, temo eu. Mas pedirei à minha secretária para fazer cópias para você. E para compensar este dissabor, você deve se juntar a mim para um jantar em minha casa.”

Drayco hesitou por um instante antes de aceitar. Circular pelo conjunto social de Cape Unity era aparentemente outro fardo desta imediata descrição de trabalho. Sem gravatas. Ele intencionalmente não havia trazido nenhuma.

Ao reentrarem no saguão, uma voz feminina o assustou com um “Oi, querido.” Drayco se virou, a boca aberta, então percebeu que a mulher estava olhando para o Squier.

Squier sorriu radiante: “Eu convidei o Sr. Drayco para jantar com a gente. Sr. Scott Drayco, esta é a minha esposa Darcie.”

Por um breve momento, os batimentos de Drayco batiam alto em seus ouvidos e as paredes ao seu redor se desvaneciam em uma deformação no tempo embaçada. Exceto por ser uma década mais velha, Darcie era a irmã gêmea da ex-noiva de Drayco, Tatiana. Darcie não era perfeita, mas não por falta de tentar. Seus lábios rubis carnudos cercavam seus dentes brancos como a neve que davam uma aparência superficial.

Ele se forçou a se focar no dedo com o anel.

Darcie pegou a mão dele e a segurou por alguns segundos a mais do que o necessário, esfregando sua palma da mão contra a dele ao afastar a sua mão. “Que bom,” ela disse. “Não oferecemos um jantar a —não me lembro da última vez. Espero que tenha dito sim, Sr. Drayco. Ugh. Formal demais. Posso chamá-lo de Scott?”

“Eu... é claro.” Drayco deu uma cheirada no perfume dela, uma

dica de algo familiar. Ele também não deixou passar a guinada de Squier se aproximando de Darcie e a breve entesada e afrouxamento de sua mandíbula. Parece que o convite para jantar do conselheiro havia se tornado um pouco mais complicado.

Squier colocou seu braço ao redor de sua esposa, encurralando-a de volta a seu escritório da mesma forma que fez com Drayco. Antes de Darcie desaparecer de vista, ela se virou para dar a Drayco um último sorriso de megawatt.

Percebendo que ainda estava olhando para o ponto onde a esposa do conselheiro estava, Drayco mudou seu foco para um mosaico circular de Balanças da Justiça no chão. A escolha de ladrinhos verde e vermelho fazia aquilo parecer com um ornamento natalino brega. Desperdício de ladrilho bom.

Falando em desperdício, o que ele havia ganhado com sua visita ao tribunal? Nada. E aparentemente passou uma imagem ruim para dois cidadãos, Paddy Bakely e o conselheiro Squier. Era uma pena que o Squier não tenha ido em frente com seu plano de comprar a Casa de Ópera. Se o Rockingham tivesse vendido o prédio alguns anos atrás, seria muito mais fácil para todos envolvidos. Exceto para os Bakelys.

A diatribe anti-Oakley de Paddy Bakely, aquilo sim era intrigante. Drayco franziu as sobrancelhas diante desse pensamento, tentando novamente morder a sua curiosidade investigativa no broto. Ele tinha muita coisa para mantê-lo ocupado, preparando-se para vender a Casa de Ópera. Até ele ser liberado como suspeito – supondo que foi liberado como suspeito – ele duvidava que o delegado fosse querê-lo levantando grama no gramado de sua casa.

Além disso, Drayco precisava se focar novamente em sua prática, nada de dispensar clientes como os últimos dois. Ele não estava certo porque havia concordado em se encontrar com o Oakley, quando não estava perto para assumir outro caso tão cedo. Havia se passado apenas três semanas desde que os pequenos gêmeos Cadden foram enterrados?

Ele se afundou num banco no canto e observou as pessoas passando pela porta do tribunal, imaginando o que trouxe essas pessoas para cá hoje—disputas de impostos de propriedade? Certidões de nascimento? Casamento? Divórcio? Certidões de óbito? O ciclo de

papel da vida.

Seus pensamentos erravam de volta à cena do assassinato, o corpo, o esguicho de sangue, o “G” entalhado no peito do Oakley. Isso não era um efeito especial da Casa de Ópera sonhado por um coordenador de cena, com o ator amarrado a partir do chão depois que cortina desce. Drayco se sentia como um membro da plateia assistindo um drama de um dramaturgo ou libretista. Ele só esperava que o assassino não estivesse trabalhando em um segundo ato.

Capítulo 3

Earl Yaegle se curvou em uma entrada traseira próxima às caçambas. Ele esperava evitar lidar com seus negócios por alguns dias, mas esse novo gerente era mais ambientalista do que os outros e propenso ao que Earl chamava de “flailure”^[7]. Ele se perguntava qual era a crise que ia devastar a terra dessa vez. É bom ser boa o bastante para deixar seu refúgio, o único lugar em que ele não sentia olhares fazendo buracos em sua cabeça. Só havia se passado metade do dia desde as notícias da morte de Oakley, mas a boca miúda espalhou as novas como praga pneumônica. As pessoas vinham ligando para ele a manhã toda.

“Earl! Tão bom te ver,” Randy disse. Como sempre, ele estava com o rosto vermelho e suando, mesmo no meio de março. Perder um pouco de peso não faria mal, mas Randy era viciado em *cheeseburgers* e sanduíches de ostra frita e não estava disposto a abrir mão deles.

“Nosso fornecedor para a Winchester calibre 12 perdeu o nosso último carregamento e disse que não receberam o nosso pagamento. Eu sei que os paguei, Earl. O Squier estava me perturbando por isso nos últimos dois dias, querendo botar as suas mãos na nova espingarda. Se você ligar pro fornecedor, eu sei que vão te ouvir.”

“Vou ligar para eles.” Em parte, era culpa do Earl, afinal. Ele se gabou dessas armas para o clube de caça, e o Squier se salivou só de pensar. Elas não eram baratas, mais de mil dólares, mas o Squier não se importava.

Randy genufletiu na direção de Earl. “Obrigado, destemido líder.” Então, sua expressão mudou para uma de preocupação, olhos grandes e orvalhados. Ele definitivamente era um cara do tipo coração-na-manga-da-camisa. “Como você está aguentando, Earl? Você sabe que qualquer conversa sobre você tendo algo a ver com o assassinato do Oakley é besteira, certo? Vai passar. Você vai ver. Assim que as pessoas encontrarem outro factóide do mês sobre o qual fofocarem.”

Earl procurou por Joel ao redor, mas não viu sinal do magricela empregado até que uma voz veio sobre seu ombro. “Mas essas palavras que você disse no outro dia, Earl. E quanto a isso?” Os olhos de Joel ficaram estreitos, acusadores.

Earl promoveu o Randy em vez do Joel, e o Joel não o havia perdoado. Joel acrescentou, “Eu não te ouvi dizer que desejava que o Oakley desaparecesse? Que o Oakley precisava que alguém lhe desse uma boa lição?”

Earl se lembrou. Ele estava irritado com o Oakley, claro, mas ele também havia se irritado naquele mesmo dia com um caminhoneiro que fez uma entrega errada, uma equipe de utilidade que cortou a energia da loja, e um consumidor que o acusou de mentir sobre um pedido. E nenhum deles estava morto. Ele disse: “Palavras, Joel. Apenas palavras.”

Randy apontou o seu dedo para Joel. “Talvez você esteja com ciúmes porque não está numa propriedade valiosa como o Earl está.”

Joel lançou uma mão desdenhosamente. “Bah. Como se isso importasse. A cidade toda vai ser invadida por tipos artísticos. Elevando o valor das propriedades para que nenhum de nós, trabalhadores duros, possa comprar mais que um barracão de pinheiro. Isto é, se os ilegais não promoverem novamente uma derrocada de valores. Suba na montanha-russa de terras enquanto pode, antes que o preço para entrar fique íngreme demais, eu digo.”

Earl esperava fazer exatamente isso. Tudo parecia muito fácil. Mas isso foi antes de o Oakley ficar furioso e se recusar. Agora ele estava morto, e a Nanette provavelmente venderia, para que o negócio saísse, afinal. Dinheiro manchado de sangue é o que chamariam aquilo. E o Earl o tinha todo sobre as suas mãos, quer gostasse ou não.

Randy parecia determinado em ser alegre. “As coisas não estão tão ruins assim. Você tem sua saúde, seus negócios. Diga—você leu no jornal sobre o novo proprietário da Casa de Ópera? Disse que ele é um detetive. Talvez você devesse contratá-lo. O detetive é um cara gente boa o bastante, mas isso é coisa de cidade grande.”

“Nada de detetives; eu não preciso de um.” Não importa o quão desesperadas as coisas possam parecer, Earl não estava para confiar

em algum operador sórdido, com papada de cachorro, que lucrava com a desgraça alheia para viver, tirando fotos de donas de casa voluntariosas ou revirando a roupa suja das pessoas. Apesar de que o Oakley seria forragem de primeira para isso, ele tinha que admitir.

Joel contestou, “Você devia ouvi-lo, Earl. Você pode acabar se encontrando em merda funda.”

“Eu sei me cuidar.” Earl esperava que essas não fossem apenas palavras. Que ele as sentisse, que as falasse sério, tanto quanto queria. E logo.

Joel carranqueou. “Como quiser, cara. É o seu pescoço.”

Capítulo 4

Drayco fez outra parada rápida no Novel Café. Ele precisava comprar uma garrafa térmica enquanto estava na cidade, senão passaria todo o seu tempo procurando por cafeterias. O balconista reabasteceu o seu café de graça, coisa rara em Washington. Ele tomou um gole e torceu o nariz. Bom, mas um pouco azedo. Espiando um saleiro perto do balcão, salpicou grãos no café. Muito melhor.

O balconista sugeriu que ele falasse com Reece Wable, presidente da Sociedade História da Cape Unity, que tinha documentos sobre tudo – e talvez sobre todos – na cidade. Com sorte, mais do que o “não temos muita coisa” que Squier insinuou quanto aos arquivos do tribunal. Se Drayco tivesse sorte, os documentos da Sociedade poderiam ajudá-lo a decidir como proceder com o seu leviatã da Ópera.

Ele entrou numa casa vitoriana com tapume azul, notando que o cuidado pródigo nas exposições prístinas em caixas de vidro alinhadas em veludo. Mas um ar de bizarrice permeava o lugar. Tique-taque alto como uma bomba relógio de um relógio de vovô no formato de um farol. E uma caveira de dinossauro ria para ele.

“Calhoun é um traidor. Calhoun é um traidor.” Drayco seguiu a fonte da voz, que possuía um padrão incomum para os ouvidos de Drayco, uma nuvem esverdeada com bordas estilo estrela. Ele espiou o culpado em uma pequena gaiola numa barraca, um pássaro com penas de carvão e um rabo marrom.

“Esse é um papagaio cinza africano. O nome é Andrew Jackson,” uma voz humana disse de trás das costas de Drayco, antes de dar a volta para encarar o Drayco. “O nome do papagaio, não o meu. O presidente Jackson detestava o vice-presidente John Calhoun. O chamava de traidor. Diferente de seu xará, este Andrew Jackson gosta de azeitonas marroquinas e o canal da NASCAR.”

“Eu sou mais fã de azeitonas sicilianas.” Drayco esticou a mão. “E

meu nome é Scott Drayco.”

Reece Wable não era o que Drayco esperava. A maioria dos historiadores usava roupas sem graça, estilo Smithsonian. Wable poderia ter saído de uma loja de roupas *vintage* em seu colete de cashmere dourado e fraque preto.

Aparentemente eles tinham suposições mútuas. “Você é aquele investigador. Achei que você estaria usando uma capa de chuva e um chapéu fedora, não uma jaqueta de avião. Mais jovem do que eu esperava, também. Cabelo mais longo, sem *buzz cut*.” Wable se inclinou mais para perto, “São olhos púrpura?”

“Em certa luz, talvez.” Presumidamente por parte de mãe, ou ao menos a única foto dela que indicasse isso. Wable, por outro lado, tinha um olhar inquietante. Seu olho esquerdo não se movia em tandem com o direito, com sutis diferenças de cor entre os dois. Um olho de vidro.

O olho bom de Wable inspecionava o Drayco. “O único tipo de detetive que eu já conheci foi um homem horrendo que cheirava a charutos de uva baratos e suor de cinco dias. E ele quase me prendeu por um crime que eu não cometi. Em resumo, um babaca.”

“Não sou afeiçoado por charutos e eu tomei banho noite passada. De que crime você foi acusado?”

“Tudo foi um mal-entendido.” Reece balançou sua mão ao ar. “Então você é o novo proprietário da Casa de Ópera. Temos material que remonta ao ano da fundação. Tem uma história mais importante do que as pessoas percebem.”

“Isso é fato?” Drayco tentava não soar cético.

“Músicos famosos tocaram em seu auge, que acabou em meados do século XX em torno da guerra. Deus sabe que agora é uma cidade

Podunk^[8]. Na época, resorts requintados nessas bandas atraíam as pessoas durante os meses de verão. Isto é, quando as ferrovias ainda transportavam passageiros de Nova York. Eles queriam cultura com aveia-do-mar e a Casa de Ópera nasceu. O violonista Ivan Ostremsky tocou aqui, Ginnie Geddie cantou aqui. E tinha o pobre do Konstantina Klucze. Você a conhece?”

“A pianista polonesa que fugiu dos nazistas?”

“Ela mesma. Sua última parada em seu tour nos EUA foi bem aqui, em Cape Unity. Acabou que foi também o seu último concerto. Em toda a sua carreira. E o último concerto na Casa de Ópera antes de o Rockingham fechá-la. Ela morreu jovem, depois que retornou à Grã-Bretanha. Oakley Keys começou a fazer uma pesquisa para a gente sobre o assunto, mas a colheita foi escassa—só há uma biografia—e o Oakley e eu não nos falamos há um tempo.”

“Oakley trabalhou aqui?”

“Oakley se ofereceu para trabalhar aqui. Tivemos um desacordo e, bem, eu não devia falar disso. Especialmente com os eventos recentes. Mas acho que você ficou sabendo, desde que ele foi assassinado em seu prédio.”

Drayco olhou para o seu relógio. Duas da tarde. Apenas seis horas desde que ele deixou a Casa de Ópera. Ele estava impressionado em ver como a notícia de uma tragédia se espalha numa cidade pequena, como capim num jardim abandonado. Tais desgraças mal chama a atenção numa população estafada. Foi pouca surpresa quando todos os noticiários começaram a falar de violência. O Eastern Shore podia estar a apenas 130 quilômetros de Washington, mas, em algumas formas, era um mundo à parte.

Drayco não entregou às pessoas o fato de que tinha visto o corpo. “As notícias se espalham rápido.”

“SCP – Síndrome de Cidade Pequena. O homicídio não me surpreende. Oakley não tinha muitos amigos ultimamente.”

O que o detetive havia dito? Davi versus um Golias desenvolvedor? “Por causa dos condomínios, você quer dizer.”

Reece estremeceu. “Medonho, né? Não temos uma rede de lojas nacional em Cape Unity. Mas quando esses condomínios sobem, surgem as redes e saem os negócios de família. Oakley e eu concordamos quanto a isso. É tudo o que o conselheiro Squier está fazendo, sendo a ponta de lança na questão do desenvolvimento. Fazia parte de sua plataforma de reeleição. Conseguiu muita coisa pegando carona nesse sucesso.”

Reece se curvou e abaixou seu tom de voz. “Oakley bebia. E esses casos, também, incluindo aquele notório com a esposa do conselheiro Squier, Darcie.”

Então isso explicava a atitude cavaleira do conselheiro diante da morte de Oakley. E o comportamento paquerador da Darcie. Razões para cancelar o jantar com os Squiers? Drayco não estava certo se gostava dessa não ou não. “Ouvi rumores de casos amorosos. Não nomes.”

Reece coçou a parte de trás de seu pescoço. “Não dou muito crédito a rumores. Rumores vão surgir de que você é um assassino, e eu vou ignorar esses, também. Eu poderia ter perdoado o Oakley por sua galinhagem, mas roubo—isso é inaceitável.”

Andrew Jackson bateu suas asas e guinchou. Drayco disse: “Seu parceiro de penas concorda contigo. Mas roubo? Você tem provas?”

“Oakley negou. Mas quando o relógio de prateleira sumiu, eu sabia que foi ele. Nós éramos os únicos com chaves para o prédio. Ninguém havia invadido. Quem mais poderia ser? Alguns dizem que o relógio pertencia ao presidente James Monroe. Pesquisei diversas casas de leilão, e ele nunca apareceu. Um item como esse chegou a sessenta mil na Sotheby’s.”

Os braços de Reece estavam rígidos na lateral, suas mãos agarrando a bainha de seu fraque. Injustiça, grande e pequena, eram como pão azedo e mofado. Consumido em frequência suficiente, causava fome pela carne da vingança. Mas assassinato por causa de um relógio roubado anos atrás? Aquilo era um rancor voraz.

Com quanto mais pessoas Drayco falava, mais crescia a sua curiosidade quanto a Oakley, apesar de seus esforços para reprimir isso. Mas eram documentos o que ele veio procurar aqui. “Você mencionou materiais históricos?”

Reece acenou com a cabeça. “Oakley organizou os nossos arquivos sobre a Casa de Ópera. Um de seus projetos de estimação. Além de ser um escritor fracassado, era um viciado em história.”

“A esposa dele, Nanette, também se ofereceu como voluntária aqui?”

“Bem que eu queria, mas não.” Reece coçou seu queixo. “Infelizmente, nunca conheci a Nanette tão intimamente quanto gostaria. Talvez eu ligue para ela.”

Reece levou o Drayco a uma sala de leitura e puxou uma casa cheia com uma pilha de panfletos, cartas e recortes de jornal da Casa

de Ópera. “Aqui está. Oakley tinha mais coisas que ele ia adicionar. Não tenho a menor ideia do que aconteceu. Uma pena.”

Drayco se instalou com os documentos, tentando não espirrar com as partículas de poeira que os papéis soltavam, os esporos soltos de história. Conforme virava as páginas, sua mente vagava até que reconheceu por que. Ele estava procurando mais por nós de conexão entre Oakley e a Casa de Ópera do que do passado do prédio.

Ele forçou a sua atenção de volta à sua missão de pesquisa original e parou para ler uma coluna de sociedade. Detalhava festas extravagantes em honra de Konstantina Klucze nas casas de cidadãos proeminentes. Entre eles, Maxwell Chambliss, ex-conselheiro da cidade. E Marshall Rockingham, pai do cliente falecido de Drayco, que era dono da Casa de Ópera antes de seu filho.

Reece tinha razão. A Casa de Ópera, com sua rica história musical, compartilhava uma sinergia única com a comunidade. Se Drayco a vendesse, poderia ser derrubada para construir mais condomínios. Mas talvez ninguém se importasse mais com história e cultura. Talvez as pessoas estivessem contentes de passar todo o seu tempo livre assistindo vídeos de *pets* no *Youtube*. A Casa de Ópera ficou sem uso por todo esse tempo, será que realmente deixaria saudade?

Depois de passar mais uma hora imerso em leitura, ele encontrou mais razões para não vender a Casa de Ópera do que para vendê-la. Incapaz de tirar o relógio roubado de sua cabeça, ele procurou o Wable. “Se o Oakley estava por trás do furto, qual foi o seu motivo?”

Reece enrugou a sua testa e franziu os seus lábios, formando baforadas de ar como que fazendo anéis de fumaça. “Sua carreira como escritor não ia a lugar algum. E ele tinha uma comanda de bar alta.”

“A esposa dele sabia de suas suspeitas?”

“Eu jamais faria algo para machucar a Nanette. Isso inclui deixá-la saber que o marido era um chauvinista. Sua morte pode ser uma bênção.”

Drayco arquivou a veneração de Reece por Nanette para futura referência. “Mais alguma coisa sumiu da Sociedade Histórica enquanto Oakley trabalhou voluntariamente?”

“Só isso. Mas quando eu o acusei, ele parou de vir.”

Oakley Keys não era nenhum coroinha, mas porque roubar um relógio? O detetive aludiu aos problemas financeiros de Oakley, e isso pode ser sido um evento isolado — se é que aconteceu. Era a palavra de Reece sozinha, já que o Oakley não estava por perto para se defender. Se o Reece queria envenenar a reputação de Oakley *post mortem*, isso dizia mais sobre o Reece do que sobre o Oakley.

Drayco disse: “É difícil de acreditar que o Oakley não sentia falta da amizade que havia perdido, uma contenda por vez. Como a sua.”

Reece ficou parado, seu olho bom embaçando, então limpou a garganta. “Todo mundo tem arrependimentos quando um ex-amigo aguenta a mão. Mesmo um bastardo como o Oakley. Não é?”

Achando difícil separar o assassinado Oakley Keys da Casa de Ópera, os impotentes fracassos da vida do homem enveloparam o Drayco em um manto de tristeza. Outra estatística para os registros, como os recortes de jornal amarelados e em desintegração nos arquivos de Reece. Ao sair, Drayco ouviu Andrew Jackson guinchando ao fundo, “Oakley é maluco. Oakley é maluco. Tchau”

Capítulo 5

Hora de desfazer a sua única mala. Além disso, precisava consultar o serviço de atendimento a partir de uma linha fixa. O serviço de celular na Eastern Shore rural era irregular. Não querendo ficar num hotel sem personalidade, Drayco havia feito reserva num lugar perto do centro da cidade. Ele seguiu as instruções de uma brochura de viagem até se aproximar de frente ao Lazy Crab. Ou mais exatamente, o Lazy Cab, o “R” tendo caído da fachada. O único outro veículo à vista era uma *scooter* motorizada vermelha.

A linha de vista através da janela da frente ia todo o caminho até a cozinha onde a mulher com cabelo colorido com picolé de creme abanava o seu cabelo com o que parecia um acordeão de planta baixa. Gêiseres de vapor sopravam para cima a partir de uma panela de ferro que era mal tinha altura para ver. Os tímidos esforços de Led Zepellin dançavam pelo ar, e a mulher pegou duas colheres de pau e arriscou uma batida no balcão. Ele odiava perturbá-la tocando a campainha da porta.

A mulher o saudou com uma colher na mão. “Posso ajudá-lo? Sou um dos proprietários. Meu nome é Maida. Maida Jepson.”

“Eu sou Scott Drayco e—”

Maida interrompeu, “Estávamos te esperando a noite passada.”

“Sinto muito. Acidente horrível na Bay Bridge.”

Ela suspirou. “De novo, não. Então estamos felizes de ver que você chegou bem. Senhor Scott Drayco, você é uma celebridade. Quando você fez a reserva, não percebemos que você é o novo proprietário da Casa de Ópera. E me chame de Maida. Posso virar Sra. Jepson quando tiver noventa anos.”

Ele a seguiu pela entrada. O *foyer* se abriu em uma sala com escadas circulares íngremes, um refúgio visível no canto. As poucas peças de arte eram estereotipicamente cenas da praia e a mobília estava desbotada. Mas vasos de *hemerocalis* adornavam uma mesa

lateral com ornamento chique e o assento de uma árvore do salão antiga.

Era como a casa de sua tia-avó onde ele era deixado no verão, passando as manhãs resgatando estrelas do mar encalhadas, jogando-as ao mar. Seu primeiro gosto dos caprichos da vida e da morte. Encontrando mais criaturas, frequentemente as mesmas, lançadas à para novamente no dia seguinte, mortas e dissecadas.

Mortas e dissecadas. Isso poderia descrever a Casa de Ópera, também. Mais outras palavras vieram à mente. Perda de dinheiro. Perda de tempo. Obra faraônica. “Você deve ter lido o artigo do jornal sobre a Casa de Ópera, Maida.”

“A cidade toda está cochichando sobre isso. Todos esperam que grandes coisas comecem a surgir no centro e tragam os turistas de volta.”

Drayco hesitou. “Pode haver problemas estruturais. E vai precisar de reparos.” Depois de dar uma olhadela na expressão esperançosa de Maida, ele não teve coragem de contar a ela os seus planos de vendê-la rapidamente. Talvez as pessoas se importassem com o destino da Casa de Ópera, afinal. Ou ao menos, uma pessoa. Mais alguém na cidade o estava escalando como um salvador da renovação urbana?

Ela lançou-se em frente, intrépida. “Os vitorianos estão sendo transformados em galerias de arte na Rua Atlântica. E o Hotel Fairmont foi restaurado à sua glória de antigamente. Não teremos mais de nos referir à nossa cidade como Cape Extremity. Claro, há uma batalha do condomínio.” Ela fez uma careta.

A entrega de fogo rápido da Maida era difícil para ele acompanhar. Estar privado de sono piorou as coisas. “Cape Extremity?”

Ela fez menção para ele entrar na cozinha. “Se você olhar para a Península Delmarva inteira virada de lado, parece uma tartaruga marinha. Estamos no rabo, uma das partes mais macias da tartaruga e não muito interessante. A menos que você seja outra tartaruga ou um predador. Terei de cozinhar para você um pouco de cozido de quiabo de tartaruga.”

Drayco sorriu, mas ela só prendeu metade da atenção dele. A lareira estava convidativa demais. Normalmente, ele não se incomodaria com tempo frio exceto por seu braço, que começava a

doer. Mesmo assim, sua fisioterapeuta estava adamantemente de que o tempo não teria efeito algum em sua lesão. Ainda bem que ele não jogava *baseball* para viver—a única coisa pior seria ser um pianista. Ele se forçou a relaxar as unhas afundando-as em sua palma. “Esses condomínios que você mencionou. São um assunto quente.”

“Oh, são sim. Mas eu aposto que você está mais interessado no grogue quente para afastar o frio.”

Maida o conduziu a uma poltrona de madeira que parecia ter sido talhada a partir do mastro de um navio, seguindo então para o fogão onde ela serviu um líquido vermelho de um pote fumegante em uma caneca. Depois de acrescentar doses de algumas bebidas sem rótulo, ela entregou a caneca com a poção não identificada. Aquilo era mirtilo e noz-moscada?

“Sou famosa por isso,” Maida disse: se cumprimentando. “Receita secreta de família. Apesar de o principal ingrediente não ter vindo de um alambique no quintal como o do primo Harvey. Cada gole é potente.”

“Você tem outros hóspedes? Há uma *scooter* na frente.”

“Você é o nosso único. A *scooter* é minha. Perfeita para idas rápidas à loja e posso pegar atalhos.”

Drayco se instalou em uma agradável inércia, quando um alarmante calor subiu por seus pés. Ao olhar para baixo, era impossível deixar de ver as chamas laranja-azul de um jornal pegando fogo. Ele pulou para cima e pisou nas faíscas com seu sapato, tentando evitar que o sapato pegasse fogo. Não pegou, mas seu pé formigou, e ele inalou um pouco de borracha queimada. Ele mal conseguiu ler a manchete carbonizada do jornal, “Roubo do manuscrito da biblioteca é um mistério.”

Maida verificou duas vezes se o perigo havia passado, parecendo envergonhada pelo lapso.

“Não se preocupe, Maida, não foi nada de maior perigo ^[9].”

“Engraçado você dizer isso. O nome do meu marido é Major.”

Drayco se encontrou piscando em uma névoa novamente. Deve ser a bebida. “Major?”

“Ele serviu no exército, mas não é de lá que ele pegou esse nome.

É só Major, apesar de o pessoal por aqui chamá-lo de o Major. Ele teve que sair, mas com sorte você o encontrará em breve. Ou, pelo menos, no café da manhã amanhã. Ele sempre está pronto às nove para o chá e os bolinhos seguido de seus serviços pela manhã, venha o inferno ou água alta.”

“Parece um ex-britânico.”

“Ele nasceu neste lado do lago, mas seus pais adotivos eram originalmente de Torquay. Ele vai ficar doido para perguntar sobre a sua vida no FBI. Eu o avisei para não te incomodar.”

Então o artigo do jornal mencionava isso, também. Que mais colocaram ali? Sua cor favorita? Samba-canção ou cuecas? O motivo pelo qual ele deixou o FBI?

Maida pegou a caneca dele para ver se ele precisava de mais. Adicionando mais da bebida, ela disse: “Parece estranho o Sr. Rockingham te levar a Casa de Ópera. Todos os seus clientes fazem coisas assim?”

“O ocasional campo de golfe, casa de veraneio ou iate.” Drayco deu um gole e engoliu rápido demais, queimando sua garganta.

Era a vez de a Maida parecer confusa. “Campo de golfe?”

“Uma tentativa sem graça de humor.”

“Pobre Cape Unity vai ser uma baixa de nível de Washington.”

“Se você me perdoa o termo de marinheiro, é mais uma sucessão [\[10\]](#).” A potente poção de Maida estava funcionando. Você devia precisar de prescrição para essa coisa. *Tome duas colheres de Maida Tonic antes de dormir e me chame pela manhã.*

Um homem botou a cabeça ao redor do portal, o suficiente para Drayco ver que ele era da idade da Maida. Ele tinha tufo de cabelo branco amontoado em meio aos fios negros. Menos sal e pimenta, mas parecido com a peliça de um gambá. Ele tinha uma barba combinando, longa o bastante para ter um elástico dividindo-a ao meio.

Maida fez menção para ele entrar. “Você não terá de esperar pelo café da manhã, afinal. Este é o meu marido Major. E este é Scott Drayco, querido.”

O Major apertou a mão de Drayco na hora. “O jornal te chamou de

consultor do crime. Eu mesmo tentei entrar para força policial, mas não queriam pessoas com costas ruins. Lesão antiga de guerra. Mesmo assim, um consultor do crime—soa como um detetive. Pode-se considerar isso. Pega caras maus, não pega? Você pode usar algemas?”

Quando o Drayco disse que não era parte do trabalho, o Major respondeu: “Cadê a diversão nisso?” Ele dobrou os seus braços sobre o peito. “Então quem é o cara mal que você está procurando?”

Maida entrou no meio, “Lembre-se, Scott é o novo proprietário da Casa de Ópera.” Ela se virou para o Drayco. “Estou certa de que você não vê a hora de vê-la. Um dia ela foi linda.”

Drayco notou a palavra “um dia” e teve uma súbita visão de seu contador rindo histericamente no fundo. “Eu estava lá esta manhã.”

Não há necessidade de espalhar para eles a novidade do assassinato ainda. Ele estava acostumado à morte, aos cadáveres, à depravação. Drayco e seus colegas viviam esses pesadelos de dia, para que outros não tivessem de sonhar com eles à noite.

“Você provavelmente esbarrou com Seth ou Paddy Bakely na Casa de Ópera.” Maida mastigou seu lábio. “Seth é o zelador e Paddy é o seu filho, apesar de nenhum deles serem as pessoas mais afetuosas do planeta. Paddy é explosivo, mas o Seth é uma influência estável. Seth é o cuidador principal e Paddy o ajuda de vez em quando. Quando não muda de ideia.”

Um telefone tocando em outra sala a interrompeu, e Maida saiu às pressas depois de pedir licença, deixando o Major e Drayco sozinhos. O velho suspirou. “Sem algemas. Nada de armas, também?”

“Hoje em dia eu sou mais capa do que espada^[11].” Ele não mencionou a arma guardada em sua mala. Mas ele não havia lido nenhuma regra contra armas no *website* da hospedaria, e com sorte, ele não precisaria dela.

“Costumava ser um bom partido, na minha juventude. Costumava ser bom em um monte de coisas, antes das ruas e a artrite. Mais ou menos como a região aqui. Um dia brilhante e nova, cheia de promessa.” O Major colocou suas mãos próximas à lareira, mas se curvou para olhar para o Drayco. “Um conselho, meu jovem, nunca

fique parado ou a vida vai te fossilizar na hora.”

Quando a Maida retornou à sala, sumiram as bochechas rosadas e olhos sorridentes. Seus ombros rebaixados para frente e seus braços ao redor de seu estômago, como se ela estivesse à beira de perder o seu café da manhã.

“Qual o problema?” Drayco perguntou.

“Era um amigo meu. Ela diz que Oakley Keys foi assassinado. Na sua Casa de Ópera.”

Reece está com SCP^[12] novamente. Pelo menos, havia a necessidade de o Drayco esconder a verdade deles. “Infelizmente, sua amiga tem razão. Eu me encontrei com o detetive mais cedo.”

Os Jepsons trocaram olhares de descrença, os únicos sons na sala o silvo e o gemido da lenha na lareira. De certa forma, esses sons seriam melhores para um funeral do que a música plastificada desses instrumentos do demônio, órgãos Hammond e pianos de espineta Wurlitzer.

Maida desabou em uma cadeira. “Dane-se tudo. Oakley não era um do meu rebanho, mas eu sabia bem quem ele era.”

“Desculpe-me, não entendo. Seu rebanho?”

“Sou pastora leiga na Unity Presbyterian. Estamos longe demais de onde as pessoas moram, para atrair alguém em período integral. Temos pastores leigos que alternam turnos.”

Drayco teve uma súbita imagem mental da ruiva reverenda Maida colidindo em estacionamentos em uma batina e a sobrepeliz em sua *scooter* vermelha. “Os problemas de Oakley com o projeto do condomínio—são intensos o bastante para levar a assassinato?”

Maida esfregou a sua testa. “Oh, eu espero que a morte de Oakley não esteja relacionada a essa bagunça.”

“Porque diz isso?”

“Oakley Keys e seu vizinho Earl Yaegle são donos de vários hectares de propriedade na orla, lado a lado. Junto a isso, tem um desenvolvedor de Washington com a conversa de um complexo de resort e dinheiro tão grande quanto um baú de pirata cheio de ouro. Quando você se dá conta, Oakley e Earl não estão mais se falando.

“Dinheiro insuficiente? Ou talvez não concordassem em como

gastá-lo.”

Maida suspirou. “Havia muito dinheiro. Earl quer o dinheiro para se aposentar. Nanette Keys concordou em vender, mas o Oakley gostava da cidade do jeito que é. Não queria vê-la se tornar um resort na praia genérico. Está ficando difícil distinguir as cidades ao longo da Rota 13 com todos esses *outdoors* e centros comerciais aparecendo. Lugares como Cape Unity não estão mais em abundância.”

A placa na estrada para Cape Unity soava cada vez mais como um grito de guerra. “Parece que você está do lado de Oakley.”

“Não quero assumir lados. O turismo a partir do desenvolvimento pode gerar empregos e trazer trânsito para nossa hospedagem. O que odeio ver é vizinho se virando contra vizinho. Mas matar por causa de condomínios—pelo amor de Deus, no que o mundo está se tornando? E temo que as coisas só piorem.”

Drayco desejava poder consolá-la, mas a experiência o ensinou que não havia fronteiras no campo dos motivos. “As pessoas matam por menos. Mas isto pode ser um incidente isolado.”

O Major se animou. “Você não acha que sonos suspeitos, acha? Nunca fui um suspeito.”

Maida o golpeou com o jornal. “O dia em que alguém acreditar que você é capaz de assassinato, estamos todos condenados. O inferno congelaria e seríamos entalhados em cubos de gelo para martinis diabólicos.”

“Esse vizinho de Oakley, Earl Yaegle,” Drayco esgotou a sua caneca, tentando não se engasgar com as gotas de temperos e polpa de fruta no fundo. “Onde eu o encontraria?”

“Ele é dono de vários negócios na região. O seu favorito é a loja de armas. Vou te dar o endereço.”

Maida pegou um pedaço de papel debaixo de um peso de papel de caranguejo para rabiscar. “Tecnicamente, somos um *bed and breakfast*, mas adorariíamos que você se juntasse a nós para o jantar. Nada chique, mas você vai se enfartar.”

Diferente do convite do conselheiro Squier, Drayco não hesitou em dizer sim. Uma noite sem a carne misteriosa de *fast food* e batatas de borracha seria uma boa mudança de sua comida habitual. E sem espectros ardentes de ex-noivas como distração.

Ele pediu licença para ligar para o seu serviço de atendimento, que liberou uma mensagem de seu contador. Essas mensagens estavam ficando mais frequentes. Ele discou outro número familiar e aguardou a cortante de barítono, que disse: “Já se livrou daquela maldita Casa de Ópera?”

“Na verdade, pai, surgiu outra coisa.”

“Teria de ser um motivo matador, algo tão quente a ponto de você largar aquela coisa e ir pro México. A menos que seja uma mulher. Ainda é um pouco cedo depois da Elizabeth, não acha? Eu gostava dessa. Você devia ter se casado com ela quando teve a chance.”

Drayco não estava a fim de discutir, novamente, que a violoncelista com cabelos de fogo, de temperamento forte para combinar, era um desastre desde o começo. Mesmo assim, tinha sido bom ter alguém para aquecer sua cama toda noite. “Eu encontrei um corpo na Casa de Ópera. Um homem local, assassinado. Ele ia me encontrar lá.”

Um silêncio pesado tomou conta do outro lado. “E você é um suspeito. Estou no meio deste caso de Princeton, mas posso te mandar o Jeffrey, se precisar de um bom advogado—”

“Nada do Jeffrey. Ainda não.”

“Não é a melhor forma de superar aquele fiasco do Cadden, certo, filho?”

“Obrigado por me lembrar disso, pai. Estou certo de que tinha me esquecido completamente.”

A voz áspera de seu pai desceu de tom. “Eu te disse antes e te direi novamente. O que aconteceu não foi culpa sua. Siga meu conselho e não se envolva. É cedo demais.”

“Vou me lembrar disso.” Quando Drayco desligou, uma corrente de ar arremeteu contra o pedaço de papel da Maida com o endereço de Yaegle, e Drayco o pegou antes que caísse na lareira. A súbita contorção causou uma dor aguda em seu antebraço direito, mas era uma dor familiar que ele ignorou.

Rastreando o endereço no papel com a sua mão boa, ele memorizou o nome da rua, Rumble Road. Era apropriado para o vizinho de Oakley e seu nêmesis, Earl Yaegle—o homem com um monte de terras e uma loja cheia de armas, o sonho americano.

O presságio da Maida de que tensões de vizinho contra vizinho poderia se intensificar incomodou o Drayco. E o eixo no centro dessa roda de tensão girava em torno de Yaegle. Não faria mal fazer algumas perguntas aqui e acolá, certo?

Novamente, o que o conselheiro Squier havia dito? “Um linchamento simbólico”? Talvez aquela multidão estivesse se alinhando atrás de Drayco, também, se os sentimentos contra ele, a Casa de Ópera e seu lugar em todo esse atoleiro de eventos os sugasse junto com ela.

Drayco guardou o papel em um bolso. Ele se dirigiu para o vento frio e úmido que o envolvia como uma camisa-de-força fria. Era final da tarde, mas se ele se apressasse, poderia chegar a tempo.

Capítulo 6

A placa da porta ainda dizia “Aberto”. Quando Drayco passou pelo limiar, ele foi atacado pelo buquê de metal, plástico, e pitadas do solvente de armas de Hoppe, uma mistura aromática que lembra bananas e diesel, da loja de armas. Ele contou os rifles e espingardas empilhadas organizadamente em prateleiras, perdendo as contas em quatro dúzias. Para uma cidade com população pequena, esta loja de armas era bem guarnecida. O inventário de Earl Yaegle enchia caixas com tudo, desde uma antiga Derringer a um rifle Cooper para canhotos e às últimas novidades em visão a laser. Drayco olhou para uma arma à venda e a pegou.

Um homem anão, usando um colete azul com botões que pode ter alcançado uma vez, se apressou para cumprimentar o Drayco. “Esta é uma das nossas Glocks mais recentes. Chegou faz apenas alguns dias. É uma belezinha, não é? Parece confortável em sua mão aqui. Atira muito?”

Quantos milhares de tiros ele deu na academia? O suficiente para abrir a sua própria loja de munição. Sem falar nas balas na arma que esconde no coldre em seu ombro. Ele guardou a Glock para apertar a mão do homem. “Eu sou Scott Drayco—”

“Você é aquele cara consultor do crime, não?”

“E proprietário da Casa de Ópera.” A esta altura, Drayco não estava mais surpreso de ver que a sua micro-fama o seguia novamente. Mas este balconista foi o primeiro a elevar o papel de proteção da lei para cima.

“Verdade. Se bem que as pessoas não precisam de armas em Casas de Ópera.” O balconista tinha uma risada assimétrica com um canto da boca a meio-mastro. “Eu sou o Randy. Gerente aqui. O que posso fazer por você?”

“Pensei em passar por aqui para dar uma olhada no seu inventário enquanto estou na cidade.” Drayco já tinha uma boa ideia do que

encontraria, mas não eram as últimas tecnologias da morte que o interessavam.

“Acho que você não vê mais dessas no Distrito. Agora que as armas não são proscritas lá, nosso chefe Earl devia abrir uma franquia.”

Drayco notou que os dois estavam sozinhos na loja. “Poucos consumidores hoje. Estou surpreso.”

“Por causa do assassinato, você quer dizer?”

Drayco estava certo de que não havia visto uma placa gigante de neon pendurada cidade cima piscando *Oakley Keys Assassinado na Casa de Ópera!* O apelido de Reece SCP era muito monótono. As novidades aqui se espalham como a praga.

Randy endireitou uma pirâmide de cartuchos onde duas caixas estavam para fora. “Dê tempo. Essas coisas se espalham. Uma pessoa compra uma arma, conta ao vizinho, então o vizinho decide que é uma boa ideia. E aí está.”

“Você conhecia o Oakley?”

“Minha namorada trabalhou com a esposa dele, a Nanette, na assistência social. Eu mesmo não conhecia o homem, mas ele era amigável com os dois filhos de Earl. Veio à loja uma vez enquanto os garotos estavam aqui. Acho que foi antes de eles irem para faculdade. Lembro-me dele contando a eles como eles deveriam apreciar a herança que o pai deles estava dando a eles. Irônico, isso.”

“Por causa da infame disputa por terra?”

“Com certeza. Oakley foi um obstáculo para a venda da propriedade, impedindo que Earl passasse para frente a tão chamada herança.”

Uma voz nasal atrás das costas de Drayco entrou na conversa, “Oakley era assim, Randy, e você sabe disso. Um maluco de merda, se me perguntar.”

Drayco girou ao redor para ver um homem com *mullet* e um colete azul, similar ao de Randy, mas um facilmente abotoado. “Eu sou o Joel,” ele disse ao Drayco. “Não sou gerente. Ainda.” Ele deu um olhar amargo para o Randy. “Esta deve ser uma Starfire azul com distintivos de D.C. Uma belezinha. Não se veem muitas dessas.”

“Ela é rara, mesmo.” Drayco nunca havia se importado com o quão

raro o Starfire era, blasfêmia para verdadeiros acólitos de carro. Era pagamento parcial por um caso antigo dele, depois que começou a trabalhar sozinho. Maida tinha razão—ele ganhava mesmo presentes incomuns dos clientes.

Joel resfolegou: “Raro é uma palavra boa hoje em dia. Como em ‘nós raramente temos paz e sossego aqui’.” Ele apontou para a janela para um canteiro de obras, com cacofonia de escavadeiras e britadeiras. “Como em ‘raramente temos assassinatos. Até que o pessoal novo começou a se mudar para cá. Malditos latinos.”

Drayco veio um casal dessas “novas pessoas” saindo da loja à sua frente. Ao menos o dinheiro deles era bem vindo. “Você não acha que o assassino morou aqui por um tempo?”

Randy se intrometeu, “Porque não atacaram antes? A hora é muita coincidência.”

Joel abriu a caixa registradora à chave e folheou as notas de vinte. “O dinheiro do desenvolvimento, é por isso. E o nosso bom chefe Earl tem essa merda de papel até a cintura.”

Drayco disse: “O negócio de Yaegle gera vários empregos por essas bandas—o seu, por exemplo. Ele é um bom chefe?”

Randy balançou a cabeça com vigor, como um *bobble head*. “Earl é o melhor.”

“Ele é legal.” Joel fechou a caixa registradora.

Drayco se inclinou contra um dos estojos. Rivalidades em ambiente de trabalho eram minas de ouro para pepitas de verdade, se você cavasse fundo o bastante. Drayco era um prospector paciente. “As disputas por terra devem ter sido estressantes para o Earl.”

“Earl pode ser mal-humorado, mas ele sempre foi assim. Ele é um exímio atirador.” Os olhos de Randy ficaram bem abertos diante da sua escolha de palavras. “Quer dizer, ele é teimoso mas honesto. Não violento.”

Joel bateu o seu punho contra o balcão. “Todo mundo pode ser violento. E Earl tem estado cada vez mais rabugento, perdendo mais trabalho. Sem falar o que ele disse no outro dia—que ele queria que Oakley Keys desaparecesse.”

Randy apontou o seu dedo para Joel. “Cuidado com o que diz, Joel.”

Joel balançou a sua mão, desdenhosamente. “Eu sei o que eu ouvi.”

Drayco se posicionou entre os dois, em caso de precisar arbitrar. “Eu esperava me encontrar com o Earl em pessoa.”

A risada de Joel era mais como um balir de bode. “Boa sorte. Ele está se escondendo.”

Randy hesitou. “Pode ser que ele queira vir à loja, se eu ligasse para ele.”

Notando que eram cinco e meia da tarde e que a loja fechava às seis, Drayco disse: “Isso não será necessário. Uma hora eu vou me encontrar com ele. Tem mais uma coisa com a qual vocês podem me ajudar—quero comprar uma faca para um amigo. Uma faca pequena, de bolso, nada muito chique, mas afiada. Vocês vendem dessas, também?”

Randy apontou para um pequeno estojo. “Temos algumas. Multiferramentas, Remingtons, Spydercos, principalmente o tipo esportista.”

Drayco perguntou, “Vocês não vendem muitas facas?” O entalhe no peito do Oakley foi provavelmente feito usando-se uma faca pequena mas afiada, como o escalpelo de um cirurgião ou uma Kodi-Caper.

Randy respondeu: “Não vendo uma dessas a duas eternidades, desde que o novo hipermercado decidiu carregar facas. Mais baratas, também. Devia dar uma olhada lá.”

Uma vez de volta para fora, Drayco subiu a janela de seu carro para abafar o barulho da construção que Joel mencionou. Na escuridão crescente, ele mal via a placa em frente da fundação semi-concluída do novo prédio: “Em breve — outra loja de ferragens da Luckett Corporation.” Os futuros consumidores podiam comprar armas de Earl Yaegle e lâminas de arado na loja de ferragens vizinha. Não tão bíblico, mas chega perto.

Ficou desapontado de ter perdido o Yaegle. Ele se consolou com a fofoca que ele colheu de Joel sobre Yaegle querendo que Oakley “desaparecesse”. Um vizinho irritado que também é um cabeça quente dono de uma loja de armas era mais fácil de apostar como suspeito de homicídio do que uma esposa inocente ou um historiador

vingativo. Que pena que os homicídios não eram resolvidos com números.

Ele tamborilou os seus dedos no volante, se lembrando para deixar para lá. Não. É. O. seu. Caso. Mas não havia nada de errado em fazer uma verificação amigável para aliviar as preocupações de Maida, havia? Especialmente se ele ficasse sob o radar do detetive.

Do canto de seu olho, ele viu uma figura silhuetada contra um prédio do outro lado da rua com “*Fechando as portas*” pintado na frente. A figura, que se moveu para fora das sombras por uma fração de segundo, era igualzinha à Darcie Squier, olhando para ele. A mulher voltou para a cobertura do prédio fechada. Quando ele encostou o carro em frente a onde ela estava, a mulher havia desaparecido. Desapareceu tão rapidamente que, na verdade, ele se perguntou se havia imaginado a coisa toda.

Capítulo 7

Terça-feira, 16 de março

Ele acordou arfando por ar. Este parecia mais real do que os outros. Eram três deles, submersos tão profundamente que ele não sabia qual deles levava à superfície. Ele estendeu a sua mão ao garoto, mas seus dedos se afastaram. A irmã do garoto não se mexia de vez, braços nas laterais dela, flutuando como um pedaço de madeira flutuante—olhos abertos, boca e pulmões cheios de água. Os detalhes mudaram, mas a essência era a mesma. Os gêmeos sempre morriam, e ele sempre era incapaz de salvá-los.

Drayco espiou o relógio, e então deixou a sua cabeça cair de volta no travesseiro. Cinco da manhã. Dormir até tarde em suas pseudo-férias já era. Ele chutou as cobertas para longe, esperando as imagens violentas de dissiparem e o ar frio atingir a sua pele nua. Esta cama com seu edredom de cor toffee era confortável demais, fácil demais para se desfazer.

A primeira manhã de Drayco em Cape Unity se iniciou com um céu nublado na janela de seu quarto, o equivalente meteorológico à música de elevador. Tempo, sim, interessante, não. Ele deve estar louco de deixar aquele santuário confortável para uma corrida no frio, mas ele não queria perder o hábito e ter seus músculos atrofiados. O cérebro era assim, também—deixe o lobo frontal se descondicionar, e quando você menos esperar, a senilidade entre lentamente.

Puxando o seu blusão de moletom favorito do FBI sobre o seu peito, ele inalou dois pulmões cheios de ar gelado e o aroma de lama do pântano, uma combinação de lama, peixe, sal do mar, e uma pitada de enxofre. Ele começou pela rua cheia de areia fora do Lazy Crab, que a luz do dia revelava em toda a sua glória. Era o único edifício English Tudor na cidade, a razão pela qual Major Jepson o comprou,

em um aceno às suas raízes.

Maida disse a ele que não havia mais casas do tempo da Guerra Revolucionária, os “dias de pináculo para Virginia”, mas umas poucas datavam do tempo da Guerra Civil. Ela acrescentou, “Infelizmente, essa foi uma história diferente para a área, atizando pais contra filhos, irmãos contra irmãos. Um pouco como o presente.”

Drayco esperava ser o único acordado, mas ele passou por um homem em sua varanda da frente, vestido com a parte de baixo do pijama e uma capa de chuva amarela neon com o capuz para frente, apesar da falta de gotas de chuva. Seus olhos seguiram o Drayco por todo o percurso rua abaixo. Quando Drayco caminhou de volta meia hora depois, o homem ainda estava lá, desta vez na caixa correspondência no acostamento, aguardando.

Drayco parou. Hora de mostrar aos vizinhos que ele não era um estranho reconhecendo as suas casas. “Bom dia,” Drayco ofereceu. “Estou me hospedando no Lazy Crab na rua abaixo. Casas bonitas as daqui. Muito pitorescas.”

O homem estirou as suas mãos em seus bolsos. Com sorte, ele não estava pegando uma Smith & Wesson. “Não somos Virginia Beach. Dê-nos um ano ou dois, do jeito que as coisas estão indo. As pessoas comprando e vendendo propriedade como se fosse cocaína. Sem se importar com o que significa ter a terra passada de geração a geração. Como meu avô me disse, árvores sem raízes profundas tombam no primeiro sopro do vento.”

“Você vive aqui há muito tempo?”

“Seis gerações. Hoje em dia, temos pessoas e dinheiro saindo aos montes por aqui, como um tsunami. A maioria de Washington, como aquele novo proprietário da Casa de Ópera.”

Drayco sorriu. “Esse sou eu.”

O homem inclinou a sua cabeça para um lado. “Meio que coincidência, hein? Que você compre a Casa de Ópera e Oakley Keys acaba assassinado lá?”

Aquela palavra novamente, ‘coincidência’. Primeiro o detetive, e então o Randy na loja de armas, agora o vizinho dos Jepsens. “Coincidência é uma palavra de quatro letras em minha linha de trabalho.”

“Então m-o-r-t-o. O jornal te chamou de consultor do crime, não? Bem, porque não consulta isto — com tsunamis você consegue também peixe podre. Temos pessoas nesta cidade que não pertencem a este lugar. Nada além de problema. E toda esta construção vai atraí-los como vermes num cadáver.”

Drayco ficou tenso diante da observação do cadáver. Se esse homem não era o artista responsável pela placa nos limites da cidade, ele bem que poderia ser. Era por isso que o Oakley Keys queria contratar o Drayco? Uma investigação na empresa de desenvolvimento, qualquer coisa para deter o inevitável? Drayco queria perguntar ao homem sobre o Oakley, mas ele virou as costas para o Drayco e andou a passos largos em direção à sua varanda, as bordas de sua capa de chuva amarela balançando como as asas de um pato.

Enquanto o Drayco retornava para o Lazy Crab, ele notou que a fumaça da chaminé também lutava para se levantar naquela manhã, soprando pela lateral e para baixo. O que o conto das velhas esposas dizia? Se a fumaça da chaminé cai em direção ao chão, é um portento tempo ruim à frente. Parecia muito mais *sexy* do que “correntes de ar” ou “inversões de temperatura.”

Dentro, o Major estava distraído de tudo a não ser sua terceira xícara de Darjeeling. Ele levantou o copo na direção da Drayco, “Tá a fim de um torrão de açúcar ou dois? São de bordo.”

Drayco declinou. Ele aperfeiçoou a sua arte de sobreviver à base de baldes de café preto na faculdade e dias no FBI. Ou, quando botava as suas mãos, em um, uma garrafa de refrigerante Manhattan Special espresso. Alguém devia criar uma forma injetável. Melhor ainda, um implante.

O Major estava em forma rara, regalando o Drayco com contos dos hóspedes anteriores do Lazy Crab, como um suposto bom velho capitão com um tapa-olho, barba espessa e cachimbo. Resultou que ele era um banqueiro investidor bem idiota, viajando pela costa trapaceando residentes desavisados. “A família dele o rastreou aqui, e recebemos uma visita do seu irmão, que o levou de volta a Nova York para terapia. Rapaz bacana. Cheio de gírias. Engraçado — ele era alérgico a peixe.”

Maida apareceu no portal, balançando o seu dedo. “Essa história, não.”

O Major achatou outro cubo de bordo com uma colher para acrescentar ao seu café. “Era algo incrível, mesmo. Nosso povoado sonolento não é central de escândalo.”

Maida desabou em uma cadeira. “Isso foi antes do assassinato do Oakley e toda aquela bagunça atroz.”

Major Jepson mexeu a sua xícara de chá até o líquido se tornar um redemoinho contínuo. “Eu entreguei madeira para Oakley no sábado. Não percebi que era a última vez que o veria. Fica difícil de acreditar que alguém se foi quando você não tem a chance de se despedir.”

Drayco se juntou aos Jepsos em silêncio, se recordando do homem de capa de chuva amarela e sua acusação não tão velada. Quais as possibilidades que um matemático daria para que o assassinato de Oakley e o fato de este contratar Drayco estivessem relacionados—sessenta-quarenta? Cinquenta-cinquenta? Ele fechou os seus olhos por um instante mas os abriu novamente para deter a parada de cravos vermelhos marchando em direção às suas pálpebras.

Ele disse: “O detetive chamou o Oakley de excêntrico. Fora o fato de ser uma espécie em extinção, o que ele quis dizer?”

Maida suspirou. “Nada sobre o Oakley parecia se encaixar. Ele não se ajustava à cidade. Sua carreira não lhe servia. Às vezes eu acho que a sua personalidade lhe caía como um terno apertado demais.”

O Major acrescentou sem traço de ironia, “Quando o medirem para seu caixão, vai servi-lo.”

Os olhos da Maia começaram a aguar. Era tristeza ou estava reprimindo uma risada mórbida? Drayco apostou no último caso. Era bom vê-la mais animada, então quando ela se levantou para atender a uma ligação, ele esperava que não fossem mais notícias ruins.

A ligação durou menos de um minuto. Quando ela voltou a se juntar a eles, ela soltou um olhar encabulado em direção a Drayco. “Odeio trazer isso, mas Nanette Keys quer passar aqui para falar com você. Eu não sabia como dispensá-la.”

Agora sim, isso era um bocado de sorte bem-vinda. Com a Sra. Keys tomando a iniciativa, aquilo o pouparia de bater cabeça com o detetive. Drayco tentou pensar numa forma discreta de marcar um

encontro e isso agora caiu no seu colo. “Ela disse sobre o quê era?”

Maida balançou a cabeça. “Mas ela foi persistente.”

O Major disse: “Provavelmente acha que foi o desenvolvedor. Quer que você cave um pouco.” Ele riu de seu duplo sentido. “Desenvolvedor. Cavar um pouco. Há!”

“Maida, o detetive disse que a Nanette Keys faz muita coisa por esta comunidade. Como ela é?”

Para sua surpresa, o Major respondeu primeiro. “Uma mulher e tanto. Oakley era um amigo, mas se eu fosse mulher, não teria me casado com ele. Você teria de ter a paciência de Jó, a dedicação de Santa Joana e a tolerância de Buda tudo junto.”

Drayco perguntou, “A bebida e os casos amorosos?”

Maida respondeu: “E talvez mais. Apesar de a Nanette não falar muito sobre o Oakley. Ela sempre estava interessada em como todos estavam. O tipo que é a primeira a enviar flores ou um cartão de compaixão. Mas quando o assunto são os seus próprios problemas, nenhuma palavra.”

Com a descrição dos Jepsens em mente, ele formou um perfil de Nanette. Uma aparência meticulosa. De boas maneiras, reservada, perfeccionista, tentando compensar por todas as coisas em sua vida que não conseguia controlar—principalmente Oakley—com um caldeirão de emoções borbulhando sob a superfície. O tipo de mulher perfeita para estrelar um papel numa tragédia grega. Mas as mulheres nas tragédias gregas eram geralmente tanto vilãs quanto vítimas.

A viúva de Oakley não perdeu tempo indo ao Lazy Crab, chegando meia hora após sua ligação. Maida a deixou no refúgio onde Drayco estava, para apertar a mão da Nanette. Sua pegada era firme e não o pé de pato gelatinoso das esposas dos lobistas de Washington, que não queriam arruinar suas manicures caras.

Nanette sorriu e balançou a cabeça para ele, mas seus olhos vermelhos inchados contradiziam o seu estado emocional. Alta e esbelta, ela usava o mesmo vestido com decote drapeado que ele havia visto nas secretárias do pai aspirantes a modelo, só que este parecia menos caro, provavelmente uma imitação. Ela se sentou em uma poltrona mas se empoleirou na beirada. Ela estava ciente de que estava sentando em suas próprias mãos?

Mais cedo, Maida mostrou a Drayco uma foto de Oakley quando estava vivo. O tempo parece ter sido mais bonzinho com a Nanette, pelo menos na superfície, com a sua pele sem rugas e aquela fagulha de inteligência em seus olhos. Reece disse que o Oakley era pesquisador e escritor. Será que uma ligação intelectual uniam Oakley e Nanette?

Maida se ofereceu para deixar Drayco e Nanette sozinhos, mas Nanette pediu a ela para ficar, suas palavras saindo às pressas. “Eu tinha que sair da casa. O detetive e seus assistentes estavam lá à noite. E novamente no começo desta manhã, procurando por—seja lá o que estejam procurando. Eles podiam ter ficado a noite toda, porque eu não dormi. Tudo no que conseguia pensar era numa imagem de Oakley morrendo no chão, e sabendo que havia uma busca misteriosa dele... está acabando comigo.”

Ela fez uma pausa para retomar a respiração. “Porque ele contrataria alguém como você?” Nanette apertou juntas as mãos.

Do canto de seu olho, Drayco viu a Maida franzir as sobrancelhas. Ele teria que contá-la que ele há muito tempo vinha se ofendendo com poucas coisas. “Como contei do detetive Sailor, Sra. Keys, eu não tive ligações ou correspondências anteriores de Oakley. Fora marcar este encontro.”

“Eu apenas—” Nanette enrugou a sua testa. “Isso vai soar como paranoia...”

Ela titubeou, procurando as palavras certas. “Por anos, Oakley viajou a negócios e ficava fora duas semanas por vez. Ele nunca deixava um endereço. Só um telefone de emergência. Quando em tentei discar o número uma vez, era um serviço de atendimento.”

Ela piscou olhos aguados para a Maida, que lhe deu um aceno de encorajamento. “Eu não quero pensar mal de meu marido. Não agora. Mesmo apesar de ele saber que seu alcoolismo me incomodava. E todos esses rumores indecentes...”

Maida se moveu para tocar levemente o braço da Nanette. “Tudo fofoca de cidade pequena, querida. Não precisa desperdiçar seu tempo com essas coisas.”

Nanette a agradeceu com os seus olhos gratos. “Quando nos mudamos para cá pela primeira vez, eu me apaixonei por este lugar—

o ar do mar, a atmosfera de vila de pescadores intacta. Oakley nunca chegou a amar este lugar como eu. Uma parte dele se ressentia. Eu perguntei várias vezes a ele se ele queria se mudar, mas ele foi estava empenhado em ficar aqui. Queria ter me esforçado mais.” Os olhos dela se lacrimejaram novamente, e Maida acariciou a mão dela.

Drayco se recordou de seus livros de casos do FBI cheios de contos de viúvas-negras onde a mulher matava seu marido, às vezes mais de um, para ganho financeiro. Maida mencionou um “baú de pirata cheio de dinheiro” em jogo. Elaina Cadden, de seu caso mais recente, se parecia com Nanette, com as lágrimas apropriadas e um leve tremor em sua voz.

“O detetive disse que nada estava em falta em sua casa, Sra. Keys, exceto por uma máscara. Pode descrevê-la?”

“Era o rosto de madeira de uma coruja, intrincada, com penas e tudo. Havia uma escrita entalhada na parte de baixo, ‘diable’, eu acho. Eu não sei o que significava. Oakley passava muito tempo trabalhando dela, mas não queria falar sobre isso.”

“Oakley fez a máscara ele mesmo? Achei que ele fosse escritor.”

“Ele era também um habilidoso artesão de madeira. Alguém ofereceu a ele uma vez, mil dólares por um console de madeira, mas ele recusou. Era uma de minhas peças favoritas, então ele ficou com ela.”

“Quando ele começou a trabalhar nesta máscara?”

“Recentemente. Algumas semanas.”

Um homem entalha uma máscara antes de esta ser roubada, por volta do mesmo horário o homem é entalhado e assassinado—era o tipo de detalhe que se deslizava pela pele de Drayco. Era também outra “coincidência”. Ele perguntou, “Quando você percebeu que a máscara sumiu?”

“Foi na casa no dia anterior à morte dele. Não percebi que havia sumido até a morte de Oakley. Supus que o Oakley a levou consigo.”

“Alguém poderia ter invadido a casa para roubá-la sem seu conhecimento?”

“Eu peguei um resfriado nos últimos dias, então fiquei em casa o tempo todo. A máscara era uma bela peça de arte, mas não estou certa porque alguém ia querê-la. Não tinha valor.”

“Pode estar relacionada ao assassinato dele.”

Os olhos de Nanette ficaram bem abertos. “Não havia pensado nisso. Mas uma máscara de coruja?” Ela trançou e destrançou seus dedos, como que nervosa, mas ela se inclinou em direção a ele, não se afastou. Linguagem corporal mista poderia significar várias coisas. Ler as pessoas era mais eficiente do que ler folhas de chá. Quando a questão era prever comportamento. Mas, como todas as formas de adivinhação, científica ou não, tinha falhas.

Ele sorriu para ela, de forma encorajadora. “Dra. Keys, também estou curioso em relação ao cravo vermelho que Keys usava.”

“Isso é um enigma para mim, também. Ele nunca fez isso antes.”

“Ele estava num fino agasalho de algodão, com pouca proteção contra o frio. Ele o usou o tempo todo?”

“O contrário. Ele odiava aquela coisa velha mofada. Ele o comprou logo depois do nosso casamento e usou bastante no começo. Um dia, ele parou de usá-lo e o pendurou na parte de trás do armário. Eu tentei jogá-lo fora, mas ele não me deixou.”

“Você tem alguma ideia do porquê de ele estar na Casa de Ópera? Ele tocava piano, por exemplo?”

Nanette espremeu o nariz, como se alguém estivesse prendendo a respiração debaixo d’água. “Ele não havia expressado interesse algum naquela Casa de Ópera ultimamente. E ele não sabe tocar piano.”

Drayco hesitou antes de fazer sua próxima pergunta. Ele não sabia o que o detetive havia conversado com a Nanette. “O detetive Sailor te contou como o corpo foi encontrado?”

“Que você o encontrou. Que ele estava... ele estava... sim, ele me contou. Não consigo compreender o que tudo isso significa.”

“Consegue pensar em alguém que o odiava o bastante para matá-lo?”

Por uma fração de segundo, os olhos de Nanette giraram quase que imperceptivelmente em direção ao *foyer*, então de volta. “Ele não era benquisto. Mas nenhum inimigo mortal, como dizem nos filmes. Ele estava decepcionado quanto do desenvolvimento e irritado com o conselheiro Squier por insistir nisso. Fico feliz que ele teve alguns amigos que ficaram ao seu lado, Major Jepson era um deles.”

Nanette lançou-se para fora do sofá, lançou a sua bolsa no chão

em pressa, derrubando itens pelo chão. Enquanto ela e Maida os legavam, Nanette se desculpou. “Acho que ainda estou abalada.”

Drayco e Maida a conduziram até a porta, e Drayco disse: “Eu sei que isso é difícil, Sra. Keys. Tenho certeza de que o detetive vai dar o melhor de si. E se eu puder ajudar de alguma forma—”

“Eu não sei como você pode ajudar, mas obrigada.” Ela ficou menos alta do que antes, mais arqueada.

Maida a deixou esperando tempo o bastante para disparar em direção à cozinha e pegar alguns *muffins* que ela havia preparado mais cedo. Aparentemente, Maida tinha um suprimento infinito de comida e compaixão escondidos em seu armário.

Quando Nanette se foi, Drayco perguntou à Maida, “A letra ‘G’ tem algum significado especial para você? Um lugar, um nome?”

Ela pensou por um instante. “A companhia de desenvolvimento por trás desses condomínios é a Gallinger. Mas nenhum lugar de destaque ou nomes de famílias fundadores começando com ‘G’. Se é o que você quer dizer.”

O Major colocou a cabeça. “O que é isso?”

Maida balançou a sua mão. “Nada, querido. Batendo papo.”

O Major alisou a sua barba. “Aquele dito popular tem origem náutica. Marinheiros costumavam reclamar de sua alimentação básica, gordura de porco endurecida com sal. Soa horrível.”

“Minha melhor metade,” Maida o saudou com alegria em direção ao Major, “É uma fonte de ninharias e minúcias. Não jogue *Trivial Pursuit* com ele. Não terá a menor chance.”

“Vou me lembrar disso.” E Drayco acrescentou sua própria saudação ao Major. “Não havia nada de trivial em relação ao meu arranca-rabo com Paddy Bakely ontem. Ele não prestou condolência alguma ao Oakley.”

Maida disse: “Os cidadãos não sabem o que fazer com Paddy. Parte bêbado da cidade, parte poeta—ele tinha um livro de poesia publicado localmente, acredite se quiser. Entrar e sair da cadeia virou *hobby* para ele. Era como se o Seth tivesse lavados as mãos em relação a ele há muito tempo. Paddy é um homem de maia-idade e devia saber.”

“Entre o Paddy e o Oakley, a cidade deve ter a sua cota de

personagens coloridos.”

“Experimente o crazy-quilt. Cidades pequenas têm do melhor e do pior em pessoas.”

Drayco estava aprendendo rapidamente isso em relação à vida na pequena cidade. A humanidade jogada junta no equivalente a uma placa de petri sob um microscópio com organismos, tanto malignos quanto benignos, procriados. “Porque Paddy odiava o Oakley?”

O Major, que estava sentado tão quieto que mal deu para ver se ele adormeceu, aumentou a voz. “Ciúmes. Oakley tinha tudo que Paddy não tinha. Tanto, terra que valia uma pequena fortuna, uma esposa amável e algumas outras atrações femininas, para expulsar. Paddy, bem. Você o viu. Oakley é o contrário. Me lembra uma uca. Meio espichado, se desloca por aí e balança suas patas ao redor. Pelo menos ele não muda de pele.”

Maida olhou para Drayco com um sorriso travesso. “Então você vai deixar a gente, camponeses, hoje à noite para servir de isca no elevado Solar do Cipreste?”

“Solar do Cipreste? Parece um asilo.”

“É assim que o conselheiro Squier chama a sua casa, apesar de ninguém se lembrar da última vez que havia ciprestes. A maioria morreu de ferrugem. O bom conselheiro se gaba de ambos os lados de sua família terem raízes que remontam ao Mayflower. Acho que ele sente que precisa se manter no papel.”

“Raízes do Mayflower, mas sem raízes de cipreste. Entendi. E se é para apenas um jantar, palavra de escoteiro.”

“Você foi um escoteiro?”

“Um escoteiro que saiu. Nunca consegui costurar aqueles distintivos.”

“Não volte se achando,” Maida disse. E se vista desalinhado. Para que Darcie Squier não note o garanhão lindo que você é.”

Drayco deu a ela uma reação retardada. “Acha que preciso de um guarda-costas?”

Maida segurou a mão dela e respondeu: “Ficaria feliz de assumir esse papel, mas sou alérgica a bruxas.”

Drayco sorriu, mas seu sorriso rapidamente se foi quando se lembrou de um item em particular na bolsa da Nanette. Porque ela

precisaria de um passaporte? Um novinho em folha. Ele passou a mão pelo cabelo, mas parou. Quando ele viu um pequeno barco a vela de madeira em uma mesa no corredor. Em vez de trazer respostas, a visita de Nanette trouxe mais perguntas. As viagens misteriosas de Oakley, essas definitivamente valiam a pena correr atrás. Aquela máscara de coruja era outra nota desafinada. Corujas geralmente significavam sabedoria, mas Drayco não encontrou nada de sábio no comportamento de Oakley.

Corujas tinham ainda hábitos noturnos, arremetendo-se silenciosamente, com as bordas macias de suas penas abafando o som das asas, antes de saltar e engolir sua presa inteira. A morte não vista, a morte não ouvida, a morte vindo de cima—os *drones* militares do reino animal.

Mas a maioria das presas tinha alguém que se importava com eles, se importava se eles viviam ou morriam. Nanette parecia amar o Oakley, se as suas preocupações eram genuínas. Talvez a Darcie Squier também, de forma torta. Apesar dos esforços de Drayco par se distanciar, ele começava a se importar com o escritor fracassado e talentoso carpinteiro, o velho e enigmático homenzinho com uma flor vermelha em sua lapela.

Capítulo 8

O Seafood Hut era tão prosaico quanto o seu nome, blocos brancos de concreto do lado de fora com tinta de espuma do mar. Os proprietários, produzindo mecanicamente os mesmos bolos de caranguejo e moluscos “little nick” por décadas, negociavam redes estereotípicas e lagostas de plástico na parede, para fotos de consumidores em uma colagem contínua. Drayco não viu uma colher engordurada em lugar algum.

O detetive Sailor pegou uma cabine na parte de trás, mas eram os únicos consumidores. “Obrigado por me encontrar aqui para tomar café, Drayco. Uma chance de escapar do escritório.”

“E pegar os animais selvagens em seu habitat natural?”

“Algo assim. Você devia voltar para almoçar. A especialidade da casa é bolo de caranguejo. Um monte de carne de caranguejo, sem tapa-buraco de. Se você é fã de frutos do mar, faça uma viagem a Wachapreague enquanto estiver na Eastern Shore. É um desses lugares remotos, mas é a capital mundial do linguado. O linguado frito deles é uma revelação.”

“Vou me lembrar disso.” Drayco se esticou para pegar a garrafa e encheu o seu copo, tendo tomado tudo em um ou dois minutos. Era uma bebida escura com gosto tão amargo que não precisava de sal.

O detetive ignorou o açúcar, mas jogou o que deve ser metade de um saleiro de creme pulverizado em seu café. “Eu liberei a cena do crime — sua Casa de Ópera.” Sailor soprou o copo antes de dar um gole. “Já vendeu o lugar?”

“Você está determinado em me fazer vender o lugar. Tem algo contra música?”

Sailor lançou o seu chapéu num gancho na parede, acertando-o de primeira. “Fiz uma pesquisa sobre você. Você é um ex-agente do FBI como o seu pai. É um novato fazendo bico de investigação na capital. Clientes famosos e trabalho de consultoria para as polícias. Não

consigo ver alguém assim querendo uma pedra de moinho de cidade pequena o prendendo aqui. Especialmente alguém relativamente jovem. Se bem que eu não devia te chamar de Dr. Drayco.”

Drayco podia ouvir os caras do FBI como o chamavam provocativamente de Doutor. A memória trouxe um pequeno sorriso aos seus lábios. “Não ouço muito isso hoje em dia, especialmente quando dou um ocasional seminário. Está enterrado no meu currículo em algum lugar.”

“Um doutor em criminologia deve valer o quê—umas centenas a mais por ano?”

Umas centenas estava correto. Drayco tinha sorte o bastante para comprar a sua casa geminada em Washington antes do mercado imobiliário disparar, mas trabalho *freelance* era mais caro do que havia orçado, e se endividou para manter o seu teto. O dinheiro da Casa de Ópera não faria mal. “Estou riscado da sua lista de suspeitos, detetive?”

“Eu não disse isso.” Sailor fez sinal à garçonete para outra garrafa de café. Ele estava acompanhando o Drayco copo a copo. Poucas pessoas conseguiam isso. “Você está em direção à parte de baixo da lista. Apesar de que, se você se mudasse pro lado negro, tenho a sensação de que você daria um formidável criminoso, Sr. Consultor.

Depois que a garçonete veio e foi embora, Sailor continuou, “Eu conheci o seu pai uma vez.”

“Brock? Quando?”

“Ele falou em uma conferência da qual participei. Apresentação interessante. Eu consegui a assinatura dele em seu livro.”

“Uma dessas conferências onde a parte boa é o bar no lobby do hotel. Oh coisa boa.”

O detetive hesitou. “Era mais uma conferência literária. Com um componente policial,” ele se apressou a acrescentar. “Minha mãe me batizou para que eu ficasse marcado com o papel do Hemingway. Ela é uma bibliotecária aposentada.”

“Hemingway?”

“Meu nome do meio.” Sailor colocou a xícara de café mais próximo dele. “Enfim, seu pai não era tão imponente quanto eu imaginava.”

“Ele pode ser intimidador. Com sapatos largos para preencher.”

Simbolicamente, os sapatos de seu pai eram o dobro do de Drayco.

“Eu entendo a parte intimidadora. O livro dele era brilhante, apesar de uma fonte segura me dizer que você teve repertório semelhante no FBI. Alguns até fazendo apostas de que você seria o diretor um dia. Diabos, você passou pelo NCAVC depois de apenas quatro anos. Um pulo do gato e tanto, de um pianista de concerto para o FBI para o freelance, não?”

Então o detetive havia cavado fundo em seu passado. Drayco respondeu lentamente, “Um acidente acabou com a minha carreira no piano. Meu braço não era adequado para os rigores da vida de um pianista, mas era bom o bastante para o FBI. Quanto ao FBI, não sou exatamente um burocrata. Dez anos foi o bastante.”

Sailor não o pressionou por detalhes, olhando para fora da janela na rua espargida em concha que separava o restaurante de um edifício coberto por tábuas com tapume rosa esmigalhado. “Visão ruim, não? Mesma coisa em várias partes da cidade, que já viu dias melhores.”

Dias melhores, anos melhores, ânimos melhores. “Parecia que o desenvolvimento seria bem-vindo. E mesmo assim, há muita tensão entre as pessoas contra e as a favor. Como Earl Yaegle e meu cliente morto Oakley Keys.”

No momento que a palavra “cliente” saiu da boca de Drayco, ele sabia que não tinha mais volta. Ele havia sido sugado para dentro daquilo, contra seu melhor juízo, permitindo que o contraponto o vencesse novamente. Era como sair do palco em frente de uma plateia e se sentar no piano. Uma vez que seus dedos tocam nas teclas, você se comprometia.

Sailor continuou coçando a parte de trás de seu pescoço. O homem estava tão tenso quanto em seu primeiro encontro na Casa de Ópera, apesar de ao menos a sua mandíbula não estar mais retesada. Um canto da boca do detetive apareceu brevemente enquanto fazia uma pausa de engolir café. “Seu cliente?”

“Oakley disse que queria me contratar, ele foi assassinado em minha propriedade e eu não sei o motivo para nenhum deles. Não posso deixar assim.”

“Parece que você vai ficar fuçando por aí.”

Drayco manteve seu rosto inexpressivo. “Eu tenho um graveto de detetive que guardo no meu carro. É uma varinha de rãdomante. Aponte-o para os suspeitos e ela atrai o assassino.”

“Melhor patenteá-la, porque se você for como eu, não vai ficar rico nessa linha de trabalho.”

A testa enrugada do detetive contradizia sua conduta humorística ao encarar o Drayco longa e duramente. “Não me encontro com investigadores representando clientes mortos com frequência. Acho que terei de me certificar em dobro que ficarei de olho em você.”

Alguém na cozinha derrubou um copo, mas o som mal passou percebido pelos dois homens. “Olha, detetive, não tenho intenção de medir força em seu território. Estou procurando por respostas. Assim como todo mundo na cidade.”

Pelo menos eles não estão te pagando para encontrar essas respostas. Homicídio é coisa rara por aqui. Faz as pessoas ficarem nervosas. Já que este é o primeiro caso comigo no comando, eles não sabem o que esperar. Não pretendo decepcioná-los.”

Drayco captou um odor de peixe podre seguido pela vista, através da janela, de um funcionário da cozinha esvaziando uma lixeira. Talvez nem todos tenham gostado dos croquetes de caranguejo. “Você me disse que era um assistente tímido. Em meu novo, embora indesejado, papel de proprietário da Casa de Ópera, posso conseguir informações de pessoas que você não conseguiria.”

“Não estou tão certo disso. As pessoas aqui se fecham bastante para os estranhos. O que o faz pensar que as pessoas responderão às suas perguntas?”

Drayco estudou a sua colher de café. “Não é o que você pergunta, é como você ouve.”

O detetive pensou por um momento. “Eu não posso te impedir de conduzir negócios legítimos em relação à sua própria propriedade. E você é um jovem novato perceptivo. Apenas certifique-se e repasse qualquer informação que encontrar para o cachorro velho que estava numa batida em Richmond cercando traficantes de drogas. Quando você estava jogando ‘Twinkle Twinkle Little Star.’ ^[13],”

“Eu pulei essa parte. A primeira vez que me sentei em um piano,

eu escolhi ‘Take the A Train.’, de Count Basie.” Drayco entendeu o que o Sailor não estava dizendo. Um detetive novo não precisava de rumores de que era incompetente e que precisava de ajuda de fora.

Sailor se dirigiu à garçonete para pedir a conta e aguardou até que ela não pudesse ouvir. “Já que estamos nos entendendo e já que você descobriria, mesmo, porque não te poupo de adivinhar com essa vareta sua? O advogado dos Keys voltou do Caribe. Nós sabemos o que estava no testamento de Oakley.”

“O Caribe? Bem que eu preciso me bronzear.”

“Nós dois. Minha esposa vive me amolando para tirarmos férias. Nanette era a única beneficiária. Entre o dinheiro que ela conseguiria com a venda da terra e o fato de estar infeliz com os casos extraconjugais de Oakley, muito motivo. Mais do que Yaegle. E tem ainda o problema de ela não ter álibi. Diz que estava em casa sozinha.”

“Os Keys viviam sozinhos?”

“Oakley e Nanette estão virtualmente sozinhos neste mundo. Nanette tem uma irmã na costa oeste, mas é só.”

“Nanette veio me procurar mais cedo hoje. Não para confessar. Ela estava curiosa pelo porquê Oakley queria me contratar. E ela descreveu a máscara em falta.”

“Sim, tem isso. Uma maldita máscara de coruja, a pista que eu precisava.”

Com o pensamento passageiro de que o nome do meio do detetive seria mais apropriado como Ernest Sarcasmo Sailor, Drayco perguntou, você já encontrou a arma?”

Novamente, para sua surpresa, Sailor não hesitou em fornecer detalhes. “Cruzamos a bala no banco de dados da ATF. Sem correspondência. O examinador de armas de fogo do laboratório estadual em Norfolk nos deu —é uma arma de calibre .455, potencialmente de uma British Webley *vintage*. E não, Oakley não possuía arma. Não é do tipo que é fácil de encontrar por aqui, mesmo. A menos que você seja um veterano, um historiador, ou um traficante de armas...” sua voz desapareceu.

“Yaegle?”

“Tem que ser levado em conta.”

“Seria óbvio demais, não?”

“Yaegle é um cabeça quente, mas eu o marquei mais como o tipo litigioso. Olhando pelo ângulo do historiador, Reece Wable tem recursos para antiguidades que podem incluir armas. Ele e Keys tinham um litígio.”

“Então ele me contou, até falou algo importante. Ele também disse que teve uma discussão com um detetive uma vez. Um 'mal-entendido.'”

Sailor parou de contar o troco que tirou de seu bolso. “Então você vem fuçando por aí. Esse incidente deve ser de antes da minha época.”

“Você ligou Wable ou outro além da empresa Gallinger à letra 'G'?”

“O nome do meio de Oakley é John, nada de 'G'. Mas o nome do meio de Earl, por outro lado, é Gerik. Diabos, seria mais útil se a letra fosse à la Hester Prynne—um ‘A’ para o adultério de Oakley.”

Drayco esfregou seu dedo pelo metal macio da colher. O cabo estava gelado e tinha um padrão de pássaro incomum gravado no cabo curvo. Pelo menos não era uma coruja. “Eu espero que o Oakley não estivesse vivo. Quando o entalhe foi feito em seu peito.”

“O M.E. pode nos dizer, mas é possível.”

Acrescentar tortura a essa mistura contou ao Drayco mais do que o fato de o assassino possuir um temperamento sádico. Psicopatas geralmente gostavam de fazer as vítimas sofrerem e tinham uma fraqueza por mutilação. Mas isso tornaria um assassino aleatório menos provável, apesar dos temores do homem que encontrou na caixa de correio e seu “peixe podre” as novas pessoas na cidade. “O que você acha da teoria de que o assassino era um imigrante procurando trabalho?”

Sailor grunhiu. “G’ é de gringo, é isso? Tivemos algumas brigas, nada violento. Os trabalhadores por aqui incluem migrantes há muito tempo, com a indústria de frutos do mar pendurando uma placa de “Precisa-se de Ajudante” duas vezes ao ano para pegadores de caranguejo. Esse homicídio me cheira a algo caseiro demais.”

“O que é caseiro mais, quando se conseguem maçãs em dezembro da Nova Zelândia ou laranjas em março do México?”

Sailor pausou por um momento. “Faz sentido.”

“Ok, se o ‘G’ não é um nome próprio, pode representar o quê—
Ouro? Deus ^[14]?”

“Ouro seria apropriado, se você estiver falando da propriedade. ‘G’ de Deus—Oakley não era religioso, mas o assassino poderia ser. Nanette certamente era. Culpada? Te peguei? E quanto ao ‘G’ de Grã-Bretanha, já que o Oakley é de lá. Faz muito mais sentido do que todo o resto.”

“A faca foi encontrada?”

“Uma faca de bolso foi deixada dentro de uma lixeira atrás da loja de armas de Earl Yaegle, mas sem impressões digitais. Se foi a mesma que o assassino usou, ele usou luvas ou limpou as mãos. Não vamos conseguir resultados de DNA do laboratório por um tempo devido às provisões. E o fato de que somos café pequeno.”

“Algum resíduo de tipo sanguíneo?”

“O suficiente para nos dizer que combina com aquele da cena do crime. A negativo, o mesmo do Oakley e incomum. Como você sabe, só sete por cento da população o carrega.”

“Podem ter plantado a prova para levantar suspeita em relação a Yaegle. Você devia verificar o Paddy Bakely. Eu me esbarrei nele outro dia. Ele parecia emocionado com o fato de Oakley Keys estar morto.”

“Considerando o estado de Paddy a maior parte do tempo, ele seria um suspeito em qualquer crime por essas bandas. Com ou sem motivo.”

“Por estado, você quer dizer estupor alcoólico? Ou outras drogas?”

“Só bebida. Temos problemas com drogas por aqui, nada organizado.”

“E o Seth? Tal filho, tal pai?”

“Seth tá limpo. Ou pelo menos nunca foi pego. Seth e Paddy estão dando álibis um ao outro, dizendo que estavam juntos em casa a noite inteira de domingo.”

“Seja o motivo que você tiver, você tem o problema do desenvolvimento e ganância, e tem ainda ciúmes e vingança pelos casos amorosos de Oakley. Mais alguma coisa?”

“Você resumiu tudo. Não tive a oportunidade de entrevistar o bom

conselheiro e sua esposa, apesar de serem os próximos da minha lista. Estou temendo esta. Essa é a vida de um humilde funcionário do condado.”

Drayco se inclinou na cabine. “Se está se referindo ao conselheiro Squier, ele me convidou para jantar em sua casa hoje à noite.”

Sailor desceu sua xícara com um tilintar alto e deu um olhar hostil a Drayco através de olhos apertados. “Eu teria preferido que você esperasse até que eu tivesse a chance de falar com eles.”

O café ficara frio, então Drayco o afastou. “Eu não sabia que eles eram oficialmente suspeitos. Quando eu aceitei.”

“Bem, eles são.”

Drayco se juntou ao detetive em olhar para fora da janela. Faixas de tapume rosa no edifício ao lado haviam se descascado, como um gigante tivesse mordiscado glacê rosa de uma casa de biscoito de gengibre. Sailor deu a Drayco o mais breve dos sorrisos. “Acho que você estará por perto de Darcie, então. Boa sorte. Carne fresca.”

“Os rumores circulando sobre Darcie e Oakley são verdadeiros?”

“Certificado. O que significa que tanto Randolph quanto Darcie Squier têm um possível motivo para matar o Oakley, se você acreditar que Darcie se importava com ele.”

“Parece que o marido dela acreditava nisso.”

“Squier tentou acobertar em público. No privado, ele estava tentando tirar o Keys da cidade numa ferrovia. Quanto à Darcie, esse é outro 'G' para você. O nome de solteira dela era Gentner.”

Drayco tentou ignorar o aumento em seu taxa de pulso na menção de Darcie. “Sabe de uma coisa, detetive? Disseram-me que escrevo um relatório de campo pobre. Quer duplicado?”

“Indexado e digitado.” Quando Sailor se levantou para ir embora, Sailor ele resgatou o seu chapéu e o apontou para Drayco. “Enquanto estiver aqui, dê uma olhada na abrangente coleção de armas do Squier. Ele pertence a um clube de caça local. Ouvi falar que atira bem.”

Drayco verificou seu telefone, notando que uma mensagem de voz finalmente havia chegado. Uma de seu contador e uma de um repórter fazendo uma matéria sobre a família Cadden. O dedo de Drayco pairou sobre o botão de apagar, mas ele pensou melhor. Uma

terceira mensagem de seu advogado afundou o espírito de Drayco ainda mais. Devido a questões sobre a propriedade de Rockingham e impostos da receita, havia um imposto de garantia ^[15] federal colocada na Casa de Ópera. Tchau, venda rápida.

Ele se dirigiu ao caixa da frente para pedir mais café, extra nuclear. Fizeram café aqui como deve ser, da cor de pólvora e tão quente quanto, quando aceso. Drayco pegou *teriyaki marlin jerky* ^[16] e um saco de nozes Skipjacks, um petisco local com mel e tempero de Chesapeake Bay. Aquilo teria de servir até o seu encontro com Randolph e Darcie Squier mais tarde.

Então, uma faca com sangue batendo com o tipo raro de Oakley estava em uma lixeira atrás da loja de armas de Earl Yaegle. Talvez fosse uma distração. Talvez o Earl não fosse esperto, talvez ele tenha entrado em pânico, talvez fosse astuto e soubesse que pensariam ser óbvio demais. Da última vez que Drayco esteve envolvido num caso estilo faca-na-caçamba, encontraram uma faca com a mão ainda grudada—só a mão. Era melhor o Earl Yaegle ter cuidado. O dono daquela outra faca estava no corredor da morte na prisão de Sussex State em Waverly.

Capítulo 9

Drayco ficou para trás novamente. Ele esperava pegar o Earl na loja de armas dessa vez, mas quando o Randy, o gerente, apontou para o carro de Yaegle caindo do estacionamento, Drayco decidiu segui-lo. Não é uma tática que ele empreenderia em seu Starfire fora do comum.

Yaegle dirigiu num ritmo lento e constante a exatos quarenta quilômetros por hora o tempo todo e não olhou seu espelho uma única vez. Era como se o homem funcionasse no piloto automático. Ao passarem pela pequena área central, Drayco reconheceu alguns pontos de referência, e em pouco tempo estavam à vista da Casa de Ópera. Ele não tinha como escapar.

Yaegle encostou-se à rotatória na frente e estacionou o seu carro, sentando-se e olhando para frente. Depois de cinco minutos de bancar o zumbi-Earl, ele virou sua cabeça para olhar para o prédio. Drayco pegou um par de binóculos e estudou o perfil do outro homem. Nenhuma emoção, só um fixo para o prédio.

Ficaram ali por dez minutos, antes de Earl despertar de seu estupor e começar a mover o carro novamente. Drayco seguiu por mais algumas quadras até que Yaegle estacionou seu carro e entrou num banco. Depois de outros trinta minutos e nada do Yaegle, Drayco decide tentar pegá-lo numa próxima vez.

Ele só havia viajado uns poucos quilômetros quando deu uma olhadela num objeto brilhante de neon. Vendo quem estava junto a ele, ele fez uma curva fechada sobre os trilhos de uma ferrovia e estacionou próximo a uma lavanderia com o vidro da frente rachado. O cheiro cortante de alcatrão de creosoto de carvão dos dormentes da ferrovia o atingem no momento que abriu a porta.

Ele se dirigiu a um homem trabalhando sob o capô de um carro cor fúcsia. Acho que você é útil em mais formas do que apenas uma, Seth.”

Bakely não olhou para cima. “Ajudando alguém. Como favor.”

Drayco estava impressionado de ver que o homem podia estar afundado até o cotovelo em óleo e graxa e não ter uma manchinha em seu macacão de brim. “Se precisar de uma mão—“

“Não preciso. Vedação de cobertura de válvula simples.”

Drayco tirou vantagem da concentração silenciosa do homem para estudá-lo. O cheiro de cinzeiro molhado de alguns metros de distância serviu como sinal claro de que o homem era fumante inveterado. Mas Drayco teve de se inclinar para ver um retalho marrom-vermelho perto da orelha de Seth, parcialmente escondido pelo seu cabelo. Drayco não era dermatologista, mas já tinha visto imagens de câncer de pele.

Sem levantar a sua cabeça, Seth falou, “Lavar máquinas custa um dólar a carga e as secadoras custam um dólar e cinquenta.”

“Estou mais interessado num problema sujo que essas máquinas não consertam. O problema do porquê Oakley Keys queria me encontrar na Casa de Ópera. Especialmente quando, como você diz, ele nunca havia estado lá antes.”

“Por que as pessoas geralmente te contratam?”

“Mais probleminhas sujos. Às vezes problemas grandes, quando as pessoas estão no final da corda.”

“Para se enforcarem?”

“Ou para enforçar alguém.”

“Oakley Keys guardava para si próprio. Eu também. Não dá para culpar um homem por isso.”

“E aqui está você na lavanderia, então você está circulando. Certamente ouviu rumores sobre o Oakley. Uma briga, uma discussão, algo que pelo menos uma pessoa tomou como uma ofensa mortal.”

“Não dê ouvidos a besteiras. Conversa de pessoas tristes que não estão felizes até arrastarem outros para a sua merda.” Seth girou a chave de fenda tão duro que quase caiu do motor.

O som de uma risada alta veio filtrada de baixo. Drayco viu a fonte no topo das escadas que levam a uma sala sobre a lavanderia, uma mulher, braço a braço com Paddy Bakely. Ela tinha mais maquiagem do que um friso de estuque, o que deve precisar de um cinzel para

tirar à noite. Vertida numa saia curta sobre um malha cortante vermelha bem apertada, ela vacilava em botas de salto alto decoradas com estampa de leopardo.

A mulher desceu as escadas e disse ao Seth, “Ele é todo seu, querido. Terminou o meu carro?” Pais devotos não eram raros, mas era incomum encontrar um que ia tão longe pelo filho—trabalhar no carro de uma prostituta enquanto ela trabalhava no seu filho.

A mulher deu uma olhada no Drayco. Seu sorriso vermelho fluorescente com aro expôs uma boca com pelo menos dois dentes de ouro. “Procurando um pouco de diversão, garanhão?”

“Não sei se tenho dinheiro para te dar um pouco de diversão.”

Ela andou em direção a ele e esfregou a sua mão para cima e para baixo de sua camisa. “Eu não recebo tipos como você com frequência. Vou te falar uma coisa. Especial pela metade do preço. E posso de dar alguns extras, porque adoro os seus olhos.”

Paddy avançou para a mulher e a arrastou pelo braço de volta para escada enquanto gritava, “Porra, Regina, você não quer o tipo dele. Fique longe dele. Ele é problema. Você volte para cá. Vou cuidar disso.”

Seth ficou do lado de Paddy num instante, cochichando em seu ouvido. O rosto de Paddy parecia tanto com um balão inflado que Drayco achou que ia explodir se o cutucasse com um alfinete. Mas Paddy diligentemente entrou no carro do Bakely e se desmoronou no assento.

Seth disse ao Drayco, “Paddy já tomou algumas. Ele fica assim. Vou levá-lo para casa.”

Seth não agradeceu a Regina ou encontrou uma desculpa para ela. Ele agora tinha uma mancha de graxa no rosto, cobrindo o retalho marrom-vermelho. Seth era como um veterano de guerra que perdeu muitas batalhas regadas a álcool pelo filho causa-perdida. De quem ter mais pena, do facilitador ou do facilitado?

Regina soprou um beijo para Drayco enquanto ele dirigia seu Starfire para longe do carro de Bakely. Ela tinha longo cabelo moreno, e se você entrecerrasse os olhos, ela se passaria um esquelético clone de Darcie Squier, estilo motoqueira de bar. Paddy era mais uma vítima apanhada pela armadilha de homens de Darcie? Uma mosca se

empoleira na beirada de uma planta carnívora, atraída por seu cheiro doce. Mais algumas horas, e ele veria aquela armadilha bem perto e pessoalmente quando se juntou ao bom conselheiro e sua esposa no solar do cipreste.

Drayco passou uma mão pelo cabelo. O detetive não o queria no jantar. Ele tinha certeza de que o Squier estava se arrependendo de sua oferta. Drayco havia feito de regra pessoal não se envolver com mulheres casadas por uma boa razão. Duas razões, Lindsey e Anika. Mas ele estava cada vez mais sozinho num tour de show e muito mais jovem, jovem demais para saber muita coisa sobre arrependimento. E não precisava de mais arrependimentos quanto à Darcie. Ele tirou aquele pensamento da cabeça porque, agora, ele tinha um encontro amoroso com uma garota muito mais velha e desbotada.

Capítulo 10

A desolada Casa de Ópera parecia ainda menos convidativa na chuva. Não dá mais para encontrar pegadas que o detetive deixou passar, apesar de o Drayco ter tido a impressão de que este detetive em particular era meticoloso. Drayco não estava certo do que encontraria lá dentro, mas ao menos dessa vez, não havia corpos. Estava relativamente quieto, mas mesmo os sons ambientes da caldeira e da tábua de assoalho estalando alertou os seus sentidos com formas serpenteantes e geométricas e cores metamorfoseantes. Nada estava verdadeiramente em silêncio. Ou preto e branco.

Ele ficou no fundo do salão, admirando o design mouro espanhol, o teto com afresco azul encardido e ouro abobadado, os candelabros de cristal, os camarotes com suas cortinas de veludo marrom desbotadas. Tudo caro e luxuoso, na época em que foi construído. Não surpreende, já que o condado de Prince of Wales tinha a maior renda *per capita* de qualquer área não-urbana nos Estados Unidos no censo de 1910—um pouquinho do que ele aprendeu dos documentos da Sociedade Histórica. Os tempos mudaram, as pessoas se mudaram. A área trocou o turismo pela peixaria, agricultura, e plantas de processamento de frango.

Drayco se aproximou do palco, pegando um sopro de giz e serragem que ele deixou passar da última vez. Serragem? Ele teria de se alinhar com o inspetor de cupins. O palco tinha uma passarela acima, com uma sala de cada lado para ensaios ou armazenamento de cenário, acessível via uma escada sinuosa de ferro. O corrimão da passarela exibia pedaços de ferrugem e tinha seções faltando. Ele acrescentou isso aos seus custos estimados de renovação.

Drayco esquadrinhou os corrimões enferrujados da passarela. Era a única forma de se acessar as duas salas no topo, então ele teria de se arriscar. Ele pisou cautelosamente nos primeiros passos. Robusto o suficiente. Motivado, ele escalou os degraus restantes, seus pés

ressoando em cada degrau de metal. No topo, ele navegou pela estreita passagem às duas salas. Ambas vazias. Havia um tapete no chão na sala direita do palco, mas quando levantou as bordas e o rolou de volta, nada além de tábua para assoalho.

Decepcionado, ele retornou ao palco, à mancha vermelha no chão atrás do piano e o contorno de giz deixado onde o corpo de Oakley caiu. Aparentemente, Seth seguiu as instruções do detetive de cor e deixou sangue e giz sozinhos.

Sem fazer os cálculos de trigonometria, Drayco estimou a distância e localização do atirador a partir do respingo de sangue. Quatro metros e meio do piano até sob as asas. Para ser meticuloso, ele revistou cada assento na casa. Tudo que encontrou foram manchas de décadas e os arranhões nas traseiras dos assentos, incluindo um pouco imaginativo “Kilroy esteve aqui,” ao qual alguém raspou o assento adjacente, “Rossevelt também.” A Casa de Ópera tinha cento e vinte anos de idade — qual Roosevelt? Teddy ou FDR?

Ele observou as portas rapidamente, caixas de iluminação, fiação, cordas e polias. Era, de certa forma, um espaço congelado no tempo sem atualizações ou modificações desde meados do século XX.

O piano estava no mesmo lugar de antes, então o Drayco ficou do seu lado e verificou ao redor dos pés. Nada. Ele se içou do chão e verificou o resto do piano. Foi só quando ele revistou o interior acima da caixa de ressonância perto dos pinos de afinar que ele encontrou algo fora do comum. Um lampejo de laranja capturou seu olho, e ele usou um lenço para extrair o pequeno objeto.

“O que encontrou aí?” uma voz âmbar estrondosa soou perto do ouvido de Drayco.

“Ôa, detetive. Pode ajustar alguns decibéis para baixo?” Drayco o encarava. “E você está me seguindo?”

“Ouvidos sensíveis?” O detetive provocou, evadindo da pergunta de Drayco. Ele aceitou o item coberto no lenço quando Drayco lhe entregou. “Uma cápsula?”

“Parece pólvora, mas pouca coisa de odor. Laranja demais para alucinógenos como Foxy, AMT ou LSD. Ou uma droga como molly.”

“Prescrição médica?”

“Acho que não. Sem marcas.”

“Vou levar pros técnicos de laboratório. Alguma outra surpresa para mim, Drayco?”

“Sem sorte. Verifiquei a porta que Seth mencionou na parte de trás que seria uma via de entrada perfeita para o Oakley ou o assassino, graças a uma tranca defeituosa. E a luz exterior tem uma lâmpada quebrada. Parece uma antiga instalação incandescente dos anos 1940. Não devia funcionar a um bom tempo.”

“Não encontramos pegadas na grama próxima àquela porta além da de Oakley. O pé d’água na noite do assassinato removeu traços de pegadas no concreto.”

“Nenhum achado interessante em relação a impressões digitais?”

“As de Seth e Paddy, como era de se esperar. E a sua e a de Oakley nas maçanetas. Já que a faca da caçamba não tinha impressões digitais também, estamos procurando por luvas. Estou começando a acreditar que foi o Homem Invisível. Sem entrada forçada, sem impressões digitais, sem pegadas, sem testemunhas.”

Drayco conhecia aquele olhar no rosto do detetive, já o havia visto no ex-parceiro de FBI do Drayco, Mark Sargosian, quando olhando para o arquivo de um novo caso com todas as marcas de ser insolúvel. Drayco preferia ver casos difíceis como catalista—você permite que um problema complicado te chute nas calças ou nos dentes? Uma imagem dos gêmeos Cadden veio à mente, e ele controlou seu líder de torcida interior. Bem que ele precisava de um bom chute nas calças agora, verdade seja dita.

Drayco respondeu: “Nosso Homem Invisível deve estar usando a máscara de coruja desaparecida, assim deixando-o invisível.”

O detetive enrugou seu nariz. “Eu poderia entender se a maldita coisa estivesse incrustada de rubis ou diamantes. Mas era madeira e tinta. Que valor pode ter?”

“Não financeiro, de qualquer forma.” Drayco não pôde resistir em passar a sua mão pelo polimento lustroso nos braços curvos do Steinway Hamburg-D. As teclas brancas estavam impecáveis. “Porque sem pó para impressões digitais?”

“4NTech nos emprestou um desses detectores portáteis de *laser* verde para experimentar. Um dos meus assistentes CSI, Nelia Tyler, odiava ver o piano arruinado. Então o seu piano aqui foi a cobaia do

laser.”

“Funcionou?”

“Sim. Mas acho que aquele fóssil de piano não é tocado a um bom tempo. Sem impressões digitais.”

Drayco não estava surpreso. Nanette havia dito que o seu marido não sabia tocar piano, e um assassino teria outras coisas em mente. Mas uma pequena e irracional parte de Drayco esperava que pudesse haver traços de impressões digitais de Konstantina Klucze, apesar da passagem do tempo.

Tempo. Tempo era tudo. Assim como as coincidências, na resolução de um crime. Drayco meditou, “Eu vi um artigo de jornal sobre um manuscrito roubado da biblioteca. Aconteceu na semana anterior ao assassinato de Oakley. Acha que está conectado?”

“Sim. Não. Faça sua aposta. Um membro real britânico menor visitou Cape Unity nos anos 1940. Era um ensaio que ela havia escrito, apontando os pontos altos de sua viagem.”

“Ela visitou a Casa de Ópera?”

Sailor pensou por um momento. “Não li o documento, já que não fizeram uma fotocópia, acredite se quiser. Mas é possível. Sua real seja lá o quê visitou o prédio.”

Drayco se sentou ao banco do piano e automaticamente o ajustou para a sua altura. “Esta empresa Gallinger no meio da briga do desenvolvimento — estavam interessados em comprar a Casa de Ópera?”

Sailor levantou uma sobrancelha. “Você está tão desesperado assim para se livrar dessa coisa? Ou está procurando por uma conexão com o assassinato de Oakley?”

“Quando ao anterior, ainda não. Preciso trazer inspetores de edificação, avaliadores de propriedade, quem sabe mais quem. Talvez uma equipe de demolição? Seria o jeito mais fácil, e uma placa de ‘Propriedade à venda’ poderia atrair mais interessados do que um edifício em ruínas.”

Quando o detetive levantou a outra sobrancelha, Drayco acrescentou, “Não estou falando sério, eu acho. Mas em minha opinião, sim. O ângulo Gallinger vale a pena investigar.”

“Estamos verificando. Até onde sei, Gallinger só está interessada

oficialmente nas propriedades de Keys e Yaegle.” Sailor resgatou seu chapéu do topo do piano onde o havia colocado, mas não o colocou, rodopiando-o em suas mãos. “Não estou certo de que isso vá importar.” O rosto de Sailor estava emburrado.

“O quê?”

“Nanette Keys comprou uma arma.”

“Quando?”

“Uns anos atrás. Disse que quando o Oakley a deixava sozinha por muito tempo, ela ficava com medo e queria ter alguma proteção. Um colega de trabalho comprou uma primeiro, uma Kahr de 9 mm, e sugeriu a Nanette comprar uma arma.”

“A história do colega de trabalho bate?”

“Sim. Ela foi a única que nos contou, a Nanette não ofereceu a informação.”

“Que marca e modelo?”

“Nanette disse que não sabe. Que era 'uma arma velha' que comprou nos classificadores.”

“Onde está agora?”

“Sumiu, ela diz. Descobriu que detestava tê-la na casa. Então, ela a jogou fora no lixo.”

“Está brincando?”

“Bem-vindo ao meu mundo. Significa que ela tem motivo, oportunidade, não tem álibi e uma possível arma. Não vai se preciso muitas provas concretas para prendê-las com tudo isso.”

O detetive, um homem que nunca sorria, parecia menos feliz que o normal. Um monte de circunstâncias levava pessoas boas e cometer atos terríveis, e Nanette certamente teve a sua cota justa. Mas o mesmo homem que disse que a Nanette era uma boa senhora e fazia muito pela comunidade estava claramente decepcionado.

Os dois homens deixaram a Casa de Ópera ao mesmo tempo, Drayco notando que o detetive não o estava seguindo dessa vez. Drayco entendeu a prudência de Sailor, assim como Drayco poderia simpatizar com as forças pró-desenvolvimento. Aqui ele estava pronto para vender propriedade na cidade que não tinha ligação emocional alguma consigo. Meramente negócios, nem mais, nem menos.

Ele se lembrou o dia em que os desenvolvedores derrubaram a

abandonada Prayers Mill quando era garoto. Ele não lamentou pelo seu valor histórico, mas pela perda de um lugar para brincar—balançar a partir das cordas amarradas às traves, escorregar por pilhas de forragem velha que enchia seus seios nasais e o fazia espirrar. Nenhum pensamento de se restaurar o moinho antes de ser escavada a caminho do esquecimento.

Onde há propriedade há desenvolvedores, e onde há desenvolvedores, há vencedores e perdedores. Mas nem sempre era dinheiro o que estava em jogo. Sensibilidades culturais, fantasmas do passado, possuíam todos um papel, também.

Drayco estava cercado de seus próprios fantasmas—os gêmeos Cadden, o falecido cliente Horatio Rockingham, o pseudo-cliente assassinado Oakley Keys, todos os artistas da Casa de Ópera dos dias passados. Agora ele tinha um jantar com uma mulher que era um espectro de sua ex-noiva. Com sorte, o conselheiro Squier tinha uma bela adega de vinhos bem fornida.

Capítulo 11

O assistente entregou os poucos efeitos pessoais de Paddy, uma carteira fina, uma pequena faca de dobrar, e duas chaves, se certificando de que a papelada fora propriamente assinada. Seth pairava em segundo plano, e então andou em silêncio com Paddy até o carro. Finalmente, ele murmurou, “Ainda bem que não definiram fiança para você dessa vez. Não sou feito de dinheiro. Você nunca vai preso quando está sóbrio, Paddy. Se vai beber, então faça isso em casa e talvez eu consiga ficar de olho em você.”

Paddy acenou com a cabeça, mas ficou em silêncio.”

Seth os levou para casa e se sentou numa cadeira, encarando as paredes descobertas. A sala estava fria, o termostato desligado para economizar dinheiro. Paddy pegou um copo vazio das vacilantes bandejas de metal da TV que serviam como mesa de jantar deles e foi à cozinha pegar água. Seth sabia que seu filho sempre se sentia mais à vontade com um copo na mão.

Quando Paddy retornou, ele esperou nervosamente o Seth falar. Seth não estava certo se preferia os silêncios ou os fósforos gritando, mas Seth estava em silêncio dessa vez e evitou olhar para o seu filho.

Paddy falou sem pensar, “Não foi culpa minha. O outro cara me usou de isca. Ele sabia que eu cairia nessa, ele sabia que eu ia bater nele. Estavam todos rindo disso. O detetive tem rancor de mim, mesmo. Eu sei que você disse que eu tinha de ser bom. Eu sei que você disse que era perigoso demais eu me meter em problema novamente, mas não foi culpa minha.”

Seth se afundou mais fundo na cadeira e fechou seus olhos. “Tem razão, Paddy. Não é culpa sua. É minha.”

As bochechas vermelhas de Paddy, carranca, e olhos aguados o fazem parecer um daqueles palhaços tristes do circo. Seth detestava esses palhaços. Detestava o circo, exceto pelo ato da corda bamba. Empoleirado ali, sem rede, aquilo exigia coragem.

Paddy empurrou suas mãos debaixo de seus sovacos. “Eu posso melhorar, você vai ver. Tudo vai ficar bem.”

“Claro que vai ficar bem. Eu não faço tudo ficar bem?” A voz de Seth amaciou e acrescentou, “Porque não vai tirar um cochilo, descansar um pouco? Não pode ser fácil dormir dentro de uma cela na cadeia.”

Paddy concordou docilmente e Seth ligou na solitária televisão. sem TV a cabo, conseguiam sintonizar todos os três canais graças a uma antena caseira que Seth montou. Pouca coisa para ver, mas com o volume baixo, o murmúrio o hipnotizava num silencioso estupor, onde ele não tinha que pensar. Ele vinha pensando muito ultimamente, e estava cansado. Olha aonde isso o levou, afinal.

Estava feliz de ter terminado as suas rondas na Casa de Ópera. Rockingham havia exigido que ele usasse o mínimo de eletricidade para fazer seu trabalho, e o lugar ficava uma sauna em julho e um refrigerador em dezembro. E sempre escuro, ao ligar e desligar as luzes novamente, se movendo de sala em sala. Restava ver-se o que Drayco faria. Esta poderia ser a última chance de o Seth entrar no lugar antes que a nova equipe assumisse. E então o quê?

Ele se esticou e pegou uma foto na sala, olhando para a jovem mulher olhando sonhadoramente para ele, na moldura. Ele não acreditava em anjos, mas sabia que ela era o mais próximo da redenção que ele e Paddy já tiveram.

Capítulo 12

Drayco se arrumou sem pressa para jantar com os Squiers. Obrigações embrulhadas *en croûte* ainda eram obrigações. Especialmente quando o anfitrião era um homem ciumento e político que morde os lábios para evitar mostrar fúria. E Darcie... o que dizer de seu suposto caso com Oakley Keys? Ele duvidava que ela confessaria o assassinato de Oakley em vez de *cheesecake*.

Resignado a uma noite atormentadora, ele ziguezagueou em Highbrow Hill, como os nativos a chamavam, apesar de a Eastern Shore ser mais plana do que massa *en croûte*. Ele encostou em frente ao seu destino. Não muito encorajador, à primeira vista. Maida estava certíssima em relação às aspirações do solar do cipreste, com seu design pré-guerra e fileira de colunas brancas reluzentes. Mesmo a garagem com três carros foi construída com a mesma disposição. Isolada em localização e estilo, a casa pareceria uma estranha no nino na arquitetura vitoriana na cidade.

O interior dava a impressão de um museu inabitado, candelabros antigos em aparadores antigos próximos a bustos antigos em pedestais. Obras de arte penduradas em cada canto, em molduras filigranadas a ouro. O grosso tapete se esticava ao longo do térreo, abafando sons como espuma acústica.

Randolph Squier parecia ter esquecido o flerte de Darcie do outro dia e estava todo feliz em mostrar as suas coleções ao seu convidado — cabeças de animais montadas, prateleiras embutidas rangendo sob o peso de livros sobre a guerra civil americana, uma variedade de poesia nativo-americana, e uma curiosa montagem de arte baleeira.

“E por último, mas não menos importante...” O conselheiro chamou a atenção de Drayco para um estojo de vidro, do chão ao teto, que servia de ponto focal da larga sala de estar. Fazia a enorme lareira de mármore parecer decrépita. O estojo estava cheio de armas de todos os tipos, muitas com cabo de pérola ou de ébano, uma com

cerdo filigranado gravado nos barris. A morte com o máximo de beleza. Não havia nada sutil nos gostos de Randolph Squier.

Como que uma deixa, Darcie Squier fez uma grande entrada pela escada de pau-rosa, vestida num vestido vermelho sem alça e um deslumbrante colar de rubi. Com seu nariz da antiguidade grega, longo e fino, e seus olhos afastados um do outro, era uma Afrodite moderna. Era óbvio, do jeito que ele emanava para ela, que o conselheiro estava orgulhoso desta aquisição em particular.

Ela deu o ar de decoro apropriado, cumprimentando o Drayco com um casual aperto de mão. Mas um segundo depois, colocou a sua mão no ombro dele e o guiou para a sala de jantar em direção a uma mesa elegantemente montada, com velas afiladas que cheiravam a baunilha combinada com o aroma de uma travessa de croissants fresquinhos.

“Minha nossa,” ela se desculpou. “Nossas cadeiras podem ser curtas demais para você. Não me lembro de você ser tão alto.” Os olhos dela lentamente avaliaram o corpo dele da cabeça aos pés. “Bem acima de um metro e oitenta.”

“Um metro e oitenta e seis. Mas tá tudo bem. Estou acostumado a me acomodar em pequenos espaços.” Ele mudou de assunto, consciente dos avisos de Maida e do detetive Sailor. “Esta mesa e cadeiras são incomuns.”

Squier foi quem respondeu. “É uma mesa de jantar de nogueira do século XIX. Observe o detalhado trabalho.” Ele acrescentou com alegria: “Minha esposa escolheu a porcelana. É Dauphin Spode. Darcie sabe que azul é a minha cor favorita.”

Drayco estava detestando a cor da voz de Squier ainda mais. Bolhas em forma de verme se juntavam à cor de caramelo queimado, junto à textura de pontas de navalha. Era uma combinação incomum e desagradável.

Squier pegou a mão de sua esposa. O sorriso tenso de Darcie não podia esconder uma contração, mas ela rapidamente se recuperou, batendo seus cílios alinhados a carvão e trinando, “Você me lisonjeia, meu querido.”

O conselheiro acenou a cabeça, um maneirismo repetitivo dele. “Devo me desculpar novamente pelo outro dia, Sr. Drayco. Todo mundo esperava que Seth Bakely enviasse Paddy par uma instituição.

Pobre do Seth. Ele é devoto à Casa de Ópera. Além de Paddy, é tudo que o Seth tem, o que explica sua obsessiva ética de trabalho. Ele passa muito tempo ali. Pouca vida social.”

Drayco dedilhou seu cálice de vinho prata. “Eu disse a ele que não haveria mudanças de pessoal ainda e que ele devia planejar ficar. Não sei se ele acreditou em mim.”

Squier riu como um terrier mordendo uma cobra. “Seth nunca me impressionou como alguém inteligente. Depois que a Casa de Ópera for restaurada, suponho que haverá necessidade de mão-de-obra mais qualificada?”

Drayco ia responder quando um pé de salto alto se esfregou contra a sua perna. Sutil, mas... lá estava novamente. Ele colocou o cálice na mesa e pegou seu copo d’água, para que pudesse casualmente ajustar a sua cadeira em alguns centímetros. Fazê-lo significava que estava mais difícil de alcançar o seu prato de medalhões de carne de veado, mas ele não estava com fome, mesmo. Não devia ter comido aquelas nozes Skipjack mais cedo.

“Esses documentos que você enviou, conselheiro—leitura interessante. Houve invasões décadas atrás, apesar de nada ter sido levado da Casa de Ópera.”

“Você deve estar falando daqueles ladrões nos anos setenta. Todo edifício histórico na área virou alvo. Algumas coisas foram levadas aqui e ali, mas foi desordenado, e itens valiosos foram deixados para trás. A polícia não tinha suspeitos. Depois de alguns anos, parou num passe de mágica.”

Drayco perguntou, “Só edifícios históricos?”

Squier deu um longo gole em seu copo. “Talvez estivessem procurando por tesouro proverbial enterrado. Ou alguém lendo muitas revistas da *National Enquirers*. Fico feliz de dizer,” ele acrescentou em um tom auto-congratatório, “Nada foi levado da mansão do cipreste. Claro, isso foi bem antes de você chegar ao local, querido.”

A mão de Squier que agarrava a de Darcie a puxou mais para perto dele. “Eu teria ficado chateado sabendo que você estava em risco.”

Darcie deslizou sua mão para fora da posse dele como se tivesse praticado a manobra e se aproximou para dar um micro-aperto na

bochecha de Squier. “Você está sempre de olho em mim, não é?”

Ela não olhou para o marido com frequência. Quando o fazia, como agora, a mão dela subia para tocar o colar. Hábito nervoso ou lembrança a si própria do porquê se casou com ele? Se eram feromônios de ouro e prata que a atraíam, isso fazia ao apelo de um pobre duro como Oakley ainda mais inexplicável.

Os olhos dela giravam para Drayco enquanto ele a observava se remexer com o colar, e a mão dela caiu no colo dela. “Fiquei emocionada de saber que você é um detetive. Não temos muita emoção por aqui. Até o homicídio.” Ela se inclinou para frente, longe o bastante para o pé dela alcançar e perna dele sob a mesa novamente. “Nos dê sua opinião de especialista sobre quem fez o quê.”

Squier interrompeu, “Um transeunte, queria, um imigrante ilegal. Duvido que um de nossos bons cidadãos seja o responsável.”

Darcie puxou um punhado de cabelo. “Muitas pessoas acham que o Earl Yaegle perdeu a cabeça. Chutou o balde.” Os olhos dela ficaram meditativos, fechados. “Oakley excêntrico para alguns. E teimoso. Mas alguma coisa poderia ter sido acordada sobre aquela venda de terra. Ele não merecia ser morto.”

Um lampejo de aborrecimento cruzou o rosto do marido. “Agora, Darcie, não devemos repetir rumores infundados. Existem muitos espalhando rumores nesta cidadezinha. Earl Yaegle faz muitas boas ações por aqui. Precisamos dele.”

“Claro, amor.” Ela acenou para o seu marido, enquanto dava a Drayco um olhar significativo. “Estou certa de que você e eu somos sujeitos de muitos rumores.”

Drayco aguardou por uma explosão de Squier. O sorriso de sacarina rebocado no rosto do homem não tremeu, mas uma veia em seu pescoço saltou em um espinhaço púrpura. Era uma veia bem usada, batendo em um suprimento de raiva suprimida.

Drayco perguntou, “O conselho da cidade se posicionou oficialmente sobre o assunto?”

Squier puxou a sua cadeira para trás. “Porque não vamos para a sala de estar para tomarmos um café.”

Darcie saltou para juntar os braços com Drayco e para ter certeza

de que ele se sentasse ao lado dela no sofá. O conselheiro escolheu uma poltrona de encosto alto que guardava, de passagem, semelhança a um trono. Ele continuou, “Em resumo, a base de impostos de Cape Unity precisa de um impulso. As propriedades de Yaegle e Keys são a localização ideal. É a oferta mais generosa dos desenvolvedores.”

“Nem todo mundo na cidade concorda.”

“Tem uma questão onde eles concordem?” O conselheiro cruzou seus braços sobre seu substancial peito barril. “O impasse do Major era Oakley Keys. Eu nunca vi um homem mais determinado a se manter numa posição. Seria de se pensar que o tolo não apreciase o valor do dinheiro. Espero que o detetive resolva esse caso logo, já que está rolando muita fofoca por aí. Fofoca pode significar morte numa cidadezinha.”

Darcie entrou na conversa. “Mas geralmente há verdade na fofoca, não? Eu ouvi outro dia, da sua secretária, Adah Karbowski, que Nanette Keys estava tendo um caso com Earl Yaegle.” Darcie bateu seus cílios.

Nem Drayco nem o conselheiro disseram algo por alguns momentos. Randolph Squier limpou sua garganta, e então ralhou com sua esposa novamente. “Lembre-se do que eu disse sobre rumores, Darcie. Estou certo de que o Sr. Drayco não veio hoje à noite para ouvir papo furado. Cuidado para que ele que não tenha a impressão de que você é uma abelhuda comum.”

Inabalável, Darcie piscou para Drayco. “Espero que ela tenha uma impressão bem melhor de mim do que esta.” Ela se esticou para ele em direção à garrafa, tornando difícil ele não notar o corte baixo que o vestido dela tinha.

Era mais seguro para Drayco estudar as grandes pinturas a óleo na parede. “Um artista local, conselheiro?”

“Uma reprodução de uma ilustração de caça de Frank Stick da escola Brandywine logo acima da península do Delmarva. Eu gostei da cena, mas precisava de algo mais grandioso, então pedi ao pessoal para recriar.”

Grandioso era uma palavra apta. A moldura do tamanho de uma mesa sozinha deve ter custado centenas, o suficiente para deixar a National Gallery com ciúmes. Drayco perguntou, “Então você é um

caçador.”

“Um pequeno grupo de nós formou um clube de caça local. Earl Yaegle é um dos membros. O nascer do sol no pântano, as asas batendo das aves aquáticas, não tem melhor. Você devia vir com a gente. Imagino que você saiba usar armas.”

“Prefiro caçar informações.”

Darcie alcançou o Drayco novamente na garrafa. Ela colocava apenas um pouquinho de café na xícara dela por vez, o que deu a ela desculpas para ir pegar mais. Dessa vez, ela colocou uma mão quente na coxa dele enquanto se sentava de volta, como se para se firmar. Era difícil de acreditar que o marido dela não estava notando o comportamento paquerador da esposa. Drayco arriscou uma rápida espiada em Squier. A veia púrpura havia reaparecido.

A situação esquisita pairou no ar como um monte de balões d'água sobre a cabeça de Drayco, mas ao mesmo tempo, o toque de Darcie foi — não inteiramente desagradável. Foi assim que começou com o Oakley?

Usando os Jepsons como desculpa, ele se retirou o mais rápido possível, feliz de se desembaraçar do domínio sufocante do solar do cipreste. Ele saiu no ar gelado da noite e inspirou fundo. Ele foi recebido não com a tranquilidade que esperava, mas pelos trinados tingidos de púrpura e em tom alto dos sapos americanos que Maida havia mencionado de passagem. Era a temporada de procriação.

Nanette Keys e Earl Yaegle tendo um caso? Talvez Darcie tenha elaborado a coisa toda, mas por quê? E tinha o próprio Randolph Squier, com tanto ciúmes torcido em seu DNA, que assassinar o Oakley teria sido compulsório para ele. Drayco tentou catalogar todos os detalhes da casa do Squier, particularmente as armas, mas seu inventário mental foi interrompido com visões de dentes brancos e lábios rubi sorrindo de volta para ele.

Capítulo 13

Quarta-feira, 17 de março

Na manhã seguinte, o dia do funeral de Oakley, amanhecido com nuvens cinza desiguais e uma surpreendente ligação de Nanette, que queria ver o Drayco novamente, desta vez na casa dela. Ele pegou o endereço e passou pelo distrito histórico, numa área ao norte do pequeno porto pitoresco.

O Starfire bateu de nariz em uma saída na rua de areia, e quanto mais longe ia, mais deserta a paisagem se tornava. Não estando longe do litoral, ele não ficou surpreso quando uma garça voou por cima da estrada. Ele tentou antever os pinheiros desgrenhados de Virginia e a grama *andropogon* substituídos por futuros condomínios de aglomerados de madeira.

Ele tentou também adivinhar onde a propriedade de Keys terminava e a de Yaegle começava.

Nanette se encontrou com ele à porta, dando um rápido olhar ao redor do pátio atrás, antes de convidá-lo a entrar. Drayco estava grato pelo abrigo, o vento começando a cortar as suas calças finas. A casa era uma pequena casa de campo de dois quartos, circundada por uma varanda transpassada com vistas para a beira da água. As peças de mobília incluíam um sofá vermelho ponta de sangue mal combinado e uma cadeira amarelo vara-de-ouro — que deu a ele a impressão passageira de estar dentro de um McDonalds — com almofadas de decoração tentando esconder pontos gastos.

Uma mesa de centro feita à mão tomava a melhor parte de uma parede. Deve ser o original de Oakley Keys sobre o qual Nanette o havia contado, mas mesmo esta mal tinha acessórios. Dando uma olhada na humilde mobília, poucas pessoas teriam culpado a Nanette por querer ordenhar a vaca do dinheiro do desenvolvedor até o final.

A paisagem ao redor da casa consistia de algumas poucas árvores e pouca coisa mais, apesar de uma olhada pelo batente da janela revelar uma pequena, mas mais elaborada, plantação aos fundos. Cercada por um leito de conchas, se destacava contra as gravas de inverno cáqui. Ele apontou isto para Nanette e perguntou, “Você é a jardineira?”

“Foi criação do Oakley. Quando nos mudamos para cá, ele encontrou uma pedra incomum em formato de coração. Ele acrescentou os bancos e a treliça ao redor e plantou o salgueiro-chorão e vinhas de passiflora. Ele o chamava de seu templo da vida, passando boa parte da manhã aqui assistindo o nascer do sol.”

“Ele cuidou bem daqui. Como você com a sua casa. Está imaculada.”

“Depois que o detetive e os assistentes vieram aqui no outro dia, fiz aquela limpeza aqui, do chão ao teto.”

Ela desmoronou no sofá vermelho e embrulhou os braços ao redor de si própria, como se para se conter em sua tristeza, evitar que ela derrame. “Preciso ser honesta — quando Oakley me disse que queria te contratar, fiquei furiosa.”

Ela mordeu o lábio, soltando um pontinho de sangue, que ela limpou. “Tivemos nossos altos e baixos. Mas ultimamente, Oakley parecia mais confortável com seu lugar na vida.”

Ela começou a sorrir, mas os cantos de seus lábios descaíam como se cansados demais para o esforço. “Ele estava se controlando na bebida. E assinou um novo contrato para um livro.”

“Qual era o tópico do livro?”

“O esvaecimento dos pontos de referência nos Estados Unidos, um tema do qual gostava. Não conseguia entender porquê ele te contrataria e arriscaria provocar mais animosidade com Earl Yaegle.”

Drayco estudou os olhos inchados dela, seu queixo tremendo, unhas roídas. Apesar de um dos principais suspeitos pelo homicídio do marido, e a revelação recente de seu possível caso amoroso, esta não era outra Elaina Cadden. A tristeza dessa mulher era genuína. “Ele queria que eu encontrasse incriminador contra o seu vizinho?”

“Essa foi a primeira coisa que pensei.” Nanette fez uma pausa, olhos mirando para o teto.

“Alguma razão para ele fazer isso, além da venda da propriedade?”

Drayco estava jogando verde por uma admissão de seu suposto caso com Earl, mas se ela era culpada, não estava pronta para admitir. Ou Darcie sonhou a coisa toda.

Ela disse: “Essas viagens a negócios dele, quando ele ficava inalcançável por uma semana ou duas por vez. Poderia ter algo q ver com isso.”

“Com que frequência?”

“Três ou quatro vezes ao ano, geralmente perto do natal. As viagens pararam a uma década. Acho que eu tinha medo de que houvesse outra família—você leu sobre homens com vida dupla. Parece besteira, e eu não te pedi para sobrecarregar com minhas teorias da conspiração.”

Nanette suspirou. “Apesar de ser irônico, já que o próprio Oakley sempre gostou de quebra-cabeças.” Ela olhou para fora, para os canais pantanosos circulando preguiçosamente até o mar. A garça azul se apoiava em uma perna na água rasa, esperando um pouquinho para um sapo sem sorte aparecer. Drayco aguardou, também, sentindo que a sua companhia estava debatendo o quanto ela estava disposta a contar a ele.

Ela passou uma mão por seu rosto. “Eu hesitei em mencionar... mas vem me incomodando todos esses anos. Agora que Oakley se foi, tenho vontade de obter uma resolução.”

Ela ficou tentando sorrir, mas falhava terrivelmente. “Oakley e eu mudamos para cá depois que nos casamos. Eu era uma noiva jovem, apenas dezesseis anos. Eu nunca entendi porque ele escolheu esta área para viver. Especialmente porque ele planejou escrever livros, e poderíamos ter vivido em qualquer lugar. Ele era originalmente de Londres e alimentei a vaga esperança de que pudéssemos nos instalar lá. Mas Cape Unity é aonde Oakley queria vir. Disse que gostava da paz e do sossego, a falta de interrupções. Pelos primeiros meses, foi agradável. Então eu tive um aborto e descobri que não podia mais ter filhos, o que frustrou demais o Oakley. Em resumo, com o contrato do novo livro, as coisas pareciam promissoras pela primeira vez em, bem, décadas.”

“Há quanto tempo ele começou a trabalhar no livro?”

“Cinco anos, mais ou menos.”

“Ela já enviou o manuscrito?” Quando ela balançou a cabeça, Drayco perguntou, “Eu poderia vê-lo?”

“Leve-o com você. Não consigo reunir forças para lê-lo.” Ela se dirigiu a uma sala aos fundos, retornando com uma pilha grossa de papéis que ela lhe entregou.

Ela não se sentou novamente, olhando timidamente para Drayco ao voltar e pegar uma fotografia. “Esse é o Bendek. O nome significa ‘abençoado’ em polonês. Ele tem seis anos. Não contei a ninguém exceto a uns colegas no trabalho, mas Oakley e eu estávamos tentando adotar uma criança. Estávamos economizando nosso dinheiro, bem antes de todo esse problema do desenvolvimento. Foi ideia do Oakley de adotarmos uma criança polonesa, porque ele tinha um amigo da faculdade da Polônia que morreu no último ano. Sua forma de honrar a memória do colega de quarto.”

Um garoto com um sorriso com buraco entre os dentes olhava de volta pela fotografia. Ele tinha cabelo escuro carvão e olhos marrons com manchas de conchas tipo noz pecã preta, lembrando um dos amigos de infância de Drayco de quem perdeu contato, um dos muitos que ficaram com o segundo lugar ao piano. “Você vai seguir em frente com a adoção?”

“Se eles concordarem. Nossa solicitação já estava aprovada, mas era baseada em nós enquanto casal, não em mim enquanto mãe solteira. Apesar de eu me considerar velha o bastante para ser uma avó solteira.” Ela deu o primeiro sorriso sincero desde que ele a conheceu. Mas logo se apagou. “Ser presa por matar o meu marido pode fazê-los mudar de ideia. Eu sei que sou a principal suspeita do detetive.”

Ela voltou ao papel de anfitriã. “Gostaria de uma bebida? Estou esquecendo os meus modos. Eu devia ter te oferecido algo logo de cara.”

Ele declinou, e ela acrescentou, “Se importa se eu abrir a janela? A maçaneta do radiador nesta sala quebrou e não consigo reduzi-lo. Só ligar e desligar. Fica um pouco asfíxiante.”

Ele se ofereceu para ajudar, mas ela abriu rapidamente o batente da janela antes de se dirigir à cozinha. Com a janela aberta, Drayco ouviu o grito baixo e com cor de lima da garça, bem como marolas

engolindo o litoral sem praia.

Ele aproveitou a oportunidade da ausência da Nanette para estudar a sala. Espiando uma prateleira com LPs e discos de 78 rotações, ele saltou para examinar o conteúdo. Clássicos em sua maioria, a variedade de grandes sucessos, mas algumas esquisitices. Ele parou em um desse, suas mãos suando com animação enquanto o puxava para fora.

Nanette retornou e notou o álbum em sua mão. “Algo interessante?”

“Este é um álbum do pianista Konstantina Klucze. A última apresentação dela foi aqui na cidade, na Casa de Ópera. Isso aqui é raro.”

Nanette se sentou novamente e balançou a mão na direção dele. “É claro que você pode ficar com ele. Não tem significado algum para mim. Oakley ia querer que ele tivesse um bom lar.”

Drayco reprimiu o desejo de perguntar se podia ouvir o álbum. “Ao telefone, você mencionou alguma coisa que queria me mostrar. Suponho que seja algo além da fotografia.”

“Era uma carta. A carta que instigou a espiral abaixo de Oakley.”

“Uma carta à moda antiga via correio?”

“Uma página, num envelope branco. Oakley a estava lendo quando cheguei em casa do trabalho, uma tarde. Ele ficou em silêncio a princípio. E então seu rosto se convulsionou em fúria antes de jogar a carta na lareira e correr para fora. Ele não voltou por horas.”

Ela pousou uma mão sobre o peito. “Aqui é onde tenho de admitir um pecado. Tentei pegar os restos da carta do fogo antes que fosse consumida. Tudo que eu resgatei foi um pequeno fragmento e não consegui ler nada dele. Eu o escondi e nunca contei ao Oakley o que havia feito.”

“Alguma outra carta suspeita ou e-mail que você interceptou?”

“Não há outras cartas. E Oakley tinha pavor de tecnologia. Ele nunca chegou perto de um computador.”

Drayco arriscou um palpite, “Depois que ele recebeu essa carta, ele começou a beber?”

“De vingança. Foi como se alguém tivesse trocado de personalidade com ele. A diferença foi da noite para o dia.”

“Você se lembra da data?”

“Como se eu pudesse me esquecer. Nosso aniversário de seis meses de nós nos mudando para cá.” Ela se levantou e abriu uma gaveta de uma copa, entregando ao Drayco uma sobra enegrecida de papel que ela guardou num saco de plástico. “Isso é o que resgatei.”

Drayco espiou o frágil papel através do plástico, com medo de botá-lo para fora e este se desintegrar. O cheiro chamuscado o lembrava de jornal queimado que o saudava no Lazy Crab. Poucas palavras legíveis restaram, redigidas em letra de imprensa. “Não consigo obter muitos detalhes. Um exame mais cuidadoso com um microscópio ou instrumento mais chique pode ajudar.”

“Mas é isso que eu quero que você faça.” Ela colocou a mão dela no braço dele, implorando. “Você deve achar que sou histérica, a viúva de luto tentando se salvar desesperadamente. Não me importa se isso não der em nada, eu quero te contratar. Não importa o que seja — outra mulher, dívidas, brigas em família. Eu quero descobrir a parte do meu marido que ele escondia de mim.”

Com o funeral de Oakley ao meio-dia, Drayco não queria deixar Nanette mais ansiosa. Mas ele não tinha muita esperança de que o fragmento de papel queimado décadas atrás traria informações úteis. Ele bancou o diplomata e disse a ela que ao menos daria uma olhada.

“Sra. Keys, detesto trazer um assunto difícil, mas você tem mais alguma ideia do que o entalhe no peito do Oakley, o ‘G,’ possa simbolizar?”

Nanette merecia um Oscar se o olhar de horror e repulsão não fosse autêntico. Era difícil vê-la puxando o gatilho de uma arma que espalhou os miolos do marido pelo chão. Ela tocou o canto de seu lábio que começou a sangrar novamente, olhando para o sangue em seu dedo, arrebatado. “Essa imagem fica voltando para mim, me fazendo reviver o tempo todo. Já é difícil o bastante imaginar alguém perverso o bastante para matar Oakley, mas cortá-lo dessa forma? Foi tão vingativo, tão odioso.”

Ela pausou para limpar algumas lágrimas. “Não faço ideia do que o ‘G’ signifique. A menos que represente aquele horrível desenvolvedor, Gallinger. Mas, por mais emotivos que o pessoal pró-desenvolvimento seja, não acredito que chegaria a isso.”

Havia algo de nobre na Nanette. Uma dignidade formada por anos se perguntando onde o marido estava, ou com quem, e aprendendo a manter a cabeça erguida independentemente disso. Uma força inata, uma vontade de perseverar, não importa quantos espinhos haja na jornada.

“O que você fará agora, Sra. Keys?”

“Para ser honesta, não me decidi ainda, em relação ao meu futuro ou à casa.”

“O testamento do Oakley te deixou com o fardo de lidar com a propriedade e com os desenvolvedores?”

“É isso o que o advogado me disse. Francamente, não me importaria se o Oakley deixasse a propriedade para o Peter Pan.”

Ela se levantou para levá-lo até a porta, seus olhos brilhando com esperança. Suas palavras de despedida para Drayco o deixaram se sentindo como o proverbial cavaleiro em armadura brilhante. “Serei sempre gata por como você levou minhas preocupações a sério. Não sei se mais alguém levaria.”

Enquanto Drayco subia de volta para o seu carro, ele admitiu que muitos investigadores concordariam com a parte da viúva triste histórica. Também ficariam curiosos, como ele estava, em saber por que Nanette não o havia olhado nos olhos quando ela se negou a conhecer o que a letra “G” representava. Ele pegou o saco com o fragmento da carta do banco do carona. Os dois estavam relacionados? Era um fragmento tão insignificante. Mas, novamente, a Pedra de Roseta não parecia grande coisa, também.

A caminho de volta para a cidade, Drayco dirigiu pelo lado leste da cidade onde os edifícios maiores davam lugar às casas desafortunadas ^[17]. Nenhuma dessas estava listada no Registro Nacional de Lugares Históricos. Esta propriedade sem graça pecava por falta de cor, nem as matizes vívidas dos vitorianos restaurados por expatriados mais ricos de Washington, nem o verde do dinheiro em espécie.

Um outdoor chamou a sua atenção, e ele estacionou ao lado dele. Era um típico retângulo em postes de madeira, contendo o que algum gênio do *marketing* deve ter pensado ser uma cena feliz de uma

família brincando numa pequena praia em frente aos novos condomínios. O nome Gallinger, com uma grande letra inicial “G”, ocupava um canto da placa. O que o gênio do *marketing* não podia antever era um toque pessoal de um artista local — a letra “G” havia sido besuntada com tinta vermelha que fazia parecer que a letra estava pingando de sangue.

Ou o assassino copiou a ideia da placa ou levou este gesto simbólico a novas alturas literais. O *outdoor* e a placa de madeira compensada nos limites da cidade, ambas danificadas com tinta vermelha, eram placas de raiva pontilhando a paisagem de Cape Unity como um sarampo gigante. Ou talvez como a varíola de tinta vermelha descamando na porta da Casa de Ópera. Se a Casa de Ópera sobrevivesse, alguém devia encenar *Romeu e Julieta* lá. Uma praga em ambas as casas, de fato.

~~~

Depois que o carro de Drayco se afastou da casa, Nanette sentiu uma pontada de arrependimento. Ela devia ter contado a ele? Ele parecia um bom homem, afinal. Oakley foi bonito um dia, cheio de ambição e confiança. Aquela imagem dele ficou queimada em sua memória, bem depois do desgastar do tempo e do comportamento autodestrutivo de Oakley tê-lo esfriado em um estranho virtual. Ela foi novamente à janela para procurar pelo estranho pequeno templo de Oakley. Havia tantas coisas nele que ela nunca entendeu, tantas perguntas não respondidas. Ele havia fechado uma parte de si para ela, algo que ela lutou valentemente na primeira parte de seu casamento. Mas depois de um tempo, ela desistiu de tentar.

Ela havia passado horas sobre o discurso fúnebre de Oakley, rasgando rascunho após rascunho. Era uma tarefa que ela desejasse que outra pessoa preenchesse por ela, mas quem havia restado? Os amigos de Oakley eram poucos e estavam longe.

Não era o discurso fúnebre que ela tinha em mãos agora. Era uma carta estranha que ela havia encontrado mais cedo e não sabia o que fazer dela. Mais divagações bizarras e bêbadas de uma das farras de Oakley? A reputação dele na cidade já era a de um lunático, um

maluco, e ela não queria aumentar isso após sua morte. Se ele ao menos pudesse ser lembrado como o homem com quem ela se casou há tanto tempo...

Ou essa carta era importante, algo que poderia explicar tudo que ela se perguntava sobre o marido e seu comportamento? Ela deveria ter mostrado a Scott Drayco? A carta queimada que ela havia dado a ele foi o que precipitou a queda de Oakley da graça, afinal, não era? Quando a esta outra carta, ela teria de aguardar. Talvez então ela a mostraria a Drayco. Por enquanto, era tudo que ela podia fazer para reunir força suficiente para passar pelo serviço memorial.

Ela olhou para fora da janela novamente, aos ventos uivantes formando cristas espumosas na água. O tempo estava tão feio ultimamente. Serviria como um pano de fundo adequado para o fim de uma vida deplorável.



## Capítulo 14

As rachaduras de pneu queimado nas ruas deixavam os delicados problemas de orçamento de Cape Unity evidentes. Dificultava também para Drayco evitar todos os buracos, na escuridão que se avizinhava em um céu crepuscular com nuvens. Não que as luzes da rua ajudassem, já que várias ao final da Main Street estavam quebradas.

Era bom estar do lado de fora, depois de passar as últimas quatro horas seguintes à sua visita à Nanette escolhendo mais registros na Sociedade Histórica. Nem ele nem Reece compareceram ao memorial para Oakley. Nenhum deles se sentiu bem-vindo, ou ao menos o Reece não se sentia. Drayco temia que sua própria presença seria uma distração.

Ele encostou em frente ao Novel Café. Não apenas servia café decente com refis gratuitos, além de vender livros, ele descobriu que era outro dos negócios de Earl Yaegle. Drayco esperava ter o lugar só para si, mas uma senhora idosa em um suéter preto e amarelo em crochê pressionou contra o balcão como uma banana madura demais. Ela balançou as mãos à balconista, cujo rosto e pescoço exibiam um rubor malhado.

“Ele é um traidor, isso sim.” A voz da idosa estava tão alta quanto um tremolo envelhecido permitiria, e ela balançou sua bengala para baixo no balcão. “Ele não tem nada que se vender para esses tubarões da cidade grande. Eles invadem a cidade como um furacão, colocam algumas monstruosidades horríveis e se esgueirar para fora daqui com seus lucros perversos.”

Drayco se dirigiu ao balcão. “Boa tarde, senhora. Eu não acredito que tenho a honra de conhecê-la. Sou Scott Drayco.”

Ela parou sua bronca por um instante. Gradualmente, os músculos de seu rosto relaxaram. “Você é aquele novo proprietário da Casa de Ópera. É um prazer conhecer alguém que aprecia edifícios

históricos para variar, em vez de derrubá-los quer a gente queira ou não.”

“Estou certo de que a maioria das pessoas só pensa no que é melhor para cidade, não acha?”

Ela disse: “É o que você acha, não é?” e andou para fora.

A balconista esperou até que a outra mulher saísse. “Obrigado por vir ao meu resgate, Sr. Drayco.”

“O prazer é meu,” ele leu o crachá dela, “Zelda.”

“Não temos muitos consumidores assim. Acho que era questão de tempo. Os negócios andam devagar desde—” Zelda agarrou as bordas do balcão.

“Acha que as pessoas não querem comprar livros de um suspeito de homicídio?”

Ela fez uma pausa, então levou as mãos para endireitar uma prateleira de brochuras de palavras-cruzadas em cima do balcão. “Passaram-se apenas alguns dias. Espero que as coisas melhorem, porque preciso deste emprego. Earl é um homem generoso. Sem ele, eu não conseguiria pagar pelos remédios do meu filho asmático.”

“Há quanto tempo você trabalha aqui?”

“Vai fazer dez anos mês que vem.”

Já que o elefante na sala já estava lá fora marchando, perguntar sobre Oakley parecia ser um tópico seguro. “Oakley Keys vinha aqui com frequência? Ele era um escritor e historiador, então deve ter comprado muitos livros.”

Zelda apontou para uma seção no canto. “Ele praticamente vivia ali uns anos atrás. É a seção de história de referência.”

“Uns anos atrás? Mas não ultimamente?”

“Ele parou de vir... Eu acho que foi em algum momento do ano passado. Perguntei o porquê ao Earl.”

Ela hesitou, e Drayco a instigou, “O que Earl disse?”

“Ele não queria falar sobre isso. Parecia irritado. Eu não trouxe mais o assunto.”

“Quais eram as suas impressões sobre Oakley? Além de ser consumidor.”

“Ele era bonzinho. E ótimo com crianças. Sempre parecia estar aqui quando tínhamos a hora da história para crianças. Ele se oferecia

para ler a elas algumas vezes.”

“Depois que parou de vir à loja, você viu o Oakley pela cidade?”

“De vez em quando. Ele era amigável o bastante. Acenava, perguntava sobre os negócios, as crianças, meu filho. Coisas assim.” As mãos da Zelda não seguravam mais o balcão. Bom. Uma pequena vitória.

Ele disse: “Posso ajudar um pouco com os negócios. Alguns livros da área de história. E a Casa de Ópera, se você os tiver.”

Para sua surpresa, a loja tinha uma coleção extensa e variada. Drayco pousou um olhar pensativo na seção de viagem antes de comprar alguns livros e pedir uma biografia que Reece mencionou sobre Konstantina Klucze. Reece disse que a pianista foi morta depois de retornar de Cape Unity para a Inglaterra. A partir da escassa pesquisa que Drayco podia fazer por meio de seu *smartphone* — quando conseguiu uma conexão por mais que alguns minutos — ele descobriu que Konstantina foi assassinada, o culpado desconhecido. Talvez o livro sugerisse alguns potenciais suspeitos.

Enquanto se dirigia por corredores estreitos em direção à saída, ele folheou um de seus novos livros, um título sobre preparar a xícara de café perfeita. Moedores, filtros dourados, uma prensa de café? Quem diria?

Alguém à frente dele bloqueou o caminho, forçando-o a olhar para cima. Darcie Squier estava plantada ente ele e a porta. Com dois passos rápidos, ela se aproximou, prendendo-o às prateleiras atrás. “Que bom te encontrar aqui,” ela ronronou. “Depois de nosso jantar na noite passada, Randolph e eu estávamos conversando como é interessante você aparecer em nossa cidadezinha mansa — e de repente, temos um homicídio.”

O tom dela estava encoberto por censura, mas seus olhos faiscavam como um prisma de parélio. “Você deve ter intimidade com crimes e todas as paixões que eles despertam.” Ela prolongou a palavra paixão em três sílabas.

Darcie alisou os contornos de seu vestido. Ela definitivamente tinha a forma que um vestido assim adorava, acentuando cada curva. Ela umedeceu seus lábios, olhando para ele do jeito que o vizinho de Drayco, Abyssinian, fez quando estava pronto para saltar. “Com

assassino perigoso à solta, é confortante saber que você está por perto, Scott. E o detetive, claro.”

Drayco se lembrou da oferta de Maida para ser seu guarda-costas e olhou ao redor por possíveis avenidas para escapar. “Estou certa de que o detetive é grato por sua confiança nas habilidades dele.”

Darcie o examinou da cabeça aos pés como fez na mansão do cipreste, como se medindo suas habilidades a um nível mais pessoal. “Foi o Earl Yaegle. Quer dizer, se me oferecessem milhões de dólares por terra e alguém ficasse no meu caminho, eu faria alguma coisa.”

O jeito que ela disse “alguma coisa” acendeu lâmpadas no cérebro dele. Ela tinha um sotaque regional difícil de encontrar em outro lugar, não tanto Tidewater como Tangier. “Você é desta área, Sra. Squier?”

“É Darcie, lembra-se? E eu cresci em Tangier Island, apesar de termos saído de lá quando eu era jovem. Já ouviu falar?”

“Peguei um pequeno avião para lá uma vez. Uma história e tanto, aquela ilha. O capitão John Smith, piratas, os ingleses usando-a durante a Guerra Revolucionária. Alguns residentes têm um sotaque mais elisabetano que o seu, apesar de você soar um pouco como Seth Bakely. Ele é de Tangier?”

“Creio que sim. Várias pessoas em Cape Unity são de lá.”

Ele havia percebido as dicas de sotaque antes, mas os anos dela longe da ilha o enfraqueceu. Nada de “buom” em vez de “bom,” ou “cê” em vez de “você.”<sup>[18]</sup> Era esse o problema com o caldo cultural, todos os sabores começavam a ter o mesmo sabor.

Darcie se posicionou mais próxima de Drayco, enquanto o quase esquecido livro balançava em sua mão. Os lábios dela estavam hipnoticamente mais próximos, sua respiração morna no rosto dele e cheirando a canela e álcool—não bebida, mas o distinto odor de enxaguante bucal fresco. Ela veio preparada para isso?

Ele soltou o livro de preparar café, onde caiu com um baque. Dobrando-se para pegá-lo, ele se afastou de Darcie, se esbarrando na exposição de livros em uma prateleira. “Oops. Sou tão desajeitada. Foi ótimo me esbarrar contigo,” ele mentiu. Talvez apenas uma meia-mentira. Ok. Não era mentira alguma. Ele não estava correndo dela

porque não queria vê-la, mas por causa da parte dele que se mexia com o prospecto de se aproximar dela.

“Estou certa de que nos encontraremos novamente.” A expressão de Darcie era agora de um gato abissínio lambendo seus lábios com gatária. “Mais cedo, em vez de mais tarde.”

Drayco subiu no Starfire, se recusando a reconhecer sua atração crescente por Darcie. Além disso, se a figura do outro lado da rua a partir da loja de armas de Earl era Darcie, parecia que ela o estava perseguindo. E quando aos flertes dela? Ele era “carne fresca” como o detetive sugeriu, ou era uma orientação errada, para cobrir o fato de que ela se importava com Oakley? Ela projetou o ar de alguém numa expedição de caça — seja para ele, ou por informação, era difícil dizer.

Ficava escuro no meio-Atlântico nesta parte do ano, mas sem olhar para trás, ele deu uma olhada em Darcie indo embora. Na pressa de colocar uma distância entre eles, ele só de um olhar de passagem em direção ao sedã preto estacionado no meio-fio atrás dele, um carro que era vagamente familiar. Ele poderia ficar dias ou semanas em Washington sem esbarrar por uma alma que conhecesse. Todo carro por aqui estava começando a parecer com um velho amigo.

Ele deu uma rápida olhada nas estrelas pelo seu pára-brisa. Num céu tão escuro quanto este, era fácil ver parte da Via Láctea e suas constelações. Devia ter trazido o seu telescópio. Ele encostou o carro e saiu para dar uma melhor olhada. Tinha Câncer, apropriadamente— o caranguejo. Leão estava lá. Esse era o Squier, rei de sua selva. E Darcie? Que constelação se encaixaria melhor nela? Hidra, a serpente d’água. Ou, melhor ainda, Orion, o grande caçador perseguindo machos desafortunados. Oakley seria a Ursa Menor, o urso menor.

De volta à rua, ele passou pela cidade e viu um grupo num estacionamento. O grupo de garotos adolescentes à esquerda usava o mesmo tipo de *jeans* e os famosos tênis *athlete-du-jour* como em escolas particulares do tipo de Georgetown Day ou Sidwell. À direita, um grupo de homens jovens com cabelo escuro e complexões cor de oliva usavam moletons extra-grandes e rebeldia. Nenhum emblema de gangue em lugar algum, só alguns cortes e contusões.

Um carro com luzes piscando e o letreiro de delegacia do detetive

ao lado ficavam no meio, com um assistente falando com um garoto na traseira do carro de patrulha. Esta mesma cena ocorria em estados fronteiriços ao sul ou num bando de cidades maiores, exceto que só agora estava chegando a Cape Unity. E era também provável porque muitas pessoas na cidade achavam mais palatável culpar um forasteiro pelo assassinato de Oakley.

Mas não era um forasteiro quem era o principal suspeito, e se o Drayco ficasse por perto por muito tempo, provavelmente veria o detetive prender Nanette Keys. Outra disputa marido-mulher letal. Lembrando-se de sua conversa com Nanette mais cedo, e sua sincera súplica, ele já não se sentia como um cavaleiro branco naquele momento.

Ele voltou ao Lazy Crab, encontrado à porta por Maida, que fez um gesto para ele, sem palavras, para a cozinha. Seu rosto pálido tinha traços de lágrimas deixando camadas vermelhas. Pilhas de pratos sujos estavam intocados na pia, e o fedor de comida assada num crocante enegrecido no fogão estava suspenso sobre a sala. “Tenho notícias terríveis, Scott.”

De alguma forma, ele achou que não estivesse relacionado ao resultado da briga. Uma meada de mau presságio subiu pela sua espinha. “O que aconteceu, Maida?”

“O detetive ligou. É Nanette Keys. Ela foi assassinada mais cedo hoje. Em algum momento após o funeral.”

## PARTE DOIS

Tudo que eu quero está desbotado e se foi.  
Vago em angústia, sozinho e triste.  
O sol se foi do meu céu.  
E devo languescer aqui neste lugar sem amor.

—Da canção “Eu quero e não tenho,” poema de Bohdan Zaleski,  
música por Frédéric Chopin



## Capítulo 15

Quinta-feira, 18 de março

As pequenas janelas o cercavam em um círculo de olhos de vidro imperturbáveis. A pressão continuava a crescer, ele sentia em seus ouvidos e crânio. Não como voar alto, mas mais como mergulho em águas profundas. Ele estava caindo rápido, com os destroços de naufrágios boiando. O rosto apavorado de Callie Cadden ficou rebocado contra uma janela, como se aderido por uma ventosa. Calvin Cadden logo seguiu para outra janela, suas mãos pequenas arranhando o vidro. Um som que Drayco ouviu atrás dele se somava à sinfonia horripilante, e ele se virou para ver Oakley Keys numa terceira janela, um “G” vermelho gotejando em seu peito, batendo insistentemente com suas juntas enquanto Nanette se juntava a ele, a pele dela pálida e azul.

Com os rostos repreensivos ao seu redor, a pancada foi ficando cada vez mais forte e intensa, até que ele acordou suado. Mas a batida continuou e logo se transformou na voz preocupada de Maida. “Scott? Você está bem? Você disse que se levantaria às sete, e já são oito da manhã.”

Ele estava grato por ela interromper o seu último pesadelo, mas ele estava profundamente tentado a cochilar até o meio dia. Ele não gostava de tomar comprimidos e declinou da oferta de Maida na noite passada de melatonina, esperando que o plano alternativo dela de leite quente e um sanduíche de peru funcionassem. Ele não tinha estômago para mais tônico da Maida agora.

Onde estava uma garrafa de Manhattan Special quando você precisa? Se ele estivesse em casa em Washington, ele teria se levantado às quatro da manhã, desistido de dormir mais, e afundado seus dedos numa sonata de piano do Prokofiev, grato por estar na última unidade e seu único vizinho era difícil de ouvir.

Ele se vestiu às pressas, não querendo perder o compromisso que

marcou após Maida ter lhe dado as notícias sobre Nanette. Mas primeiro, ele fez uma ligação para cancelar a sua reserva para a viagem ao México.

O escritório do detetive Sailor estava enfiado dentro de uma antiga fábrica de processamento de peixe comprada pela cidade uma década atrás e renovada por sua equipe o ocupantes da cadeia. Drayco se sentou do outro lado da mesa do detetive com suas bandejas coloridas arrumadas tão direitinho que Sailor deve ter usado um prumo. Nas paredes, artefatos da encarnação anterior do edifício—um peixe montado e removedor de escamas *vintage* em forma píscea.

O detetive notou o escrutínio de Drayco dos objetos. “Algumas lembranças de uma era que se foi. Levamos meses para tirar o cheiro desse lugar. Levei um ano para voltar a comer peixe novamente. Foi croquete de caranguejo do Seafood Hut que me trouxe de volta do abismo.”

Sailor bocejou três vezes seguidas. “Ficamos até tarde na casa dos Keys. Creio que você disse que tinha algo para conversar. Por favor me diga que resolveu tudo e que posso tirar um cochilo.”

Drayco afundou de volta na poltrona de carro da cadeira giratória, grato pelo espaço extra para as pernas. “Nanette Keys me convidou para a casa dela ontem de manhã antes do serviço. Ela queria me contratar, também.”

O detetive se sentou reto. “Outro cliente morto? Me perdoe por ser duro, mas querer te contratar é o beijo da morte. Explicaria o conjunto de marcas de pneu na entrada da garagem que não batia com o carro da Nanette ou com o carro do amigo que encontrou o corpo. Vamos tirar uma impressão de seus pneus. E acho que vamos encontrar digitais de suas patas na casa.”

A cabeça de Drayco se encheu de imagens da Nanette na casa dela ontem, tão esperançosa, depositando sua confiança dele. Ele deu boas-vindas às recriminações do detetive. Ele deixou de ver algo, e agora ela estava morta.

Ele fez uma varredura de mapas mentais do leiaute da casa dela e voltou a pensar em cada palavra que a Nanette disse, esperando descobrir porque ela virou alvo apenas há poucas horas após ele ter ido embora. O assassino se escondeu na casa o tempo todo? Nanette

abriu uma janela, e se alguém estivesse emboscando dentro, isso daria uma oportunidade para ouvir. Mas houve algo que eles discutiram que levaria a homicídio?

Ele resmungou, “Leve o que quiser. E não, clientes em potencial geralmente não morrem no minuto que me contratam.”

Sailor esfregou os olhos. “Qualquer advogado com auto-respeito, incluindo seus ex-amigos do FBI, achariam isso difícil de ignorar. Dois clientes, ambos assassinados logo após você marcar um encontro com eles?”

“Você quer que eu recue.” Isso não era surpresa. Drayco previa isso.

“Facilitaria as coisas em algumas formas. Isso está virando uma grande orgia.” O detetive pegou um lápis e o rolou ao redor de sua mão.

Nenhum deles falou por vários momentos. A porta fechada abafava qualquer som do corredor, e o zumbido de dentro das entranhas do computador e a cafeteira pareciam trovão na quietude. Barulhos de máquinas, para Drayco, eram como unhas no quadro-negro para a maioria das pessoas. Ondas de bolor verde, ou se tivesse sorte, solavancos de pele de foca e de peltre.

Sailor colocou o lápis de volta à mesa. “Porque Nanette precisava de sua ajuda?”

“Nanette disse que queria um desfecho.” Drayco cautelosamente pegou o saco de plástico de sua pasta e colocou à mesa. “Isso é o ponto crucial da questão.”

O detetive examinou o fragmento, do tamanho de uma ficha catalográfica. “Parece um documento. Chamuscado nas bordas. Uma carta? Uma conta?”

“Uma carta enviada a Oakley Keys pouco depois de ele e Nanette se mudarem para cá. De acordo com Nanette, deixou o Oakley tão irritado que ele a jogou no fogo. Suas mudanças comportamentais começaram desde então.”

“Que mudanças? Dr. Jekyll ou Sr. Hyde?”

“Oakley começou a beber bastante e se tornou fechado em si mesmo. Nanette tinha medo de que a carta e suas viagens secretas a negócios significassem que ele estava escondendo uma vida dupla.”

“À luz dos outros casos de Oakley, vejo porque.”

“Mas, no fundo, acho que ela não acreditava.”

“Ela queria que você investigasse a vida dupla dele?”

“Não diretamente. Apenas isto.” Drayco apontou para o fragmento da carta. “Foi onde todos os problemas deles começaram. Ela esperava que, se eu resolvesse o mistério da carta, explicaria sua mudança drástica de caráter e porque queria me contratar.”

O detetive Sailor entrecerrou os olhos diante do fragmento à mesa. “Pouca coisa para ir em frente.”

“Foi o que eu disse a ela. Já que pode ser evidência, acho que eu não devia ficar com ele.”

“Fico feliz de você ter trazido para cá.” O detetive examinou o rosto de Drayco. Com um olhar intencional, acrescentou, “Vai querer uma cópia?”

Sailor conseguiu surpreendê-lo pela terceira vez. E Drayco acenou em agradecimento. “Não sei se vai ser possível, de tão frágil que é.”

“Somos uma delegacia pequena. O condado de Prince of Wales tem só dez mil residentes, afinal. Não temos um daqueles laboratórios de criminalística elaborados. Nosso novo investigador criminal, o único além do Jake, tem treinamento em documentos forenses. Vou pedir a ela para dar uma olhada primeiro. Se for preciso, enviaremos a um laboratório estadual. Mas entre o sangue, balística e cadáveres que enviei esta semana, acho que estão cansados de ter notícias minhas.”

O detetive deu uma olhada na janela de vidro de segurança na janela de seu escritório e imediatamente se levantou de sua cadeira. Depois de ir em direção a uma mulher do corredor, ele disse: “Este é o investigador sobre o qual te falei, Nelia Tyler. Tyler, este é Scott Drayco, um consultor de Washington.”

Nelia apertou a mão de Drayco. “Eu te vi na cena do crime. Você é o infame novo dono da Casa de Ópera.”

“Culpado.”

Nelia sorriu. “É melhor não usar essa palavra aqui. Você pode se ver preso mais rápido do que dizer Paddy Bakely.”

“Entendo que preciso te agradecer por manter o piano da Casa de Ópera sem danos.”

“É um belo instrumento. Eu adoraria vê-lo sendo tocado.” Ela estava nos seus 30 anos, tinha 1,78m, a mesma altura do detetive, com seu cabelo loiro preso em uma trança. Não é o que se diria linda de morrer, mas também não era sem-graça. E seus olhos marrons mocca eram claros e brilhantes com um toque de travessura. Ela era a única mulher assistente que ele viu em Cape Unity, mas deve haver outras. Sailor não parecia do tipo sexista.

O detetive entregou a ela o fragmento de carta da Nanette. “Acha que consegue tirar algo disso aqui?”

Ela pegou o saco pelas bordas e deu uma espiada. “Já vi piores. Isso está relacionado ao assassinato da Nanette?”

Drayco falou. “É um tiro no escuro. Mas gosto de atirar assim.”

Ela cutucou um cabelo perdido atrás da orelha. “E eu adoro um desafio.”

Drayco puxou um envelope grosso da pasta aos seus pés e a colocou na mesa do detetive. “Aqui tem mais material para leitura, o manuscrito de Oakley para o seu novo livro. Ele tinha um capítulo 1 inteiro sobre Cape Unity, culpando Randolph Squier por destruir a arquitetura local. Ele também escreveu que o Squier ia comprar a Casa de Ópera e demoli-la para restaurantes e lojas para gerar mais renda para seu hábito secreto de peculato. Tenho a sensação de que o editor de Oakley teria removido essas bombas incendiárias para evitar ser processado.”

Sailor folheou ociosamente os cantos de uma pilha de papéis em sua mesa. “Eu me lembro de ler que um balconista da cidade fez acusações de peculato anos atrás. Não citou nomes. Mais tarde, desdisse a sua história.”

Nelia se intrometeu na conversa. “Qual é a idade do manuscrito?”

Drayco sorriu—ele perguntou à Nanette a mesma coisa. “Oakley o começou cinco anos atrás.”

Nelia acrescentou, “Isso coincidiria com o caso amoroso de Oakley com Darcie Squier. Oakley pode ter escrito o capítulo para desacreditar Squier. Ou para incriminá-lo e tirá-lo do caminho. Se for verdade e se o Squier sabia do documento, pode ser outra razão para o Squier querer o Oakley morto.”

Sailor disse: “Pode ser. Não explica o assassinato da Nanette.”

Drayco entregou o envelope. “E se o Oakley foi assassinado porque ele não queria vender a terra, porque ela seria assassinada porque ela o fez? A menos que ela descobriu quem matou o marido.”

“Se ela o fez, eu queria que ela nos tivesse confiado esse segredo.” Sailor olhou para sua assistente. “Já que estou entregando deveres de casa hoje, te darei custódia do manuscrito, Tyler. Verifique esse ângulo do peculato, também. Chame Jake Giles para te ajudar.”

O detetive esperou até que ela não pudesse ouvir. “Malditas credenciais boas. E antes que você faça algum gracejo, falo sério. Temos sorte de tê-la, já que quase a perdemos para o direito. Além disso, o emprego a força a ter um casamento à distância.”

“ela é casada? Não vi um anel.”

“O marido da Tyler é um advogado em Baltimore. Ele tem esclerose múltipla, do tipo primário progressivo. Ele anda de bengala agora. Tyler não fala sobre isso, mas dá para ver que é difícil para ela.”

Sailor se esticou e pegou uma foto. “Encontrei isto numa mesa na casa dos Keys.”

Drayco deu uma olhada. “É o Bendek.”

“Bendek?”

“Uma criança da Polônia que os Keys iam adotar. O que faz dele mais uma vítima, de certa forma. Acho que ele vai continuar órfão.”

Sailor encarou o rosto bochechudo da criança na foto. “A esposa e eu pensamos em adotar uma vez.” Ele olhou para a foto e a colocou cuidadosamente à mesa.

“Encontrou mais alguma coisa na casa da Nanette, detetive?”

“Nada mudou desde o assassinato de Oakley, com uma exceção.” O detetive parecia ter dado um gole de leite um mês após a data de vencimento.

Drayco disse. “Eu não vou gostar disso, vou?”

“Havia uma caixa de arquivo de papelão, bem grande,” o detetive indicou o tamanho com suas mãos, similar a uma caixa de sapatos. “Foi a última vez e agora não é. Considerando como foi rotulada, nós verificamos após o assassinato de Oakley. Mas eram só documentos históricos.”

“*Como estava rotulada*” só podia significar uma coisa. “Era sobre a Casa de Ópera.”

“Sim. Letras grandes pretas em marcador permanente. Não viu?”

Drayco balançou a cabeça. “Nanette não sabia dela?”

“Ficou no topo de um armário de arquivos por anos, mas ela nunca olhou dentro. Supôs que era um projeto de escrita no qual estava trabalhando.”

“Um item valioso ou incriminador naquela caixa poderia ser um motivo para o assassinato dela. Ou porque o assassino acreditava que ela soubesse de algo, ou ela era uma inocente observadora que ficou no caminho do roubo.”

Sailor disse: “*Possível* observadora inocente.”

“De qualquer forma, todos os caminhos levam de volta à Casa de Ópera.” Drayco ficou de pé e foi examinar o linguado manchado montado na parede. Com a boca aberta, estava pronto para morder a isca. Drayco cautelosamente colocou os dedos nos dentes da piranha. “Você já eliminou um assassino aleatório, detetive? Passei por uma briga na qual seus assistentes estavam trabalhando noite passada. Nativos versus estrangeiros, com uma pitada de testosterona juvenil.”

“Um passageiro não faria sentido. Um assassino, Oakley ou Nanette, mas não ambos, e poucos dias de diferença. Além disso, a casa deles está longe do caminho batido e difícil de encontrar. O assassino ou assassinos sabiam como evitar serem vistos ou deixar marcas.”

Drayco disse: “Alguém que sabe como andar em ambientes externos, como um caçador?”

“Squier? Sim, pensei nisso.”

Drayco tentou não combinar os constantes bocejos de Sailor. Mas ele se sentiu obrigado a repassar mais uma fofoca. “Meu jantar com os Squier terça à noite foi revelador.”

Sailor inclinou a cabeça. “Estou impressionado de você ter escapado ileso do solar do cipreste. Apesar de o bom conselheiro manter rédea curta com a Darcie hoje em dia.”

“Não o suficiente para mantê-la longe de fazer fofoca. Ela diz que Nanette Keys e Earl Yaegle estavam tendo um caso.”

Os olhos bem abertos de Sailor combinaram com aqueles do peixe montado à parede. “Huh.” Ele coçou a cabeça. “Num lugar onde segredos são escassos, estou constrangido de admitir que não tinha

ouvido falar disso.”

“Mesmo o Squier pareceu surpreso.”

“Viria a somar aos motivos de Yaegle, mas já que os *modus operandi* não são os mesmos, é possível que estejamos falando de dois motivos, dois assassinos.”

“Arma diferente?”

“Nenhuma arma. Nanette foi estrangulada.”

“Manual ou ligatura?”

“Assalto, ao que parece.”

“Presumo que você quer dizer como em segurar o pescoço dela na curva do cotovelo?”

“Sim, mas novamente, não houve entrada forçada, sem sinais de luta, sem impressões digitais. E mais importante, sem mutilação dessa vez. Sem ‘G’ ou qualquer outra coisa. Ah, e o médico tem certeza de que Oakley estava vivo quando seu peito foi entalhado. Talvez não consciente, mas novamente, talvez sim.”

Drayco esperava mesmo que o Oakley estivesse morto naquele ponto. Mas já que não estava, isso significava que o assassino não apenas queria marcar a sua vítima, mas infligir dor e terror antes de ele morrer. O ângulo psicopata novamente. Ele tentou não pensar no momento de terror da Nanette enquanto era estrangulada, lutando por cada último suspiro. Mas pensou, e seu próprio peito se apertou por um breve momento.

Ele deslizou de volta para sua cadeira e encarou uma sujeira no chão que deve ter se soltado das solas de seus sapatos. “Tem um *outdoor* no lado oeste da cidade, um anúncio para o Gallinger.”

“com o círculo vermelho e barra sobre o ‘G’?”

“Estava lá faz muito tempo?”

“O *outdoor*, sim. O círculo, não temos certeza. Um de meus assistentes o viu depois de Oakley ser morto, não antes. Pode ser o trabalho do mesmo cara.”

“Ou o ‘G’ do Oakley pode ser o trabalho de um imitador ou cúmplice.”

“Pensei nisso. Ninguém reivindica responsabilidade pelo *outdoor*, que surpresa.”

“Em Washington, artistas do grafite assinam o próprio trabalho,



geralmente um símbolo ou apelido.”

“Nada aqui.” Os círculos escuros sob os olhos de Sailor eram fundos demais para terem se acumulado de uma noite sem dormir. Da próxima vez, Drayco traria um espresso com doses extras.

Drayco percebeu que ele estava tamborilando os dedos na mesa do detetive quando Sailor apontou. “Você faz muito difícil. Difícil abandonar velhos hábitos?”

“Acho que sim. A música toca na minha cabeça constantemente. Uma parada que grudou na cabeça.”

“O que está tocando agora?”

“*Dies Irae*. Traduz-se como dia de ira.” Drayco tentou se lembrar da última vez que teve uma música alegre como música de fundo mental. Nada veio à mente, a menos que ele contasse a ária de sedução de *Carmen* quando botou os olhos em Darcie Squier pela primeira vez. E ele realmente não queria contar essa.

Drayco perguntou, “Além de Earl Yaegle, mais alguns suspeitos no topo de sua lista para ambos os assassinatos?”

“Dependendo de qual assassinato e qual motivo, temos alguns para casa. Provavelmente Seth ou Paddy Bakely. Nanette era uma assistente social e um de seus colegas de trabalho—o mesmo que a encorajou a comprar a arma—trouxe uma caixa de pertences pessoais, esta manhã, da mesa da Nanette. Havia uns itens que Seth deu a ela depois que ela o ajudou com Paddy. O colega de trabalho disse que os clientes geralmente se afeiçoavam pela equipe e se perguntava se o Seth ou o Paddy tinham uma queda pela Nanette. Seth e Paddy forneceram álbis um para o outro. Novamente.”

“Mais alguma coisa útil naquela caixa de efeitos?”

“Há um livro de poesia de Paddy Bakely.”

“Posso vê-lo?”

O detetive se esticou atrás de si e levantou a tampa de uma caixa. “Dê uma olhada, mas terei de ficar com ele.”

Drayco abriu o pequeno panfleto e leu os poemas. Eles eram errantes, como era de se esperar de Paddy, com imagens violentas e perturbadoras. Ele manuseou um poema no meio do livro e releu algumas linhas em voz alta. “Anjos negros estrangulam os inocentes e deixam seus bebês sem teto no frio. Todos nós choramos, todos nós

morremos, de saber o que poderíamos ter sido.”

Sailor disse: “Bom, né? Dá-lhe Robert Frost.”

“Anjos negros? Como na música do Velvet Underground?”

O detetive seguiu os seus lábios. “Nunca teria adivinhado que você é um fã de rock and roll.”

“Tenho meus momentos. Apesar de eu ter limites em relação a *piercings* pelo corpo.” Drayco virou mais algumas páginas. Os poemas de Paddy eram forragem para os sonhos eróticos de um psicólogo.

No corredor, alguém assoprou um apito de polícia, seguido de sons de risadas. Drayco olhou para cima, com uma carranca e um balançar de sua cabeça.

“Então,” Sailor acenou em direção à porta. “Como é? O lance da cromestesia que você tem. Deve ser—”

“Irresistível?”

“Eu pesquisei. Só um por cento da população tem isso. Deve ser esquisito.”

“Vários compositores tinham. Liszt, Rimsky-Korsakov, Scriabin, Amy Beach. Não é esquisito se é a única existência de que você conhece. Não faz de mim um tipo de super detetive. Na verdade, preciso trabalhar duro para evitar sofrer preconceito ou ter preconceito contra alguém por causa das cores e texturas de sua voz.”

Drayco devolveu o livreto ao detetive, que perguntou, “Não quer fazer anotações?”

“Vou me lembrar.”

“Você tem memória fotográfica, também?”

“Tecnicamente, eidética. De aprender todas essas partituras de piano. Já verificou todos os outros clientes da Nanette? Alguns desses casos de assistentes sociais ficam pesados.”

O detetive colocou uma lista de nomes à mesa. “Estamos trabalhando nisso. Meio caminho andado na lista, as coisas não estão promissoras. Nanette era boa no que fazia. Sem inimigos no mundo que possamos encontrar.”

Drayco estava para conhecer uma pessoa sem inimigos. Talvez não do tipo assassino, mas do tipo de levar uma palavra ou um descuido, não importa o quão pequeno, e o afiar numa lâmina de má intenção. “Então você não está pronto para prender alguém.”

“Se eu fosse um homem de apostar, colocaria meu dinheiro em Earl matando seus dois vizinhos. Tem a loja de armas, a faca na caçamba, seu nome do meio Gerek—do qual Oakley fazia piada, eu descobri—o dinheiro do desenvolvimento, ameaças que ele fez, e agora o caso com Nanette. Ele estava sozinho em casa ontem quando Nanette foi assassinada. Disse que estava tirando uma soneca e não ouviu nada.”

“Bela lista de lavanderia com motivos que você tem para o Earl.”

Sailor carranqueou e disse em tons aparados, “Você não está convencido.”

“Listas de lavanderia são arrumadas demais.”

“Nada arrumado em relação a esse negócio de merda. O que exatamente você espera sair dessa roupa suja, afinal?”

O que Drayco havia contado a Seth, sobre os probleminhas sujos que as pessoas ao final de suas cordas usam para se enforcar? “Meus instintos me dizem que é como aquelas imagens russas das *matryoshkas* empilhadas uma dentro da outra. Segredos dentro de segredos.” Drayco se puxou para fora da cadeira. “Acho que gostaria de fuçar mais um pouco por aí.”

Sailor jogou o livreto de poesias na caixa ao lado de sua mesa. “Tente manter o seu nariz limpo, se não as suas camisas.”

“E prometo que quando encontrar todas as suas meias perdidas no caminho, vou te bipar.”

Sailor bufou. “Ninguém é tão bom assim como detetive. Aonde vai agora?”

Ele não culpou o detetive por querer controlá-lo, mas Drayco não era do tipo que gostava de trabalhar sob uma lupa. Ele deixou esses dias para trás no FBI. Drayco emanou o seu melhor sorriso críptico. “Eu? Vou ver alguns fantasmas.”

## Capítulo 16

Drayco pegou um punhado do solo granuloso branco que sufocava as plantas no canteiro e formava pequenas dunas nas costas de camelos enterrados. A areia tinha também um jeito desagradável de se propagar para dentro dos sapatos e no chão de seu carro. Mentiras eram muito assim—te cercando, grudando em você, e se você entrasse fundo o bastante, seria impossível você conseguir sair.

A previsão exigia um possível nordestino na semana que vem, mas os ventos já estavam soprando a vinte nós. Drayco virou o colar em sua jaqueta e ficou numa parada de pinheiros para se abrigar. Ele mapeou a pequena praia que serpenteava ao redor do lote dos Keys em direção ao norte. A casa em si estava escura e quieta, um naufrago abatido.

Drayco procurou por qualquer coisa que jogasse luz na importância do “G.” era um tiro no escuro. Nada mais apareceu no pano de fundo de Oakley, mas eucaliptos e *greenbriers* não eram candidatos viáveis.

Ele andou em direção à praia sobre um tapete de agulhas de pinho, material perfeito para a ação furtiva de um assassino. Isso foi posto em teste quando Drayco sentiu, mais do que ouviu, uma presença atrás dele. Ele se virou para ver um homem nos seus cinquenta anos usando um colete laranja de caçador sobre um macacão com camuflagem. Um homem que ele agora conhecia era Earl Yaegle, depois de segui-lo da loja de armas. De altura e porte médios, a coisa mais impressionante em Yaegle era o rifle que estava apontando para Drayco.

“Quem é você e o que está fazendo em minha propriedade?” ele falou alto.

Drayco o rebateu numa voz calma. “Scott Drayco.”

O rosto de Yaegle registrou seu reconhecimento do nome, mas a arma continuou firme. “Isso responde ao quem. Agora o porquê.”

Drayco fez uma aposta. “Nanette Keys queria me contratar antes de sua morte. Senti-me obrigado a continuar em frente.”

Os ombros de Yaegle penderam na menção a Nanette. “Contratar você? Mas por que uma senhora com classe como ele quereria contratar um operador desalinhado que revira as lixeiras das pessoas?”

Gotas grandes de chuva bombardearam a ambos e Yaegle hesitou, então deixou o rifle ao seu lado. “Não quero ficar aqui me molhando. Porque não entra em minha casa? É aqui perto, por este caminho na praia.”

Drayco se admirou de como as duas casas ficavam próximas. Não se podia ver uma a partir da outra, mas só por causa da curvatura do litoral e das densas árvores bloqueando os campos visuais. A casa de Yaegle era levemente maior que a dos Keys, apesar de conter mobília mais cara, com placas do Yaegle-o-empresário-de-sucesso por toda a parte—prato de satélite, uma grande TV LCD, e sistema de entretenimento de última geração.

Yaegle levou Drayco em direção a uma cadeira de couro ao se sentar no sofá à frente, seus olhos como fendas de gato avaliando uma cobra na grama. Ele ficou em silêncio por um minuto, antes de resmungar, “Os rapazes na loja me contaram que você passou por lá fazendo perguntas. Você acha que eu matei os dois, Nanette e Oakley. Todos os outros acham.”

“Nunca suponho nada.”

“É só questão de tempo antes de a lei bater à minha porta e me levar algemado.”

Ele fez uma pausa, mas Drayco não disse nada. “E então, não vai me perguntar porque assassinei meus vizinhos? Ou porque eu quero me vender a um grande desenvolvedor da cidade? Um álibi disso ou álibi daquilo?”

Drayco olhou ao redor da sala antes de voltar seu foco ao Yaegle. “É verdade que você teve um caso com Nanette Keys?”

Chocado a princípio, o homem desinflou num monte de tristeza e colocou a cabeça em suas mãos. Ele disse, numa voz macia, que Drayco se esforçou para ouvir, “Você tem que acreditar em mim quando digo que eu amava minha esposa Tabitha. Ela era tudo para

mim, e quando ela morreu de câncer no ovário...”

Seus dedos se apertaram contra as suas têmporas. “Eu fiz alguns investimentos ruins. Tabitha entendeu. Mas eu não queria que ela entendesse, e queria que ela me odiasse e me dissesse que eu era um fracasso retumbante. Era um momento de fraqueza, dos dois lados, meu e da Nanette. Não durou muito tempo. Alguns meses.”

Ele se endireitou e passou seus dedos por sua grossa juba prateada. “Até hoje eu não sei se Tabitha sabia. Ela trabalhava tão duro, a minha esposa. Direto ela trabalhava sete dias por semana na livraria. Dos meus negócios, era o favorito dela. O que não é estranho, já que ela sonhava em ser uma escritora. Então nos casamos, e os filhos vieram em seguida. Ela desistiu de seus sonhos por mim e é assim que eu a agradei.”

Yaegle fez uma pausa, olhando para seus sapatos úmidos com cor de camuflagem, que ele tirou e virou de cabeça para baixo. “O detetive sabe?”

Drayco acenou com a cabeça. “Mas não é prova de que você matou alguém. Alguns podem dizer que você não tem razão para matar a Nanette. Você estava apaixonado por ela?”

“Eu gostava da Nanette, a admirava, mas não estava apaixonado por ela. E certamente não a matei.”

“Se a sua esposa Tabitha sabia do caso, você acha que ela teria retaliado? Um caso com Oakley?”

Yaegle não hesitou. “As chances de eu ganhar na loteria são maiores—em dobro—do que Tabitha ter um caso. Especialmente com o Oakley. Ela era à moda antiga. Além disso, entre todas as horas que ela passava trabalhando na loja, criando as crianças, cuidando de casa, ela mal tinha tempo para respirar.”

“Oakley sabia do seu caso com a esposa dele?”

Yaegle balançou lentamente a cabeça. “Nossa disputa começou bem depois disso. Mas acho que isso explicaria sua determinação em não vender a sua terra. Para se vingar de mim.”

“E ele nunca te disse por que não queria vender?”

“O que é estranho, não acha? Qualquer pessoa comum tentaria me fazer mudar de ideia, discutiria comigo, para ver o lado dele. Mas quando os desenvolvedores o abordaram, ele se recusou a vender. E

quando ele descobriu que eu queria aceitar a oferta deles, ele parou de falar comigo.”

Um som crepitante da cozinha veio ao ouvido de Yaegle. Ele se apressou para pegar o pote de sopa cremosa de molusco que estava esquentando no fogão, agora fervendo e deixando uma bagunça grudenta pingando pelo fogão. Parte dele caiu em um bico de gás, enchendo a sala com o cheiro de leite escaldado.

Sua ausência permitiu a Drayco estudar a mesa de cerejeira negra entalhada em frente ao sofá, com um padrão de marchetaria e ramos de hera entrelaçados. Ele traçou o trabalho em uma das pernas, enquanto Yaegle retornou com desculpas pela interrupção.

Yaegle apontou para a mesa. “Oakley fez essa. Vê as folhas de hera? O símbolo de amizade brasões de família britânicos. Suas iniciais OK estão escondidas embaixo. Ele assinava as suas peças assim. Uma piada particular.”

“Oakley fez isso? É uma peça deslumbrante.”

Yaegle se sentou novamente, pernas esticadas. “E então você tem alguém como Paddy Bakely que sempre se considerou um carpinteiro experiente, apesar de as suas peças não conseguirem sustentar uma vela para a do Oakley. Acho que isso deixava o Paddy com ciúmes.”

“É como um cego guiando outro, não? Uma pessoa sem sucesso invejando outra pessoa sem sucesso?”

“Quando a carreira de escritor de Oakley vergou, ele poderia ter feito uma fortuna vendendo seu trabalho com madeira. Ele não era prático. Pode ser por isso que não queria vender a sua terra. É uma explicação tão boa quanto qualquer outra.”

Drayco, nem por um minuto, acreditou que o Oakley era imune ao valor do dinheiro e o que poderia significar para ele e Nanette, especialmente com uma adoção pendente. Oakley tinha alguma razão persuasiva que superou seu senso capitalista, uma razão vigorosa o bastante para terminar uma amizade.

“Você viveu nesta propriedade toda a sua vida?”

Earl apontou para uma foto emoldurada na parede de uma cidade com aparência europeia—ruas de pedra arredondada e fileiras arrumadas de edifícios com caixas de flores e telhados ladrilhados de terracota. “Eu nasci em Weimar. Meu pai me batia e a minha

madrasta me odiava. Quando fiz dezoito anos, embarquei num cargueiro rumo ao Canadá. Eu fui descoberto, fugi pela fronteira e acabei em Maryland, onde conheci a Tabitha. Em resumo, nós nos casamos, consegui meu *green card* e fui naturalizado. Parece que eu me casei com ela porque eu não tinha *status* legal, mas me apaixonei perdidamente. Se o lance da cidadania não tivesse dado certo, eu ia pedi-la para se mudar para a Alemanha.”

“Você começou a loja de armas logo após se instalar em Cape Unity?”

“Não foi o meu primeiro negócio. Eu trabalhei como pescador, economizei para comprar o meu próprio barco, então outro barco, e arrumei alguns funcionários. Daí, continuou ramificando. As pessoas gostavam de caçar por aqui, então fazia sentido vender armas por aqui.”

“Oakley saía para pescar com você?”

“Ele detestava tudo relacionado a peixe. Não era fã da água, também. Tentei convencê-lo a entrar no Clube dos Pescadores, mas ele não cedeu. Discutimos por isso.”

“Alguma de suas disputas com Oakley terminou em socos? Especialmente sobre o desenvolvimento?”

Em vez de ficar ofendido, Yaegle deu um sorriso forçado. “Quer saber se eu me irritei o bastante para estourar os miolos dele? Não. E nunca bati nele.”

Yaegle aparentemente queria arrumar as coisas, mesmo que fosse para um forasteiro. “Você pode não acreditar nisso, mas eu sinto muito pela morte dele. Fomos amigos e vizinhos por muitos anos. Certamente mais momentos bons que maus. Ele e Nanette eram padrinhos dos meus filhos.”

Yaegle apontou para uma foto de família. “Eu me lembro das festas de aniversário, viagens para pescar, os dias na praia quando Oakley e Nanette se juntavam à Tabitha e eu e os meninos. É pelos meus filhos que eu quero vender. Eu nasci numa família sem colheres, que o diga as de prata. Quero deixar aos meus filhos o bastante para comprar colheres de prata chiques se quiserem.”

Ele estava a caminho de fazer isso mesmo, com a venda da terra.



Alguns milhões de verdinhas, para ser preciso. “G” novamente <sup>[19]</sup>. A letra estava por toda parte. Drayco perguntou, “Seu nome do meio é Gerik, não é?”

“Como diabos você sabe disso? Minha esposa pesquisou. É polonês. Significa ‘governante da lança’. Apropriado para alguém no meu ramo. Oakley fazia piada disso o tempo todo.”

O cheiro de sopa queimada agora permeava a sala, fazendo o Drayco querer espirrar. “O Oakley mencionou um escândalo de peculato na cidade?”

“Peculato?” Earl fez uma pausa. “Nem uma palavra.”

Então o Oakley não mencionou as acusações vociferantes em sua obra literária para seu vizinho. Mais combustível para a hipótese da Nelia de que Oakley esperava desacreditar o Squier, mantendo o manuscrito em segredo até publicá-lo. Nelia e ele estavam na mesma onda, ao que parecia.

Drayco perguntou, “A letra ‘G’ tinha algum significado especial para o Oakley?”

Yaegle não registrou emoção alguma diante da pergunta. “Não consigo pensar em nada.” Então suspirou. “‘G’ para fantasma, já que Oakley era um fantasma de seu antigo eu. Eu costumava convidar o Oakley para beber. Quando ficou aparente que ele estava se tornando um alcoólatra, eu parei. Não queria incentivar.”

“Não foi culpa sua. Alcoólatras têm os seus próprios incentivadores. E pior, quando a moral deles é engolida junto com o gin. “Já que estamos sendo honestos sobre casos amorosos, você estava ciente dos casos extraconjugais do Oakley?”

“Difícil não saber. Nanette tentou ignorar. Ficaram piores depois que ele começou a beber, mas lembro de alguns antes. Pouco tempo após os Keys se mudarem para cá. Tem caras que não conseguem ser fiéis a uma mulher. Incluindo eu.”

Yaegle esfregou a mão sobre seus olhos. “Você age como um tira. Tem certeza de que você não é um tira?”

“Ex-agente do FBI.”

O maxilar de Yaegle ficou boquiaberto, e ele deu um salto. “Bom Deus, eu não quero ficar enroscado com o FBI. O detetive já é ruim o

bastante. Sabia que não devia falar com você. Antes de dizer mais alguma coisa, quero meu advogado presente.”

“Não estou aqui numa caça às bruxas, Earl. Só quero a verdade.”

Yaegle riu com desdém. “Verdade de quem? Tende a variar, dependendo de seu ponto de vista, não é? A verdade é pior que um alvo em movimento porque muda de forma.” Yaegle apontou para a porta. “Acho que você devia ir embora agora.”

Drayco se retirou e revisou seus passos pelas árvores até o Starfire. Ele olhou para trás o bastante para ver o Yaegle olhando pela janela em direção à casa dos Keys. Earl ficou lá por um minuto inteiro, como que hipnotizado antes de fechar as cortinas e desaparecer em casa de campo de exílio.

## Capítulo 17

Um salão de concerto vazio era sinistramente como uma tumba. Drayco certamente havia estado em vários de ambos. Havia algo no ar quanto a este lugar, esta Casa de Ópera—um senso de tragédia por trás da morte de Oakley, que se instalava ao redor do palco como uma cortina torcida. Depois de sua conversa com Earl e a diatribe de despedida do homem, Drayco se sentiu compelido a vir aqui. Não sabia ao certo por que.

Ele vagou de sala a sala, notando fios pendurando-se de buracos, remendos de papel de parede faltando e tábuas para assoalho empenadas. Ao final de um longo corredor, ele descobriu o que provavelmente servia de escritório principal, completo com uma enorme mesa de parceiros feita de carvalho, couro, e latão, e alguns armários embutidos de mogno.

Uma escada parcialmente escondida entre um armário e a parede lhe chamou a atenção. Drayco puxou para fora e botou todo o seu peso no primeiro passo. Rangeu, mas ele julgou estar firme o bastante. Ele começou nos armários de cima e foi descendo, procurando por algo deixado para trás. Quando ele achou que era uma perda de tempo, descobriu uma seção cheia de programas amarelos e recibos.

Os programas confirmavam o rol de artistas com quem a Casa de Ópera se alinhava quando alta burguesia endinheirada ainda peregrinava por Cape Unity. Aquilo foi bem antes de os ventos e tempestade aumentarem a partir do furacão de 1933 que fez muitos resorts fecharem.

Grandes astros foram rareando depois daquele tempo, e Drayco só encontrou uns poucos, incluindo um programa do concerto de Konstantina Klucze em 1955. Um item que até mesmo o Reece Wable não tinha.

Drayco folheou a página bibliográfica. Incluía a mesma foto de

uma mulher jovem com cabelo dourado com coque e olhos ferozes, de um dos artigos de Reece. A sinopse que acompanhava detalhava a promissora carreira de Konstantina, abreviada nos anos 1920 devido à invasão nazista de seu país natal. Drayco tinha uma crescente ligação com a pianista exilada cujos sonhos musicais foram interrompidos pela violência.

Exasperado pela demora para os livros que havia encomendado sobre Konstantina chegarem, ele fez uma ligação para um musicólogo que o atualizou sobre o começo da carreira e a aclamação de Konstantina. Apesar do caos do pós-guerra, seu assassinato não solucionado enviou ondas de choque que agitaram o mundo da música na época. Vários nomes foram trocados por aí como suspeitos. O musicólogo provavelmente ignoraria suas ligações no futuro depois da forma com que Drayco o interrogou sobre cada possível culpado.

Ele deixou os documentos à mesa e continuou a sua excursão pelos intestinos do prédio, parando na principal sala de estar para os artistas. A área da vaidade, um balcão alinhado com espelhos de maquiagem e gavetas, aguardava desesperadamente por artistas que nunca mais voltaram. Indentações no chão davam uma pista dos sofás pesados que uma vez ficavam ali. Papel de parede anaglífico dourado teria parecido régio, contrastando contra o tapete cor vinho, agora desbotado no familiar salmão.

Ele tentou abrir uma das gavetas da vaidade, mas estava presa. Depois de manobrá-la para trás e para frente, e usando a faca de sua ferramenta Leatherman, ele conseguiu abri-la. Como que dando a deixa, um objeto rolou despreocupadamente em direção a ele. Drayco o ergueu em direção à luz. O entalhe detalhado no artigo cor de marfim parecia com um dos artefatos de arte baleeira de Randolph Squier. Exceto que aquele era maior e mais detalhado, com uma frota de barquinhos de um lado e várias criaturas marinhas do outro—uma baleia jubarte, um conjunto de golfinhos.

Era difícil de acreditar que a peça de arte baleeira passou despercebida por cinquenta anos. E o que estava fazendo aqui, para começo de conversa? Um presente esquecido deixado para trás, ou um amuleto de boa sorte de um artista? Ele levou a peça e os programas de volta ao palco, onde ele os dispôs ao lado do piano.

O Steinway datava do começo a meados do século XX, um produto da empresa de Hamburgo, na Alemanha. Um achado raro por essas bandas. Se quiser começar uma briga entre pianistas, pergunte qual é o melhor, o Steinway de Nova York com seu timbre suave e baixo rosnante? Ou o Steinway de Hamburgo, com uma variação maior de dinâmica e soprano mais doce? De qualquer forma, você estava olhando para mais de doze mil peças em uma dessas belezinhas. Cada instrumento levou um ano para montar, e isso não contava o longo processo de tratamento da madeira antes que as primeiras peças fossem montadas.

Apesar de não ter sido usada por sabe-se lá quanto tempo, o instrumento não estava em má forma, certamente nada que uma reforma não pudesse consertar. Ele não conseguiu mais praticar sua meia hora diária até tarde e perdeu a rendição catártica da chance de se sentar e tocar.

Ele retornou à sala dos artistas tempo o bastante para ver se a água quente funcionava. Quando esquentou a uma temperatura sub-escaldante, ele encheu a bacia e molhou sua mão direita e antebraço por quatro minutos. Satisfeito com os seus esforços, ele se dirigiu ao piano e desfiou algumas escalas e arpejos. Não estava tão desafinado. Ele colocou o piano no compasso com a “Minute Waltz” de Chopin.

Seguido a seus pensamentos mórbidos mais cedo, Drayco iniciou a “Marcha Funeral” da segunda sonata de Chopin. Ele dedilhou as cordas de abertura em B-bemol menor cautelosamente, mas logo se perdeu na meditação obscura da música, o teclado levemente fora de tom.

Quando ele chegou ao final da peça, ele manteve suas mãos no teclado, absorvendo os últimos tons desvanescendo e inalando profundamente, como se os respirando. O único problema em se iniciar uma peça é que ele nunca queria parar.

O som de passos lentos e pesados ecoava pelo corredor, que ele reconheceu como os de Seth Bakely. Seth também tinha um ofego damasco em forma de cone, de seus anos de fumante que precederam a sua aparição. Ele olhou para Drayco de baixo até as pilhas de programas e a arte baleeira, mas seus traços impassivos não mudaram, nem perguntou sobre o artefato.

Ele disse: “Você toca piano.”

Mestre do óbvio, né, Seth? Drayco mordeu a língua para não soltar uma réplica acerba. “No meu tempo vago.”

“Eu nunca gostei do piano.”

Então o Seth não gostava de pianos em geral ou deste pianista em particular? “Tem muita música que não envolve o piano. Deve haver algo do seu gosto.”

“Não gosto muito de música. Muito pomposo. Tudo bem quanto à guitarra. Trabalho com minhas mãos, e conserto coisas. Não preciso de nada mais.”

As mãos de Seth estavam rígidas e calejadas, suas unhas escuras e rachadas por descuido. Mas nenhum sinal de paralisia. No geral, ele parecia estar em boa saúde exceto pelo ofego e o provável câncer de pele. Seth era do tipo que provavelmente continuaria trabalhando até morrer.

“Você disse que só se encontrou com Horatio Rockingham em algumas ocasiões. Mas ele continuou te mantendo na folha de pagamento como zelador. Ele deve ter uma opinião muito boa de você.”

“Duvido. Ele estava feliz de não ter de lidar com este lugar.”

Drayco dividiu um breve momento de empatia com o falecido Sr. Rockingham. “Você foi o zelador da Casa de Ópera por décadas. Você não fica cansado disso? Quer se aposentar ou dar um tempo?”

Como que lendo a mente de Drayco, Seth respondeu: “Não tenho pensão. E tenho que trabalhar para cuidar do meu filho—. Minhas contas.”

Drayco tinha uma boa imagem do ralo que o filho de Seth devia ser, emocional e financeiramente. “Eu passei pelo Paddy no outro dia no tribunal. Ele parecia achar que Horatio Rockingham devia ter deixado a Casa de Ópera para vocês dois.”

Seth tossiu e ofegou ao mesmo tempo. “As pessoas por aqui aprenderam a ignorar o Paddy. Tem um temperamento que ele não consegue controlar. Eu vou falar com ele.” Seth não falou da questão do legado, ignorando o assunto.

“Você era conhecido de Nanette Keys, eu presumo?”

“Vi a Sra. Keys na agência. Enquanto tentava obter ajuda para o

Paddy.” Seth ofegou alguns decibéis mais alto. “Há um rumor de que vão prender o Earl Yaegle em breve.”

“O detetive vai prender alguém quando tiver o culpado certo.”

Drayco saiu do banco do piano para juntar os documentos que havia encontrado. Ele olhou para cima quando ouviu o que parecia mais com uma arfada do que com um ofego. Seth estava olhando para a cama do programa de cima na pilha, o com a imagem de Konstantina, e um olhar de consternação apareceu de passagem por seu rosto.

Drayco pegou o programa e o mostrou ao Seth. “Alguém que você conhece?”

“Não conheço nenhum músico.” Ele fez uma pausa, ainda olhando para o programa. “Mas ela me lembra de minha esposa, Angel. Parece muito com ela. Ela morreu quando o Paddy nasceu.”

“Fiquei sabendo, e sinto muito.”

“Foi há muito tempo.” Seth se endireitou. “Nanette Keys era uma boa mulher. Não devia ter morrido assim. Está investigando o assassinato dela?”

“Vou tentar.”

“Como eu disse, não saio muito por aí mas fico feliz de ajudar. Espalhe a palavra.”

“Obrigado, Seth. Aprecio isso.”

“Tenho rondas a fazer. Se precisar de mim,” Seth jogou a cabeça para a parte de trás do prédio, “Minha casa está lá atrás. Passe lá a qualquer hora.”

Drayco o observou se mover como sempre fazia, como um urso se dirigindo à porta. O que fazer de um homem como o Seth? Despertando pena mas sem tolerá-la. Trabalha duro, mas incapaz ou relutante em fazer o necessário para conseguir uma existência mais produtiva. Um homem que tentava conseguir ajuda para seu filho por meio da assistência social, ao mesmo tempo em que paga os serviços de uma prostituta para o filho. Um enigma vestido de macacão de brim e botas chukka cor canela.

Apesar de o detetive Sailor ter liberado a cena do crime três dias atrás, Drayco não estava no ponto de poder contratar uma equipe de limpeza para remover as manchas de sangue do chão do palco. Não

que estivesse inclinado a fazê-lo até que o caso fosse resolvido. Até parece que alguém ia usar o lugar.

O líquido carmim ensopou no chão de madeira envernizado em padrões artísticos macabros. Não era o tipo de arte que Randolph Squier penduraria em sua parede. Darcie, por outro lado—ela poderia preferir uma impressão mais selvagem, Jackson Pollock ou Chagall. Ele havia tido a distinta impressão, na mansão do cipreste, de que ela estava entediada de morte com os *hobbys* do marido. Talvez o seu caso com Oakley não fosse nada mais do que uma forma de expulsar aquele tédio.

Ele brincou com a ideia de ligar para ela. Para propósitos profissionais, é claro, mais perguntas. Ele não estava pensando naquele vestido apertado, não senhor. Ele se forçou a se concentrar nas manchas de sangue. Oakley Keys foi atraído para cá, morto aqui. E a única coisa faltando após o assassinato de Nanette era uma caixa de arquivo sobre este lugar—um prédio vazio, salvo uma misteriosa peça de arte baleeira.



## Capítulo 18

A luz do começo da tarde deveria estar correndo pela janela, se tivesse a oportunidade. Mas montanhas de livros se empilhavam pelo escritório de Reece Wable, onde ele se sentou enterrado em sua gravata borboleta quadriculada preto e branco, remanescente de um *souvenir* da NASCAR. O panorama de espinhas cobertas de poeira saturou o ar com um fedor mofado. Ele usava óculos de leitura, ou óculo para ser mais específico, um monóculo de leitura. Drayco coçou a cabeça no portal.

Reece rosnou em exasperação. “Fui invadido pela história. Ou pelo menos, a coleção de uma velha senhora daí. Você é um detetive, me ajude a encontrar uma saída daqui.”

Drayco pegou o livro da cima em uma pilha. Meditações diárias da Bíblia. Uma rápida varredura em outros títulos mostrava mais do mesmo. Livros religiosos bem-manuseados, exceto por um título sobre pestes de jardim. A única coisa que não era um livro empoeirado na mesa de Reece era uma caixa de música de carrossel espreitando detrás de uma pilha.

Drayco pegou um jornal de uma mesa próxima à porta e o abanou para cima e para baixo. “Tem uma janela que você pode abrir?”

“Eu tinha. Uma vez. Está enterrada atrás da pilha de tomos da história da igreja de Virginia em algum lugar por ali.”

“A Sociedade Histórica recebeu um presente?”

Reece cafungou. “Quando o falecido marido de Grace Waterworth disse que ele tinha alguns livros dela que ele queria doar, eu disse sem problema. Um de meus voluntários os deixou entrar enquanto eu fazia um serviço, e voltei para descobrir que a Sra. Waterworth aparentemente economizou cada livro que ela comprou em toda a sua vida. Desde a infância. Ou até antes. Mas felizmente uma joia ou outra e posso vender o resto. Toda esta poeira vai causar estragos ao meu reumatismo.”

Ele olhou com esperança para Drayco. “Diga-me que você tem algo interessante para discutir. Preciso de uma pausa desse inferno de capa dura.”

“Tenho que confessar que eu comprei mais documentos. Devo voltar até a porta e me desviar das tijoladas?”

Reece se levantou e percorreu o labirinto. “Se não cheirar como o velho baú de esperanças da minha vovó, é bem-vindo.”

Ele guiou Drayco pelo corredor em direção à sala de leitura, onde Drayco abriu a sua pasta e deu um sopro. “Velho, mas infundido com um buquê de terra. Como um bordô vermelho.”

“Ah, um aficionado por vinhos. Sabia que Thomas Jefferson foi um conselheiro de vinho para vários outros presidentes?”

Drayco colocou a pasta na mesa da sala de Reece e tirou o conteúdo da pasta. “Eu descobri isso enquanto inspecionava a Casa de Ópera.” Ele apontou para o programa de Konstantina. “Eis um que eu acho que você não tem.”

Reece o pegou e seus olhos se alargaram. “Onde você disse que conseguiu isso?”

“Enterrado num armário. Porque?”

Reece rapidamente abriu o programa e o folheou. “O último concerto de “Konstantina Klucze. Minha mãe me levou a esse evento, te contei? Ela foi aos bastidores para encontrar a artista, que era graciosa apesar de tudo pelo qual passou—e o fato de que o estouro de um cano na sala dos artistas da Casa de Ópera a tornou inutilizável. Minha mãe disse que a Konstantina estava muito nervosa. Ela não morria de amores pelo empresário de Konstantina. Tinha um nome estranho, musical, tipo Harmony. Ficava em cima da artista como um cão de guarda. Konstantina era elogiosa das pessoas que conheceu nos Estados Unidos. Disse até que iria emigrar para os Estados Unidos.”

Reece estava perto—não era Harmony, mas Harmon Ainscough, como Drayco descobriu com o seu amigo musicólogo. Ainscough era um dos possíveis suspeitos do assassinato. Houve uma discussão, e Konstantina se livrou do empresário após o tour norte-americano.

Olhando para os arquivos e papéis ao redor, ocorreu ao Drayco que se o Reece fosse quem roubou a caixa de arquivo da Casa de Ópera de

Oakley, ninguém saberia, seu conteúdo perdido em meio a vários outros na coleção de Reece.

Drayco tirou a presa inscrita. “Faz alguma ideia de onde isso originalmente possa ter vindo? Estava sozinho e com frio numa gaveta.”

Reece girou a presa e inspecionou os entalhes. “Arte baleeira. O conselheiro Squier coleciona dessas.”

“Eu vi a coleção dele quando eu fui jantar lá, mas ele não mencionou nada faltando. Seria interessante ouvi-lo explicar como uma de suas peças foi parar em uma antiga Casa de Ópera.”

Reece estalou seus dedos. “Deve ser de um daqueles roubos de anos atrás. As autoridades nunca descobriram um quem ou porquê, mas este ladrão não levou muita coisa. Agora que você mencionou isso, acho que havia algo como essa presa aqui. Espere aqui.” Ele se curvou pelo canto.

Drayco aproveitou a oportunidade para dizer “Oi” a Andrew Jackson, que murmurou “Tenho medo de bancos.” Mais piadas internas de historiador via treinamento do Reece. Quando Drayco se aproximou, o pássaro disse: “Drayco sente muito.” *Sente* muito? Ele nunca havia sido ameaçado por um pássaro antes.

Reece pulou de volta com um jornal na mão. “As invasões aconteceram há trinta anos. Verifiquei o meu índice e encontrei isto.”

Drayco leu o artigo ao qual Reece apontou. Uma casa cujo dono era o banqueiro Maxwell Chambliss foi assaltada, com duas peças roubadas—um colar de ouro e uma presa de morsa de arte baleeira que datava do século XIX. O nome do banqueiro foi um dos anfitriões que honrou Konstantina Klucze em sua casa depois do concerto dela.

“Eu detesto dizer, Reece, mas se esta presa é única e a mesma, é um bem roubado. Preciso entregar ao detetive.”

Reece suspirou. “Se você precisa. Essas coisas são vendidas por milhares de dólares. Chambliss é falecido, significando que é a propriedade dele é que vai ficar com isso. Quem sabe? Pode haver um selo raro em um dos livros da Sra. Waterworth. Um prêmio de consolação.”

“Isso poderia cair na lei do achado não é roubado.” Drayco estudou os detalhes da mesa de trabalho onde eles estavam sentados. “Isso

parece feito à mão.” Ele passou a sua mão pelo detalhe elaborado de uma Balança da Justiça. “Isso aqui não seria um dos trabalhos de Oakley, seria?”

Reece bateu seu dedo sob o tampo da mesa. Drayco se inclinou para baixo em um joelho e examinou o ponto ao qual Reece apontou, onde OK estava entalhado na madeira.

“Quando Oakley trabalhou aqui e ainda éramos amigos, ele fez esta peça para a Sociedade. O design veio do meu nome, uma palavra do alemão antigo que significa oficial de justiça. Homem talentoso, não acha? Pelo menos em trabalho com madeira.”

“Você viu algum outro projeto de Oakley—especificamente uma máscara de madeira?”

“Uma máscara? Oakley de fato adotava algumas crenças nativo-americanas. Acho que a Nanette esperava que isso ajudasse o Oakley a encontrar um pouco de paz. Acho que não adiantou.”

Reece se inclinou contra a mesa. “Fiquei sabendo da morte da Nanette esta manhã, de um de meus voluntários. Fez-me querer sair e beber até cair.”

Drayco passou da fase do “se embriagar” noite passada, depois que a Maida lhe deu a notícia. Seguido ao choque inicial, Drayco, Maida e o prefeito partilhavam da poção de Maida que tinha gosto ainda mais forte do que o normal. “Eu não sabia que você a conhecia tão bem, Reece.”

“Ela era linda, bondosa, e leal. E sim, vou admitir que eu tinha uma forte queda por ela. Ela pode não ter tido dinheiro como aquela pistoleira pretensiosa da Darcie Squier, mas ela compensou com classe de longe.”

Tinha uma queda, mesmo. Toda vez que Reece mencionava o nome dela, especialmente em conjunção com o de Oakley, ele lembrava o papel do *nerd* da escola cujo namoro dos sonhos no baile de formatura escolheu um atleta idiota.

Drayco disse: “Eu me encontrei com ela antes de sua morte. Ela tentou me contratar.”

“Contratar você? Espero que ela não estivesse em nenhum problema.”

“Um assunto pessoal. Oakley ou Nanette mencionaram uma carta

incomum que receberam pouco tempo após se mudarem para cá?”

“A gente não falava do correio. Exceto contas. Ambos estávamos com mais do que o suficiente dessas. Mas fora isso, não.”

“Então a Nanette nunca foi voluntária aqui?”

“Ela favorecia as instituições de caridade das crianças. Não tive muitas oportunidades de passar tempo com ela. Mas fomos à Casa de Ópera juntos uma vez.”

“O Rockingham te levou?”

“O conselheiro Squier bancou o guia turístico. Perguntamos ao Oakley se ele queria ir, mas não foi. Não disse por quê.”

Drayco não sabia qual parte daquilo o surpreendia mais. O de que Squier estava familiarizado o suficiente com a Casa de Ópera para bancar o guia, que Nanette e Reece estavam lá juntos, ou que Oakley, um homem obcecado com o lugar, recusou uma oportunidade de explorá-lo. E mesmo assim, morreu lá.

Reece tocou a beirada da mesa de trabalho de Oakley. “Eu queria sentir muito pela morte de Oakley. Mas não sinto. Entre o tratamento que dispensava à Nanette e o relógio—”

“Reece, você tem certeza de que mais ninguém teve a oportunidade de roubar aquele relógio? Eu vejo um padrão de roubo aqui.”

“Deve ter sido o Oakley. E aposto que conseguiu um bom dinheiro por ele, também. Acho que terei de fazer uma exibição sobre ele agora. Vou arquivá-lo no ‘G’ de ganancioso.”

O rosto de Reece sempre guardava a mesma similaridade de expressão, como que injetado com uma dose permanente de Botox. Era impossível dizer, a partir de seus traços, se ele disse uma coincidência assustadora ou se foi um golpe secreto à custa de Drayco.

Andrew Jackson bateu em sua gaiola, e Reece tirou algumas bolas de seu bolso que lembravam o cereal de farelo que Drayco detestava, e as colocou comedor do pássaro. “Todo mundo acha que Earl Yaegle matou os Keys, mas eu não sei. Recebemos poucos turistas curiosos que param a caminho de Virginia Beach a Ocean City. Cape Unity é estagnada demais para abrigar a vida selvagem de um assassino. Aposto meu dinheiro num forasteiro.”

“Isso dá uma boa história, mas é pouco provável, Reece.”

Reece rebateu, “Então aposto em Paddy Bakely, o cachaceiro da cidade. É onde eu coloco meu dinheiro.”

Drayco cruzou os seus braços. “Tem mesmo uma aposta rolando em relação a isso?”

Reece sorriu inescrutavelmente e tampou o seu nariz com um dedo.

Drayco pausou para dar uma olhada nos vizinhos da Sociedade Histórica, ao caminhar para fora do prédio. Como Maida indicou, eram principalmente vitorianos em vários estágios de renovação. Uma placa marcava uma loja de tecelão, fácil de adivinhar com o colorido sortimento de tapetes e cobertores de fio de alpaca pendurados na varanda. Outro, um artista de cerâmica. De barqueiros a tecelões e escritores, Cape Unity e o resto de Eastern Shore estavam presos em meio à evolução.

Drayco dedilhou a multi-ferramenta Leatherman em seu bolso. A faca que continha não era muito diferente das que os marinheiros um dia usaram para fazer arte baleeira em barcos baleeiros. Porque todo o interesse em arte baleeira? Primeiro o Squier, agora o pai do Rockingham. Valiosa, sim, mas Drayco preferia seu marfim em cima das teclas do piano. Pelo menos, pianos eram anteriores aos anos 1950, como o instrumento da Casa de Ópera, antes de o marfim ser sabiamente banido.

“G” é de ganancioso, Reece? Drayco gostava do historiador, gostava de quase todo mundo que conheceu na cidade, mas talvez fosse esse o problema. Suas razões para vir à cidade já haviam se quebrado e queimado ao seu redor, e sua objetividade estava em perigo de ser queimada em meio aos escombros.

Uma revoada das aves aquáticas de Squier voou por cima de cima cabeça, mas Drayco não estava ouvindo suas grasnadas de chamado musical, sincronizadas com o bater de asas melancólico de suas sãs. Tudo que ouvia eram os timbres escuros de cor zibelina das dissonâncias.

## Capítulo 19

O gazebo precisava de tinta e remendo na plataforma de queijo suíço, mas dava uma visão decente da praia. Uma família loira pálida de quatro pessoas encarou o frio em bicicletas ao longo de um caminho sinuoso pelo parque Powhatan através de Cape Unity. Drayco notou que o pai do quarteto ciclista desviou-se de seu caminho ao redor de alguns homens falando em espanhol.

Maida apontou em direção à área à esquerda deles. “Você não consegue ver daqui, mas está na direção das propriedades do Yaegle e o Keys. Há canais e enseadas e um labirinto de árvores aninhadas umas às outras. Você pode andar daqui até lá, mas poderia se perder se não conhecesse o caminho. Se você fosse familiarizado com o local, aposto que você conseguiria fazê-lo em quinze minutos.”

Isso deu aos Yaegles, aos Keys—e futuros donos do condomínio—privacidade, evitando que a gentinha perambule por sua terra privada. A menos que a dita gentinha fosse determinada, como um assassino com uma agenda. Drayco olhou para a vegetação rasteira, calculando os potenciais riscos.

Maida soava pensativa. “É bom ter mais famílias se mudando para esta área.” Ela apontou para seu cabelo. “A maioria de nossos moradores tem neve em cima. O sangue jovem deveria revigorar a cidade.”

Drayco ainda estava para ouvir os Jepsens mencionarem alguma família. E nenhuma foto de jovens na casa. Provavelmente Maida queria manter o lugar despersonalizado para hóspedes, mas pode também significar que os Jepsens não podiam ter filhos, um assunto potencialmente doloroso. Ele devia perguntar?

“Você e o Major não têm filhos?”

Maida agarrou o corrimão do gazebo. “Nós tínhamos um filho. É uma longa história e há muito tempo, mas temos sorte de termos sobrinhas maravilhosas e sobrinhos para babar.” Ela perscrutou o

Drayco. “Nosso filho teria quase a sua idade.”

“Pelo menos vocês não tiveram de ir a todos aqueles recitais de piano infantis.”

“Oh, duvido que os seus recitais fossem chatos, seu garoto-prodígio.”

Drayco se embasbacou diante dela. “Como você sabia disso?”

“Tenho uma amiga que achou que o seu nome soava familiar, então ele pesquisou. Ela ficou impressionada. Carnegie Hall aos doze anos, fazendo solo com a filarmônica de Nova York aos catorze anos.”

O pai dele, Brock, certamente não ficou impressionado. Não que Drayco estivesse impressionado, ele próprio. A questão não eram os aplausos, era sempre a música, a necessidade, o desejo como uma droga para se imergir nas notas. Às vezes, ele não estava certo em qual cidade estava tocando. Ele aparecia, o apontavam em direção ao piano, e ele alimentava seu hábito com alegria.

“Eu escrevi parte de uma crítica que a minha amiga encontrou.” Maida afagou o casaco dela. “Onde está agora?” Havia um barulho de enrugar em um bolso, e ela triunfantemente puxou um pedaço de papel. “Ela toca a Appassionata de Beethoven numa forma mais maníaca, furiosa e apocalíptica do que Sviatoslav Richter—acho que é esse o nome, o nome do pianista, certo?—e mesmo assim se saía como uma profissional madura.”

Drayco se lembrou dessa revisão. Ele não havia dado muita atenção às críticas, mas um amigo tirou essa parte e leu para ele. Ele tinha quinze anos à época. E aqui estava a Maida, lendo-a para ele novamente duas décadas depois.

Maida disse: “Como você mudou de ares, de Mozart para homicídio?”

Uma pergunta justa. E o detetive Sailor e a Maida não eram os únicos a fazê-la. Ele esfregou seu dedo ao longo do corrimão do gazebo até que a dor de uma lasca o detivesse. Ele tirou a lasca, esperando que não sobrasse nenhuma por baixo das camadas superiores de pele. Coisas enterradas fundo demais podem infeccionar.

“Músicos são um conduíte para o compositor. Tentamos entrar na mente do compositor, relevando o que ele estava tentando dizer



através da música. Da mesma forma, investigadores tentam encontrar pistas na mente de um criminoso.”

“O resultado do compositor versus o do criminoso é bem diferente.”

“Verdade. Mesmo assim, alguns criminosos são também imoderadamente orgulhosos de seu trabalho manual, quase como seus filhos.”

Drayco monitorou os ciclistas, enquanto o homem mais velho parou para amarrar o tênis de uma criança, que não colaborava. “O Oakley tinha família além da Nanette? O detetive achava que não.”

“Uma vez ele contou ao Major que ele era órfão e só. Pode ser por isso que ele era tão anti-social.” Ela puxou um cachimbo e uma algibeira de outro casaco e socou tabaco no cachimbo antes de acendê-lo.

“Eu não sabia que você fumava. Não farejei isso no Lazy Crab.”

“Eu não fumo lá. Pode gerar problemas com os hóspedes alérgicos. Só quando estou do lado de fora, assim.”

Drayco a observou dar algumas baforadas, e o aroma de bergamota e citrus flutuou em sua direção. Ele disse: “Minha tia-avó me contava histórias de seus amigos que fumavam um cachimbo feito da espiga de milho. Talvez você devesse experimentar.”

“Acho que vou manter o milho assado no cardápio onde ele pertence.” Ela deu outra baforada. “Eu sempre gostei do jeito que meu pai cheirava quando ele fumava seu cachimbo. Era um agrado pegar tabaco novo para seu presente de natal. Tabaco costumava ser enorme na Virginia. Ouvi falar que representa só cinco por cento das colheitas agora.”

Maida apontou dois pássaros grandes voando com púrpura iridescente e penas verdes, menores que gansos de antes. “Quíscalos. Eles podem ser pássaros incômodos às vezes, mas são bonitos. Com certeza odeiam os fogos de artifícios barulhentos de quatro de julho. Os negócios de Earl Yaegle patrocinam a celebração anual aqui no parque. Acho que se ele for preso e seus negócios forem mal, terão de encontrar dinheiro de outro. Se conseguirem.”

Maida passou a sua mão de luva pelo trabalho em treliça do gazebo. Sem lascas para ela. “Ele me ajudou a pagar por isto, também.

Faz-me em condições de estar dividida em pensar que ele teria algo a ver com as mortes de Oakley ou Nanette.”

Drayco sugeriu que eles andassem pelo caminho para se aqueceram diante do ar frio, e Maida prontamente concordou. Ele desejava estar com meias mais quentes, seus pés blocos de gelo. Contudo, ela estava certa. O parque era pitoresco, apesar do frio. Não era como o típico refúgio de concreto e asfalto que Washington refugia. Oakley e Nanette já vieram aqui? Talvez um piquenique? Oakley não parecia do tipo, pelo menos não o Oakley nos seus últimos dias.

Ele meditou em voz alta, “Oakley, o enigma.”

Maida fez uma pausa para não trocar em dois esquilos negros perseguindo um ao outro em mixórdia pelo caminho. “Quando Oakley e Nanette se mudaram para cá, era exótico ter este escritor de sotaque britânico pela cidade. Não parece há muito tempo, mas ele teria feito cinquenta e cinco anos em agosto.”

Maida se sentou em silêncio por um momento. “Não pense que o Oakley tinha a sensação de que Deus lhe deu um ganso, para falar a verdade. A maldição do espírito artístico. Afinal, quantos tipos artísticos vivem vidas tristes só para se tornarem obras-primas?”

“Acho que o Oakley se esqueceu da última parte. Ou a colocou em cerveja pelo caminho.”

“E sempre ao seu lado ficou a Nanette. Juro que ela fez a Pedra de Gibraltar parecer um pedregulho.”

Drayco também a havia fixado como uma graduada da escola estar-ao-lado-de-seu-homem. Indisposta a abandonar um relacionamento ruim, emocionalmente amarrada ao marido mesmo diante de agressão. Ele ficou em necrotérios ao lado de sacos de corpos de mulheres que cometeram o mesmo engano. “Você acha que o Oakley a machucou?”

“Nanette nunca teve contusões que eu pudesse ver. Se alguma coisa, o Oakley fez o contrário. Abandono.”

“Ela viajava muito? Tinha amigos em outras cidades, perto ou longe?”

“Ela era muito caseira. Nunca a ouvi mencionar muitos amigos além dos colegas de trabalho, mas acho que não eram próximos.”

Eles pararam num pequeno calçadão designado a oferecer uma olhadela a uma garçota ou um pelicano marrom. Eles observaram por alguns momentos em silêncio, aproveitando a visão panorâmica. Maida guinou seu pescoço olhando ao redor, dizendo a ele para procurar por ninhos de pelicanos comuns em março e abril. Sem ver nenhum, ela suspirou com decepção. “Com todo o novo desenvolvimento, é de se perguntar se a vida selvagem vai se adaptar.”

Maida se separou para voltar sozinha ao Lazy Crab, deixando Drayco só. O parque estava cercado por vegetação espessa, e ela disse que seria difícil andar daqui à propriedade dos Keys, a menos que soubesse o que estava fazendo. Ele não sabia, mas queria avaliar o quão difícil seria para um potencial assassino. As botas de caminhada que ele trouxe vieram a calhar, com cepos de árvore, galhos caídos e agulhas de pinheiro escorregadias criando um curso de obstáculo lamacento.

Sincero à palavra de Maida, não se passou muito tempo antes de ele chegara um impasse devido à enseada pantanosa irrompendo pela floresta. Com persistência, ele conseguiu navegar ao redor dela. Depois de algumas guinadas e voltas, ele terminou na beirada de uma clareira nua onde ele topou com a propriedade dos Keys. Ele verificou o tempo. Ele levou vinte e cinco minutos, e com prática, poderia fazer em quinze, como ela havia estimado.

Ele olhou para o chão depois que ele pisou nele, mas sem marcas ao longo do espesso carpete de agulhas de pinheiro, sem sinais de que ele esteve ali. Como o assassino? Já que o crepúsculo estava a menos de uma hora, não ficou muito tempo.

Sentindo-se mais confiante em relação ao seu caminho na viagem de volta, ele começou a prestar atenção na vegetação rasteira. A meio caminho da volta, ele espiou um pedaço de folhas próximas a uma árvore de caqui, torcida num padrão em que um sapato de derrapagem poderia deixar para trás. Ele examinou a árvore e encontrou seções de casca de árvore recentemente raspadas para fora. Alguém se firmando contra uma queda?

Drayco se inclinou para baixo e botou seus dedos no lodo molhado de gosma orgânica decadente na base da árvore, evitando a potencial

marca de sapato. Sua mão se esfregou contra um objeto macio e arredondado, e ele parou e puxou um lenço de seu bolso. O objeto, protegido por uma mini-cabana de galhos e folhas, era uma cápsula de pílula recheada com um pó laranja-avermelhado. Idêntico ao que ele descobriu na Casa de Ópera.

Não longe do ponto onde ele encontrou a cápsula, um triângulo branco apareceu debaixo de uma folha. Ele pegou a ponta entre duas unhas e puxou para fora um recorte de jornal amarelado, úmido e lambuzado, mas legível. Detalhava um rumor sobre Horatio Rockingham vendendo a Casa de Ópera, e nas margens alguém havia rabiscado “b-b” e as palavras “fônico” and “diabel.” Isso deve ter caído da caixa de arquivo faltando. Ele cautelosamente botou a cápsula e o recorte de jornal no bolso esquerdo de seu casaco.

E então ele congelou. Com um sexto sentido de formigamento na pele, ele sabia que não estava sozinho.

Ele ouviu um rosnado baixo, logo antes de algo se lançar contra ele e rasgar a sua perna direita. O animal foi percebido como um coioote, mas maior, como um lobo. Nesse ponto, ele não se importava o que diabos aquilo era. Ele só queria aquilo longe dele, então ele o chutou o mais forte que conseguia, com seu pé esquerdo, na cabeça do animal. Funcionou por um momento, já que a besta caiu de um lado, levemente atordoada. Então se despertou, rosnando mais alto. Estava de volta para mais.

Instintivamente, ele puxou a Glock do coldre em seu ombro e com seu primeiro disparo, ele sabia que atingiu o alvo. O animal ficou parado e não se mexeu novamente.

Drayco não estava certo se conseguia se levantar novamente com facilidade se ele se sentasse, então ele escorou a sua perna para cima de uma pedra para ver a gravidade da ferida. A maior parte da mordida mastigou a bota grossa do Drayco, mas alguns dentes afundaram na pele, o sangue quente fluindo para baixo em sua meia, a perna da calça rasgada expondo feridas de picadas.

Ataques de caninos contra humanos eram raros, mas havia um relato de um coioote rábido visto próximo a Pungoteague semana passada. Ele não estava a fim de levar injeções contra raiva. Mancando, ele voltou para o mirante enquanto gaivotas tomavam o

seu rumo ao redor das ondas na escuridão crescente.

Ele voltou próximo ao mirante quando uma farfalhada na floresta à sua direita chamou a sua atenção. Os ramos de mirto de cera estavam agrupados em densos matagais que se misturavam em uma floresta de azevinho americano, fornecendo um perfeito esconderijo. Ciente do coio, ele empunhou a sua arma, manobrando-a dolorosamente ao redor de onde ele ouviu os sons. Ele parou para ouvir. Silêncio a princípio, e então a mastigação inconfundível de um passo. Passo pesado para um coio? Um caçador? Drayco sinceramente esperava que ele não fosse a presa novamente.

A adrenalina bombeava enquanto ele se preparava para outra batalha. Em vez disso, o toque de seu celular socou um imediato buraco na tensa quietude ao redor dele. Era Maida, verificando os seus planos para jantar. Quando ele a contou do ataque, ela disse que ligaria para o escritório do detetive para que o centro de zoonoses pudesse encontrar e testar a carcaça para ver se estava com raiva.

Rangendo seus dentes pelo caminho inteiro, Drayco chegou em segurança ao Starfire mas continuou a ficar alerta no perímetro. Os únicos movimentos vieram do bater de asas dos repreensivos pássaros se instalando de volta em seus poleiros nas árvores. Usando sua perna esquerda no acelerador, o Starfire logo saiu do estacionamento. Pelo menos ele podia ficar grato que a sua meia e bota evitariam que o sangue manchasse o piso do Starfire.

A estrada em direção à cidade estava vazia, salvo por um solitário sedã preto. Tinha um pára-brisa escuro, o que significava que ou o motorista tinha isenção médica para tingir o pára-brisa ou o estava fazendo ilegalmente. Ao ver que não tinha uma placa dianteira com a licença exigida, Drayco estava apostando no último caso.

Mas se alguém o estava seguindo, ele não tinha tempo para lidar com isso agora.

## Capítulo 20

“Tem certeza de que não quer ir ao hospital?”

“Nada de médicos, a não ser que o teste de raiva no animal volte positivo. Além disso, Maida fez um bom trabalho com a sua cataplasma mágica.” Drayco mexeu levemente a sua perna onde ele a havia sustentado em uma cadeira. Se ele respirasse fundo, poderia ignorar a pulsação.

“Fique à vontade.” Os olhos do detetive Sailor, estacionados a meio-mastro acima de círculos escuros, eram cópias de carbono do outro dia. Coloque um saco de artigo para banheiro e o cheiro de um pote de café chamuscado, e você pensaria que Sailor vivia no escritório.

Como se dois assassinatos não fossem o bastante, um migrante procurando por um trabalho como paisagista vagava pela propriedade de outra pessoa por engano e foi espancado por invasão. Desde as mortes dos Keys, houve um aumento nas pessoas botando ameaças para fora, algumas motivadas por raça, outras pela bagunça do desenvolvedor. Foi a princípio a multidão do bar e a sem armas. Até agora.

Sailor examinou a presa de arte baleeira que agora estava em sua mesa, enquanto o Drayco colocou uma fotocópia em frente a ele do artigo de jornal que o Reece cavou. Sailor deu uma olhada nele. “Se esse acabar sendo o mesmo item roubado nos anos 1970, pode ter ficado naquela gaveta o tempo todo. Mais algum ovo de páscoa escondido em sua cesta?”

“Provavelmente.” Drayco foi até a sua pasta e puxou um saco plástico onde havia colocado a cápsula e o recorte de sua jornada pela floresta. “Eu também encontrei estes perto de uma árvore onde alguém levou um tombo. Na trilha entre o parque Powhatan e a casa dos Keys onde o coioote atacou.”

O detetive se endireitou. “Você viu alguém?”

“Fiquei com a impressão de que um animal humano estava me observando. Uma ligação da Maida se interpôs.”

O detetive pegou o saco plástico e apontou para o recorte de jornal. “Parece familiar para você?”

“A letra aqui lembra a de Oakley. Eu arriscaria um palpite de que é da caixa de arquivo roubada. O assassino deve ter deixado cair durante a sua queda.”

“Não presume que poderia mostrar a Giles aquele ponto no qual tropeçou?”

“Posso não ser o Daniel Boone, mas acho que sim. Próximo à árvore, há também o potencial para uma pegada.”

O detetive esfregou as suas mãos juntas. “Chega de homem invisível. Vou pedir a Giles para levar um gesso. Isso é tudo em relação a seus ovos de páscoa, agora?”

“A menos que você leve em conta alguns recibos da Casa de Ópera e programas de concertos.”

“Alguns desses recibos tinha uma linha com assassinato, assassinos, armas?” Quando Drayco indicou que não, o detetive disse: “Droga. Bem que eu poderia aproveitar algumas pistas já prontas.”

“Raramente uma prova já vem pronta. Pergunte a qualquer advogado de defesa. E então?”

“Não consigo rastrear a bala ou a Webley usada no Oakley. Tentamos combiná-las com as armas na casa do Earl e a loja, bem como aquelas da coleção do conselheiro Squier. A última foi divertida. Na verdade, Squier estava cooperando já que ele e Darcie ficam comprovando o paradeiro um do outro durante ambos os homicídios. Como Paddy e Seth. Duvido que o Yaegle ou o Squier teriam deixado a arma do crime à plena vista, mesmo. Diabos, ambas as malas e arma podem estar escondidas numa gaveta por décadas, como aquela arte baleeira.”

“E o cravo vermelho?”

“Uma flor de variedade de jardim, se me permite o trocadilho <sup>[20]</sup>. Nós a rastreamos à única loja de flores local. Oakley só comprou uma, no dia em que foi morto. Pagou em dinheiro vivo. Primeira vez que ele pisou na loja.”

Então o Oakley não era o tipo de cara que dá flores e doces. Será que ele nunca deu presentes à Nanette ou se lembrou do aniversário dela ou do aniversário de casamento? Teve sorte em rastrear a família do Oakley?”

“Não. Talvez ele fosse um alienígena—não do tipo ilegal, do tipo disco voador.”

Drayco pegou um bloco de papel e desenhou um alienígena de Roswell com grandes olhos negros. Ele acrescentou uma legenda para seu pôster de procurado, “Você viu este homem?” e o entregou ao detetive.

Sailor olhou para ele. “Tenho uma intimação para registros de cartão de crédito e telefone. Não há ligações interessantes, mas o Oakley pagou algumas viagens ao aeroporto de Heathrow, em Londres. Apenas tarifa aérea, sem alojamento. Deve ter ficado com alguém que conhecia. Essas viagens acabaram há dez anos.”

“Você conseguiu determinar se a Nanette tinha um testamento, também?”

“É bem direto ao ponto. Oakley é o beneficiário a menos que ele a precedesse na morte. O que de fato ocorreu, deixando a irmã da Nanette, na Califórnia, a próxima na fila. Há considerável otimismo entre as fileiras da Gallinger de que ela será favorável ao negócio certo.”

Sailor pegou um lápis com o grafite quebrado. “Faz menos de uma semana, mas o conselho da cidade e outros cidadãos notáveis estão apreensivos. O conselheiro Squier está ansioso para eu me afastar de Earl como principal suspeito.”

O detetive puxou o presa ao redor de sua mesa com o lápis. “Oh, e o assistente Tyler rastreou o funcionário da cidade. O que fez as acusações de peculato dez anos atrás.”

Ele apertou um botão de seu interfone. “Nelia, está aí?” Quando não houve resposta, ele disse ao Drayco, “Esqueci de pedir à Jane esta manhã se tivemos notícias de Norfolk quanto ao DNA. Já volto. Eu sei vir a Tyler, eu a mando para cá.”

“Antes de você ir, uma mulher chamada Grace Waterworth morreu recentemente. Ela e o marido tinham um relacionamento difícil?”



“Não os via muito juntos. Mas eles agiam normal o bastante. Por que?”

“Ficaria interessado em saber se havia algum herbicida ou veneno para rato no sistema digestivo dela.”

Sailor coçou a cabeça. “Sem causa provável, não podemos obter uma ordem para exumação.”

“Entendo. Achei que valia à pena perguntar.”

Com um último olhar duro para Drayco, Sailor se retirou para o salão. Ele só havia saído por um minuto quando a cabeça loira da Nelia apareceu na porta aberta. “Oi,” ela disse. “Veio verificar aquele fragmento?”

“Entre outras coisas. Agradeço sua ajuda, especialmente porque pode não relação alguma com os assassinatos.”

“Mais de cinquenta por cento do trabalho braçal aqui não leva a nada. Mas você precisa escolher em meio ao joio para conseguir o trigo. Ou devo dizer, grão de trigo.”

“Grão de trigo?”

“Minha mãe está comendo saudável agora. Se ela te oferecer um de suas batidas verdes—corre.”

Drayco reajustou a sua perna na cadeira e Nelia foi a um armário e puxou uma almofada em forma de rosquinha que ela colocou sob a perna dele. “O detetive Sailor usou isso uma vez. Acho que ele não precisa mais.”

“Ele tinha uma perna bum?”

Nelia tossiu, tentando esconder uma risada. “‘Bum’ é a palavra operante. Não o chamamos de retentor anal por nada.”

Drayco enrugou o nariz. “Da bunda dele à minha perna. Não sei se me sinto honrado ou enojado.” Ele ajustou sua perna a alguns centímetros. Bem melhor. “O detetive disse que você foi atrás do funcionário com as acusações de peculato?”

“Fiz o funcionário admitir que foi o Squier quem fez o peculato, em nível de cem mil. Infelizmente, as supostas provas do funcionário se queimaram junto com sua casa cinco anos atrás. Veremos o que o procurador da cidade consegue.”

“Cinco anos atrás? A mesma época em que Oakley escreveu aquele manuscrito.”

“Uh huh. Cada vez mais curioso.”

Ele deixou passar na primeira vez que se encontraram, mas a Nelia tinha uma cicatriz em forma de S na base de seu pescoço, com o rosa distintivo de uma marca mais nova. Ela não estava trabalhando em Cape Unity tempo o bastante para ficar com ela, certamente? Não que isso depreciasse a sua aparência. “O detetive me contou sobre o seu marido e a esclerose múltipla. Sinto muito saber disso.”

Nelia se inclinou contra a parede, e a luz em seus olhos se apagou antes de desviar o olhar. Ser a principal cuidadora era uma tarefa de sugar a alma. As exigências físicas e emocionais consumiam sua sanidade tão lentamente quanto gelo derretendo numa geleira. Talvez ela não se importasse com seu casamento à distância tanto quanto o detetive pensou?

Ela respondeu: “É uma doença horrível. O suficiente para deixar qualquer um amargo e irritável.”

Ela deve ter percebido como aquilo soava, porque ela rapidamente mudou de opinião. “Não que seja difícil de viver com o Jim. Ele é só —”

“Amargo e irritável.” Um lento sorriso surgiu no rosto de Drayco.

Depois de inclinar a cabeça para ele, tentando graduar o que ele queria dizer, Nelia combinou com o sorriso de Drayco. “Você é especialista no assunto, Sr. Drayco?”

“Irritável, sim. Amargo—depende do que eu estiver bebendo.”

O rosto dela se partiu numa risada totalmente emplumada. “Se precisarmos de um especialista em irritabilidade como testemunha para um caso no tribunal, saberemos quem procurar.”

O detetive pulou de volta para sala. “Você a encontrou.”

“Meu primeiro achado de verdade do dia.”

Sailor olhou de relance radiante Nelia ao Drayco e de volta, e ele não participou da piada. Na verdade, ele não parecia nem um pouco feliz. “Os resultados de DNA ainda não estão prontos. Com sorte, nesta vida.”

Drayco disse: “Tyler está tendo mais sorte. Ela me atualizou sobre o funcionário e a sua história do peculato.”

Sailor disse: “Tyler arrancou vários de seus dentes para arrancar isso dele. Mas se pudermos provar, vai botar o Squier na grelha de

churrasco.”<sup>[21]</sup>

Nelia riu. “Agora tem uma imagem para você. Barril de porco grelhado.” Ela se virou para o Drayco, “Então você decidiu ficar um pouco mais na cidade se misturando com os nativos.”

“Se preciso me misturar com pessoas como vocês dois, acho que sobrevivo.”

O brilho definitivamente retornou aos olhos dela, e ela ficou estranhamente sem fôlego ao fazer uma linha reta em direção à porta. “Tão bom ter um rapaz da cidade grande para nos manter na linha.”

Drayco a observou ir embora. “Fui insultado?”

“Não subestime a Tyler, Drayco. Ela se graduou com *summa* na UMD. Não é nada boba.”

Drayco mudou sua atenção da figura de Nelia se retirando de volta para o detetive quando Sailor acrescentou num tom baixo mas intenso: “Ela está também vulnerável agora, pelo menos em relação ao seu casamento. Tente não se esquecer disso.”

O detetive acrescentou, um pouco mais alto, “Falando de bobos, enquanto você esteve na Casa de Ópera mais cedo—você teve outra discussão com nosso encantador Paddy?”

“Ultimamente, não. Acho que estou começando a me sentir desprezado.”

“Não se sinta assim. Nós o soltamos da cadeira de novo na segunda-feira. O que é, claro, dois dias antes de a Nanette Keys ser assassinada. Isso o coloca direto na lista de suspeitos para o assassinato dela. E é uma reles lista depois de se estabelecer álibis para o resto. Mesmo os irritantemente convenientes como os Squiers e os Bakelys.”

Drayco partilhou da frustração do detetive. Depois de Earl Yaegle, mais diretamente afetado pelo caso com Nanette e a venda da terra, eles tinham poucos outros candidatos distintos. “Reece Wable mencionou o Paddy como um potencial suspeito, já que ele está fora de si metade do tempo. Mas é um motivo fraco. Você não disse que as passagens de Paddy só incluíam delitos menores, do tipo mesa de bar?”

“Algumas dessas brigas incluíam facas.”

“Seria fácil para ele ter acesso à Casa de Ópera. Acha que ele poderia ficar sóbrio por tempo suficiente para atirar reto?”

“Se ele tiver um tiro de sorte, talvez. E ele é forte o bastante para estrangular a Nanette. Mas cadê o seu motivo para isso? Nanette era a única pessoa que era boa com ele.”

Estavam também ficando sem motivos, exceto pelos cada vez mais desagradáveis. “Havia provas de estupro no caso de Nanette?”

“O M.E. não encontrou sinal algum revelador. Ela não dava conta de uma luta. Mas não era uma mulher musculosa. Sem sinais de sangue ou pele sob suas unhas para indicar que ela tentou arranhar o assassino.”

“Algum sinal de que ela tenha sido drogada antes? Isso facilitaria para uma pessoa de porte pequeno estrangulá-la.”

“Como uma mulher, você quer dizer. Darcie Squier, a mulher desprezada.”

“Drogá-la facilitaria para um homem pequeno estrangulá-la, também.”

“O exame toxicológico básico deu negativo. Já que a causa da morte foi sufocamento, o escritório do M.E. não viu a necessidade de um teste confirmatório. Eles têm outros cadáveres alinhados, então temos sorte de conseguir tudo isso.”

“Por curiosidade, no que o Paddy estava metido dessa vez?”

“Embriaguez, outra briga. Seth fica pagando fiança o tempo todo. Devia deixar o Paddy apodrecer lá por um tempo.”

Sim, um tratamento severo não faria mal. Ou melhor ainda, férias forçadas para um centro de reabilitação. “Depois de conversar com o Reece Wable, estou com a impressão de que Nanette era o oposto de Paddy. Perto da santidade, se você ignorar sua breve indiscrição com o Earl. Leal diante dos muitos casos de Oakley. Sem desentendimentos com ninguém. Exceto o seu próprio marido.”

O detetive apontou para uma pilha de transcrições de entrevistas. “Talvez ela tenha assassinado o Oakley depois que ela se cansou do comportamento dele. O atirou num ataque de paixão. Claro, ela não poderia ter se estrangulado.”

“Um amor secreto além do Earl? Alguém que matou a Nanette quando ela descobriu que ele estava por trás da morte do Oakley? Ou

quando ela se recusou às investidas dele.” Reece estaria no topo da lista para isso, Drayco tinha de admitir. A obsessão dele, não tão secreta por ela, a caixa de arquivo sumida, a mesma curiosidade intelectual que ela um dia partilhou com o Oakley.

Sailor disse: “Novamente, não descobrimos evidência alguma disso. Você não acredita em nenhuma dessas possibilidades, acredita?”

“Eu não passei muito tempo com a Nanette no dia que ela morreu, mas apostaria muito dinheiro contra o cenário do amante secreto.

Acho que terei de me juntar ao bilhar <sup>[22]</sup> do Reece.”

O detetive piscou três vezes. “Bilhar?”

“Um bilhar de aposta do escritório, eu suspeito, sobre o assassino. Ou pode ser uma piadinha do Reece. Independente disso, acho que a maioria dos cidadãos apostam seu dinheiro em Earl Yaegle. O próprio Earl acha que você vai prendê-lo a qualquer momento.”

“Você viu o Earl?”

“Eu queria dar uma olhada na propriedade dos Keys e circulei pela fronteira do Yaegle.”

“Ele te ameaçou?”

“Começou a chover e ele me convidou para entrar em sua casa.” Drayco não mencionou o incidente do rifle, já que não podia culpar o Yaegle por estar à beira de um ataque de nervos e querer se defender. E não era o mesmo modelo da arma que matou o Oakley.

O detetive Sailor empurrou pro lado a pilha de papéis. “Huh. Você deve ter um rosto solidário.”

“Ele de fato mencionou o caso com a Nanette.”

“Então você tem um rosto solidário. Desembucha.”

“Ele disse que foi há uma década, quando ele estava tendo problemas financeiros e a Nanette estava deprimida por causa da bebedeira de Oakley, mas só durou alguns meses. É possível que a esposa de Earl, Tabitha, suspeitasse, apesar de Earl não ter certeza. Isso nunca foi discutido entre os Yaegles ou os Keys.”

“Ao menos é o que Yaegle diz.”

“Diferente de todos os outros, não estou pronto para atribuir o assassinato de Nanette ao Yaegle.”

“Outra sensação visceral?”

O tom zombeteiro do detetive continha a camada acerba por trás. Ele e Drayco haviam se dado bem até então, mas Drayco estava a um conflito de causa ruma úlcera na paciência de Sailor. Ele havia se adaptado a trabalhar sozinho, vagando pelo deserto investigativo, saindo do trilho com suas teorias malucas. Mas Sailor, como o seu xará, absorvia o código de Hemingway como um homem sedento por um Martino gelado num dia quente. Drayco manteve a voz leve. “Não tão visceral quanto mastigação. Mantém o intestino funcionando.”

“Então é esse o segredo. Achei que você tivesse percepção extrassensorial.”

Drayco tamborilou em sua pasta. “Guardo uma bola de cristal aqui. Diz que o detetive Ernest Hemingway Sailor matou Oakley e Nanette Keys. Tendo lido todos os livros na biblioteca local, ele estava meticulosamente entediado e precisava de uma distração.”

O detetive pegou um pequeno peixe de borracha que ele usava como peso de papel e o jogou na direção de Drayco, passando por pouco pela cabeça dele. “Você está pegando as manias de Reece Wable. Saia daqui, seu intruso..”

Drayco teve a impressão de que Sailor estava apenas brincando em parte.

## Capítulo 21

Sexta-feira, 19 de março

Drayco passou a noite descansando nos Jepson, mas só dormiu três horas, graças à perna dolorida. Depois de tomar quatro ibuprofen, ele se dirigiu ao píer para a muito agenciada extravagância do nascer do sol da Maida, mas os céus estavam nublados. Como as pessoas no Círculo Ártico—os Inuit, finlandeses do norte e suecos—conseguiram manter a sua sanidade através de meses de escuridão? Ele pegaria o sol quente numa praia das Bermudas em qualquer dia.

O ar sempre parecia diferente ao longo da costa. Umidade, ou o trio SAM de sal, areia e mar. A luz parecia diferente, também. Apesar de não haver raios de sol suficientes ultimamente para iluminar tesouros da cidade como o edifício de arenito de Aquia em frente a ele, para onde ele foi após o píer. Inscrito em mármore verde acima da entrada estavam as palavras latinas *In Spiritu et Veritate*. Ele se curvou através das grandes portas de madeira com painéis em vitrais e procurou pelo escritório com o nome de Randolph Squier em escrita grande dourada.

A secretária, e fonte das fofocas da Darcie, Adah Karbowski, pegou os óculos numa corrente ao redor de seu pescoço. Mas assim que ela espiou o Drayco, seus olhos saíram em disparada ao redor do escritório antes de ela colocar os óculos de volta. Ela colocou um sorriso e parecia sair de seu jeito para ser amigável e obsequiosa ao gorjear, “Você chegou cedo. Siga pelo corredor, primeira porta à direita.”

Drayco mancou na direção que ela havia indicado e levantou a mão para abrir a porta, mas o som de vozes agitadas o fez recuar. Squier não estava sozinho. Espiando em uma prateleira alta no final do corredor, ele se escondeu do outro lado e aguardou. Momentos depois, Paddy Bakely saiu em disparada do escritório e deixou o local

por um corredor diferente. Outro acesso ao prédio, o que poderia explicar porque Adah não sabia que Paddy estava aqui. A menos que ela soubesse e quisesse que o Drayco os encontrassem. Mas por quê? Drayco precisava voltar outra hora e entrevistar a secretária quando o conselheiro estivesse fora.

Drayco aguardou por dois minutos antes de entrar no escritório. Nenhum quadro alinhava as paredes brancas inflexíveis acima da mobília mínima, apesar dos armários de arquivos caros e a mesa executiva estarem em casa na avenida Madison. Mesmo as cadeiras de couro vermelho-escuro pareciam caras. Squier aparentemente queria dar ares de comissariado de impostos, mas não era capaz de resistir aos ornamentos da mesma luxúria que impregnada o solar do cipreste. Drayco avaliou as cadeiras de couro. Os cidadãos sabiam quanto de seus impostos elas custavam?

Squier estava vestido com seu usual terno de alfaiate, mas mais amarrotado, menos engomado. Foi-se o anfitrião obsequioso do solar do cipreste, substituído por um homem que não sorria, tão rígido quanto uma estátua. Mas não tão acessível. Ele ainda tinha a fala arrastada, mas era menos caramelo e mais amargo de campari. “Você não foi específico do porquê queria me ver, Sr. Drayco.”

“Conselheiro, Reece Wable me contou que você deu a ele e Nanette Keys uma excursão pela Casa de Ópera uma vez.”

“Sr. Rockingham me emprestou uma chave. Ele achou que seria prudente mais alguém ter uma, em caso de uma emergência.”

“Você ainda a tem?”

A postura do Squier ficou tão rígida que, se ele fosse viga de ponte, ele partiria em dois. “Você está inferindo que eu usei aquela chave recentemente? Que eu fui cúmplice no assassinato de Oakley?”

“Inferindo? Não. Nem insinuando, também, apesar de você ter de admitir que parece suspeito você não ter contado ao detetive sobre a chave.”

“Eu simplesmente me esqueci da maldita chave, já que não a uso há muito tempo. Quando eu encontrá-la, pedirei à minha secretária para entregá-la ao detetive. Você pode pegá-la com ele.”

Fazia apenas alguns dias que Squier tentava agradar enviando documentos ao Drayco? “Você deve ser familiarizado com a Casa de



Ópera, conselheiro, para se sentir à vontade dando excursões.”

“Dei o meu melhor, embora não tenha sido grande coisa.” Squier se aproximou da cadeira duas vezes, como se para se sentar, mas recuou toda vez. Mapas e fotografias aéreas estavam espalhadas pela mesa de Squier, e Drayco se moveu para olhar mais de perto. Cobriam a área de Cape Unity e a maior parte do condado de Prince of Wales.

Drayco apontou para o local que acreditava onde as propriedades dos Keys e Yaegle estavam localizadas. “É aqui onde estão planejados os futuros condomínios?”

“A linha fronteira dos Keys está aqui.” Squier golpeou seu dedo num divisor amarelo. “E a propriedade do Yaegle vai até aqui.”

“Essas partes ao redor—como esta terra não desenvolvida ao norte. Estou surpreso de não ter sido incluída nos planos da Gallinger. Certamente outros proprietários vizinhos são afetados?”

Squier tossiu, fazendo uma produção teatral pegando um maço de tecidos de seu bolso. Por enquanto, Drayco permitia a ele ganhar tempo, começando a suspeitar do porquê o homem estar nervoso.

O conselheiro finalmente respondeu: “As propriedades de Yaegle e Keys são tudo no que a Gallinger está interessada.” Ele gesticulou atrás de Drayco. “Você pode ver a interpretação do artista de como o produto final vai ficar, bem ali.”

Quando Drayco se moveu em direção às plantas emolduradas na parede, Squier acrescentou, “Compare as duas fotografias aéreas à sua esquerda. Uma é de Cape Unity quarenta anos atrás e a outra é mais recente. Pouca diferença, não?”

De fato, pouca diferença. A não ser pela erosão na costa e a adição de umas poucas estruturas, poderiam ser idênticas. Drayco se virou e notou que Squier havia pegado uma caixa do chão e a colocou sobre os mapas e fotos em sua mesa. Encobrindo mais fotos?

“É por isso que precisamos desse projeto, Sr. Drayco. Sem uma arrecadação maior, a cidade vai morrer. As estradas não se pavimentam sozinhas. Há mais estudantes precisando de prédios escolares, os imigrantes ilegais nos comem vivos nos custos de assistência social. Pode ser que tenhamos de cortar o orçamento do detetive.”

Squier não respondeu à pergunta de Drayco sobre a propriedade

da terra. Squier estava ainda suando, mesmo a sua secretária bem-humorada achando frio o bastante para usar uma jaqueta sobre seu terminho de lã no escritório externo. Drayco o espetou novamente, “E uma vez que o projeto do condomínio seja construído, é apenas natural que mais construções se sigam. Talvez no pedaço de terra virgem ao norte?”

Squier olhou furiosamente para os papéis agora escondidos. “Gallinger não discutiu mais nada ainda.”

Drayco deu o seu melhor sorriso desafiador. “Cape Unity pode encontrar o seu caminho fora do buraco. Eu li sobre uma cidade pequena em Maryland onde um oficial desviou milhares das contas da cidade. Essa mesma cidade conseguiu se recuperar com um excedente de orçamento depois que atraíram um novo resort para a região. Deu pena daquele empregado. Ele foi condenado a dez anos.”

O maxilar de Squier ficou boquiaberto e ele o fechou de volta com um clique audível. Ao se afundar na cadeira, ele estava como um arrastão <sup>[23]</sup> lançando âncora como refúgio de uma tempestade, e seu rosto nublado com temporais escuros. “Você é novo na cidade, Sr. Drayco, e não entende como fazemos as coisas aqui. Creio que você vai descobrir que não somos os caipiras emasculados de cidade pequena que você acredita sermos. Tem havido conversas sobre o conselho, de tomar a Casa de Ópera à força, através de domínio eminente <sup>[24]</sup>.”

“Tem havido, agora?” Tal ação pouparia Drayco da preocupação de ter de lidar com o prédio, e ele poderia ir embora como ansiava fazer quando descobriu o legado bizarro de Rockingham. Mas não havia a menor chance de ele deixar o Squier botar as suas mãos na Casa de Ópera sem uma briga. Cada vez mais, Drayco via o quão rapidamente o Squier perdia o seu charme de cavalheirismo e padrões de fala, uma vez que as luvas de dândi do sul saíam.

Os cantos dos lábios de Squier se enrolaram formando uma meia-lua, e ele juntou seus dados. “Não encaramos numa boa interferências em nossos planos para o progresso. Assim como estou certo de que você não me quereria interferindo em seu pequeno

negócio de consultoria.”

Detetive Sailor mencionou a rede de Squier de influentes contatos ao longo do meio-Atlântico via “raízes do Mayflower” das quais Squier se gabava. Algumas queixas éticas, infundadas ou não, e a lista de cliente de Drayco poderia se secar. As agências legais nas quais trabalhava com frequência poderiam pensar duas vezes em contratá-lo. Era uma ameaça que tinha dentes.

O interfone na mesa de Squier tocou, seguido da voz desincorporada e distorcida de Adah. “Tenho que interromper, conselheiro, mas sua esposa Darcie ligou para te contar que ela está a caminho.”

Na menção do nome da Darcie, Squier deu um salto e avançou a passos largos em direção à porta. “Podemos discutir essas questões outra hora.” Mas o olho maligno que ele dirigiu em direção a Drayco indicava que ele preferia que Drayco desaparecesse. Permanentemente.

Drayco condescendeu com a parte de desaparecer e foi em direção à porta, acrescentando logo antes de sair, “*In Spiritu et Veritate.*”

Squier gaguejou, “O que diabos quer dizer?”

“Em espírito e verdade. Está na frente do seu prédio.”

## Capítulo 22

Este era um prédio que provavelmente se esquivaria da bola de demolição. Oficialmente chamado de taverna verde do Fiddler, Maida se referia a ela como o Ole Trunk and Drunk. Patronos enchiam seus carros com caixas de *brown ale* e *amber pilsner* antes de levá-las para casa, supostamente para afogar suas mágoas. Se você quisesse intemperança imediata, você poderia se sentar na bancada do bar. Ou nas mesas úteis próximas ao banheiro.

Drayco gostava do cheiro de lugares assim, o coquetel aromático de madeira, poeira e whisley servindo um abraço incontrito das indulgências da vida. Uma foto na parede tirada anos atrás mostrava a placa original gabando-se: *Casa dos Espíritos*. O prédio datava de 1880, a única estrutura comercial na cidade mais velha do que a Casa de Ópera. Alguns flertes com incêndio e furacões precisavam de mudanças, mas ficou em boa parte como estava, já que os primeiros consumidores sedentos cambaleavam de joelhos fracos pelas suas portas. O piso de prancha larga e figuras de proa de barcos entalhadas em formas de sereia foram todos resgatados de ferros-velho locais do litoral.

Maida havia perguntado a Drayco se ele se importaria de pegar vinho vermelho para outra de seu famoso grogue pós-jantar. Drayco pagou por sua compra e foi em direção à porta, quando uma voz marmelada familiar chamou o seu nome. Ele circulou para trás e se encontrou na presença de ninguém mais do que Paddy Bakely, com aparência lastimável num casaco esfarrapado e camisa manchada de graxa. Meio caminho entre sóbrio e embebedado, Paddy observou o Drayco com olhos aguados moderadamente inseridos na realidade.

“Você é o cara da Casa de Ópera.” Essa era uma meia-volta das ações de Paddy no tribunal. Até agora. Drayco esperou por uma nova bronca, mas Paddy tomou outro gole de sua cerveja. “Oakley arrombou lá uma vez. Na Casa de Ópera.”

Uma revelação de um bêbado era dificilmente uma dica valiosa que você podia depositar no banco. A Paddy era provavelmente um bom mentiroso quando bebia, mas isso era intrigante demais para deixar passar. “Porque ele invadiu?” Drayco perguntou.

“É uma questão de direito inato,” Paddy disse, numa voz oscilante. “Direito inato e luxúria.” Ele agarrou o colar do Drayco, puxando-o para mais perto, onde foi atingido por um forte odor de malte. Paddy acrescentou num cochicho, “Cuidado, os pecados do pai podem ser visitados nos filhos.” Ele riu roucamente. “Ou seria as mães?”

Ele soltou o casaco de Drayco e se sentou encarando inexpressivamente a sua caneca de cerveja. Drayco olhou para o proprietário, que deu de ombros e disse: “Paddy vem bastante aqui, mas nunca se sabe onde ele realmente está, se me entende.”

~~~

“Olá novamente, Sr. Drayco. Voltou para ver se temos armas novas?” Como da última vez, Randy, o gerente da loja de armas, estava com o rosto vermelho e sem fôlego.

Joel, varrendo o chão, carranqueou na direção da Drayco. “Duvido que um cara com ele esteja aqui só para olhar.”

Drayco pegou uma pistola, a pesou em sua mão e embrulhou seus dedos ao redor do cabo. Peso leve, mas capaz de disparar várias balas no coração. A maciez da arma era similar à sensação acetinada das teclas do piano debaixo de seus dedos. Ele fez esse comentário como tal à sua ex-noiva, que ficou horrorizada que os mesmos dedos que criavam bela música eram capazes de apertar o gatilho num instrumento da morte.

Drayco disse. “Estou seguindo algumas coisas. Por exemplo, acho que vocês não têm nenhuma Webleys?”

Randy inclinou sua cabeça. “Detetive Sailor perguntou isso. Temos algumas antiguidades, nada como esta. Em sua maioria americanas, não britânicas.”

“Alguma outra loja na área que possa ter?”

Randy passou a mão no queixo enquanto pensava. “Não posso dizer com certeza, mas acho que não. Havia uma no condado de

Accomack que vendia antiguidades, da Segunda Guerra Mundial—Lugers, Glisentis, Enfields, Tokarevs, Nambus—mas fechou as portas. As mais próximas estão agora em Maryland ou em Norfolk.”

Ele se animou: “Está ajudando o detetive a descobrir quem matou os Keys?”

“Estou interessado no caso, já que eram meus clientes.”

Joel espremeu os seus olhos. “Clientes seus? Eu achei que sua chegada na cidade era coincidência demais. Foi quando tudo ficou de pernas para o ar. Tem algo a ver com o Earl, não tem?”

Randy não parecia convencido. “Não é o Earl, Joel. Alguém novo na cidade. Ou dois alguéns.” Ele se inclinou em direção ao Drayco conspiratoriamente. “Ouvi falar de um dos motoristas de ambulância que a Nanette não levou um tiro. Estrangulada. Agora, porque o mesmo cara mataria duas pessoas diferentes de duas formas diferentes?”

“Ok,” Joel disse. “Então havia dois estranhos envolvidos. Trabalhando juntos.”

Randy ofereceu uma derrisória. “Achei que você estivesse culpando o Earl pelos assassinatos.”

Joel se escorou contra a caixa próxima ao Drayco. “Eu vi ele e a Nanette Keys num abraço bem mais que amistoso uma vez, quando entreguei umas peças na casa do Earl.”

Randy pegou uma arma de uma caixa e a apontou para Earl e puxou o gatilho. Ele disse: “Bang bang,” e desceu a arma descarregada. “As coisas nem sempre são o que parecem, Joel.”

Os olhos bem abertos de Joel novamente se fecharam em incisões. “Dia seguinte ao assassinato do Oakley, os assistentes do detetive passaram por aqui, bisbilhotando, revirando o lixo. Eles conseguiram alguma coisa, também. O que acha disso?”

Randy tossiu uma vez, alto. “Acho que se você quiser ser gerente um dia, é melhor ter mais cuidado ao falar de seu chefe.”

“Acho que estou mais interessado na verdade do que você.”

Se o detetive não tivesse contado ao Drayco que Joel tinha um álibi hermético para a noite do assassinato de Oakley, ele teria considerado a noção de que Joel matou o Oakley para incriminar o seu chefe. Em todo lugar que ia em Cape Unity, Drayco encontrava

divisões com tensão se espalhando como abalos secundários de um terremoto. Talvez a energia negativa estivesse cozinhando em fogo brando por muito tempo e os assassinatos a trouxeram ao primeiro plano. Talvez fosse hora de a cidade mudar de nome, porque unificada certamente não era.

Houve um pesado silêncio até que Randy quebrou o impasse. “Devíamos todos ir àquela reunião da cidade hoje à noite. Vão discutir o novo desenvolvimento. Joel e eu precisamos dar nossa opinião antes que novas lojas venham e nos façam fechar as portas.”

Esse deve ser a mesma reunião que o detetive mencionou. Pode ser uma boa chance para medir a temperatura da cidade. Drayco disse: “Vejo vocês lá. O Earl está por aqui?”

Joel surpreendeu o Drayco quando apontou a porta em direção ao local de prática de tiro. Drayco podia pegar o Earl em seu habitat natural para variar. Talvez Joel fosse a fonte de original de fofoca sobre o caso de Earl e Nanette, talvez não, mas as notícias haviam se espalhado longe agora. Razão suficiente para o Earl se esconder dentro de casa. Mas aqui estava o Earl, usando protetores auriculares, e apontando uma Smith and Wesson para um alvo de silhueta humana. Ele olhou para Drayco, e de volta ao alvo, e disparou um buraco bem no centro da testa do alvo.

O artigo do jornal local sobre o assassinato de Oakley dizia que ele havia levado um tiro—mas ele não foi atingido em lugar algum. “Você sempre mira para a cabeça?” Drayco perguntou.

Yaegle tirou seus protetores. “Uma morte fácil, se feito certo. Um belo tiro para ter em seu repertório.” Ele entregou a arma ao Drayco. “Faltam três disparos. Quer tentar?”

Drayco pegou um par de protetores auriculares e pegou a arma de Yaegle. Ele disparou as três balas em rápida sucessão, crack, crack, crack. Yaegle encarou o alvo onde os buracos de todos os três disparos foram agrupados sobre o X o centro, um novo respeito em seus olhos.

“Sobras dos seus dias de FBI ^[25]?”

“Tento me manter em forma.” Drayco devolveu a arma para Yaegle. “Mas alvos não são a mesma coisa que a vida real.”

“Olha, você é bem-vindo para praticar o quanto quiser, mas já te

falei que não respondo a mais perguntas sem um advogado.”

Drayco semicerrou os olhos para o alvo. Já havia feito melhor. “Decidi que posso gostar de me juntar àquele clube de caça seu. Squier pertence a ele, não?”

Yaegle acenou com a cabeça. “E outros membros fiéis, nenhum que você conhece. Major Jepson, de vez em quando.”

“Eu jantei com os Squier no outro dia. Coleção de armas espantosa. Obsessivo-compulsivo por telescópio.”

“Obsessivo?” Yaegle colocou as mãos nos quadris. “Quando era garoto, ele observou o pai ser agredido durante um roubo na drogaria da família. Os vagabundos não foram pegos, as pessoas não compraram mais lá, e foi à falência. Se o pai de Randolph tivesse uma arma, as coisas poderiam ter sido diferentes.”

Falência? Foi uma longa caminhada morro acima até o solar do cipreste. E quanto dessa subida foi legal? “Parece que o Squier compensou por tudo. dinheiro, sucesso, propriedade. Ele possui muitos imóveis?”

“Depois que ele reconstruiu o velho negócio do pai anos mais tarde, ele conseguiu vender com enorme lucro. Ele é um investidor mais sábio do que eu. Disse algo, não faz muito tempo, sobre a compra de uma grande propriedade. Brinquei que era para outra casa para guardar todas as roupas da Darcie.”

“Quando você vender a sua terra, o projeto do condomínio pode fazer subir o valor de todas as propriedades por aqui. A dele também.”

Yaegle ainda estava com a arma na mão, e seu dedo indicador deslizava para cima e para baixo pelo cano da arma. Pausou no gatilho, deixando Drayco feliz de Yaegle ter esvaziado a coisa. “Não gosto do rumo dessa conversa. Você gosta de ir atrás de um homem inocente, não? Não me impressiona que Squier me disse para ficar longe de você.”

“Você tem tanta certeza assim de que Squier não é culpado?”

Earl não respondeu, mas não repetiu sua alegação de que Squier é inocente, também.

“Sinceramente, Earl, eu prefiro não pegar o criminoso a botar alguém inocente atrás das grades.”

O dedo indicador de Yaegle parou. “Não consigo pensar em outra

forma de dizer que sou inocente. Eu devia te contratar para provar.”

Pela mordida de urso na mandíbula de Earl, Drayco conseguia ver que ele falava sério. “Já estou representando dois inocentes que foram mortos. Acho que você não gostaria de se arriscar assim. Além disso, me contratar não mudaria a forma que investigo a verdade.”

Yaegle o olhou por um momento. “Creio que terei de esperar que você seja bom no que faz.”

Randy coçou a cabeça dentro do alcance e gritou, “Ei, Earl, odeio te incomodar mas nosso fornecedor de calibre 12 da Winchester ainda não consegue descobrir para onde nosso carregamento foi. Squier está ficando cada vez mais nervoso.”

Yaegle remexeu a arma vazia. “Vou dar um jeito nisso.”

“Obrigado, ó líder destemido.” Randy parou para olhar para o alvo, seus olhos bem abertos, antes de voltar à loja.

Yaegle guardou a arma numa gaveta e encarou Drayco com um olhar. “Da próxima vez, veremos como você se sai no curso de especialista.”

Drayco o observou seguir o Randy, então ficou ali, meditando. O atirador de Oakley era experiente o bastante para matá-lo com um tiro na cabeça à mesma distância que Earl estava do alvo. Mas porque uma Webley, quando Earl tinha acesso a armas mais novas? Squier, também. A escolha da arma era uma redireção calculada ou simbólica? Uma das muitas entradas de enigmas se empilhando no prato do Drayco. Ele olhou para o alvo novamente, com o buraco da bala na cabeça, e teve a sensação mais estranha de que estava rindo dele.

Capítulo 23

Quando a escuridão caiu, bem como a chuva, com o dilúvio transformando as ruas de Cape Unity em rios e seus estacionamentos em lagos. Drayco pegou seu caminho de uma ilha de estacionamento a outra, mas seu pé escorregou, e ele pisou em água até os seus tornozelos. Ele pausou para deixar a onda de dor de sua perna machucada passar. Pelo menos a dor era mais *mezzo-forte* do que *fortissimo* agora.

Ele ficou feliz de chegar ao abrigo do tribunal, que parecia menos opaco à noite. A iluminação de tubo fluorescente do interior transformava o cinza em safira, apesar de deixar as roupas de centenas de pessoas amontoadas na sala do tribunal para a reunião da cidade parecendo um mar de mirtilos.

Uma mulher que ele não conhecia, mas que o reconheceu, andou em sua direção e pressionou a sua mão. “Quero te dizer o quão emocionados estamos quanto à Casa de Ópera. Tenho seis filhos e só querem saber de Nintendo e Homem-aranha. Precisamos de cultura. E empregos. O meu mais velho tem dezesseis anos e onde ele vai trabalhar, no Seafood Hut? É por isso que eu vim. Para ter certeza de que não é o aglomerado anti-tudo.”

Drayco a agradeceu e se desprendeu o mais polidamente que podia. Ele chegou tarde, esperando entrar sorrateiramente e permanecer discreto. Aguardar mais alguns minutos não faria mal, então ele se abaixou numa alcova escura e vazia, próxima a uma porta de *Somente pessoal autorizado*, que deu a ele um ponto de vantagem escondido para observar as pessoas enquanto elas se juntavam. Era também, no final das contas, a porta por onde Randolph Squier fez sua entrada, sua voz reduzida a um baixo resmungo.

Squier se virou para uma companhia que Drayco reconheceu como outro conselheiro da cidade, Calvin Grully, e disse: “Este será uma reunião horrenda e inútil. Os cidadãos descarregando as mesmas

queixinhas insignificantes como sempre fazem, e esperando que a gente se importe. Deixa qualquer um tão... qual a palavra? Tão inane. Sim, estou certo de que é isso, inane.”

O outro conselheiro fez uma pausa, e respondeu: “Eu, uh, sim. Imagino que tenha razão.”

De sua alcova sombreada, Drayco viu os dois homens em perfil—Squier com seu queixo sobressaído monolítico, e outro conselheiro com sua cabeça baixa, remexendo os seus botões do casaco. Squier estava bem mais “inane” do que pensava. E o que aconteceu com todos aqueles “bons cidadãos” sobre os quais Squier havia se gabado? Agora eram apenas vassalos com suas “queixinhas insignificantes”?

O segundo conselheiro disse: “Não acha que eles vão trazer a questão do assassinato?”

“Vão trazer com bandeiras e uma banda marcial.” Squier bufou. “Esses assassinos são um aviso, Cal, sinais de uma praga da comunidade fora de controle. Os transeuntes, os operários de dia, esses mexicanos se multiplicando como coelhos. Uma praga imunda, isso é o que é.”

“E quanto ao Yaegle? Muita gente está culpando o Yaegle.”

“O assassino com certeza não é Earl Yaegle, como aquele detetive sem imaginação pensa. Sailor vai tentar se reeleger daqui a dois anos. Acho que devíamos cogitar lançar o nosso próprio candidato contra ele.”

Cal Grulley puxou um dos botões de seu casaco com muita força e este caiu. “Aquele investigador de Washington vem fazendo muitas perguntas. Deixando as pessoas nervosas.”

“Deixe-o comigo, Cal. Vou me certificar de que ele não interfira com os nossos planos.”

A voz de Squier desapareceu enquanto iam embora, e Drayco esperou até que o par entrasse no tribunal antes de espiar lá dentro. Não era uma sala enorme e mal cabia a multidão que ficou de pé. O objeto de desprezo de Squier, o detetive de aparência cansada, estava de pé em um canto com os braços cruzados sobre seu peito. No canto oposto, ele espiava Nelia Tyler, que acenava para ele.

Ao entrar, ele passou por outros rostos familiares incluindo Joel da loja de armas, com olhos injetados e cheirando a aguarrás. Ou ele

estava pintando ou bebendo uma banheira de gin.

Uma mão gesticulando à esquerda no campo de visão de Drayco lhe chamou a atenção. Rastreado a mão até Reece Wable, que estava encostado numa parede traseira, ele andou para se juntar a ele. “Olá, Reece. Está aqui para documentar este pedacinho de história local?”

“Oh, haverá um artigo no jornal amanhã, que vou adicionar aos arquivos. E posso conseguir uma transcrição dos falantes de Inez bem ali. Estou aqui pelo valor da diversão. É melhor do que luta livre. E de graça.”

Drayco observou o traje garboso de sempre de Reece, uma camisa neon e um blazer marrom belbutina. “Não vejo seu colete à prova de balas.”

“Um descuido. Vamos todos precisar de blindagem antes que a noite acabe. Oh, e fiquei sabendo de seu pequeno incidente divertido. Já tomou suas vacinas antirrábicas? Caso você morda.”

“Prometo que vou dar um latido de antemão.”

Drayco vagou pelo mar de rostos irritados, muitas pessoas já se alinhando em frente aos microfones. Cidade praiana sonolenta ou cidade livre do crime, era a mesma coisa—o desejo de proteger sua cultura, sua forma de vida da mudança, do desconhecido.

Pouco tempo atrás, a audiência seria toda branca. Agora, mais variedade étnica estava salpicada, mais do que Squier queria reconhecer—o naan indiano, a pita árabe, e a tortilla mexicana. Drayco se lembrou de seu pensamento de “caldo cultural” sobre Darcie e Tangier. Porque as metáforas sobre comida? Ele deve estar com fome.

Em cima no pódio, o conselheiro Squier deu conta de deveres de diretor de circo, que comumente eram o domínio do prefeito, que se recuperava de uma cirurgia de desvio. Squier era um homem acostumado a estar no controle de toda a sua pequena esfera. Apesar de seus comentários arrogantes para o outro conselheiro, suas mãos suavam como se estivesse agarrando a tribuna, suas palavras uma monotonia robótica. Ele optou por um visual mais casual, calças menos o blazer. Se era para mostrar solidariedade com as pessoas comuns, foi infeliz a sua gravata borboleta estar torta.

Reece suspirou para o Drayco. “Oakley fez o Squier se passar por

idiota numa reunião como esta. Apontou erros num artigo que Squier escreveu para uma publicação estadual. A maioria das pessoas não nota, mas Squier tem problemas sérios de autoestima. Especialmente quando o assunto é sua inteligência. Acho que ele não perdoou o Oakley.”

Drayco desejava ter uma revista para se abanar, o calor cumulativo de todos esses 98,6 e o ar seco e aquecido do prédio começavam a incomodá-lo. Os presentes estavam divididos entre anti e pró acampamentos, e ambos trocavam acusações ao redor do nome Gallinger como um grito de comício. Se esse microcosmo não entrava em acordo, imagine uma cidade inteira.

Não demorou antes que qualquer tentativa inicial de um discurso educado se degenerasse em gritaria, ambas as facções culpando todos os problemas da cidade e os assassinatos entre si. E uns poucos culpavam Drayco. Se ele esperava ouvir algo de útil da multidão sobre os Keys ou os assassinos, seria mais fácil ele ir ao jardim de infância local e perguntar às crianças—teria descoberto mais com elas.

Os Jepsens sabiamente decidiram não se juntar a Drayco esta noite. Pensar numa noite pacífica no Lazy Crab parecia bom agora, junto a umas meias secas. Já que o detetive Sailor e a Nelia tinham esse circo sob controle e o Drayco se encontrava novamente como potencial distração, ele se desculpou com Reece. Voltando pro carro às pressas não evitou que fosse encharcado pela chuva que não parava.

Ele subiu no Starfire e tirou as suas chaves. A chuva cascadeava tão densamente que não conseguia ver nada nas janelas, como estar dentro de um pequeno tambor. Mas o som de uma batida alta na janela do passageiro lhe chamou a atenção. Era como seu pesadelo mais recente, só que real. Ele se esticou e abriu a porta num impulso, e uma mulher entrou, batendo a porta com força atrás dela. Darcie Squier penteou seu cabelo de volta com os dedos e tirou os sapatos. Como se manuseando seu nariz no clima frio, suas sandálias insubstanciais acompanhadas de uma minissaia que revelava suas pernas formosas.

“Eu te segui,” ela disse. “Boa ideia sair daqui cedo. Quem sabe por quanto tempo esse festival de ódio vai continuar.”

“Você vem vigiando o problema do desenvolvimento?” Era difícil de acreditar que a Darcie se importasse com isso, mais jornalista de tablóide do que uma Rachel Carson.

“Oh, me interessa muito por isso. Este lugar é provinciano demais. Pode nunca ser Nova York, mas ao menos não tenho de dirigir por horas para encontrar um vestido decente.” Ela sorriu para ele. “Ou sutiã.”

Nem tanto consciência social, então, quanto ética de moda. Drayco não era um especialista em moda, mas ele sabia quando as roupas eram caras, e as dela eram. Quantos dias Squier deve ter trabalhado para pagar aquele colar de diamante que Darcie usava? Talvez ela se importasse com ele no fundo, ou talvez homens fossem apenas um jogo para ela. Ou o dinheiro simplesmente importasse mais.

“Você não devia ser vista andando por aí com um detetive. Você sendo uma suspeita e tudo.”

Ela botou a língua para fora para ele. “Aqui estou eu flertando contigo e você tem que se lembrar disso.”

“E quanto ao seu marido, Darcie? Acha que ele ficaria feliz em saber onde você está agora?”

Enquanto passava os dedos pelo cabelo, ela deu um olhar furtivo para o tribunal. “Ele está ocupado demais bancando o grande homem para ver o que eu faço. Além do mais, só estou tendo uma agradável conversa com um novo amigo. Tudo muito inocente. Mesmo se o novo amigo for *sexy* para caramba.”

Ela estava tentando fisgá-lo, e os esforços dela em distraí-lo estavam funcionando bem demais. “Vamos falar de Oakley Keys. Ele era um amigo seu, também. O nome dele surgiu várias vezes essa noite.”

Darcie pegou um fio solto no adorno de couro. “Foi horrível como eles ficavam arrastando o nome dele para sujeita. Como um animal morto na estrada. Não gosto de meus amigos sendo tratados assim. Ou assassinados.”

“Você não está pronto para se entregar como o assassino dele?”

“Só para você. Mas devem prender o Earl Yaegle a qualquer instante. Você já o procurou?”

“Quer dizer que ele é o amado filho de Lizzie Borden e Jack o

estripador?”

Ela ignorou o sarcasmo dele e persistiu. “Eu esperava que você tivesse mais detalhes sobre como Earl fez.”

“Você é a única que está por dentro de toda essa fofoca. Tenho a impressão de que quando uma prisão for feita, você será a primeira a saber.”

Qualquer decepção que Darcie teve foi escondida, já que ela usou o espelho retrovisor para verificar a maquiagem. “Oakley me chamava de fofoqueira incorrigível. Eu tive de perguntar a ele o que significava incorrigível.”

Incorrigível—sem jeito, incurável. Isso dava conta. “O Oakley falava de si próprio, Darcie? Seu passado, sua família?”

“Um dia das mães, ele mencionou a mãe, que ela era boa para ele. Ele disse que o nome dela era O’alguma coisa. Algo irlandês. O’Hannon, eu acho que é isso. Mas isso foi o mais pessoal que ele conseguia. Pelo menos, com detalhes de sua vida.”

Dessa vez, ela deu a ele aquele olhar abissínio de “quando você menos esperar eu vou te pegar”. Drayco se ajeitou em seu banco, focando-se no que Darcie havia dito. Oakley tinha uma mãe alguns anos atrás? O Major Jepson disse que ele era órfão.

Drayco perguntou, “O Oakley era amigo o suficiente para considerar colocá-la em seu testamento?”

“Está brincando? Ele estava falido. A coisa toda com o dinheiro do desenvolvimento veio depois que nos separamos.” Ela descruzou as pernas, e o sorriso sedutor em seu rosto e olhos errantes o faziam se sentir como se já estivesse pelado.

Ela acrescentou, “Você pode me colocar em seu testamento. Talvez eu me torne a Sra. Darcie Drayco até lá. Isso não tem um apelido legal?”

Cada vez que Drayco estava com Darcie, suas defesas escorregavam cada vez mais. O jeito que os olhos castanhos de mel se deixavam voar com ferroadas de paixão era como olhar diretamente para uma foto de sua ex-noiva, cujo temperamento russo combinava com aqueles olhos apaixonados. Ela até usava um perfume parecido, com um toque de jasmim.

Drayco massageava seu braço direito por hábito, e Darcie notou. Ela disse: “Deixe-me ver como são as mãos de um pianista,” e se

rapidamente se aproximou, colocando a palma da mão dela sob os pulsos dele. Ela empurrou as mãos dele para baixo até elas ficarem repousando no colo dele e traçarem os contornos. “Mãos fortes. E dedos longos.”

“Como você descobriu que toco piano?”

“Eu tenho minhas fontes. Quero aprender tudo sobre você.”

Ele não afastou as mãos. Ele devia, mas não o fez. Ela não estava facilitando para ele seguir a sua regra cardeal de ficar longe de mulheres casadas. Ele também entendia o que o detetive queria dizer ao falar que a Darcie não era segredista em seu relacionamento com o Oakley, sentada do jeito que estava no carro de Drayco atrás de uma audiência pública da cidade.

Ele sentia estar em uma expedição de pescaria. Mas para quê? Ele tinha pistas da mesma sensação de seu encontro com Nanette no dia que foi morta. “Você era amiga da esposa de Oakley, Nanette?”

Ela não tirou os olhos das mãos dele. “Não muito. Não significa que eu a assassinei. para quê, com Oakley morto?”

“Pra quê? Se o seu marido tinha interesse financeiro nos condomínios, ele perderia tudo se o desenvolvimento não fosse em frente. Com Nanette fora do caminho, o projeto é um negócio fechado. Gallinger pode esperar pacientemente, um abutre voando ao redor daquele animal morto seu.”

Por uma fração de segundo, ele captou um olhar de preocupação passando pelo resto dela antes que ela dissesse, “Você gosta mesmo de quebrar o clima, não? Eu honestamente não acompanho como meu marido consegue seu dinheiro. Eu só o gasto.”

A chuva reduziu o bastante para separar a cortina d’água do pára-brisa. Umas poucas pessoas saíam do tribunal, e Darcie ficou tensa. “Preciso ir agora. Preciso tentar manter as aparências.” Ela apertou as mãos dele mais uma vez e relutantemente soltou.

Ela abriu a porta e ao sair, acrescenta, “Se quiser fazer uma exploração mais a fundo, te darei uma excursão longa e detalhada. Tenho certeza de que você vai achar bem estimulante.”

Ele esfregou o braço novamente, o toque suave das mãos dela se demorando na pele dele. Pela primeira vez desde que a Darcie entrou, ele estava ciente de seus pés frios e molhados. Meias secas e um

tratado sobre a perspicácia e a deslealdade de mulheres casadas, ou pelo menos esta mulher casada, amanhã.

Capítulo 24

Sábado, 20 de março

Uma típica manhã em Washington pode encontrar o Drayco correndo pela Bacia da Maré. Não chamavam a área de Fundo Nublado por nada—de vez em quando, uma neblina se instalaria espessa o bastante para encobrir o Jefferson Memorial. Esta manhã tinha o mesmo ar, vapor branco se instalando nos pinheiros de Cape Unity como cabelo de anjo rodopiado em redor de uma árvore de natal, obscurecendo parcialmente a casa do Yaegle da visão de Drayco.

“Squier e meu advogado me disseram para não falar mais contigo.” Yaegle empurrou as mãos nos bolsos de sua jaqueta xadrez esfiapada de lã. A previsão do tempo de dez graus abaixo do normal acertou em cheio, e as árvores atrás da casa do Yaegle pouco faziam para firmarem-se contra o ar frio e úmido.

“E aqui estou, ao seu comando, não meu.”

Yaegle esfregou sua testa. “Pensei em algumas das coisas que você disse da última vez. Além disso, não quero cruzar com alguém que atira tão bem quanto você.”

Drayco andou com Yaegle ao longo de um passeio arenoso com milhares de fragmentos de conchinhas numa pequena doca. Earl se rebaixou para pegar uma concha intacta que ele rolou em sua mão. “O dinheiro será bem-vindo, mas vou sentir falta deste lugar. Pode não ser tão grande quanto o solar do cipreste, mas foi um bom lar.”

Drayco inspecionou a concha na mão de Yaegle. Era um búzio arredondado, com a forma do carrossel na mesma de Reece. Ou uma tenda de circo. Ambos eram apropriados para a situação de Earl. Drayco perguntou, “Você vai ficar em Cape Unity?”

Earl pousou os braços no corrimão da doca com seus ombros vergados, deixando-o com aparência de setenta anos em vez de

cinquenta. “Se eu for preso, não terei escolha.”

“E se você não for?”

“Depende dos meus negócios. Diabos, eu mesmo devia comprar um desses condomínios.” Yaegle riu brevemente. “Se forem construídos.”

Apesar do que Drayco ouviu de relance no tribunal, ele tinha a sensação de que era um negócio fechado, barrando um tsunami ou um derretimento da usina nuclear de Calvert Cliffs do outro lado da baía. “Você não estava na reunião da cidade. Pelo menos em pessoa. Seu nome foi mencionado bastante.”

Yaegle riu com desdém. “Não achei que eles precisassem de um para-raios no meio deles. Mas ouvi falar que eles prepararam alguns fogos de artifício sem mim.” Ele olhou para as contas de *strass* de água formando-se no casaco de Drayco. “Porque não entramos? Vou tentar e queimar mais sopa como da última vez que estive aqui.”

Talvez não sopa, mas ele ofereceu a Drayco uma xícara fumegante de café preto que ele gratamente aceitou, sal ou sem sal, e se sentou próximo à lareira. As toras de cedro vermelho oriental da propriedade de Earl eram picantes, mas o estalar alto deixou o Drayco sobressaltado. Parecia demais com disparo de arma de fogo.

Earl jogou mais algumas toras ao fogo e agarrou uma pilha de papéis de folhas soltas. A princípio, Drayco achou que ele ia jogá-las ao fogo, também, mas em vez disso botou os papéis nas mãos de Drayco. “Quero que fique com isto.”

O nome do autor na página do título era Oakley Keys. Como a Nanette disse, Oakley era um verdadeiro ludita—sem CDs, sem computadores, e este manuscrito sem data foi digitado numa velha máquina de escrever manual. O detetive Sailor havia tido que encontraram uma Royal Quiet De Luxe *vintage* na casa dos Keys.

“Isso foi publicado?” Drayco perguntou.

“Está esgotado. Dê uma olhada no sumário.”

Drayco foi direto ao ponto. A escrita de Oakley se inclinava para a esquerda e era pequena e geométrica, como no recorte de jornal na floresta. Oakley escreveu cripticamente, “Que encontremos as coisas valiosas escondidas de nós e descubramos o que é legitimamente nosso.”

Drayco perguntou, “Ele nunca disse o que isso significava?”

“Já que é um livro sobre guerra, acho que tinha a ver com isso.”

Earl se levantou para atizar as toras na lareira. “Sua pergunta do outro dia—porque Oakley não queria vender sua terra? Ele me disse algo uma vez, provavelmente a pesquisa de guerra dele. Estava entre as linhas de não admirar a terra até que alguém tente tomá-la de você e apague todos os traços de sua existência da Terra.”

“Ele se referia a você, Earl? Você emigrou da Alemanha.”

As mãos de Earl se dobraram em seu colo, apesar de seus polegares ficarem cruzando para cima e para baixo. “Você vai descobrir, mesmo. Meu pai pertencia à juventude hitlerista e acreditava na causa nazista, completamente ^[26]. Eu não acreditava, e cortei relações com minha família quando me mudei para cá. Mas nunca falei disso até agora, então duvido que eu fosse o assunto dessa inscrição.”

Apesar da seriedade do assunto, Drayco captou a ironia no uso de Earl de uma expressão baseada em arma. “Quando ele te deu isto?”

“Na época que ele passava aqui para tomar uma cerveja regularmente. Ou devo dizer, cervejas. Quanto mais ele bebia, mais deprimido ficava. Até recitava poesia deprimente.”

“Tipo qual?”

“Um de seus poetas favoritos era um soldado britânico. Omen, Odon, algo assim.”

“Wilfred Owen?”

“É isso aí. Cara, esses poemas eram depressivos.”

“Owen estava nos seus vinte anos quando foi morto na Primeira Guerra Mundial.”

“Faz sentido. Oakley tinha um poema favorito—a morte era absurda e a vida ainda mais absurda.”

Drayco pensou no próprio poema de depressão de Paddy Bakely, os seus “anjos negros”. Talvez não fossem amigos do peito, mas Paddy e Oakley dividiam muito em comum. Poesia, trabalho em madeira, alcoolismo. Pode ser o porquê se não se darem bem—eram dois pólos magnéticos repelindo um ao outro.

A neblina da manhã se levantou o bastante para o Drayco ver os

contornos da doca silhuetada contra a pálida folha verde da água além. O claro contrastava contra o escuro, como uma fotografia *chiaroscuro*. “Voltando a quando a personalidade de Oakley mudou, alguma coisa incomum precedeu isso, algum sinal estranho, mesmo sutil?”

Uma série de estalos altos da lareira atraiu a atenção até mesmo do Yaegle. Ele se levantou para deixar aproximar a tela da lareira. “Foi na mesma época em que ele construiu aquele santuário no jardim. Pouco tempo depois, ele passou aqui e bebeu até cair. Ficou murmurando sem parar sobre um destino que nos faz irmãos. Achei que ele estivesse se referindo a mim. Mas Oakley e eu certamente não terminamos como irmãos.”

Earl se focou no fogo, a luz amarela e laranja refletindo em suas pupilas abertas. Só um ocasional silvo das toras reclamando quebravam o silêncio na sala. Lareiras eram um enigma em várias formas. Barulho, fogo, fumaça, cinzas—era como um vulcão controlado que as pessoas voluntariosamente colocavam em seus lares.

Eles se sentaram em silêncio por um tempo e a lenha ficou uns bons dois minutos chamuscada na não-existência quando Earl falou novamente. “Acho que ainda sou o principal suspeito. Cada batida à porta, cada ligação...” Ele pausou, se endireitando em seu assento. “A qualquer dia espero me encontrar arás das grades.”

Ele pode estar certo, mas se o Randolph Squier conseguir o que quer, Earl estava seguro. Muita coisa levava à inocência de Earl—empregos, impostos que o novo desenvolvimento pagaria, o destino de algumas instituições de caridade melhoraria. E os prospectos de Squier para uma futura venda de propriedade.

Drayco leu a inscrição no manuscrito de Oakley novamente. Algo valioso, algo escondido, algo que ele sentia ser seu legitimamente. A arte baleeira da Casa de Ópera? O relógio de Reece, ou uma peça diferente que o Oakley roubou? Ainda mais preocupante, a Nanette havia sido envolvida? *In Spiritu et Veritate*.

Capítulo 25

Drayco chegou em frente a uma caixa de sarrafo desgastada que chamam de casa. A secretária de Squier, Adah Karbowski, acenou para ele de dentro, mas ficou lançando olhares dele para o sofá, como que esperando que ele não ficasse muito tempo. Ele ouviu tosse de uma sala atrás, e Adah brevemente virou a cabeça para ouvir. “Essa é a minha irmã, Emily. Um dia chamavam de febre intermitente, agora é gripe. Não sei porque nunca pensei nisso,” ela balbuciou. Ela lambeu os lábios, então se levantou mais endireitada e apontou para o sofá. “Não quer se sentar?”

Ele se sentou no sofá baixo, que deixava as suas longas pernas em ângulos esquisitos. Ela não precisa se preocupar, não tem como ele ficar confortável demais. Ele captou um forte perfume de Vick’s VapoRub, e também notou uma caixa de chá de camomila numa mesa lateral próxima a uma caixa de sais para cheirar. “Sinto muito que sua irmã não esteja bem. Tem alguém que pode ajudar?”

Adah se instalou numa cadeira oposta. “Os Haberlandts que moram do lado. Ela disse que te procurou na prefeitura da cidade. Eles estão se virando para fazer milagres, com seis filhos, mas são bons vizinhos. Cape Unity está cheia de boas pessoas. Nem todos somos rústicos e assassinos.”

Os músculos ao redor dos lábios de Drayco se contraíram, ameaçando sorrir. “Duvido que a cidade toda esteja envolvida numa conspiração. As pessoas atribuem os assassinatos às pessoas que chegam, ao que parece.”

“Não tenho estômago para uma besteira dessas. Esses infelizes tiveram uma vida dura e querem as mesmas coisas que todo mundo. Um pouco de trabalho, uma chance de ser feliz. Deixem-nos em paz, eu digo. Metade da cidade é de imigrantes—os Spencers, os Coles, a família de Reece Wable, até mesmo o Ari Johnsson, o fotógrafo, ele é da Islândia. Somos todos vira-latas.”

Depois de uma rápida verificada na decoração, alguns podem rotular a decoração da casa de Emily e Adah como gasto-sem-ser-chique, mas era impecável com designs pastéis de conchas tricotados em almofadas, echarpes, e um tapiz na parede. A exceção era um tapete tecido de vermelho-sangue no chão. Comparado às acomodações palacianas do solar do cipreste, era como uma casa de bonecas mobiliada pelo Exército da Salvação.

Drayco se inclinou para frente para examinar um livro escrito à mão das receitas de família, que estava na mesa de centro, encadernado com fio de juta marrom entre as capas de laranja-abóbora. “Maida diz que você é a *chef* que criou a bela refeição que eu comi na casa dos Squier.”

Adah pegou o livro e o abriu numa página com uma receita para carne de veado refogada com molho de ostra. “Esta é a que eu fiz, bem aqui. Da minha avó Maribel para você.”

“Espero que os Squier gostem de seus talentos culinários tanto quanto eu.”

“Eles não são grande coisa. Acho que é o que eles esperavam.”

Ele leu a lista de ingredientes para o prato com carne de veado. Vinho tinto, alecrim, cogumelos shitake. Então é isso que eram. “Você trabalhou para o Sr. Squier por algum tempo?”

“Quinze anos. Não parece muito tempo.”

“Você foi uma empregada doméstica que morava no emprego. Suas tarefas mudaram quando o conselheiro se casou?”

“A Sra. Squier não queria uma empregada que morasse no emprego. Eu ainda faço limpeza para eles, mas só uma vez por semana. Ele me manteve como sua secretária.”

“Foi uma transição tranquila após o casamento?”

Adah engoliu duro. “Houve problemas no começo. Não tenho certeza se a Sra. Squier me queria por perto. Era de se esperar, é claro, ela sendo uma nova noiva e tudo. Mas as coisas não melhoraram muito.”

Drayco se encontrou querendo defender a Darcie, mas mordeu a língua. “Na noite em que estive lá, a Sra. Squier mencionou um rumor sobre Nanette Keys e Earl Yaegle. E que você era a fonte.”

Adah torceu uma toalhinha de crochê de renda em seu colo até

que o tecido ficasse bem apertado. “Acho que sou culpada de repetir fofocas de vez em quando. É um mau hábito.”

Adah e Darcie tinham mais em comum do que as duas pensavam. Drayco disse: “Todos temos hábitos ruins. Mas neste caso, qualquer informação pode fazer a diferença para nós.”

Como ele observou no escritório do Squier, os olhos da Adah saíam em disparada pela sala. Ela pode ser uma fofoqueira inveterada, mas também era tão nervosa quanto uma criança numa trava de equilíbrio, sem saber quando pode cair.

Drayco se inclinou para frente, como um conspirador discutindo um segredo compartilhado. “Há um surto de casos amorosos por aí. Tem alguma coisa na água?”

Adah soltou a toalhinha, permitindo-a se desenrolar em renda enrugada. “Eu me perguntei isso. Eu diria que estamos quites com o resto do mundo. Nanette e Earl—foi um choque.”

“E você soube disso recentemente?”

“Já faz um tempo. Mas eu mencionei isso a um amigo ao telefone depois que Oakley foi morto. Acho que a Darcie acabou ouvindo.”

“Irônico, não acha? Que Darcie repetiria uma fofoca assim, considerando que é senso comum que ela estava ligada ao Oakley. A linha da fofoca era ativa entre elas?”

Adah lambeu seus lábios novamente. “Ninguém ouviu isso de mim. Nem precisava—eles não foram discretos. Não fiquei surpresa, note, que Darcie poderia ter um caso. Não teria escolhido o Oakley como escolha dela.”

“O caso durou muito tempo?”

“Acho que não durou nem um ano. Difícil de dizer quando a Darcie se importa por qualquer um, se me perguntar.” Adah olhou diretamente para os olhos dele, sem se preocupar em estar difamar a Darcie na frente dele.

“Nenhum sinal de que ela e Oakley tenham reatado esse relacionamento recentemente?”

“Darcie tem ficado boa em botar freio nos seus flertes.” Ela balançou a cabeça para o Drayco. “Mas acho que ela está ficando agitada novamente.”

Drayco deixou essa passar e cuidadosamente expressou sua

próxima pergunta. “O conselheiro ficou compreensivelmente furioso quanto ao caso. Mas essa raiva se traduziu em violência ou abuso?”

Ela hesitou. “Ele tem ataques de raiva. Nunca o vi bater em ninguém, se é o que está me perguntando. Nem mesmo sua esposa. Mas eu o vi jogar coisas tão forte que se quebravam em mil pedaços.”

“Aparentemente os cidadãos não se importam de eleger um conselheiro temperamental.”

Adah carranqueou. “Por dois mandatos até agora. Não sei se ele ganha o terceiro. Algumas das pessoas contra o desenvolvimento acham que ele matou o Sr. e a Sra. Keys para que seu projeto de estimação fosse em frente.”

“Você acredita nisso?”

Adah mudou de posição em seu assento. “Não sei, com toda a honestidade. Mas as pessoas não estão falando comigo como falavam um dia. Eu trabalhando para o Squier e tudo.”

Drayco ficou com mais pena por Adah neste momento. Porque ela não conseguia encontrar emprego com um contador na cidade ou Earl Yaegle? Pelo menos o Earl era um chefe decente, se você acreditasse no Randy e não no Joel.

Drayco perguntou, “Foi por isso que você ficou com medo no dia que visitei o escritório? Que o Squier e o Paddy pudessem ir às vias de fato?”

Ela se contorceu em seu assento. “Eu estava com mais medo do Paddy. Ele já foi preso tantas vezes. Eu não devia ter te encaminhado ao escritório, sabendo que o Paddy estava lá. Mas o Sr. Squier não me disse que tinha companhia chegando pela porta dos fundos. Não foi minha culpa se você passou por eles, foi?” Ainda se contorcendo, ela optou por encarar o chão.

“Pode ser divertido botar o Squier em um canto do ringue e o Paddy do outro e observá-los se esmurram.”

Ele foi recompensado quando ela levantou sua cabeça com os olhos acesos. “Como esses lutadores na TV? Emily e eu os assistimos às sextas-feiras à noite. Gosto do que se chama Prince Dynamite.”

À luz da referência de Reece Wable à luta livre, Drayco decidiu que o Reece devia ser apresentado à Adah e à Emily. O trio poderia ter a noite da luta-livre, completa com um Virginia merlot e uns muffins

da Maida feito com mirtilos de seu jardim.

“O Squier ameaçou o Oakley?”

Ela pausou. “Ele criticava a decisão de Oakley de não vender a sua terra. Ele falou sobre todo o dinheiro a ser perdido se não conseguissem convencer o Oakley a vender.”

“Imposto de renda, ou fundos pessoais?”

“Imposto? Ele não usou essa palavra. Ele estava agitado, perguntou o que poderia ser feito.” Ela se segurou, como que percebendo como as suas palavras poderiam soar. “Eu não acho que... Ele não poderia estar falando de assassinato.”

“Com quem ele estava falando?”

“Não consegui ouvir o outro lado da conversa ao telefone.” Ela ficou vermelha novamente. “Não que eu seja uma bisbilhoteira.”

Era difícil para o Drayco imaginar a vida solitária da Adah. Maida havia lhe dito que os cidadãos chamavam as mulheres Karbowski de

solteironas de Westminster^[27], por causa do nome da rua onde a casa delas ficava. Emily possuía deficiência há anos, e boa parte do contracheque da Adah ia para ajudar a cuidar de sua irmã. A fofoca era que Adah era sua corda de segurança para o mundo externo, e ele não a ressentiu pela indulgência. Além disso, já havia se tornado útil.

“De acordo com o detetive, o Sr. e a Sra. Squier estão fornecendo álibis um para o outro, na hora dos assassinatos. Você estava aqui com a Emily?”

“Eu estava aqui domingo à noite, quando o Sr. Keys estava—” Ela parou, seu lábio tremendo. “Quando o Sr. Keys morreu. E eu estava no solar do cipreste na quarta-feira na tarde da morte da Sra. Keys, me preparando para o jantar no qual você foi. O senhor e a senhora estavam fazendo um serviço na hora. Não estou certa. Quando retornaram. Eu estava na cozinha nos fundos da casa, veja.”

Drayco perguntou gentilmente, notando o estresse cada vez maior de Adah, “Algum comportamento incomum de um deles recentemente?”

“A senhora estava a mesma de sempre. O Sr. Squier, por outro lado, estava muito irritado. Ele me mandou chamar o doutor Vrooman para conseguir uma prescrição de remédios para dormir.”

Drayco ouviu a Emily tossir novamente, do quarto nos fundos. “Você precisa cuidar da sua irmã, então não vou me delongar aqui. Mais uma coisa. Como o conselheiro descobriu sobre Darcie e Oakley?”

“Até onde eu me lembro, foi o Earl. Earl Yaegle.”

Capítulo 26

Cada casinha de bonecas de Cape Unity ficou mais claustrofóbica. Drayco não sabia o que esperar dentro da casa com tamanho do apartamento de Seth, ainda menor que a de Adah Karbowski. Mas levaria no máximo dois minutos para mapear o espaço, apenas uma combinação de sala de estar e área para jantar, uma cozinha de galera, um pequeno quarto e um banheiro. Que os Bakelys conseguiram pagar com o escasso salário que Rockingham pagava a Seth, era um tributo às habilidades com o dinheiro do Seth.

A sala de estar era desprovida de personalidade, o sofá único e uma cadeira solitária coberta em listras desbotadas um dia psicodélicas, provavelmente refugiadas dos anos 1960. Móvel sob efeito de ácido. Era quase uma pena o Drayco não estar usando aquela camisa tie-dye que seu ex-parceiro lhe deu como um presente de piada.

Uma mola o espetou atrás da cadeira, e ele se sentou para frente para escapar dela. Seth parecia pronto para saltar, também, as fibras da dele estando acolchoadas em espirais apertadas. Este não era um homem confortável em lidar com pessoas.

“Acho que você e eu estamos no mesmo barco, de certa forma, Seth.” Os músculos ao redor das orelhas de Seth se contraíram, mas ele permaneceu em silêncio.

Drayco continuou, “Nenhum de nós viu a chegada deste legado do Rockingham. Nenhum de nós o queria. Mas estamos ambos presos com a decisão dele, então devemos discutir como tirar melhor proveito dele.”

Seth se sentou de volta tão duro contra a sua cadeira, que esta rangeu em reclamação. “Está pedindo a minha opinião sobre o que fazer com a coisa?”

“Alguns cidadãos a querem reaberta. Você concorda?”

Seth mexeu sua mandíbula de um lado ou outro, como que

mastigando diante do pensamento. “Deve ser usada ou derrubada. Vazia, é isca para inseto. Não faz senso para os negócios. Sempre me perguntei porque ele a deixou apodrecer.”

As palavras saíram da boca de Drayco sem ele pensar. “Sinto muito que ele não te pagasse mais. Podemos fazer melhor do que isso.” Onde exatamente Drayco conseguiria o dinheiro era um mistério. E também pressupunha ele não vender o edifício, não?

“Não preciso de caridade.”

“Não seria caridade. Independentemente de a Casa de Ópera ser vendida ou restaurada, vai gerar dinheiro para tais propósitos.”

“Porque você faria isso?”

Porque, de fato. Drayco admitia que ele não devia nada ao Seth. Ele apenas herdou as bagunças que o Rockingham deixou para trás. Alguns podem argumentar que seria gentil aos Bakelys se ele os liberasse, forçando-os a encontrar uma melhor situação. Drayco havia descoberto que o Seth possuía um pequeno cheque de segurança social, mas duvidava que fosse o suficiente para se viver. Seth não era jovem e não tinha habilidades empregatícias, além de trabalho manual. Trabalho que qualquer pessoa mais jovem, incluindo alguns daqueles “ilegais” sobre os quais os moradores locais estavam preocupados, seria capaz e disposto a fazer de fornecer mais barato. O que seria do Seth?

Drayco respondeu: “Porque é a coisa certa a se fazer.”

Seth encarou o Drayco com curiosidade. Drayco se identificou com um zoólogo tentando descobrir como classificar um espécime anômalo. Drayco acrescentou, “Eu tinha outra razão para vir. Algo que Paddy disse no outro dia.”

Seth quase sorriu, apesar de que, como Drayco nunca havia visto como é um sorriso do Seth, era difícil dizer. “Ele estava bêbado ou sóbrio?”

“Um pouco de ambos. Mas ele me contou que o Oakley Keys uma vez invadiu a Casa de Ópera.”

Seth definitivamente não estava sorrindo agora. “Ele não deveria ter dito isso.”

“Era verdade?”

Seth cedeu a cabeça. As unhas de uma mão revolia pelo descanso

de braço. “É verdade. Eu mesmo o vi, quando ele saiu.”

“Quando te perguntei pela primeira vez na Casa de Ópera, você disse que nunca o viu aqui.”

“Foi há muitos anos. Não achei que importasse.”

Ou talvez, Seth não quisesse dar ao Rockingham ou ao Drayco mais razões para ele ser despedido. “Você tem alguma ideia porque o Oakley entrou escondido?”

“Objetos de valor. Muitos lugares invadidos ao redor da mesma época. Pode ser ele, pode não ser. Não queria me envolver em tudo isso. Já é difícil o bastante manter o Paddy longe de problema.”

“Você viu o Oakley e o Randolph Squier lá juntos?”

“Não juntos. Squier veio algumas vezes sozinho. Tinha sua própria chave. Ele tentava vir cedo, antes das minhas rondas. Acho que ele não me queria observando-o. Mas eu o vi.”

“É possível que o Squier estivesse procurando objetos valiosos, também.”

Os olhos de Seth se escancararam numa fração. “Um cara alinhado como ele?”

“Talvez seja assim que ele enriqueceu.”

Drayco fitou uma pequena mesa de madeira caseira vacilante contra uma parede. Se aquele era o trabalho manual de Paddy, Yaegle tinha razão—as habilidades de trabalho em madeira do Oakley deixavam o Paddy comendo a poeira da madeira. “Oakley e Paddy tinham muito em comum, Seth. Que pena que não se davam bem.”

Seth se inclinou para frente. O cheiro acre de cigarros baratos o envelopou como um casulo, deixando óbvio demais aonde parte de seu contracheque ia. “Keys era um beberão, como o Paddy.” A voz de Seth ficou mais rouca. “Esses roubos sobre os quais te falei. Foram no final dos anos 1960 ou começo dos 70. Tudo era de cabeça para baixo. Vietnã. Claro, você ainda não era nascido. Você não conhece a guerra.”

Drayco pode não ter passado pelo Vietnã, mas ele não havia nascido em outro planeta. Não havia fotos de família pela sala, certamente não havia fotos de soldados de uniforme. Talvez os problemas de Paddy tivessem base militar. Distúrbio de stress pós-traumático explicaria muita coisa.

“O Paddy serviu no Vietnã? Ele seria da idade certa.”

“Ele foi convocado. Rejeitado 4F. Epilepsia. Poderia ter sido melhor se ele tivesse conseguido. Poderia tê-lo tornado mais sóbrio.”

Ou tornado as coisas piores. Se o Paddy tinha problemas com a realidade como ela era, os horrores da guerra não teriam ajudado. “Ele ainda sofre de epilepsia?”

“Os ataques apopléticos pararam nos vinte anos dele. Ainda bem que sem plano de saúde.” Seth se deteve. “Paddy não bebe por causa disso. É o que ele é. Faz dele um alvo. Ele é fácil de culpar pelos males de todos os outros.”

Drayco vasculhou a sala novamente atrás de fotografias, anuários, álbuns. Nada. “Não tem ninguém da família que pode ajudar a ficar de olho nele?”

Seth se enrijeceu novamente, apesar de as suas unhas continuarem a revolver a cadeira. Ele estava na defensiva, de que Drayco insinuava que ele não conseguia lidar com Paddy por contra própria?

Seth disse: “Alguns sogros. Não os vemos muito. Não moram por perto.”

“E seus parentes de sangue?”

“Não nos damos bem.” O tom obscuro da voz de Seth e seus olhos lampejantes indicavam que a linha de interrogatório não iria muito longe. Poderia ser uma centena de razões diferentes, a maioria das quais Drayco havia encontrado num ponto ou outro. Uma centena de diferentes formas de as famílias se separarem.

Drayco perguntou, “Eu achei que a mãe do Paddy havia nascido nesta região, mas você disse que a família dela mora bem longe.”

“Eles se mudaram depois que a Angel morreu. Pouca coisa para prendê-los aqui.”

“Nem mesmo um neto?” Seth não respondeu. “Estou certo de que a morte de sua esposa foi difícil para todos vocês. Novamente, eu sinto muito.”

“Doeu mais no Paddy, já que o Paddy perdeu a mãe jovem.”

“Eu também,” Drayco disse, apesar de que “perder” mal descrevia a realidade. Ele não estava tentando forçar uma ligação empática com Seth, mas o Seth acenou. Seu quase-sorriso foi logo eclipsado por uma careta, ao se torcer em seu assento.

“Você está bem?”

“Estômago irritado. Provavelmente por esses aqui.” Seth acenou a sua mão para um pacote meio comido de cascas de churrasco de porco. “Vai ficar muito tempo na cidade?” ele perguntou.

“Não sei. Tenho que tomar algumas decisões a respeito da Casa de Ópera, mas tenho também dois clientes que merecem justiça.”

A essa altura, Seth remexeu o descanso para braço tão fundo que o Drayco esperava as fibras começassem a sair. “Você disse que a Nanette ajudou o Paddy na agência de assistência social. Pode me contar mais sobre ela?”

“Ela era boazinha comigo. E com o Paddy. Não porque ela era paga para isso. Ela era assim.” Seth olhou brevemente para cima, e para baixo novamente, sem adicionar mais detalhes.

“Estamos falando de terapia—”

“Não quero mais falar sobre o Paddy.” A intensidade nos olhos de Seth enfatizava seu alerta, a mensagem clara. O estado mental de Paddy estava proibido, ponto-final.

“Quando você estava na agência, você viu ou ouviu alguma coisa que indicasse um motivo para o assassinato da Nanette?”

“Acho que ninguém ia querer matar a Nanette. Deve ser um ladrão que pensou que eles tivessem dinheiro. Muita gente nova na cidade. Mas os mais antigos têm mais experiência.”

No rosto estoico do Seth, ruborizado por trabalhar no sol no terreno da Casa de Ópera, linha se formavam como regatos secos de areia num deserto. Linhas pequenas, de esforços de se formarem em sorrisos ou carrancas, ou em algo que Drayco não conseguia identificar. Arrependimentos? Seth não se mexeu quando Drayco se levantou para sair.

“Obrigado por seu tempo, Seth.” Ele fechou a porta atrás dele, com o Seth moldado na mesma posição, encarando-o à distância.

Em que condições o Paddy voltaria para casa? Bêbado, sóbrio, machucado, cambaleante? Amor paterno ou não, esta era um laço familiar duradouro que resistiu a centenas de razões pelas quais as famílias se separam.

Capítulo 27

Drayco parou na loja da galeria de arte local para ver se alguém havia tentado vender uma máscara de coruja de madeira como a de Oakley. Foi uma perda de tempo. O balconista, cujo cabelo roxo espetado se enrolava no topo o fazia parecer com um cardo, disse que nada assim foi trazido.

Sábados em março não atraíam multidões para o centro, só alguns veículos encarando o clima sombrio. Um era um sedã preto estacionado na rua da galeria, retirado logo depois de Drayco. Parecia o mesmo carro que o seguiu depois do ataque do animal no parque.

Ele pegou uma rota serpenteante pela cidade, o sedã mantendo uma distância discreta. Procurando por uma forma de confrontar o seu observador, Drayco foi pego de guarda baixa quando o sedã zuniu num ângulo de noventa graus. Passou por um dos poucos semáforos vermelhos da cidade e estava a um fio de cabelo de distância de bater de lado os dois carros.

Os outros carros desviaram para evitar o sedã, mas bateram um no outro, com um aperto repugnante de metal no metal. Drayco parou tempo o bastante para se certificar de que todos estavam bem. Ele pulou de volta para o carro e foi em direção aonde a sua perseguição começou. Mas a vantagem foi grande demais.

Pausa de sorte para o sedã. Pequenas cidades não eram contribuíam para truques de vigilância, dificultando seguir alguém sem ser visto. O detetive Sailor apontou que seria mais fácil encontrar um extraterrestre cinza do que conduzir as investigações discretamente. Drayco precisava perguntar ao detetive sobre sua obsessão por formas de vida alienígenas.

Quando mais Drayco testemunhava o detetive em ação, mais ele o admirava. Drayco estava acostumado a ver o cumprimento da lei se atolar numa areia movediça territorial, mas Sailor não tinha um osso egoísta em seu corpo profissional.

Drayco ligou para o escritório do detetive para registrar o local do acidente e uma descrição do perseguidor do carro, então continuou na Casa de Ópera, encostando em frente. Ele andou ao redor do perímetro procurando por rachaduras ou qualquer coisa que sugeriria um empreiteiro trazendo máquinas em sobremarcha. Estava no meio do caminho quando um Jaguar prateado parou na rua, e a porta do passageiro se abriu.

“Entre,” Darcie mandou.

“Porque?”

“Porque te estou sequestrando.”

Sua inspeção na parte externa da Casa de Ópera poderia esperar. No segundo que ele fechou a porta, Darcie acelerou, chegando dez minutos depois em uma área da cidade que ele não havia visto antes. Eles estacionaram em frente a um pequeno cemitério ao lado de uma laje de concreto onde algumas ervas daninhas de “funcho de cachorro” surgiam nas rachaduras no concreto ^[28]. Muitas das lápides estavam inclinadas e nem sinal de flores nas sepulturas. Nem mesmo raízes secas.

“Onde fica a igreja?” ele perguntou.

“Queimada há muito tempo. Não é o que eu quero te mostrar.” Ela pegou a mão dele e o levou por entre as lápides através de um arvoredo de arbustos até chegarem a uma clareira. Uma pequena ladeira abrupta levava direto à água. Uma visão da baía o saudava, mais desobstruída, mais impressionante, do que qualquer outra que ele havia visto no litoral de Cape Unity.

“Deixe para os mortos terem a melhor vista da cidade.” Ela tinha um sorriso travesso. “Oakley e eu costumávamos nos encontrar aqui.”

“Pela vista, claro.”

“Depende de que vista você se refere.”

Ela teve o bom senso de não usar salto alto desta vez, e seus sapatos não estavam afundando no solo úmido, mas agora a sua cabeça mal alcançava o ombro dele. “Onde mais você e Oakley se encontravam, com ou sem vista?”

“Além daqui e a casa dele? Encontramos-nos outra vez num lugar próximo e querido ao coração dele. A Casa de Ópera.”

“Quer dizer que vocês invadiram juntos?”

“Só um pouquinho. Entramos escondidos enquanto Seth estava lá e a porta destrancada. Escondemos-nos até ele sair. Oakley sabia exatamente onde se esconder.”

“Ele sabia, agora?” Então Seth e Paddy tinham razão. Oakley havia invadido o lugar, e da forma que soava, mais de uma vez. “E você transou com o Oakley lá na Casa de Ópera em frente a todos esses fantasmas?”

Darcie embrulhou ambos os braços ao redor de um dele. “Agora você está me irritando.”

“Merecidamente. Ele te contou que esteve dentro da Casa de Ópera antes?”

“Ele era fã de música. Não fiquei surpresa. Ele amava música de piano, apesar de não saber tocar.”

Ela se moveu em direção a um carvalho, e o levou junto até ficarem ao lado deste. Ele se aproximou para inspecionar uma seção com um entalhe na madeira.

“Oakley fez isso,” ela disse.

“Parece uma chave.”

“E é. Por causa do nome dele, claro. Um carvalho. Uma chave. Uma piada.”

Drayco dedilhou o centro da chave. “O que é isso? Letras em minúsculas?”

Ela o socou levemente no braço. “Você é bom. Nunca descobri o que eram. Diz b-b. Perguntei a ele o que queria dizer. Se ele teve uma arma BB quando criança, ou um animal de estimação chamado de BB. Mas ele riu de mim.”

B-b novamente. Assim como nas margens do recorte de jornal que ele encontrou na floresta. O detetive ficaria animado com mais este enigma. Mas Nanette disse de fato que o marido gostava de jogos.

“Oakley sabia mesmo usar uma faca.”

“É por isso que ele ensinou o Randolph. Porque era muito bom nisso.”

Drayco teve de processar isso por um segundo. “Oakley ensinou o Randolph a entalhar? Achei que eles não suportassem um ao outro..”

“Randolph adora essas presas de marfim. A arte baleeira. Ele as

coleccionou por muito tempo e queria fazer as suas próprias. Então, ele pediu ao Oakley para ensiná-lo a como entalhar. Não eram melhores amigos, mas próximos na época. Antes da minha época.”

“Seu marido era talentoso o bastante para fazer um entalhe intrincado?”

“Imagino que não. E não o vejo pegar as facas há muito tempo.”

Ela agarrou o braço dele novamente, permitindo aos seus dedos trilharem a mão dele. “Você está se perguntando se sou o motivo pelo qual eles se tornaram inimigos, não está?” Ela traçou os contornos de cada um dos dedos dele com o seu polegar.

“Passou pela minha cabeça.”

“Homens sempre brigaram por mim.”

“Pistolas a vinte passos?”

“Você sabe o que quero dizer.”

“Acho que isso tornaria bem difícil um homem confiar em você.”

“Oakley confiava.”

“O suficiente para te dar qualquer coisa para guardar para ele—arquivos, documentos, gravações?”

“Sou a última pessoa em quem alguém confiaria com coisas importantes. Pergunte ao meu marido.” Ela virou a sua cabeça para a baía, seus olhos refletindo as cristas espumosas na água.

Ela tremeu de frio e se grudou mais apertado no braço de Drayco. Seu suéter mal dava conta de cobri-la contra ventos saltando por aquelas ondas espumosas, mas ele não estava certo de que aquilo era o problema de verdade. “Você está com medo, Darcie?”

Ela se desviou da pergunta dele. “Todo mundo tem medo de algo, não? Randolph tem medo de sua própria sombra hoje em dia.” Ela se esticou para pentear um tufo de cabelo do Drayco da testa dele, e apesar das mãos frias, o toque dela era quente na pele dele.

Ele não queria admitir, mas estava feliz em vê-la. Neste ponto afastado com ela ao seu lado, ele estava mais em paz do que em dias. Talvez fosse a aparição que ela fez em um de seus sonhos na noite passada. Não em um de seus pesadelos. Decididamente mais agradável.

“Essa camisa azul é linda,” ela disse. “Devia usá-la com mais frequência. Combina com a cor de seus olhos.”

“Você me trouxe aqui para me elogiar?”

“Só estou sendo amistosa. Achei que você fosse gostar da vista.”

Drayco recuou. “Se você se refere a isto como o *tour* detalhado que você mencionou, acho que não é uma boa ideia.”

“Eu sou uma boa guia turística.”

“Estou certo de que sim. Então porque o Randolph está com medo da própria sombra?”

“É essa batalha do desenvolvimento. E os assassinatos. Agora ele é o próximo na lista. Tem sempre a ver com sua imagem. Sua posição na comunidade.”

“Até onde você acha que ele iria para preservar essa imagem? Especialmente se alguém tivesse provas de seu envolvimento em peculato ou fraude?”

Darcie torceu fios de seu cabelo ao redor do dedo. “Ele pode ser—é conhecido por jogar coisas. Ele tem uma voz alta quando grita, como aqueles sargentos nos filmes. Acho que posso vê-lo de pirraça, mas além disso...” Ela balançou a cabeça, não olhando para ele.

“O Oakley parecia estar com medo?”

“Eu não o via há meses. Não sei se ele sabia que ia morrer, se é o que quer dizer. Quando estávamos juntos, eu nunca vi medo. Raiva, sim, como um gêiser pronto para explodir. Ou talvez, devo dizer, um boquete [\[29\]](#).” Ela sorriu para ele.

“Havia outras mulheres, outros casos?”

Ela se esticou novamente alisar o cabelo dele e o sorriso safado retornou ao seu rosto. “Amantes nunca falam de outros amantes quando estão fazendo amor. Pode chamar isso da Lei da Darcie.”

Vendo a fome nos olhos dela e o enfado da súcubo, ele lutou contra o desejo de recriar o encontro amoroso de Oakley com ela bem ali, contra o carvalho. Drayco pegou a mão dela desta vez e a encostou em direção ao carro. “Vamos. Acho que já vimos o bastante por um dia.”

Era um lugar pacífico, com o vento farfalhando folhas mortas grudando-se às árvores. As lápides náufragas devem ter testemunhado um espetáculo durante os “encontros” de Darcie e Oakley. Drayco notou a data da morte em uma, seis de junho de 1944,

o Dia D. Teria o Oakley, o fã da Segunda Guerra Mundial, escolhido este lugar por plano? Seria um local adequado para seu local de descanso final. Mas seu testamento deixava instruções para seu corpo ser cremado e as cinzas espalhadas em seu santuário no jardim. Não aconteceria agora, com condomínios candidatados a ocupar aquele ponto em particular.

Capítulo 28

Assim que ele passou pela porta, Maida deu a ele um copo de café “preto duplo”, como ela o chamava, tendo aprendido os seus gostos rapidamente. Ele passou o copo com o líquido quente para cima e para baixo contra seu braço dolorido enquanto subia as escadas para seu quarto.

Ele ficou paralisado no lugar fora do portal.

Sua mala estava aberta no chão, metade dos itens dentro, metade fora. Os livros que ele comprou no Novel Café estavam no final da cama em desordem. Gavetas na cômoda foram arrancadas, e o armário estava escancarado. Ele fez um rápido inventário e desceu as escadas.

Decidida em peixe-gato frito e bolinhos fritos de abóbora, Maida saltou em resposta em seu rápido retorno. “O que aconteceu?”

“Ou você se tornou uma dona-de-casa desajeitada, o que duvido, ou alguém andou saqueando o meu quarto.”

Maida arfou. “Alguma coisa foi levada?”

“Não que eu saiba. Meu palpite—estavam atrás de um item específico.”

“O único aqui era o Major, trabalhando no jardim durante intervalos do dilúvio. Major?” ela chamou.

O Major apareceu na hora, farejando o ar. “Já é hora do jantar? Não são seis e meia.”

“Major, querido, você esteve aqui a tarde toda?”

“Passei o tempo arrumando papéis na biblioteca. Então verifiquei o progresso dos crocos, jacintos e das campainhas. Ah, e os lírios quadriculados. Não posso me esquecer deles.”

“A tarde inteira?”

“Exceto por uma volta na rua. Ainda estava chovendo um pouquinho. Você sabe que adoro caminhadas na chuva.”

“Mas a que horas, querido?”

“Lá pelas três, eu acho. Fiquei fora por meia hora, eu acho.”

“Notou algo incomum quando retornou?”

“Incomum? Nada, exceto pelo creme que acabou. O chá não é o mesmo sem ele.”

Maida suspirou em exasperação. “Alguém invadiu a casa e revirou o quarto do Scott. Provavelmente enquanto você estava dando a sua volta.”

“Um ladrão, você diz? Que extraordinário.”

Drayco interrompeu, “Tecnicamente, não um ladrão se nada foi roubado. Pelo menos no meu quarto. Vocês dois deviam verificar se seus pertences estão intactos.”

Depois de uma revista, os Jepsens ficaram aliviados de não encontrar nada faltando. Maida disse: “Nosso ladrão deve achar que você é tão rico quanto o Crespo, agora que você é dono da Casa de Ópera.”

“Um magnata dos imóveis, eu não sou.” Drayco não trouxe nada de valor com ele, nem pegou nada enquanto esteve aqui, exceto pelo fragmento de carta da Nanette. “Preciso mencionar isso ao nosso gendarme municipal, se não se importam.”

Uma ligação para o escritório do detetive encontrou o Sailor trabalhando até tarde e querendo parar a caminho de casa. “Além disso,” o detetive disse ao pisar no corredor, “Maida sabe que faço de tudo por uma fatia de sua torta de batata doce. Mas não conte à minha esposa. Ela vai ficar furiosa se eu não guardar espaço para a refeição a qual ela está labutando. Fígado e cebolas.” Sailor enrugou o seu nariz.

Fizeram uma busca detalhada no quarto do Drayco. Ele disse: “Eles deviam estar com pressa. Ou não se importavam se eu soubesse que eles estiveram aqui.”

O detetive retirou os livros na cama de Drayco, e usando um lápis folheou as páginas. Ele virou as capas na cabeceira da cama e pegou um pedaço de papelão branco do tamanho de uma carta. “Você tem o hábito de deixar para você mesmo anotações ameaçadoras?”

O par estudou a carta em tinta vermelho-sangue formando as palavras “Deixe para lá.”

“Que original. E que específico,” o detetive murmurou.

“Deixar o quê em paz? A investigação de homicídio? A Casa de Ópera? A cidade? O piano? Estou enferrujado, mas não toco tão mal assim.”

“Isso pode ser uma pegadinha. Até eu saber ao certo, vou tratar isso como uma ameaça genuína, Drayco.” Sailor acrescentou, “Já volto,” e retornou momentos depois com um saco de papel dentro do qual ele cuidadosamente colocou a anotação em papelão. “Porque não nos encontramos na Cabana amanhã? Vou mexer com isso amanhã e podemos nos mexer de tarde. Se eu acender um fogo sob os pés dela. E pelos pés dela, me refiro à Tyler.”

Ele tirou outro papel de seu bolso e o entregou. “Enquanto estamos na questão de notas ameaçadoras, aqui está a cópia das palavras que a Tyler recuperou do fragmento de carta da Nanette. Você pode formar frases—‘Sou capaz de. Sua esposa. Silêncio é dourado. Consequências.’ Tyler colocou sob um microscópio e ela detectou algumas palavras adicionais ao redor dos pedaços queimados, como ‘agenda’ depois de esposa e também ‘no passado.’”

“Tomografia multi-espectral pode detectar tinta preta em papel queimado.”

“Foi o que a Nelia disse. Mas como eu disse a ela, nosso departamento não tem dinheiro para isso.”

Drayco sorriu emburradamente. “Parece chantagem.”

“Foi o que me ocorreu. Uma das conquistas antigas de Oakley.”

“Mas há uma dica de ameaça contra a Nanette. Um pouco extremo para fazer alguém terminar um caso com a sua esposa.”

O detetive considerou isso por um momento. “Não consigo ver se há uma ligação com os assassinatos. Ainda sinto que o ângulo do desenvolvimento é o xis da questão. Rastreamos quem tem o lote de terra ao norte dos condomínios propostos.”

“Deixe-me adivinhar—Randolph Squier. Ele tem sido como um cachorro com um osso defendendo o Earl, quem ele precisará que esteja livre e solto para a venda andar. Quando eu estava no escritório, ele também tentou se desviar de perguntas sobre outros proprietários de terras que se beneficiariam.”

“Squier é o dono mesmo, numa forma indireta. Está no nome de sua sogra. Ela tem noventa anos e tem mal de Alzheimer. Duvido que

ela entendesse o que estava assinando.”

“A mãe da Darcie? Você não me disse que o sobrenome deles era Gentner?”

“Sim, mas não conseguimos conectar Gentner com Gallinger.”

“Não podemos descartar isso, podemos?” Drayco não gostou de especificar isso, e ainda por cima se descobrindo tentando proteger a Darcie. Mas do quê, ele não estava certo.

“Tenho que me perguntar se a Darcie sabia que seu marido usou o nome da mãe dela naquela escritura. Se sim, isso faz dela cúmplice. Se não, talvez o Squier esperasse que a Darcie fosse presa se a escritura viesse à tona.”

“Parece que você está fazendo o Squier subir um degrau na lista de suspeitos.”

“Peguei uma dica da Gallinger. Depois que os condomínios subirem, a propriedade ao norte é a próxima da fila. Um hotel, lojas. Muito dinheiro para o Squier. Irônico, não? Ele vem botando pressão para eu exonerar o Earl, mas ao fazê-lo, ele fica com o lugar dele. Acrescente o caso de Oakley com Darcie, o suposto ângulo do peculato, a habilidade de lenhador do Squier, o fato de que ele é um colecionador de armas, e ele é um cara robusto, grande o bastante para estrangular a Nanette... ele está duelando com Earl pelo lugar mais alto.”

“E ele é habilidoso com facas.”

“O quê?”

“As usava para entalhar sua própria arte baleeira. Entalhar carne seria fácil perto de marfim ou osso.”

Não vi faca alguma naquele caso de arma dele. Onde ele as esconde?”

“Naquele solar palaciano dele, tem um monte de lugares.”

“Então suponho que você está gostando de Squier como nosso assassino?”

“Posso até estar disposto a apostar algum dinheiro nisso.” O detetive estava certo—Squier tinha mais motivo, mais oportunidade, e todas as habilidades certas para matar Oakley e Nanette. E o Drayco não havia cruzado com ninguém com uma voz tão grotescamente colorida quanto a de Squier, que não era culpado de alguma coisa. Se

a Darcie fosse sinestésica, não teria durado mais que alguns dias com aquela voz, com certeza.

Ele disse: “Se pudéssemos arrumar uma amostra dos blocos de imprensa do Squier, poderíamos combinar com os blocos de imprensa no fragmento de carta da Nanette.”

Sailor retirou rapidamente um bloco de notas de seu bolso para anotar algo. Era um bloco padrão branco flip-top da Rite in the Rain, quatro dólares casa. Não era como os blocos mais caros e personalizados, de couro, que alguns policiais usavam, ou mesmo um *handheld* PDA de alta tecnologia.

“O orçamento do seu departamento te mantém preso no século XX, detetive?”

“Que orçamento?” Ele guardou o bloco de notas de volta no bolso. “Não ligo para esses blocos. Eles nunca quebram, não precisam de baterias e impressionam um júri. É mais difícil forjar a escrita de um policial do que com um arquivo digital.”

“Entrar na era digital te pouparia muito temp.”

“No século que vem. Só conseguimos *notebooks* nos carros de patrulha dois anos atrás.”

Turismo, impostos, parte do tesouro escondido de Squier. Cape Unity precisava de um pouco de cada se quisesse sobreviver, que o diga se desenvolver. Os fios do passado, quando a riqueza vinha à cidade em ferrovias de turistas com bolsos cheios, demoravam-se como fios de teias de aranha de esperança espalhados nas brisas do tempo. E a Casa de Ópera do Drayco era o santo padroeiro do passado.

Drayco disse: “Você descobriu se a Gallinger queria comprar a Casa de Ópera?”

“Eles disseram de jeito nenhum. Esta é a versão educada. Eles se expressaram mais enfaticamente.”

Drayco dedilhou a cópia do fragmento da carta. Trouxe à sua mente o rosto da Nanette, pesaroso mas determinado, incapaz de parar de cutucar feridas emocionais antigas. “E o assassinato da Nanette, algum progresso nesse *front*?”

“Não consigo encontrar ninguém com algo ruim para falar dela. Que o diga uma razão para matá-la. Mas não nos esquecemos dela.” O detetive pegou seu chapéu. “Não seja estranho. Aquela carta de amor

sua pode indicar que você é o próximo na lista para uma morte antecipada. E eu não preciso de um terceiro assassinato.”

Sailor puxou o chapéu com mais força que o comum. “Ou devo dizer quarto. Mande alguém verificar a morta daquela mulher. Grace Waterworth. Acho que vamos conseguir aquela ordem de exumação agora. Acontece que o marido dela tinha uma vida secreta. Jogos de azar, bebida, mulheres, várias viagens a Las Vegas. Felizmente, ele também é o seu típico malandro com o QI de um orangotango. E uma consciência culpada. Ele praticamente confessou colocar veneno para rato no ensopado da esposa, no momento em que passamos pela porta. Quem diria?”

“Ele doou AA coleção de livros dela logo após a sua morte.”

“Eram livros religiosos, certo? E daí? Tá, ele não partilhava dos hábitos devotos da esposa.”

“Viúvos tendem a se apegar às lembranças de suas esposas pelo valor sentimental. E mesmo assim não conseguiu se livrar dos livros da casa rápido o bastante. E ainda, o único livro novo no monte era um sobre como matar pestes de jardim com venenos. Completo com o adesivo de uma livraria em Nevada.”

Sailor sorriu levemente, antes de sair com o recado ameaçador do quarto do Drayco e uma caixa de torta, cumprimentos da Maida.

Já que era um hóspede dos Jepsens, Drayco decidiu contá-los sobre a ameaça. “Se vocês preferirem, eu fico em outro lugar,” ele ofereceu.

“Oh, Deus, não,” Maida foi adamantista, e o Major foi à biblioteca trazendo de volta uma caixa com tecido preto cujo fecho eclipse ele abriu para revelar uma pistola Enfield. “Não se preocupe, meu garoto. Tenho a Bertille aqui, passada de herança do meu pai, um veterano da RAF da Segunda Guerra Mundial.” Ele alisou a arma, ninando-a em um braço. “Além disso, você não vai encontrar melhor lugar por essas bandas do que o Lazy Crab.”

Maida o ralhou, “Duvido que você vai precisar tão cedo, querido. Você sabe como me sinto perto de armas. Scott é um garoto crescido e pode tomar conta de si mesmo. Então vai guardar isso aí.” Ela se virou ao Drayco para explicar, “Bertille é o nome de um amigo destruidor de corações francês do Major.”

“Aha. Outra razão para botar a garota de volta no depósito.”

“Pelo menos ele não deu o nome de Angelina, depois de sua primeira esposa.”

O Major cacarejou a língua. “Duvido que o nosso bandido vá mostrar a cara novamente aqui, agora que descobriu que não somos o tipo vaso Ming. Mal valeu o tempo dele, eu diria.”

Satisfeito com a segurança do ambiente doméstico dos Jepsens, Drayco se dirigiu ao refúgio, mas não se sentou. Ele ficou olhando para a janela na vista desacostumada de uma vista noturna sem luzes feitas pelo homem, deixando apenas as formas fantasmas das árvores.

Ele se instalou ao lado de um armário de madeira antigo dos Jepsens, com um rádio AM acima de uma grade de alto-falante em forma de ventilador. Abrindo a tampa, ele colocou o disco de 78 rpm que a Nanette havia lhe dado no prato da vitrola. Ele nunca havia ouvido gravações de Konstantina Klucze tocando o piano, e não estava certo do que esperar.

Nas primeiras notas do capriccio de Brahms, ele ficou extasiado. A era da gravação bem tocada e os arranhados à parte, era claro que Konstantina era uma pianista habilidosa e comovente. Uma pena que o 78 deu a ele meros três minutos de cada lado, e era tudo que ele tinha. Ele se sentou de volta e ouviu Brahms e do outro lado Chopin, várias vezes cada.

Era fácil imaginar a Konstantina no palco da Casa de Ópera, luzes focadas nela enquanto ela levantava as mãos e se preparava para tocar. Era como se ela estivesse na sala com ele, desfrutando de sua reação à música. Ela era tão jovem, e mesmo assim tocava tão maduramente quanto Van Cliburn nos seus quarenta anos. Quem sabe aonde sua carreira poderia ter isso se ela não tivesse sido brutalmente assassinada? Se ela estivesse viva, teria aproximadamente 90 anos.

Observando o disco enquanto este girava, ele o comparou ao círculo de carreiras truncadas. A de Konstantina. A de Oakley. A dele. Não eram dez da noite ainda, mas ele estava incomumente cansado e terminou a noite por ali. Deitando-se envelopado no edredom de ganso, imagens de Oakley e Nanette ficavam lampejando em sua mente. O excêntrico Oakley, parecendo um anacrônico retrocesso ao

quê? Aos anos 1950? Aos anos 1850? E a Nanette? O oposto de Oakley. Estilosa, controlada, extrovertida.

Agora, marido e mulher estão em um necrotério, quaisquer esperanças e sonhos com eles para sempre extintas. As palavras de despedida da Nanette para ele no dia em que ela morreu o assombraram, conforme giravam em sua cabeça como o prato da vitrola. “Serei sempre grata por levar minhas humildes preocupações a sério. Não estou certa se mais alguém levaria.”

O que ele havia dado a ela em troca de confiança? Até agora, zero. Mas se o assassino de fato voltou seu olhar ao Drayco, então ele acreditava que Drayco estava em seu rastro. O que significa que Drayco pode estar mais perto de manter sua promessa à Nanette do que imaginava.

PARTE TRÊS

Oh, se eu pudesse amar novamente, cantaria com alegria.
Aqui, longe de casa, ansio por sonhar.
Eu quero e não tenho - amar;
E não há ninguém para amar, nem para cantar.

—Da canção “Eu quero o que eu não tenho,” poema de Bohdan
Zaleski,
Música por Frédéric Chopin

Capítulo 29

Domingo, 21 de março

Fiel à sua palavra da noite anterior, o detetive Sailor combinou de se encontrar com Drayco ao meio-dia. Em sua viagem anterior ao Seafood Hut, Drayco não havia prestado muita atenção à decoração. Enquanto aguardava o detetive chegar, ele inspecionou uma parede atrás da caixa registradora com fotografias assinadas. Eram da versão do Seafood Hut de celebridades fregueses, incluindo um âncora de noticiário de TV da região de Washington, um ex-jogador de beisebol do Washington Senators, e outros notáveis.

Drayco ficou surpreso de ver Oakley Keys na parede, com o título “Autor” debaixo de sua assinatura. Drayco mal o reconhecia na foto. Esta versão do Oakley era sorridente, sem sinais da calvície padrão masculina que mais tarde o infestou, uma covinha no queixo estilo Kirk Douglas e um olhar confiante. Estava datada antes do incidente da carta.

O detetive Sailor apareceu atrás do Drayco, “Deviam colocar a sua foto aí em cima. Pianista mundialmente famoso, empresário teatral da Casa de Ópera, consultor do crime para os ricos e poderosos.” Ele ignorou o olhar de Drayco. “Tenho uma câmera digital no carro.”

“Esta é uma galeria da qual vou ficar longe. A maioria deles morreu, alguns violentamente. O âncora morreu numa queda de avião, o jogador de beisebol dos Senators foi morto do Vietnã, e é claro, tem o Oakley.”

“Bem colocado.”

Dirigiram-se à mesma cabina que da última vez, e a garçonete, que não devia ter mais que dezesseis anos, encheu duas xícaras de café numa rápida sucessão que impressionaria ao Earl Yaegle. Sailor examinou o Drayco sobre o copo de café que segurava em frente ao rosto dele. “Você parece distante. Estou atrapalhando um encontro amoroso?”

Drayco se sentou na cabine e passou o dedo pelas imagens de *découpage* da mesa, de cenas praianas, traçando um padrão em ‘G’. “Sinto muito. Não dormi bem.”

Sailor empurrou o saleiro em direção a ele. “Está tendo pesadelos ou o nosso ar salgado discorda de você?”

“Não é o ar do mar.” Drayco fechou seus olhos brevemente, lembrando-se. Como se pudesse se esquecer, quando as imagens foram queimadas dentro de seus pesadelos. “Dois meses atrás, um diplomata de alta patente e amigo do Brock me pressionaram para encontrar seus netos. Eles foram sequestrados pelo cunhado dele, o pai deles. Nunca percebi que a mãe no caso de custódia, a filha do diplomata, faria o que fez.”

Ele parou para dar uns goles de café. O assado escuro do Hut tinha aquele mesmo gostinho defumado e chamuscado, mas parecia mais escuro, mais amargo. “Depois que eu encontrei as crianças, gêmeos, um garoto e uma garota de apenas cinco anos, ela os afogou. Não apenas os afogou, mas numa forma ritualizada—flores de lírios espargidos pela piscina, velas ao redor do perímetro, as mãos das crianças amarradas atrás delas, os pés delas com pesos amarrados. Ela me convidou para ir à casa dela para me mostrar o que havia feito. Pulei em direção a eles e tentei reanimá-las—”

“Mas elas já estavam mortas.”

Os paramédicos disseram ao Drayco que não havia nada que ele pudesse ter feito. Mas ele agonizava não apenas pelas mortes dos gêmeos, mas como por um breve momento ele sentiu estar brincando de Deus ao escolher qual gêmeo ressuscitar primeiro.

Durante o funeral, ele estacionou do outro lado a rua e observou de longe, não querendo ser uma presença negativa. Alguns membros da família não estavam felizes com ele, apesar de o avô dos gêmeos, cliente do Drayco, não tê-lo culpado. Drayco não conseguiu juntar forças para visitar as duas pequenas sepulturas sozinho.

A voz de Sailor o sacudiu de seu devaneio. “Tem certeza de que você não se culpa?”

Drayco olhou para as mãos, que finalmente estavam firmes. “Eu não devia. Elaina Cadden desenvolveu esquizofrenia. Sua própria família não percebeu, nem mesmo o pai dos gêmeos, que se evadiu

com os filhos por razões egoístas.”

Ele mudou seu olhar para o Sailor, que estava com seus cotovelos apoiados à mesa, olhando calmamente para o Drayco sobre a xícara de café que ele segurava com as duas mãos. Drayco disse: “Você não está surpreso com nada disso.”

Sailor se inclinou para trás. “Lembra daquela pesquisa que eu fiz sobre você? Eu li os artigos nos noticiários e relatório da polícia sobre o caso Cadden. Os médicos concluíram que a mulher Cadden tinha esquizofrenia tipo 1. Surge repentinamente. Ela estava aparentemente muito agitada, então seria difícil notar os sinais. Mas você sabe disso tudo, não?”

“Talvez eu não seja o culpado pelo comportamento dela, mas—”

“Olha, você não é um fracasso. A polícia sabia, você sabe, eu sei. Diabos, se eu tivesse pensado nisso desde o começo, eu teria dado um jeito de te expulsar da cidade.”

Drayco pegou o saleiro e o rolou ao redor de sua mão. Alguém havia adicionado grãos de arroz ao saleiro. Para retirar a umidade? Ele botou o saleiro à mesa, o sal derramando em espirais de cristal. “Todavia, eu fui um conduíte para a perda de duas vidas inocentes.”

“Você acha que está acontecendo novamente, com os Keys.”

“Sem nem o Oakley nem a Nanette tentassem me contratar, eles poderia estar vivos hoje. O momento de suas mortes é coincidência demais. E pessoal.”

“Não temos o suspeito número um na cadeia, muito menos um motivo. Você está se esquecendo da arma clichê. Ou a Webley.”

Os sacos sob os olhos do detetive não estavam mais leves, e Drayco suspeitava que ele sabia porque. “O conselho da cidade te dando tristeza novamente?”

O detetive aproveitou a deixa dele para mudar de assunto. “O Squier, pelo menos, se afastou depois que eu perguntei sobre a sua propriedade. E tem conversas de um voto para retirada.”

“Contra o Squier?”

“Não, eu.”

“O Squier está por trás disso?”

“Não seu. Não me importa. Uma boa notícia—um assistente

encontrou a viúva de Maxwell Chambliss, proprietário da arte baleeira roubada, em Ocean City. O filho dela a trouxe aqui para reclamar a peça que você encontrou, foto em mãos para provar que era de seu marido falecido. Era uma de um par. Eles venderam a restante no começo dos anos 1990 por dez mil dólares.”

Drayco soltou um assobio. “Uma aquisição decente. Faz-me perguntar porque o ladrão nunca a vendeu.”

“Pode ter ficado com medo de que vender poderia deixar rastros que voltassem a ele.”

“Ou o nosso ladrão estava procurando por outra coisa e pegou esta por capricho, sem saber seu valor. Quando eu passei por um Paddy enrabichado, ele acusou o Oakley de bancar o gatuno da Casa de Ópera. E outra fonte confirmou que o Oakley era familiarizado com o local.”

Sailor disse: “Hmm,” através de lábios ondulados. “Essa fonte não seria a Sra. Squier, seria? Um de meus assistentes pensou ter visto a Darcie saindo de seu carro depois da reunião da cidade.”

“Nos esbarramos algumas vezes. Ela tem ajudado.” Drayco não mencionou o relato de Darcie de transar com o Oakley na Casa de Ópera. Não parecia necessário. Por enquanto.

Drayco voltou-se ao assuntos dos roubos. “Difícil de acreditar que o Seth não teria encontrado a peça de arte baleeira antes.”

“Interrogamos os Bakelys e os Squiers. Eles negaram conhecimento. E as únicas impressões digitais nela eram suas. Diabos, talvez o fanático por arte baleeira do Squier a tenha plantado no local como uma piada.”

A garçonete trouxe os pratos deles, e o detetive atacou a sua comida com gosto, pausando tempo suficiente para botá-la para dentro com alguns goles altos de Orange Crush. Drayco ficou impressionado. “Você não estava brincando quando disse que gostava desse troço de caranguejo. Não se esqueça de respirar.”

Ele olhou para fora da janela para o barracão de rosa despedaçado que o detetive apontou da última vez. Só que agora, tinha uma grande placa de *Vende-se* rebocada ao redor dele. Como todo o resto na cidade. “Obrigado por me trazer uma cópia do fragmento da carta da Nanette na noite passada. Fazia referência ‘ao passado’, mas o Oakley

estava nos seus vinte e poucos anos na época. Pouco passado naquela idade.”

O detetive usou pão para limpar os últimos traços de caranguejo. O prato estava tão limpo que poderia ter saído direto da máquina de lavar louça. “Pode remontar aos tempos de colegiado dele. Vou pedir para Tyler contatar a faculdade. Não posso dizer que estou convencido de que isso é relevante.”

“Você está fixado no projeto do condomínio e a recusa de Oakley em vender a sua terra como o motivo do assassinato?”

“E você não está. Teremos de concordar em discordar.”

Drayco disse lentamente, “Acho que o fragmento está relacionado e algo mais velho está funcionando. Por várias razões.”

“Tais como?”

“Como Nanette ser assassinada pouco após ela ter me dado. Como, porque o Oakley usa uma jaqueta que não usava há décadas na noite em que foi morto?”

“Você me diga, Ellery ^[30]. Se quiser ir mais a fundo nisso, fique à vontade.”

A situação do Sailor não foi favorecida pelo fato de perder não um, mas dois assistentes para uma doença contagiosa, por semanas. Drayco não estava muito feliz em passar uma semana na cama quando tinha oito anos com seu pescoço inchado e uma febre alta o bastante para cubos de gelo, mas agora, ele estava grato. Ele disse: “Vou te poupar de uma dificuldade, verificando os registros de imigração do Oakley. Tenho um amigo no Arquivo Nacional.”

O detetive aceitou a oferta com um aceno grato. “Feito. Para a sua informação, não encontramos impressões digitais na nota deixada em seu quarto.”

“Eu não esperava nenhuma.”

“Nem eu. Mas também não esperava outra coisa que eu encontrei.” Sailor pediu a conta à garçonete, e então a estudou como que tentando adivinhar algum segredo profundo. “Você devia ter cuidado.”

“Alguma razão em particular?”

“Tyler deu uma olhada mais de perto na tinta vermelha na sua

nota. Era tinta, mesmo. Com manchas de sangue saco.”

“Humano?”

“Tipo A negativo. Como o de Oakley e o que estava na faca da caçamba. O autor da nota quer que sua mensagem seja ouvida em alto e bom som. Deve ter coletado sangue num frasco antes de deixar a cena do crime ou de luvas que usou.”

Drayco sorriu. “Acho que lá se vai o meu sonho de uma casa de campo na cidade com uma cerca de piquete branca.”

“Você não parece do tipo de cerca de piquete.”

“E você não parece o garoto propaganda da Associação de Detetives Estereotípicos. O que o prende aqui?”

Sailor ficou em silêncio por um momento. “Um assassino não resolvido. Do meu irmão mais novo. Eu havia ido para a faculdade quando acontecendo durante seu turno à noite numa loja de conveniência. Eu não estava por perto para ajudar e jurei que o compensaria.”

Roleta russa novamente. Os dois homens trocaram um olhar sem palavras de compreensão antes de o detetive limpar a sua garganta e acrescentou, “Claro, se eu não tivesse pegado esta ilustre carreira, eu seria um poeta duro afogando minhas mágoas num bar por aí. Como o Paddy.”

“Ou o Oakley.”

“Personalidade tipo A demais para ser depressivo.”

“Personalidade tipo A para combinar com o sangue tipo A.”

Sailor carranqueou. “Sim, tem isso. Talvez você devesse deixar para lá, como o aviso disse. Vá vender a sua Casa de Ópera, pegue o dinheiro e suma. Seria bem mais saudável para você.”

Drayco agradeceu a preocupação, mas não se sentia em perigo iminente. A ameaça real estava lá fora numa cidade não acostumada com infortúnios urbanos de assassinato e rápidas mudanças demográficas. E o jogo da culpa. Com dedos apontados por toda parte, seria fácil para o assassino se misturar, um alvo entre muitos.

“Quase me esqueci, detetive, você rastreou o carro com o pára-brisa dianteiro tingido?”

“Tem que esperar pelo menos até amanhã, já que é domingo.” Sailor deu mais passe antes de se levantarem para sair. “Eu teria

cuidado perto da Darcie. Ela pode ser perigosa quando quer alguma coisa. E o Squier registrou uma queixa contra você e o departamento de justiça criminal de Virginia. Já recebi ligação de um engravatado chamado Zeickert.”

Isso ajudou a explicar porque Drayco havia visto poucas pessoas desviando o olhar dele enquanto se aproximava delas esta manhã. Tal atitude da parte do Squier podia fazer mais do que tornar o Drayco um pária na cidade. Poucos dias atrás, ele não estava certo se se importaria de ir embora diante de uma comissão ou perder a sua licença. Mas agora... “Baseado em quê, detetive?”

“Dano corporal ameaçador. Assédio. E perseguição.”

“Ele deve usar um dicionário diferente do meu.”

“Como eu disse, pode ser uma boa ideia evitar a Sra. Squier. Não só para afastar o marido dela. Toda essa questão ética espinhosa.”

Drayco se desviou da carranca do outro homem com um pequeno aceno. “Não se preocupe.” Mas quando as palavras deixaram a sua boca, ele teve a súbita sensação de cheirar perfume de jasmim.

Capítulo 30

Zelda no Novel Café colocou o livro triunfantemente nas mãos de Drayco. “Tenho um contato especializado em livros difíceis de encontrar.”

Drayco folheou pelas páginas, inalando o cheiro de livro novo. “Quanto te devo?”

“É um presente. A Casa de Ópera é um tesouro da comunidade, afinal.”

“Pelo menos deixe-me pagar uma bebida do seu café como forma de agradecer. E em honra de seu aniversário na loja.”

Ela sorriu, mas acenou para uma pilha de caixas ao lado do balcão. “Isso é meio que a sua cara, mas terei de adiar o encontro. Recebemos dois grandes carregamentos e estou atolada.”

Drayco carregou o livro para um canto da cafeteria, onde se instalou numa cadeira púrpura estofada perto da janela, a vista cheia com andaimes de madeira e metal do outro lado da rua. Porque ele se sentia tão atraído pela vida desta pianista? Certamente o fato de o último concerto de Konstantina ter sido na Casa de Ópera era sedutor. Talvez a sua mente estivesse fixada no assassinato, neste caso um incomum—era raro pianistas clássicos sofrerem um destino assim.

Conforme lia, descobriu que a ascensão de Konstantina à fama foi meteórica. E é por isso que todos ficaram chocados quando ela se casou, no ápice de seus talentos, com o rico empresário Edmund Gozdowski, um judeu polonês vinte anos mais velho e viúvo com um filho. Apesar de o relacionamento de Edmund e Konstantina parecer um conto de fadas, houve queixas na família, e ela se afastou de seu enteado.

De presente de casamento, Edmund deu à sua esposa um raro manuscrito de Chopin da Sonata para Piano em B menor, um dos únicos itens salvos no vôo deles fugindo da perseguição. Aqui fez o

Drayco se sentar reto. Era a mesma composição que ele tocou na Casa de Ópera no outro dia.

Depois de alcançar as páginas de trás do livro, ele ficou surpreso de descobrir que estava lendo por três horas. O estalo de saltos altos no chão de parquet lhe chamou a atenção. Darcie Squier se aproximou dele, dois copos na mão. “Se importa se eu me juntar a você?”

Drayco liberou espaço na pequena mesa ao lado dele. “Seremos o assunto da vinha da cidade amanhã.”

“Como se eu me importasse.”

“Pelo menos você é uma das poucas pessoas na cidade que não se importa de ser vista falando comigo. Irônico, já que é seu marido que é o responsável. Ele acha que sou antiético ou perigoso. Ou ambos.”

“Oh, eu espero que você seja perigoso.” Ela pegou o livro dele. “Sobre o que é isso?”

“Uma pianista de concerto, e seu caso amoroso que terminou mal.”

“O que aconteceu?”

“Ela foi assassinada.”

Darcie conseguia, assim como Reece Wable, ter a habilidade de esconder emoções por trás de uma máscara de indiferença. Mas às vezes pequenas aberturas apareciam antes que ela se desse conta, como o raio passageiro de preocupação que ele observou no cemitério, e novamente agora há pouco.

“Um romance de mistério?”

“Crime de verdade. O casal escapou para Inglaterra da Polônia em 1944, mas o marido da pianista acabou se juntando à resistência polonesa durante a guerra. Ele nunca mais foi o mesmo e morreu de infarto uma década depois.”

“É uma história triste. Mas porque importa para você?”

“O último concerto da pianista foi à Casa de Ópera de Cape Unity. Antes da morte, o marido dela encorajou a sua esposa a ir a um *tour* de concertos nos Estados Unidos.”

Um *tour* no qual ela estava acompanhada de seu agente, Harmon Ainscough, um dos principais suspeitos do assassinato. Os outros incluíam o enteado de Konstantina e o cunhado dela, agora falecido.

Na verdade, muitos dos suspeitos morreram há muito tempo, jogando barricadas na investigação não oficial de Drayco. Como o Oakley, Drayco estava ficando obcecado com o crime sem solução. Os casos tinham cinquenta anos de diferença, mas ambos ligados à Casa de Ópera.

A voz de Darcie interrompeu a digressão dele. “Ela foi morta aqui?”

“Ela foi estrangulada em Londres. Ela havia tido um bebê recentemente.”

“Por que não encontra o filho dela para maiores informações?”

“Aparentemente, a criança morreu.” Drayco colocou o livro à mesa. “A pianista e o marido estavam muito apaixonados. Como eu acho que Oakley e Nanette estavam, bem lá no fundo.”

Darcie pegou as suas unhas. “Talvez.”

“Você estava meramente entediada e brincando com o Oakley? O que foi que te atraiu, pena?” Hora de forçar a abertura de mais algumas rachaduras.

“Você acha que sou superficial, não?” Ela parecia genuinamente magoada. “Aposto que não sabe que sou formada em serviço social.”

Darcie era definitivamente o tipo “sociável”, sem dúvida. “O Oakley era a sua tese?”

“Ele era afetuoso e bom. Um amigo. Ele me dava presentes.”

Uma idosa carregando uma sacola de viagem da PBS entrou, caminhando na direção deles. Quando ela espiou a Darcie, e então o Drayco, ela fez um som de desaprovação e se virou. Sim. Nas notícias das vinha em breve.

“Que tipo de presentes o Oakley te dava? Ele não tinha muito dinheiro.”

Ela sorriu. “Um livro de cartas de amor entre Elizabeth Barrett e o Browning. Não leio muito, mas era adorável.”

“Você estava apaixonada por ele?”

Darcie colocou o copo à mesa. “Ele era uma distração. Eu estava inflando o ego dele.”

“Você já inflou os egos de outros homens, Earl Yaegle, Reece Wable?”

“Reece? Eis um pensamento divertido.” Ela cruzou as pernas,

mostrando sua meia arrastão. “Sou exigente com quem tenho casos.” O sorriso astucioso voltou. “Acho que você está com ciúmes. É por isso que está me fazendo essas perguntas.”

“Eu chamo o ciúme de emoção dente-de-leão. De olhar inocente, até que se transforma do amarelo ensolarado para esqueleto diáfano. E impossível de evitar que destrua seu jardim, uma vez que se espalhe.” Ele pegou a xícara de café que ela havia trazido e tentou não recuar. Quando sentiu o gosto de açúcar e creme. “Você tinha ciúmes da Nanette?”

“Claro que não. Eu não queria um relacionamento permanente com o Oakley.”

“Você disse que ele te dava presentes, plural. Que mais além do livro? Algum de seus trabalhos em madeira, como uma máscara?”

Darcie enrolou seu cabelo ao redor dos dedos. “Nada interessante. E o que eu faria com uma máscara de madeira? Não temos baile de máscaras por aqui.”

Darcie saltou e se moveu em direção à cadeira do Drayco, onde ela estava, entre as pernas dele e passou o dedo lentamente pela bochecha dele e ao longo de seu maxilar. Ela colocou seus lábios próximos ao ouvido dele e sussurrou, “Oakley amava as minhas festinhas. Aposto que você amaria, também.”

Com um aceno descuidado de sua mão, ela o deixou sentado sozinho, perdido em seus pensamentos. Alguns minutos depois, o celular dele tocou, ele ficou surpreso de ouvir a Darcie. Como ela havia conseguido o número dele? “Quase me esqueci, querido. Encontre-me à noite às seis no solar do cipreste. Não aceito não como resposta.” E desligou.

Capítulo 31

Ainda refletindo sobre a ligação de Darcie, Drayco colidiu com alguém fora da entrada da Sociedade Histórica. Randolph Squier esbarrou nele sem dizer palavra e foi às pressas para a esquina. Drayco abriu a porta para a Sociedade Histórica meio que esperando tropeçar em mais dos livros de Grace Waterworth, mas as montanhas de capa dura haviam sumido. O grosso cheiro mofado desapareceu, e mesmo o Andrew Jackson parecia respirar com mais facilidade.

Drayco ficou impressionado. “Você deve ser um feiticeiro, meu amigo, porque não tem como você ter catalogado todos esses livros em tão pouco tempo.”

Reece estalou os dedos. “Fiz isso três vezes e voilà, eles sumiram.”

“Permita-me traduzir. Você os jogou em outro lugar.”

“A biblioteca,” Reese se gabou.

“Porque não estou surpreso. Bibliotecas são depósitos para todo livro moldado indesejado.”

Reece respondeu defensivamente, “Eu acho que a equipe da biblioteca ficou agradecida. Vendo como o conselho cortou o orçamento deles. O velho Squier começou isso. Ele é rico o bastante para comprar todos os livros que quiser.”

“Você não ficou com nenhum deles?”

Reece fungou. “O detetive pegou aquele livro de veneno para jardim. Mas havia algumas outras pérolas para nossos arquivos.”

“Falando do pomposo conselheiro, é por isso que ele estava aqui? Para somar aos seus arquivos num final de semana quando você não abre normalmente?”

Reece demorou para responder. “Somos colecionadores. Mantemos um ao outro informados de peças interessantes que encontramos. Animais desesperados por quinquilharias precisam de acesso a todos os campos disponíveis. Mesmo os tóxicos.”

Será que era só isso, mesmo? Drayco não gostava de onde uma

colaboração Reece mais Squier poderia levá-lo. Para uma úmida cripta de conspiração construída no topo do ódio partilhado pelos dois por Oakley Keys. Havia espaço naquela cripta para Darcie e Nanette, também?

Reece fez um movimento para Drayco segui-lo a uma sala nos fundos cheia de arquivos verticais. Apontando para um grande armário de metal preto, ele disse: “Agora, o motivo pelo qual te chamei aqui. Está vendo isso?”

O armário parecia um item de escritório padrão. O mais incomum nele era a hidrotermografia compacta no topo. Mostrava que a umidade estava em quarenta e sete por cento, o que devia deixar o Reece—e os materiais do arquivo—felizes.

Drayco olhou de soslaio para Reece. “É um belo armário.”

“Eu fui roubado.”

“Quer dizer que alguém invadiu e roubou algo?”

“Invadiu, mas nada foi levado.”

“Espere um pouco. O que o fez pensar que alguém invadiu, para começar?”

“Seja quem foi esbarrou na mesa na porta de trás, onde guardo manequins. Quando entrei esta manhã, não estavam nos seus lugares de costume. Como se alguém os tivesse derrubado e tentado colocá-los de volta.”

Era difícil não ficar cético. Mas nada havia sido levado do quarto de Drayco, também.

Reece continuou, “E ainda, as gavetas do armário de arquivo não estavam completamente fechadas. Eu sempre as fecho bem para manter a poeira e a umidade para fora.”

“Houve sinais de entrada forçada? Pegadas?”

“Não e não. Admito que este camarada deve ser esperto. Com todo o clima úmido, devia haver alguma sujeira para se rastrear. Claro, poderia ser uma mulher, já que são criaturas mais arrumadas. Mas juro que havia alguém aqui.”

“Você é o único que tem a chave?”

Reece começou a responder, e então se deteve. “O único vivo. Oakley tinha uma chave que ele nunca devolveu.”

Squier havia feito a mesma coisa com a chave da Casa de Ópera.

“Seja quem for que matou o Oakley pode ter roubado esta chave e entrado direto, Reece.”

Reece enrugou sua testa em alarme. “Eu planejava mudar essas fechaduras, mas fiquei adiando.”

“Você diz que as gavetas de um certo armário de arquivo não foram completamente fechadas. Quais?”

“É o que eu queria que você visse. Só os armários contendo lembranças da Casa de Ópera.”

Drayco perscrutou os rótulos em frente ao armário no canto e leu *Casa de Ópera de Cape Unity* em letras pretas grandes. “Como você sabe que nada foi levado?”

“Sou um arquivista meticoloso. Tenho índices para cada gaveta.” Reece perscrutou o Drayco do canto de seu olho. “você é o único que estaria interessado. Você entrou escondido?”

Drayco disparou um olhar fulminante para ele. Não estava fora de questão que isso era uma artimha, da parte de Reece, para repelir o Drayco. Reece era um dos suspeitos que não tinha um álibi mas muito motivo para o assassinato de Oakley. Mesmo assim, visualizar Reece Wable como um assassino de sangue-frio era como imaginar o rosto do boneco Charlie McCarthy—com quem o Reece guardava mais que uma semelhança passageira—como um *serial killer*.

“Você não contatou o escritório do detetive?”

“Já que essa é sua jurisdição, tanto profissional quanto de propriedade, você era a pessoa lógica.”

“Eu poderia usar equipamento de impressão digital.”

“Muito trabalho. Além disso, tenho algo mais extraordinário para te contar.”

Eles se dirigiram para o novo escritório despojado de Reece, onde ele fez uma grande produção, sendo capaz de botar seus pés em cima da mesa novamente. “Você se lembra daquele relógio roubado? Depois da morte do Oakley eu tinha de saber a verdade. Para absolver o Oakley se não tinha siso dele e perdoá-lo se ele tivesse roubado. Eu descobri uma casa de leilão que listava um relógio similar vendido na mesma época. Acontece que meu pai e o dono daquela casa de leilão eram amigos das antigas. Achei que você poderia se interessar por quem vendeu o relógio.”

Reece virou sua cadeira para trás, pausando para dar efeito. “Foi o Oakley Keys. Ele nem se incomodou de usar um pseudônimo. Ele disse que poderia ter outra peça para vender, ainda mais valiosa. Parece que ele planejou mais roubos.”

Drayco ponderou sobre isso por um momento. Mais roubos. Arte baleeira, talvez? Num impulso, ele se esticou para ligar o carrossel em miniatura na mesa de Reece e o observou rodar e rodar em círculos quanto tocava a música “The Windmills of Your Mind.” *Like a clock whose hands are sweeping... keys that jingle in your pocket...words that jangle in your head.*

“Isso não prova que Oakley roubou seu relógio, apenas que ele era o vendedor.”

“Oh, já passei da fase de ficar bravo. Quer dizer, o homem foi assassinado, pelo amor de Deus. Acho que nunca saberemos por que Oakley fez isso. Mas se você aplicar a lâmina de Occam, foi para financiar seu hábito de beber. Diga-me você, você é o consultor do crime.”

“Você tem o nome do comprador?”

“A menos que seja absolutamente necessário, quero manter isso privado. É uma mulher respeitável que vem de uma longa linhagem de filantropos. Ela tem filhos, netos, bisnetos e é um paradigma da virtude.”

“Não parece que ela teve algum envolvimento no assassinato de Oakley. Mas se chegar a hora quando falar com esta mulher for necessário—”

“Então ficarei feliz em te contar. Posso ser um cidadão cooperativo.”

Andrew Jackson guinchou em seu poleiro e repetiu seu refrão familiar, “Oakley é maluco, Oakley é maluco.”

Drayco esfregou a sua têmpora. Estava com dor de cabeça desde que acordou de seu último pesadelo esta manhã. Era incrível o quão rítmico a pulsação era, como batidas de tambor ou o começo da primeira sinfonia de Brahms. “Mais uma coisa sobre a invasão, Reece. Você disse que só gavetas com registros da Casa de Ópera foram abertas. Sabe me dizer em quais pastas o ladrão estava interessado?”

“Como eu disse, sou do tipo meticoloso. Uma, e apenas uma, pasta

foi saqueada.”

Drayco estava ficando cansado do melodrama de Reece, apesar de a dor de cabeça não estar ajudando. “qual pasta, Reece?”

“O arquivo com os antigos desenhos do *layout* da Casa de Ópera. Não são a mesma coisa que plantas detalhadas, claro.”

“Que pena que não eram. Eu adoraria ver essas plantas.”

“Deve ser algum arquivo antigo empoeirado que as têm. O seu benfeitor, o Sr. Rockingham, deixou alguma?”

“Ele deixou pouco. Definitivamente, nada de plantas. O tribunal também não as tinha.”

“Que pena. Vou pesquisar um pouco.”

Drayco estava começando a sentir que todas as “coincidências” eram meramente variações do mesmo tema. Edifícios históricos invadidos. Documentos históricos roubados—de Oakley, da Casa de Ópera e... “Reece, alguma teoria do porquê aquele manuscrito foi roubado da biblioteca recentemente? Pode haver uma conexão.”

Reece tamborinou seu dedo contra o nariz e sorriu. “Como você pode ter certeza de que eu não o roubei? É uma dor esperar que as pessoas doem itens para a Sociedade. Apesar das doações comidas pelas traças da Sra. Waterworth.”

“Você roubou?”

“A bibliotecária chefe e eu nos damos bem o bastante. Um lance ‘eu coço o livro dela, ela coça o meu’.”

Como sempre, Drayco ignorou as piadas vagabundas de Reece. “Estou surpreso que o documento não estivesse aqui na Sociedade, para começar.”

“Não fosse ficar com todas as melhores coisas para mim. Apesar de eu não entender o que alguém ia querer com uma carta de um membro, há muito morto, da realeza britânica, fazendo poesia sobre Cape Extremity. Deve valer cinquenta dólares no eBay.”

“Me mantenha informado se você tiver mais invasões misteriosas. E já que a criminalidade parece estar estratosférica na cidade, é melhor mudar essa fechadura.”

Reece usou suas mãos para imitar um laço sobre a cabeça de Drayco. “Eu devia montar uma armadilha. Devo me preparar, quando o canto do meu universo estiver ameaçado.”

Capítulo 32

Detetive Sailor e Deputy Tyler ficaram ao lado do corpo, posicionado em paralelo à mesa de centro. Braços e pernas retos e pertos do torso do homem, como se já dispostos arrumadamente numa lousa no necrotério. Sangue de sua cabeça filtrado no tapete felpudo azul e verde, tornando-o uma minifloresta marrom enferrujada.

O filho da vítima, Nicholas, era da idade do detetive, apesar de não dar para saber a partir do sapé estranhamente preto de cabelo ondulado. Sailor não via o Nicholas há vários anos, mas se lembrou dele como tendo mais rugas, também. Mas isso foi antes do divórcio do homem, e até onde Sailor conseguia se lembrar, a ex-esposa dele foi embora com um dos alunos dela, de vinte e um anos, de uma aula que ela dava na faculdade comunitária de Eastern Shore.

“Te chamei na hora quando eu o encontrei,” Nicholas disse. “A primeira coisa que me veio à cabeça foi Oakley e Nanette Keys.”

Aquele mesmo pensamento era a principal razão pela qual Sailor estava aqui. Era isso um sinal da ligação do serial killer que ele vinha temendo? “Qual foi a última vez que você viu o seu pai?”

“Ontem. Trouxe a ele o jantar por um pedaço, e então voltamos para casa. Ele parecia bem na hora.”

“Você diz que ligou assim que o encontrou. Quando exatamente foi isso?”

“Cerca de quarenta e cinco minutos atrás. Ele sabia que eu ia deixar com ele um novo rádio de emergência climática que eu comprei para ele. Então, quando bati à porta e não tive resposta, temi pelo pior.”

Todos os três se viraram em direção à frente da casa quando uma sirene se aproximou e então rapidamente se desligou. O detetive se virou para o Nicholas, “Você ligou para mais alguém além de mim?” O próprio Sailor havia ligado para uma ambulância de incêndio e de

resgate, mas a equipe mais próxima já estava ocupada com um quase afogamento no parque. O melhor despacho estimado poderia dar a ele era de quinze minutos.

Nicholas balançou a cabeça e se mexeu para abrir a porta quando dois paramédicos vieram às pressas e mapearam o local. “Recebemos uma ligação deste local e viemos o mais rápido que pudemos,” um deles disse, rapidamente espiando o homem no chão e começando a trabalhar.

Sailor sabia que estavam verificando sinais vitais por dever profissional, mas estava claro para ele que era tarde demais para isso. O detetive perguntou ao primeiro paramédico enquanto o outro se inclinava sobre o corpo. “Quer dizer que alguém ligou para 911 para isso?”

“Há cerca de dez minutos.” O paramédico parecia pesaroso.

“Qual foi a natureza da ligação para o 911?”

“Um homem, obviamente com dificuldades para respirar, nos disse que estava com dores no peito radiando para seu braço e que estava tonto. Suspeitamos de um infarto.”

“E o sangue na cabeça dele?”

O paramédico levantou delicadamente a cabeça do homem antes de baixá-la novamente. Então ele apontou para o canto de uma mesa de centro. Era de madeira escura, mas se você olhasse mais de perto, poderia ver traços de sangue.

Sailor disse: “Ele acertou a cabeça ao cair.”

“Esse seria o meu palpite.”

O detetive observou a forma obesa do homem no chão, um conhecido fumante de dois maços por dia, e deu à Nelia um olhar de lado, de alívio. Eles aguardaram pela verificação se o homem realmente estava morto, então deixou o corpo nas mãos experientes dos paramédicos. O detetive consolou o Nicholas e prometeu que ele compartilharia com ele os resultados da autópsia, para ter certeza de que o pai havia morrido das causas naturais suspeitas. O M.E. certamente estava fazendo valer seu salário ultimamente.

De volta ao carro de patrulha, Nelia disse: “Uma perda de seu tempo vir junto. Fiquei surpresa de você querer vir.”

Sailor passou as mãos no volante. “O falecido é Darion Stanz.”

“Stanz, como em Stanz Marts?”

“Ele e ao primo dele eram donos da rede.”

“Não é aquela mesma rede onde o seu irmão—”

“Sim. É sim.”

Nelia esfregou a pequena cicatriz rosa em seu rosto. “Sinto muito. Às vezes falo sem pensar antes.”

Sailor havia revivido o momento em que ele ouviu no noticiário sobre Zeke tantas vezes que o incômodo havia passado. Mas por um breve segundo, quando a ligação chegou sobre o Stanz, o nervo psíquico disparou pontadas em sua alma. Agora que estava cauterizada novamente, o comentário de Nelia o afetou como uma picada média. “O clã Stanz foi bom para a minha família depois da morte de Zeke.”

Nelia verificou a ambulância, a testa dela vincada em pensamento. Sailor sentiu que ela estava pensando da mesma forma que ele, o que foi verificado quando ela disse: “Bem, a morte de Stanz parece direta. Mas seria quise mais fácil se estivéssemos lidando com um *serial killer*, sabe? Teríamos uma ideia melhor de que a mesma pessoa matou Oakley e Nanette. Um assassino e não dois.”

A morte de Stanz foi direta mesmo, apesar de pessoas como Nicholas ficarem compreensivelmente sobressaltadas. Sailor esperava que não houvesse uma avalanche de alarmes falsos adicionais de parentes com muita imaginação. Ou pior, novos donos de armas nervosos causando acidentes trágicos. Os negócios na loja de armas de Earl Yaegle estavam revigorados ultimamente. Como estava, focar na investigação dos Keys estava forçando os limites do efetivo disponível no pequeno escritório. Na verdade, ele estava grato por Drayco estar envolvido, se por padrão. Ele jamais lhe diria isso.

O detetive passou um rádio ao escritório para indicar que estavam retornando mais cedo do que pensavam, e apontaram o carro na rota 13. “Nosso amigo Scott Drayco acredita que é um assassino, e não dois, mas não estou inteiramente certo de que concordo disso. Um assassino geralmente não se dá ao trabalho de mutilar um cadáver e então deixar o outro imaculado. Mesmo assim, não podemos definir claramente dois motivos separados. Pelo menos os que podemos verificar.”

Nelia acenou. “Suponho que um caso amoroso dando errado seria uma conclusão lógica para o cenário de dois assassinatos para um perpetrador. Apesar de eu ter entrevistado três mulheres que admitem estarem romanticamente ligadas ao Oakley décadas atrás. Todas elas lembram-se dele afetuosamente. Isso faz de Darcie Squier uma curinga. Porque ela? Ou devo dizer, porque ele? E porque tanto tempo após os outros casos terem terminado?”

“Darcie mantém que era platônico. Que ela estava apenas entediada. Ela falou comigo como se o Oakley fosse um brinquedo frívolo, uma novidade temporária. Difícil de refutar, quando a outra pessoa envolvida não pode falar por si própria.”

Sailor não havia gostado de falar com o desagradável duo Squier. Ele saiu frustrado com os convenientes álibis dos Squiers um para o outro, uma tática que beirava a embromação. Se o conselheiro sabia que a sua esposa estava envolvida nos assassinatos, ele definitivamente era do tipo que não pensaria em nada em relação a cobrir sua própria culpabilidade para salvar sua própria reputação. Por outro lado, Darcie não arriscaria ser presa como cúmplice se o marido estivesse envolvido. A menos que ela fosse motivada por manter uma participação na fortuna do marido.

Nelia disse: “Drayco não parecia levar a sério a nota de advertência de seu quarto. Mas tem de estar relacionado às mortes dos Keys em alguma forma.”

“Nada que ele encontrou parece incriminador o bastante para inspirar uma ameaça. Mas parece que ele atingiu o nervo de alguém.”

Nelia se virou para olhar pela janela ao passarem por um edifício branco sujo com ajuelas quebradas e uma placa de *Mexican Store* na frente. “Você confia mesmo nele?”

“Eu o verifiquei. Ele é conhecido por ser intenso, focado. Ele tem bons instintos. E uma mente afiada, fazendo conexões entre pedaços de informação e amarrando-as. Em um de seus primeiros bicos particulares após deixar o FBI, ele resolveu um caso atolado no purgatório legal por uma década. Puxou ao pai, eu suponho. Brock Drayco desenvolveu uma reputação internacional considerável durante a sua própria carreira. Mas para responder à sua pergunta, sim, eu diria que confio nele.”

Os ombros de Nelia relaxaram, e ela sorriu para si própria. Sailor ainda estava conhecendo sua mais nova assistente, e estava um pouco preocupado com aquele sorriso. Tyler aparentemente achava o Drayco atraente, mas o detetive também sabia que a Nelia se orgulhava de sua objetividade. Ela uma vez entregou um namorado por roubar caixas de cerveja para vender mais caro para menores.

Objetividade era uma das partes mais difíceis do trabalho. Sailor havia vivido em Cape Unity por mais tempo que a Nelia, mas ambos eram conhecidos de muitos dos residentes. Roubos, drogas, brigas—eram os pedregulhos no fundo da pedreira criminal. A cidade certamente tinha a sua cota. Era bem mais problemático acreditar que um ou mais dos moradores da cidade cometeu um duplo homicídio. Mas ele e seus assistentes tinham um trabalho a fazer e estavam determinados a compreender este caso, não importam as consequências. O senso de segurança da cidade dependia disso.

Capítulo 33

Segunda-feira, 22 de março

Maida deixou o Drayco dormir até tarde na segunda-feira, mas uma ligação do final da manhã do detetive Sailor atraiu o Drayco para as docas do centro. Sailor o havia atualizado sobre a morte de um homem com a qual o detetive e Nelia estavam envolvidos mais cedo, mas Sailor achava que não estava relacionado aos assassinatos dos Keys. Fez o Drayco se sentir culpado pelo Sailor estar de pé e trabalhando cedo.

Drayco observou um homem, numa *wetsuit* de neoprene, deslizar pelo nó direito na água espumosa, desviando-se de pilhas de madeira flutuante, garrafas de plástico e contêineres de isopor levados contra a escora do cais. Enquanto a cabeça do mergulhador afundava por baixo das ondas, Sailor disse: “É o seu terceiro e último mergulho. A água está acima do congelamento, mas por pouco. Você é um mergulhador?”

“Eu devia estar mergulhando em Cancun agora. Acho que vou deixar a sua assistente lidar com esta. Não curto virar um cubo de gelo.”

“Pode vir a calhar mesmo assim. Pode ajudaressa sua perna manca. Fazer a circulação fluir.”

“Se eu beber anticongelante, talvez. Você diz que uma testemunha jura que viu alguém descartar uma arma aqui?”

“Um sujeito confiável. Estava muito escuro, então não estou com muita esperança.” O detetive cerrava a sua mandíbula constantemente agora. Drayco esperava que ele tivesse um bom plano odontológico.

“Acho que você não teve um dia de folga desde o dia que Oakley foi morto, detetive.”

“Graças aos dramas da TV, o público acha que eu devia ter

resolvido isso em uma hora.”

“Mais para quarenta minutos, se você não contar os comerciais.” Drayco se concentrou no ponto onde o mergulhador desceu, mas nenhuma cabeça emergiu. Um lampejo de um uniforme marrom lhe chamou a atenção ao se mover em direção a eles do lado. “Tyler recebeu um batismo de fogo em seu primeiro mês de trabalho.”

“Eu disse a ela para não se acostumar a trabalhar num caso de assassinato. Vai voltar em brigas de bar e disputas domésticas em dois tempos.”

Nelia os alcançou e sorriu para o Drayco, “Oi novamente. Esperava te ver.”

“Então acho algo bom eu ter perdido a minha viagem para Cancun, afinal.” Ele apontou para um pequeno caderno na mão dela, idêntico ao tipo que Sailor usava. “O que você tem aí?”

Ela o abriu para mostrar que estava cheio de anotações dela. “Por sugestão sua, localizei o orientador de Oakley da faculdade. Ele disse que o Oakley trabalhava duro e era ambicioso, com Supla especialização em inglês e história.”

O detetive se intrometeu, “E aqui eu esperava geografia ou geologia, então podemos ter um ‘G’ para prosseguir.”

Nelia continuou, “Oakley fez uma tese enorme sobre genealogia—eis um ‘G’ para você—focando nos europeus após a Segunda Guerra Mundial. Eu também fiz uma varredura de alguns livros do Oakley na casa dele. Livros sobre a guerra, alguns guias turísticos. Escrita decente, mas não são mais publicados. Ele não tinha nada publicado desde 2005, exceto por uma coluna mensal para uma revista de expatriados britânicos, à la Alistair Cooke. Não as folhee, já que tem umas cem delas.”

O detetive acrescentou, “Se você gosta de tortura, Drayco, elas são todas suas.”

“Este professor não acrescentou mais nada? Nada incomum?”

Nalia consultou suas anotações. “Nada de escândalos, esqueletos, controvérsias. Oakley não era um garoto sociável, brilhante mas ordinário.”

Drayco perguntou, “Você disse que a tese de Oakley foi sobre geologia? E mesmo assim ele nunca escreveu um livro sobre o

assunto. Porque será?”

Nelia respondeu: “Talvez ele achasse que não seria rentável. Ou não conseguiu arrumar um editor interessado.”

“Havia uma cópia dessa tese?”

“A escola não guarda cópias de trabalhos de não-graduados. A universidade também não tem registro de colegas de quarto.”

“Sinto muito te fazer perder tempo com este beco sem saída, Tyler.”

“Nunca se sabe.”

“Como penitência, vou procurar as colunas de Oakley por pistas.”

Ela levantou uma sobrancelha. “É uma caixa grande.”

“Estarei certo de que ela cairá sobre meus pés. Posso processar o governo do condado pela dor e sofrimento e usar o dinheiro para restaurar a Casa de Ópera.”

O detetive resmungou, ‘Desejo a vocês mais sorte em persuadir o conselho a dar dinheiro. Eles fazem o Scrooge parecer o Andrew Carnegie.’

Drayco tirou um grosso envelope de sua pasta a seus pés, e puxou maço de papéis presos com elástico. “Aqui está uma cópia de outro manuscrito do Oakley, um que o Earl me deu. Notem a inscrição incomum.”

Sailor o leu atentamente. “Estranho mesmo.”

Nelia espiou sobre o ombro do detetive e leu em voz alta, “Podemos encontrar essas coisas valiosas que estão escondidas de nós e descobrir o que é nosso por direito.’ Ele achou que havia tesouro escondido em sua propriedade? E é por isso que não queria vender?”

O detetive respondeu: “Se sim, porque não há provas de escavação? A grama do Oakley estava mais imaculada que a do solar do cipreste. Desde que ele foi assassinado na Casa de Ópera, talvez ele achasse que alguma coisa estava enterrada lá.”

Drayco suspirou. “Pergunte-me o quão animado estou para contratar uma equipe de escavação. Mesmo assim, o Oakley não tinha ferramentas com ele e mal estava vestido para arqueologia. Nem mesmo um chapéu de safári.”

Nelia sorriu, “Você percebe que este é um estereótipo datado.”

“É?” Ele botou uma mão sobre o coração. “Lá se vai uma de minhas estimadas noções românticas.” Ele estava feliz de ver seu sorriso travesso e postura relaxada. Ele descobriu que ela era apenas uma das duas mulheres na força policial, e sua linguagem corporal eram um sinal de que ela estava se segurando com seu novo chefe e colegas de trabalho cheios de testosterona.

Sailor devolveu o manuscrito ao Drayco, que o comprimiu no envelope e perguntou, “Quem fica com as honras dessa vez?”

Sailor apontou para a Nelia. “Já que ela está se tornando a bibliotecária do Oakley, terei de ir com a Tyler.”

Drayco entregou o envelope à Nelia, que perguntou, “Venho querendo te perguntar algo. O detetive Sailor disse que o seu pai foi um ex-agente do FBI. Ele se aposentou ou...?”

“Ele decidiu trabalhar sozinho. Se cansou da papelada.”

“Como você?”

“Eu? Eu mirei nos ricos fabulosos autônomos.”

Ela viu o carro antigo de Drayco com amassados. “E os ricos que a Casa de Ópera vai trazer.”

Drayco sorriu. “Depois de vários milhões de dólares restaurando o lugar primeiro. Mas não se preocupe, estou certo de que vou conseguir esse montante no meu próximo caso.”

“O caso do cliente que te lega algo prático?”

“Uma pintura de Van Gogh ou o Diamante Hope? Espero que sim. Leonora precisa de um trato na lataria e em Washington nada sai barato.”

Ela conteve uma risada. “Leonora?”

“Meu carro. Ela já me viu em diversos homicídios, sequestros, roubos, falsificações e outros momentos divertidos. Ela é veterana.”

“Leonora—a heroína de Beethoven?”

Drayco ficou momentaneamente sem palavras. “Uma detetive literária e uma assistente musical?”

Nelia rolou os olhos em indignação falsa. “Nem toda a força policial da cidade é de selvagens sem cultura, apesar de eu uma garota mais do *blues*. Mas um Starfire não é também para, bem, atraente para vigilância?”

“Tenho CPG para isso.”

“CPG?”

“Meu Camry prata genérico. Eu o deixo estacionado na garagem no meu escritório. Apesar de eu querer é me misturar em Washington esses dias, eu devia comprar um Prius ou um Jaguar, dependendo de qual ponta do espectro político você estiver.”

Nelia riu. “Acho que isso deixa o meu Chevy Malibu no meio. Eu sempre me senti independente.” Nelia hesitou brevemente, como se fosse acrescentar algo, mas acenou para eles e foi até o píer, onde o mergulhador permanecia submerso.

Enquanto o detetive olhava a partir de Drayco para a Nelia indo embora, ele não deu aviso algum, mas sua voz estava rouca. “Os exames voltaram para num naquele recorte de jornal, e as duas cápsulas de pó laranja. A escrita no recorte bate com a de Oakley, então pode ser dos arquivos roubados dele. As cápsulas são de pimenta-caiena.”

“Caiena comum?”

“Você encontra as pílulas em lojas de comida saudável e na Safeway da esquina. E conseguimos um gesso parcial naquela pegada de sapato. Não a combinamos ainda. Mas precisaremos de um suspeito primeiro. E aí um mandado.”

Sailor pegou o seu próprio caderno de bolso e o abriu. “Com sua outra pista, rastreamos uma mulher chamada O’Hannon que morava próximo a Londres, primeiro nome Arlene.”

Drayco disse: “A mãe adotada de Oakley. Ela morreu, não?”

“Dez anos atrás. Como você sabia?”

“Você é Nanette disseram que as misteriosas viagens a negócios de Oakley terminaram perto dessa época. Supus que eram visitas à mãe dele. E que ele não precisou mais viajar para lá após a morte dela.”

Sailor guardou o caderno de volta em seu bolso. “Esse é palpite bem grande.”

“A parte adotada foi um palpite. Bendek me deixou pensando ao longo dessas linhas. E, apesar de o Oakley ter contado à Darcie que ele tinha uma mãe, ele indicou ao Major Jepson que era órfão. Ser adotado se encaixa em ambos. O fato de as viagens misteriosas envolverem a mãe dele e não uma amante ou algum negócio duvidoso —Oakley não deixava rastro em papel, difícil de acreditar de alguém

que não tinha um computador. A caixa de arquivo faltando era pequena demais para guardar anos de documentos incriminadores. Ele não tinha amigos para cobri-lo. Exceto a Darcie, que disse que ele nunca lhe deu papéis para guardar.”

O detetive ficou em silêncio por um momento. “A Sra. Squier te contou como a família dela, os Gentners, perderam suas terras num litígio tributário? Deve valer uma pequena fortuna agora. Sempre me perguntei porque o Squier se casaria com uma mulher sem dinheiro, mesmo uma pessoa atraente como a Darcie. Os Gentners podem ter alguns estoque secretos de dinheiro. Darcie permanece uma suspeita no meu livro.” Sailor coou a parte de trás do pescoço. “Parece que você não considerou o meu aviso quando à esposa do conselheiro.”

“Tudo que for necessário para investigar.”

Sailor não fez mais comentários. “Mas porque todo esse segredo da parte do Oakley quanto à sua herança? Porque o sobrenome diferente, Keys e não O’Hannon?”

Drayco balançou a cabeça. “Tenho uma ou duas teorias. Nada concreto.”

O detetive cerrou sua mandíbula. A détente deles só ia até um ponto, e Drayco detestava reter tudo. mas se ele estivesse errado, fazer o detetive seguir a própria linha de investigação era melhor. Se o Drayco tivesse confiado mais nos instintos dele sobre o caso Cadden, duas crianças poderiam ainda estar vivas.

Sailor tirou o seu chapéu e inspecionou a aba, que pegou entulho do vento, antes de botá-lo de volta. “Vou trocar teorias malucas com você. Vou interrogar o Reece Wable.”

Reece estava no topo da lista de Drayco, a princípio. Mas agora ele percebeu o quão Reece havia caído na lista, se prendendo à página por um pedacinho de papel, apesar da possível ligação Reece-Squier. “Essa é a primeira vez que você mencionou isso. O que mudou?”

“Uma pista anônima. Verifiquei o porta-malas do carro do Reece, e veja só, nós encontramos uma faca ensanguentada embrulhada em tecido. Sangue seco, não fresco, sem impressões digitais na faca—”

“Você não pode prendê-lo por isso.”

“Teremos de combinar esta faca aos cortes no Oakley e obter um tipo sanguíneo. A faca da caçamba atrás da loja do Earl pode ser a

errada.”

“Mesmo que a primeira faca seja do tipo sanguíneo correto? Uma dica anônima, detetive? E uma segunda faca com sangue nela?”

“Admito que parece peculiar. Mas também verifiquei aquela história que o Wable mencionu, o encontro com um investigador particular. Wable estava dirigindo um carro envolvido num acidente que matou o passageiro, um comerciante de antiguidades. Os médicos disseram que foi um pré-existente aneurisma. Os parentes do falecido alegaram que o Wable estava bravo com o cara porque ele roubou alguns documentos que o Wable queria. Estavam pressionando por homicídio culposos.”

“Alguma prova para a acusação?”

“O detetive não encontrou nada. Nem o nosso departamento, na época.”

“Você precisa de mais que isso para trazer o Reece.”

“Uma testemunha ouviu o Oakley e o Reece discutindo no dia anterior à morte dele. Aparentemente, Oakley acusou o Reece de ter um caso com Nanette.”

Drayco queria comemorar diante do pensamento de Nanette se vingar de Oakley por todos esses anos de um caso após o outro, mas era difícil imaginar o Reece e a Nanette juntos, apesar das indiscrições dela com Earl Yaegle. Talvez houvesse algo na água, um inseto mutagênico que escapou dos laboratórios biomédicos de Fort Detrick que alterou os feromônios. Ele havia ouvido resenhas demais dos filmes favoritos de seus ex-parceiros de FBI.

“Esta testemunha é sólida, detetive?”

“Bem,” Sailor pigarreou, “Ela é uma dessas viúvas extremamente ansiosas que está sempre ligando para nosso escritório com pistas. Acho que ela é parcial demais para schnapps de pêssego, francamente. Mas o Reece Wable tem motivo, oportunidade e tem a faca.”

Drayco queria apontar que vários outros, incluindo Earl Yaegle e especialmente Randolph Squier tinham casos igualmente bons contra eles, mas não o fez. “Maida disse que você ligou sobre a autópsia do coioote mas não deu detalhes.”

“Seus braços estão seguros, sem vacinas para você. O coioote—não um coioote comum, mas um híbrido de coioote com lobo—não estava

com raiva.”

“Então porque atacou?”

“Ela aparentemente teve filhotes há pouco tempo.”

Os espíritos de Drayco se afundaram ainda mais com isso. Uma mãe defendendo sua prole. “Tem como encontrar a ninhada?”

“Pedi a um amigo do resgate de vida selvagem para verificar, mas já se passaram uns dias. Pouca esperança.”

Uma mãe coiole morta, que não vai retornar aos filhotes esfomeados. Havia algo que ele poderia ter feito de diferente durante o ataque? Era como estar no FBI, tentando prever as próprias ações. Perguntando-se se você teria escolhido outra forma de agir, se o vilão não teria se safado. Ou se seu parceiro não estaria no hospital. Ou se os gêmeos Cadden estariam vivos para ver o seu próximo aniversário. Tentar prever as coisas arrebatava mais tiras e agentes do que qualquer coisa.

Um grito do píer voltou a atenção deles em direção à Nelia quando o mergulhador entregou um objeto a ela, e ela o colocou num saco plástico. O detetive e o Drayco foram até lá para inspecionar mais de perto. Era uma arma, ensopada com algas marinhas.

“Parece uma Webley para mim,” o detetive sorriu.

Drayco estudou a arma. “É a antiga certa. Acha que o laboratório estadual consegue fazer uma rápida comparação com a bala da .455 da Casa de Ópera?”

“Não contaria com isso. Agora, devo tirar o meu assistente picolé ^[31] para quarteirões mais secos.”

Drayco esperou até a Nelia e o assistente mergulhador saírem em um carro e o detetive seguiu-os em outro, e então mapeou o píer e a doca. Não era a melhor época do ano para chamar a atenção deles, com apenas alguns barcos e muitas vagas vazias. Era uma pena ele não poder marcar uma viagem para as ilhas da barreira do Atlântico, fechadas por alguns meses para proteger pássaros aninhadores.

Com uma última olhadela no píer, ele se dirigiu ao starfire. Não foi longe, porque Paddy Bakely estava bloqueando a porta. Não era meio-dia, mas a fala de Paddy já estava tartamuda, seus olhos e nariz vermelhos como beterraba. “Porque você tinha de vir para cá?” ele

gritou. “Você bagunçou tudo.”

“O que quer dizer?” Drayco esperava que conversar com Paddy pudesse acalmá-lo.

“Você está apixonado por ela. E o jeito que ela olha para você.”

“Quem?”

“Você é pior que o Rockingham. Você vai acabar com o lugar e meu papai vai ficar sem emprego. Mas isso te dará todos aqueles empregos dos mexicanos, não vai? Trabalhos que deviam ir para contribuintes cumpridores da lei, é isso.”

Contribuintes? Era difícil acreditar que o Paddy pagou algum imposto em sua vida, já que nunca teve um emprego fixo. E Drayco duvidava que alguém colocasse Paddy e “cumpridor da lei” na mesma frase.

Ele achava que a voz do Paddy não pudesse ficar mais alta, mas ficou. “Tudo que queremos é o que é nosso por direito.” Paddy se aproximou de Drayco e pegou um braço com ambas as mãos. Ele era surpreendentemente forte. “Porque não volta a Washington com esses vermes lodosos, seu maldito.”

Drayco ouviu um carro escostar atrás deles, mas os olhos de Paddy não se moveram até que uma mão bateu palmas em seu ombro, fazendo com que o Paddy se virasse. O detetive perguntou, “Algum problema?”

Drayco respondeu: “Estávamos... conversando.”

“Paddy já conversou o bastante por enquanto. Porque não me acompanha e se senta no banco de trás do meu carro, Paddy? Vou te levar para casa.” A fachade desafiadora de Paddy desmoronou, e ele começou a dizer enquanto chorava, lágrimas jorrando pelo rosto abaixo. O detetive o cutucou em direção ao carro da esquadra. “Vá agora.”

Drayco o observou guinar pela rua. “Não é um homem feliz.”

“Ele não vai encontrar as suas respostas dentro de uma garrafa.”

“Se há alguma resposta. Você se esqueceu de algo, detetive? Achei que você tivesse ido faz tempo.”

“Vi o Paddy pelo meu retrovisor ao sair, e tive um de seus famosos palpites.”

“Prefiro os seus palpites.”

Sailor sorriu carrancudamente. “Não banque o trapaceiro comigo, Drayco.”

O rosto de Paddy apareceu na janela do carro da esquadra enquanto o detetive saía pela segunda vez, lembrando um cachorrinho abandonado sendo levado para a carrocinha. Quem era a “ela” de quem ele tinha medo que o Drayco estava roubando? Darcie? Paddy era uma alma perdida numa névoa que não foi inteiramente feita por ele. Drayco olhou para a água da baía, uma visão que geralmente o deixava em paz. Apenas um horizonte vazio, tão longe quanto os olhos conseguiam ver.

Capítulo 34

Drayco estava sozinho no parque Powhatan de Cape Unity dessa vez. Tanto o detetive quanto a Maida ficariam irritados se soubessem que ele estava aqui, mas ele não estava com medo de outro ataque animal. Um humano, talvez.

Ele foi em direção à área onde ele descobriu o recorte de jornal da Casa de Ópera e a cápsula laranja, mas ficou claro que a equipe do detetive havia estado ali, então ele deixou para lá. Essa não era a verdadeira razão pela qual ele havia vindo, mesmo.

Voltando ao mirante, ele parou no lugar onde o híbrido de coioote o atacou. O cepo de árvore onde ele escorou a perna tinha uma camada do seu sangue seco besuntada contra a lateral.

Drayco colocou a caixa quase vazia que estava carregando no topo da pedra, e usando sua bússola, começou uma varredura ao norte, e então a oeste. Alguns passos à frente, então ouvindo, então mais alguns passos. Era um serviço de tolo após três dias, mas ele tinha que tentar.

Ele se recordou de uma noite muito tempo atrás, quando o seu pai, num raro momento daquele sentimentalismo odiado dele, levou seu filho ao litoral para observar a desova de pequenos caranguejos-ferradura. Brock explicou pacientemente como eles não eram caranguejos, mas eram mais aranhas, e era o cobre no sangue deles que os deixava azuis. Descendentes de caranguejos ancestrais de 450 milhões de anos de idade, os recém-nascidos estavam ameaçados pela pescaria predatória de humanos e pássaros e perda de habitat. Mesmo assim, davam um jeito para sobreviver.

Um pequeno som trazido pelo vento lhe chamou a atenção. Outro pássaro? Não, era mais um choramingo fraco. Ele triangulou o som, usando as árvores como espelhos para localizar a fonte, e rastejou em direção ao grande e escuro buraco aberto sob as raízes de uma antiga árvore. Ele pegou sua lanterna e a preparou para a abertura.

O choramingo dos dois filhotes foi crescente conforme a luz os atingia. Eles estavam tão desesperados por comida que a fome deles dominou seu medo. Tantos os pais coio e lobo ajudavam com seus jovens, já que apenas um animal atacou o Drayco, ele estava certo de que esses pequenos pertenciam a um lar de mãe solteira.

Ele botou a mão em outro bolso e retirou luvas macias e cuidadosamente deslizou a mão pela toca para retirar primeiro um filhote e então o outro. Eles estavam cegos, significando que tinham apenas uns dias de idade. Mas a lanterna dele também havia relevado que a mãe escolheu bem a toca: uma gota de água via uma fonte d'água subterrânea mantinha os gêmeos vivos.

Agasalhando os filhotes dentro de sua jaqueta, próxima à sua camisa, ele os carregou de volta para a caixa e os colocou no cobertor dentro, falando forma confortadora com eles. Quando a caixa foi colocada em segurança no chão do passageiro no carro de Drayco, ele se dirigiu a um centro de vida selvagem sobre o qual Maida havia lhe falado. A mulher que o saudou ficou emocionada de ver os filhotes, e disse que os criaria bem até que ficassem velhos o bastante para soltá-los.

Depois que voltou ao carro, ele percebeu no espelho retrovisor o quão profundos os círculos negros sob seus olhos estavam, pior do que os do detetive. Ele ficou feliz em ter ajudado aqueles dois órfãos, mas ele tinha um problema muito maior pela frente.

~~~

Diferentemente do *Fantasma da Ópera*, a Casa de Ópera de Cape Unity não tinha câmara subterrânea onde um vilão poderia se esconder. Nem Drayco concordava com alguns nativos de que o edifício fosse assombrado. Ele passou um dedo sobre as teclas do piano, geralmente assemelhado a ossos. Nesta noite úmida, a única vibração no ar era semelhante a de uma escavação arqueológica, o esqueleto estrutural uma testemunha muda de um passado esquecido.

Drayco e o piano, sozinhos num palco vazio sob um holofote. Uma cena que ele conhecia bem. Ele tinha uma forte sensação de *déjà vu*

similar à primeira vez em que pisou dentro da Casa de Ópera, o mesmo pavor que ele experienciou então. Porque tal sensação de perda agora?

Sentado no banco, ele se perguntava o que seria do piano se ele vendesse o prédio e seu conteúdo. Tinha um tom quente que ele gostava, e quando afinado, soaria muito bem. Esse deve ser o mesmo instrumento que Konstantina Klucze tocou. Ela teria se sentado neste mesmo lugar, focada no seu concerto, sem saber de seu cruel destino à frente.

Ele tentou algumas escalas antes de se lançar nas “Variações Goldberg” de Bach. Bach era uma corda de segurança sempre que Drayco tinha algo para interrogá-lo. O contraponto musical era como um prisma reverso, pegando cores dispersas e focando-as num todo coeso. O ajudava a se concentrar em pensamentos abstratos.

Ele passou pela ária de abertura, mas depois de algumas medidas da primeira variação, sua mão começou a ter câimbra. Ele tentou novamente, mas foi preciso apenas algumas notas para a dor disparar em seu braço como um choque elétrico. Frustrado, ele socou as mãos nas teclas. Devia ter feito o banho na água primeiro.

Ele esfregou o braço até a câimbra acalmar, e começou cautelosamente dessa vez, com uma desculpa silenciosa ao piano. O tempo sempre parava quando ele tocava. Ele não fazia ideia de quanto tempo estava ali quando ouviu um ofego familiar acima do som do que tocava.

Ele parou, irritado.

Seth caminhou em direção a ele. “Achei que devia avisá-lo que eu estava aqui.”

“Só verificando o piano, Seth. Precisa afinar, mas fora isso você o manteve em boa forma. Para alguém que odeia pianos.”

Seth tossiu e passou a parte de trás da mão na boca. “Não devia ter dito isso. Foi rude. E o instrumento é uma beleza, mesmo.” Ele encarou o Drayco, “Você devia fazer isso por dinheiro. Você tem o seu próprio lugar para tocar, agora.”

“Estou feliz fazendo o que sou, a maior parte do tempo.”

“O lance do detetive?”

“Ajudar pessoas. Revolver quebra-cabeças. Agora, um de meus

maiores quebra-cabeças para mim é porque Oakley Keys estava tão obcecado por este lugar.”

Seth deu de ombros. “Pergunte ao Major Jepson.”

“Porquê?”

“Oakley era um eremita. Não tinha muitos amigos. Mas o Major era seu amigo mais próximo, já que eram ex-britânicos e tudo o mais.”

Drayco tentou não rir da descrição de Seth de Oakley como um eremita, já que era preciso um para conhecer outro. Ele não tinha mais vontade de sorrir quando Seth continuou. “Oakley dava presentes aos seus amigos. Uma vez eu vi o Major com uma máscara de madeira que o Oakley fez para ele.”

“Quando foi isto?”

“Faz tempo.” Seth tossiu novamente. “Se não se importa, tenho esfregões lá atrás que vão feder para caramba se eu não os secar.”

Drayco esperou o Seth ir embora, e então se afundou em Bach com uma intensidade renovada. Major Jepson nunca mencionou uma máscara. Nem mesmo quando o Drayco falou da criação de Oakley com ele. Ele tocou apenas algumas medidas antes de algo lhe retirar de sua concentração, e novamente ele parou. Ele investigou a parte traseira do salão, onde uma figura caminhava dentro da luz. Ele acenou para ela. “Vejo que você veio nesta adorável tarde.”

“Claro.” Maida riu. “Sempre me perguntei como era o interior. Devo dizer que é mais bonito do que eu imaginei.”

Drayco fez um gesto ao redor do salão. “Virtualmente o mesmo que era meio século atrás, com maquiagem desbotada e algumas rugas. Você esperava teias de aranha?”

“Pior. Lençóis mal-assombrados, alguns ratos e poeira por toda parte. Você não precisava parar de tocar. Era Bach?”

“As variações Goldbergs.”

“Você é bom, sabe.”

Ele sorriu. “Você parece surpresa.”

Ela tirou rapidamente o boné de beisebol dos Nationals de sua cabeça e passou uma mão pelo cabelo. “Não quis dizer isso. Achei que, com a sua lesão, você não conseguia tocar muito.”

“Não o bastante para ter uma carreira com o piano. Horas demais

de prática. Mas posso tocar em pequenos períodos.”

Maida circulou pela parte de baixo do palco para se sentar na fileira da frente. “Quanto um assento como este custaria hoje em dia?”

“Aqui, é grátis. Num lugar como o Kennedy Center, entre oitenta e cem dólares por bilhete.”

“Rico demais para o meu sangue. Vou ficar bem aqui e pegar meu bilhete grátis, muito obrigada.”

“Alguns shows de *rock* vão te cobrar três ou quatro vezes isso.”

“Sabe de uma coisa?—próxima vez que você fizer um concerto, vamos reunir um grupo de senhoras e jogar algumas calcinhas para você. Te fazer sentir como uma estrela do *rock*.”

“Acho que seria bem difícil você arrumar um grupo assim.”

“Não do que tenho visto. Estou certa de que Darcie Squier pagaria o dobro pela oportunidade.”

Drayco recuou. “Acho que vou ficar com o trabalho investigativo.”

Ter uma mulher por vez se jogando para cima dele era o bastante. Especialmente porque ela era casada. E uma suspeita. E como a vodka Saproshin que o pai de Tatiana contrabandeou de Moscou—uma toxina que você sabe que devia evitar, mas uma vez satisfeita, torna-se um prazer com culpa. Darcie em uma casca de noz.

Ele se levantou e ofereceu uma mão para Maida para ela subir as escadas ao palco. “Eu prometi o *tour* de cinco centavos.”

Maida apontou para as escadas circulares e passarela. “Parece divertido.”

Drayco cogitou os corrimões rangentes com reserva. “Tentei uma vez, mas preciso inspecioná-lo. Se passar, te levo lá para cima.”

Maida avistou a mancha vermelha descotando no chão de madeira, e tiritou. “Isso é—”

Drayco acenou com a cabeça. “Temo que sim.” Ele se focou na expressão dela. “Você está bem?” Sangue, víscera, cadáveres em decomposição—ele já esteve por perto deles o suficiente para dissociar a vida da carne destrocada da morte. Mas ele se chutou mentalmente para não pensar nas manchas quando a Maida pediu por um *tour*.

“Deixa o assassinato mais próximo de cada. O faz mais real.”

Então, ela o assustou. Endireitando-se em todos os seus um metro e cinquenta e cinco, ela colocou as mãos nos quadris. E então disse, tão alto quanto a voz que ele havia ouvido da pastora-leiga Maida, “Espero que você pegue quem quer que fez isso, não importa quem seja, e jogue sua carcaça imprestável numa cela tão escura que eles nunca verão a luz do dia.debaixo do exterior malandro, Oakley era um homem sensível que não machucaria uma alma. E tem a Nanette—”

Ela parou no meio da frase, seus olhos ficando mais abertos. “Eu venho supondo que foi uma pessoa que matou a ambos. Você não acha que há dois desses animais soltos por aí, acha?”

“Não temos certeza. Mas se te fizer sentir mais segura, acredito que os assassinatos estão conectados. E acho que não estamos olhando para uma matança aleatória.”

“Não quero que você tenha a impressão de que sou outra histérica, Scott.”

‘Velha e histérica não são termos que eu usaria para me referir a você, Maida, confie em mim.’

Ela entrecerrou os olhos nas fileiras de assentos vazios. “A Nanette me contou algo estranho uma década atrás. Ela teve uma premonição sobre a morte do Oakley.”

“Ela disse como ela o via morrer? Ou porquê?”

Maida balançou a cabeça e olhou para cima em direção ao telhado, apesar de Drayco duvidar que fosse em suplicação. “Você não acredita que foi uma premonição, acredita?”

“Algumas pessoas acreditam que o subconsciente cria imagens. Imagens que fornecem *insights* de problemas que a mente consciente suprime. Talvez a Nanette pegasse sinais de Oakley, mas não tivesse consciência disso.”

“Uma mensagem de sonho em uma garrafa?”

“De certa forma.” Ele pensou nos seus próprios pesadelos repreensivos. Sinalizações so Id freudiano.

Maida mordeu as unhas.

Ele disse: “Essa não é a única coisa te incomodando.”

“Na mesma época da premonição, outra coisa estranha aconteceu.”

“Com a Nanette?”

“Ela parou de ir à igreja.” Maida balançou seus pés para frente

para que pudessem tocar o chão. “Nanette costumava ser voluntária para tudo e cantava no coral.”

“Sua ausência deve ter gerado desconfiança.”

“Gerou. Ela disse que estava aflita e que precisava de uma pausa. Os rumores diziam que Oakley estava bebendo novamente. Mas não estou certa de que ambos fossem verdade. Eu tentei falar com ela, tanto como pastora como amiga, mas ela ficava se desviando de mim, usando a desculpa da saúde.”

Ele ouviu a voz do detetive em sua cabeça, “*Bem, agora—o caso entre Earl e Nanette não foi tão breve, ou há tanto tempo quanto Earl nos levou a acreditar?*”

“Tenho certeza de que você deu o seu melhor, Maida. Mesmo que você não seja o tipo fogo do inferno e enxofre.”

“Meus sermões cutucavam as pessoas na direção certa em vez de batê-las na cabeça com as luvas de boxe do ‘seja salva, senão’. Achei que isso poderia ser mais eficiente.”

“E você podia cobrar por bancos de igreja próximos ao ringue.”

“Com certeza poderíamos usar o dinheiro.” Ela pediu licença para fazer uma tarefa, deixando o Drayco sozinho, finalmente. Ele mudou dos Goldbergs para a “Arte da Fuga” de Bach.

Enquanto os dedos de Drayco pairavam pelas teclas, ele pensou no Oakley e sua inscrição no livro de Yaegle. E o que importava o fragmento da carta críptica? A mão esquerda dele ressaltou vozes internas em uma passagem, escala acima, e então abaixo. A palavra “fônica” no recorte de jornal de Oakley. Fônico como um acústica ou fala? E o b-b no recorte de jornal e na árvore? Ele forçou seus dedos sobre o teclado ainda mais rápido. As perguntas iluminavam o lobo parietal em seu cérebro, mesmo enquanto as notas musicais produziam um arco-íris de cores aos seus sentidos.

Oakley brotou do nada, sem família ou amigos. Ou é a impressão que ele queria dar. E então havia o irmão do detetive e seu assassinato, deixado sem solução. Era melhor às vezes não ter família, se tudo que significava fosse tristeza e perda?

Frustrado com sua inabilidade de encaixar todas as peças do quebra-cabeça, os dedos de Drayco cavaram forçosamente numa seção onde Bach introduzia um novo contra-tema antes de voltar à

melodia original, agora invertida. Invertida—surgiu-lhe à cabeça.

Ele parou bruscamente, quando uma ideia lhe ocorreu, algo mais louco do que a teoria que ele havia falado do detetive, parte alegoria e parte tragédia de proporções operáticas. Se encaixadas tão belamente, como o contraponto de Bach's, era uma possível solução para os assassinatos. O problema era, pode ser quase impossível de provar.



## Capítulo 35

Reece Wable ficou olhando para o hotel Fairmont. Agora, era a joia da coroa do centro de Cape Unity, mas não há muito tempo, simbolizava o colapso do turismo. Foi preciso muito dinheiro em garantia, mas o edifício agora se posicionava orgulhosamente na Atlantic Avenue como se sempre tivesse sido elegante e imaculado assim. A estrela de cinema negando modestamente conhecimento de qualquer cirurgia plástica.

Apesar ficar a algumas quadras da rua a partir da Sociedade Histórica, Reece sempre estacionava o carro em frente ao hotel e caminhava para o trabalho. Em parte porque ele gostava da grandeza do lugar e em parte porque ele precisava de exercício. Ele estava aterrorizado com a expansão da meia-idade.

Reece esta a alguns passos do carro quando outro veículo guinchou no espaço atrás do dele e fez uma parada abrupta. Reece ficou aliviado de notar que o motorista por pouco evitou uma batidinha, mas ficou contrariado mesmo assim. Sua irritação rapidamente se tornou em alarme quando Paddy Bakely saiu do banco do motorista e disparou em direção ao Reece.

“Tenho isto para você,” Paddy tinha um longo objeto esbelto em sua mão que vagamente lembrava uma arma. Ele estava bêbado ou sóbrio? Reece preparou contra um possível ataque e olhou ao redor por testemunhas em potencial. Paddy ofereceu o objeto na altura do braço e indicou que Reece devia ficar com ele. Era uma bengala para caminhar, com uma haste de bordo folheada a prata e uma imagem prateada de um animal para a o cabo. Reece não estava certo de como reagir. Melhor ficar com o básico: *ter stick with the basics*. “Obrigado,” ele disse.

Paddy apontou para a bengala, “Estva lá em casa acumulando poeira. Acho que é velha. Mais seu estilo que o meu. Imagino que pode adicionr ao seu museu.” Ele balançou para cima e para baixo nas

bolas de seus pés, seu rosto amassado como se estivesse com dor, apesar de o Reece duvidar que fosse dos sapatos apertados. Paddy estava segurando outra coisa nas costas, que ele puxou ao redor. “Achei que você fosse querer isto, também.”

Reece aceitou ambas as ofertas com um aceno teso. “Vou levá-los de volta à Sociedade Histórica comigo.”

Tão rápido quanto veio, Paddy pisou fundo, deixando um historiador desconcertado em seu encalço. À medida que Reece colecionava seus pensamentos o suficiente para mais uma vez voltar ao seu carro, um coupé azul escuro encostou na vaga que Paddy desocupou e outro homem desceu a janela. Ele chamou o Reece, que se perguntou, como que eu fui parar no meio da Grand Central Station de repente?

Ele manuseou desajeitadamente o seu celular, caso precisasse ligar por ajuda, mas relaxou quando reconheceu a nova chegada, quando o homem desceu do carro.

~~~

Scott Draycopassou por ali e levou em consideração os dois artigos que Reece segurava apertadamente em seus braços, conforme Reece sorria para ele. Finalmente, alguém parecia feliz em vê-lo. “Brinquedos novos?”

“Lembranças de Paddy. Acho que terei de colocá-lo na minha lista de cartões de natal.”

“Presentes do Paddy? Acho que isso explica porque você parecia tão assustado. Você estava tão parado que eu tive de parar. Fiquei preocupado de que você pudesse estar tendo uma convulsão.”

“Eu estava mais é tomado por estupefação.” Ele entregou a bengala ao Drayco. “Paddy disse que ele tinha isso aqui toda abandonada e sozinha e achou que poderia encontrar um lar melhor para isso na Sociedade. Que pena que não é ouro. Eu poderia vender.”

“Se fosse ouro puro, duvido que o Paddy se livraria dela. Parece prata de lei, pelo menos os acentos.” Drayco passou o dedo pelo cabo. “Isso aqui é um cão de caça?”

“Não sei. Preciso assistir esses programas caninos na TV.”

Drayco apontou três letras gravadas na faixa de prata na ponta. “H-A-H”.

Reece contraiu o nariz. “Hah, de fato. Talvez Paddy achasse que fosse rir por último. Acho que este é o fabricante. Vou ter que pesquisar. Pode ter algum valor, afinal.”

Drayco a entregou de volta e olhou o anjo agarrado no braço de Reece. “Qual é a história por trás disso?”

Reece colocou o anjo no banco de trás de seu carro. “Com Paddy, quem sabe? Talvez ele me tenha dado a bengala com medo de que o Seth fosse usá-la nele.”

“Alguém precisa acertar algum juízo no Paddy, com ou sem bengala.”

Reece amassou seus músculos do rosto. “Você acha que é roubada e que o Paddy está tentando se livrar dela?”

“Acho que não, Reece. Ele provavelmente a venderia. Ou a jogaria fora.”

“Você pode contar para seu amigo, o detetive, já que você tem o hábito de dar a ele todas as minhas coisas valiosas. Diabos, eu mesmo devia contá-lo pessoalmente, já que somos amigos do peito, agora. Graças a mim sendo um suspeito.”

Então o detetive Sailor não perdeu tempo em sua ameaça de levar o Reece para interrogatório. Mesmo que fosse uma perda de tempo, como Drayco suspeitava. “Você e o detetive se dão bem?”

“Oh, amável. Alguém planta uma faca no meu carro, uma intrometida feia participa, e ta-da, agora sou infame. Terei de ir a todos os programas de entrevistas. Ou escrever memórias.”

“Você não estava discutindo com o Oakley antes de sua morte como a testemunha descreveu?”

Reece semicerrou seu olho bom para o Drayco. “Testemunha? Você sabia disso de antemão?”

“O detetive me contou mais cedo hoje sobre isso, mas foi a primeira coisa que eu ouvi. E quanto àquela briga, Reece?”

Reece hesitou. “Pode ser que trocamos algumas palavras. Mas eu não comecei, ele começou, e acho que estava bebendo novamente.”

“Bebendo? Nanette disse que ele estava sóbrio.”

“É o que ele queria que ela pensasse. Alcoolismo é uma doença

sem cura. Apenas remissão. Ou recaídas.”

“E o ataque de Oakley quanto ao seu caso com a Nanette?”

Reece bateu a bengala na calçada. “Você pergunta na lata mesmo, não é? Talvez seja você quem me dedurou para o detetive. Olha, eu te disse que tive uma queda por ela. Só isso. Duvido que ela estivesse interessada em um historiador mal-humorado. Eu sou um desses homens covardes que tem medo de sangue. O que torna toda a coisa da faca ridículo.”

“Você me disse que não havia falado com o Oakley por um tempo, Reese. Você mentiu.”

Reece arrastou os pés. “Você pode ser um desses tipos machões que olha a morte no rosto e ri, mas eu sou um covarde. Genética. Um homem uma vez manchou a honra da minha mãe num bar e Poppy se arrastou para fora com o rabo entre as pernas. A colna dos Wable são notoriamente espichadas.”

“Você tinha medo de que se tornaria um suspeito antes? Por causa daquela alegação de homicídio culposo?”

Reece suspirou. “Síndrome de cidade pequena. É preciso apenas um rumor para se condenar alguém hoje em dia.”

“Quanto ao homicídio culposo, Reece. A família do passageiro no seu carro disse que você o matou intencionalmente por causa de um manuscrito.”

“Nós dois o cobiçávamos. Eu, para meus arquivos. Ele queria vender para obter lucro. Mas foi ele quem forçou a entrada no meu carro naquela noite.”

Drayco encarou o olho bom do Reece. “Então, o que você não está me contando?”

Reece engoliu várias vezes. Quando ele respondeu, sua voz estava monocórdia. “Eu queria dar uma lição nele. Assustá-lo. Eu o levei para casa, bem rápido, fingindo que eu ia passar por cima das coisas. Ele ficou bem assustado. Me implorou para parar.”

Drayco provocou, “E então você atingiu algo para valer.”

“Um veado passou pela estrada. Eu dei uma guinada para evitá-lo e terminamos envoltos ao redor de uma árvore. Foi minha culpa ele ter morrido, eu admito isso, e tenho de viver sabendo disso todo dia desde então. Mas a família dele estava errada. Eu não queria fazer

aquilo. No final das contas, eu nem peguei o maldito manuscrito. Não faço ideia onde ele foi parar.”

Drayco deixou essa passar. Deve ser fácil de provar ou desprovar. Em vez disso, ele apontou para o livro na mão do Reece. “O grande romance americano do Paddy?”

“Um livro com as poesias dele. Já leu o trabalho dele?”

“Pela aparência, o mesmo volume.”

“O que achou?”

“Sua escrita é tudo que se poderia esperar do Paddy, só que mais obscura e mais incoerente.”

“Já que ele é um escritor local—inferior—vou encontrar um lugar nos arquivos para isso.”

“Posso entender ele dá-lo a você, um toque de ego, mas porque a bengala? Não se encaixa no padrão de comportamento dele. A menos que o propósito da bengala fosse de adoçar o negócio para que você aceitasse o livro.”

Reece deu de ombros e olhou para o relógio. “Cinco badaladas. É o tão-chamada *happy hour* na Fiddler’s Green Tavern. Já foi a esse estabelecimento ilustre?”

“No outro dia, para pegar vinho para a chef Maida. Encontrei o Paddy, aliás.”

“Oh, agora tem uma surpresa. Enfim, eles possuem várias microcrevejarias pela metade do preço nessa hora do dia. Quer se juntar a mim? Ou está com medo de ser visto na companhia de um degenerado?”

“Um degenerado com um monóculo de leitura? Qual é o lance todo do monóculo, afinal, Reece?”

“Eu só preciso de uma lente, então porque pagar por outra que eu não preciso?”

“Por causa do olho de vidro?”

Reece bateu a bengala em saudação. “A maioria das pessoas não nota. Acho que você é um detetive mesmo, afinal.” Ele apontou para seu olho esquerdo. “Este aqui é de vidro. O ganhei depois de uma luta contra o câncer quando bebê. Um olho, uma lente. Quer vir junto e tomar todas?”

“Porque não.” A taverna tinha um charme único, do tipo que não

veio de testes de mercado corporativos. Ao parar no estacionamento, Drayco viu vários carros a mais do que na sua outra viagem. Reece explicou que, para Cape Unity, isso era uma multidão.

Felizmente, Reece pegou uma mesa vazia, e estudaram os especiais do dia escritos em cores pastéis num pequeno quadro-negro. Reece disse: “A cerveja Beach Lite é maltada, mas boa. É da região de Tidewater.”

“Cerveja é bom para o seu reumatismo?”

“Não me importo. Apesar que eu devia ir ao médico para uma receita. É mais fácil engolir do que pílulas para cavalo de glucosamina.”

Drayco escolheu a Cacao Espresso Stout. “Café, chocolate escuro, e cerveja. Três vícios em um. Será que eu encontrei um novo vício para substituir a Manhattan Special?”

Reece rolou o líquido dourado da sua Beach Lite Beer ao redor de sua língua com um gargarejo feliz. “Eu diria que isso me ajuda a relaxar ao final de um dia estressante. Mas eu trabalho só na minha caverna privada da história sem um único visitante. Não posso culpá-los, já que agora sou *persona non grata*.”

“As visitas melhoras no verão?”

“De certa forma. Por mais que eu odeie essas fileiras detestáveis de barracos que a Gallinger planejou, isso pode significar mais patronos para a Velha Sociedade Histórica. A gente mal consegue equilibrar as contas. Eu esperava que uma das instituições de caridade de Earl Yaegle pudesse nos ajudar, mas se ele acabar na cadeia...”

Drayco disse: “Será que dois assassinatos vão afetar as vendas desses barracos?”

“Bem colocado. Me pergunto se a Gallinger levou isso em conta. Diabos, pode até aumentar as vendas. As pessoas são fascinadas por notoriedade e escândalo, afinal. Contanto que não as afete pessoalmente, elas se interessam por isso.”

Drayco sentiu que a sua companhia queria uma pausa na conversa. Os três Bs, seu pai sempre chamava. Cerveja, vadiagem, e pensar ^[32]. Drayco examinou a taverna, catalogando os rostos de

seus amigos beberões. Em sua longa história, o Fiddler's Green deve ter visto sua cota de consumidores notórios. Um conto local fala de um marinheiro no começo dos anos 1900 que vagava pela cidade. Ele matou uma peixeira^[33], fatiou o corpo dela em pedaços e os empacotou no depósito de um navio a vapor para jogar ao mar. Reece estava certo sobre escândalo. A história do marinheiro maluco era uma das lendas mais estimadas da cidade.

Ele estava Reece do outro lado da mesa. “Notoriedade pode chegar perto de casa. Pegue você, por exemplo. Os assassinatos dos Keys te afetaram pessoalmente.”

Reece pegou alguns dos pretzels numa tigela à mesa, os rolou em sua mão, e jogou todos de volta menos um. “Você chega a pensar em Kismet?”

Drayco relaxou em sua cadeira, aproveitando o amargor da *stout*. “Você está sendo fatalista comigo?”

Reece começou a mastigar o pretzel, então tossiu um pedaço dele, com um olhar apologético. “Admita comigo. Quer dizer, aqui estamos, estranha até uns dias atrás, sentados neste bar em particular, conectados pelas mortes de suas pessoas que eram meus amigos. Eu me perguntou—é possível que você foi enviado aqui por algum desvio do Kismet para resolver os homicídios deles? Que você é o único que consegue? E então você tem os próprios Keys. Se eles não tivessem se mudado para cá eles jamais teriam comprado aquela terra e não teriam morrido por causa dela. E a Nanette—se ela se casasse comigo, ela estaria viva hoje. Em vez disso, ela se casou com um homem que não a admirava.”

“Sem querer ser rude, Reece, mas tem certeza de que esta é a sua primeira cerveja hoje?”

“Botando o meu chapéu de filósofo de poltrona.”

“Seu chapéu de historiador te cai melhor. Te deixa menos deprimido.”

Os olhos de Reece estavam brilhantes e diretos. “Se quiser fazer de mim um humano feliz, você vai descobrir quem matou a Nanette. Se há fogo eterno e condenação para os perversos, felizmente ele irá direto para lá.”

Cenários de ‘se’ davam bons artigos de pesquisa, mas na vida real eram doenças comendo células emocionais pouco a pouco, deixando apenas esqueletos de tristeza e culpa para trás. Mesmo assim, Drayco não podia culpar o Reece. Nanette era uma mulher com grande capacidade para amor e devoção.

Isso o deixou pensando em Konstantina Klucze. Se ele tivesse sido o par dela, ele estaria cativado do jeito que Reece estava com Nanette. Seguindo a linha de pensamento de Reece, será que a Konstantina também estaria viva hoje se ela tivesse se casado com outro? Ele ficou confuso com a sua própria fixação por uma mulher morta há muito tempo. Deve ser algo que colocaram na cerveja. Pensamentos depressivos fazem as pessoas quererem beber mais, e assim, mais lucros.

Reece parecia feliz de estar deprimido, pelo menos até ele drenar a sua caneca. Ele perguntou, “O que o trouxe a este lugar?”

“Você, a menos de trinta minutos.”

“Quero dizer, como você começou no ramo? Maida me atualizou sobre a sua juventude prodigiosa. Alguém roubou o seu piano?”

“Meu carro.” Ele havia parado num posto de gasolina para abastecer o seu Mustang naquela noite congelante de quinze anos atrás. Algo tão simples, como parar num posto de gasolina, abastecer seu carro, pagar o atendente.

Reece apontou para o antebraço direito exposto de Drayoc, onde sua manga havia escorregado quando Drayco levantou o seu copo. “Suponho que isso seja um souvenir?”

Drayco olhou para a linha de cicatrizes rosa ramificando numa árvore conforme se desvaneciam na palma de sua mão. “Um roubo de carro. O atirador bateu a porta contra meu braço. Arrastou-me por vários metros.”

Reece disse: “Mutilou para valer. Bom cirurgião plástico.”

“Apesar de eu jurar que o fisioterapeuta tivesse um temperamento sádico.”

“Temos duas carreiras de pianista silenciadas por assalto. Acho que foi puro acaso a sua vida não acabar naquela noite, como a de Konstantina. Ou então estou certo sobre o nosso amigo Kismet. Kismet, o babaca do universo.”

Drayco deu outro gole de cerveja. Se havia algo de positivo em toda a bagunça do roubo do carro, foi quando ele percebeu que podia ajudar mais pessoas diretamente por meio de uma carreira na polícia. Fornecer um pouco de justiça, talvez ajudar a prevenir tragédias como a do ladrão de carros—tinha apenas dezessete anos quando foi condenado, morreu pouco depois num motim na prisão. *Ars longa, vita brevis*.

Reece sinalizou por uma segunda caneca. “Você me pediu para pesquisar Angel Quillen. A vida inteira dela pode ser resumida num parágrafo. Nada sobre a infância dela. Casou-se com Seth quando tinha 18 anos. Ele era dez anos mais velho, a propósito. Ela teve o Paddy aos vinte anos. Os pais dela originalmente se mudaram para cá para trabalhar na indústria caranguejeira, e se mudaram após a morte dela.”

Reece puxou alguns paéis do bolso de sua jaqueta e os lançou à mesa. “Tenho um recorte de jornal que a menciona. E já que você perguntou sobre o começo da vida do Oakley, eu incluí um artigo sobre ele.”

Drayco examinou a foto no primeiro recorte. “Esta é a mãe do Paddy, Angel Quillen?”

“Ela era bonita, não era? Pele clara, cabelo ruivo. Surpreendente.”

“Tem certeza de que é a mãe de Paddy?”

“Olhe a legenda, se não acredita em mim.”

“A aparência dela não bate com o que eu tinha em mente.”

“Se você acha que Paddy não se parece com ela e que é adotado, pense novamente. Ela morreu durante o parto, afinal—dele. Deve ser uma mutação genética em algum lugar. Ela aparentemente era tão santa quanto o nome dela sugere, e Seth se manteve longe de problema. Te faz perguntar porque o Paddy não poderia ser mais como o pai.”

Drayco virou o próximo pedaço de papel, o artigo sobre Oakley. Drayco olhou mais de perto a foto de Oakley. Ele viu um sósia de paletó que ele usava na noite em que foi assassinado. “Reece, você se lembra desta jaqueta?”

Reece pegou o recorte. “Paletó. Não é um fã. Parece barata demais, como aquelas roupas de poliéster de lazer populares à época. Não me

lembro dele usando-a, mas quando eu mostrei esta foto ao Oakley uma vez, ele não ficou feliz.”

“Ele disse porquê?”

“Ele murmurou que a foto foi tirada no pior dia de sua vida. E como os honrados devem se regozijar quando veem vingança. Ou algo assim da Bíblia.”

O pior dia de sua vida? Drayco tinha suas suspeitas sobre aquele dia. A mesma data em que Nanette contou ao Drayco que Oakley voltou para casa, leu a carta que mudou sua vida, e a jogou na lareira.

Reece apontou para o último documento na pilha. “Vá em frente, olhe este.”

Drayco o desdobrou. “Planta baixa?”

“Sou um bom historiador ou não? Uma cópia dos desenhos originais da Casa de Ópera dos arquivos da Biblioteca de Virginia.”

“Isso é muito mais do que eu esperava, Reece. Você guardou uma cópia para a gaveta arrombada?”

“Está no meu cofre na parede. Não quero arriscar com o senhor Dedos Pegajosos.”

“Obrigado, Reece. Isso é melhor do que eu esperava.”

Drayco ficou de pé, sinalizando para o Reece que estava pronto para ir embora. “E não obstante o Kismet, alguém tomou uma decisão consciente de matar o Oakley e a Nanette. Uma decisão que o assassino vai viver para se arrepender uma vez preso. Pode apostar nisso.”

Reece disse: “São chances instáveis. Como pode estar tão certo?”

Drayco reuniu a planta baixa e outros documentos e dobrou dinheiro à mesa, de gorjeta. “Porque eu nunca desisto.”

Capítulo 36

O solar do cipreste estava ainda mais dramático, emoldurado contra uma bruma noturna que paira como uma cortina teatral transparente. Drayco notou um drapeado brocado puxado de lado em alguns centímetros. Alguém estava segundo seu progresso pela longa entrada da garagem.

Darcie o cumprimentou como uma ardente feitiço em um vestido preto apertado, ao acenar para ele entrar na sala de estar em direção ao sofá. Ela colocou a mão no ombro dele, pressionando-o contra o assento, e então se posicionou a meros centímetros de distância.

Drayco tossiu. ‘O conselheiro vai se juntar a nós?’

A mão dela pressionou ainda mais forte. “Ele foi chamado a trabalho.”

“Que pena. Ela era um bom anfitrião.” Pelo menos, um bom ator. Em retrospecto, estava claro que o jantar era mais uma desculpa para descobrir qual era a do Drayco do que qualquer gesto de boas-vindas da parte do Squier.

Darcie apressou-se em se aproximar, suas coxas roçando. Drayco se permitiu um breve momento para aproveitar o contato, antes de se forçar e retomar o foco da conversa. “Você entretém com frequência? O *layout* desta casa é feito sob medida para isso.”

“Não tanto quanto eu gostaria. Além de você, as últimas pessoas que recebemos para jantar foram alguns daqueles conselheiros chatos. E os Yaegles, antes de a sua esposa morrer. Se dependesse de mim, teríamos festas toda semana. Tem vezes que eu acho que serei o primeiro caso de morte por tédio. Mas duvido que você tenha esse problema.”

“Oh, minha vida é mais chata do que você pensa.”

Ele se extraiu da posse dele e se levantou para inspecionar um dos estojos que ele notou na primeira visita, aquela com artesanato nativo-americano, que tinha uma nova adição. “Esta coleção do seu

marido definitivamente não é chata.”

Numa prateleira na extrema direita em direção aos fundos estava um objeto de madeira arredondado, semi-escondido sob um tapete de cristal navajo. Drayco estabeleceu uma ampla rede de vigilância ao redor da sala assim que entrou, procurando por um item como esse. A forma e tamanho certos para o que anteviu que a máscara de Oakley seria. Ele pegou o objeto com as laterais das mãos, estudando as penas intrincadamente entalhadas do rosto de uma coruja. Na parte de baixo, estava inscrito *Diabel*. Ele a virou e viu as iniciais OK.

“Esta é incomum. Única.”

Ela rodopiou o cabelo com os dedos enquanto evitava olhar para ele. “Conseguimos essa com um artista local. Não sei quem.”

Drayco colocou a máscara na mesa de centro, e então botou sua mão, em forma de xícara, ao redor do queixo de Darcie para forçá-la a olhar para ele. “Nanette Keys disse que o Oakley confeccionou uma máscara similar. Uma máscara que desapareceu quando ele foi assassinado. A mesma máscara sobre a qual te perguntei no Novel Café quando você negou saber de alguma coisa.”

Darcie congelou, e suas bochechas habilmente enrubescidas com ruge ficaram pálidas. “Eu não sabia que estava ligada à morte do Oakley, juro que não sabia. Você acredita em mim, não?”

“Certamente você viu as iniciais onde está assinado OK?”

Drayco soltou, e Darcie voltou a enrolar o cabelo ao redor dos dedos. “Quando Randolph a trouxe para casa, eu vi as iniciais e achei que fosse do Oakley. Foi após o assassinato e fiquei surpresa de o Randolph tê-la comprado. Achei que ele se esqueceria e que eu mesma poderia vender. O valor da arte sobe quando o artista morre, não?”

Drayco não disse nada, então Darcie continuou, com uma risada nervosa. “Meu marido querido me dá uma mesada. Preciso implorar por dinheiro para ele. Então eu esperava ganhar dinheiro por conta própria. Afinal, com o quê ele gasta a fortuna dele?”

Ela apontou em direção às coleções. “Essas presas velhas asquerosas e armas ridículas. Para quê? Poderíamos estar viajando, ou conhecendo pessoas interessantes em Washington, ou assistindo a shows de moda de estilistas em nova York. De que vale um monte de

reliquias antigas? Elas não te ajudam a viver no presente, ajudam?”

Ela não deve mostrar este seu lado ao marido. Talvez mostrasse, e ele não fosse do tipo compreensivo. Talvez ela tivesse medo—medo de que ele ficasse violento. Ou que ele perderia o Sr. Ricaço. Mas ao vê-la sentada ali, segurando as lágrimas, aquela caracterização não parecia justa. Pela primeira vez desde que ele a conheceu, ela parecia perdida em águas desconhecidas. Ele resistiu ao desejo de aproximar a distância entre eles.

Ela chutou a mesa forte o bastante para fazer a máscara deslizar uns poucos centímetros. “Fique com essa coisa asquerosa. Eu não a quero em casa.”

“Seu marido disse onde a comprou?”

Darcie balançou a cabeça tão violentamente que Drayco achou que esta ia sair. “Eu aprendi a não perguntar ao Randolph onde ele consegue as coisas. É melhor assim. Como se ele fosse me contar.”

Ela se afastou dele. “Eu queria que você parasse de olhar para mim desse jeito.”

“Que jeito?”

“Acusatório. Seus olhos são tão intensos às vezes. Olhe para eles por muito tempo e você será sugado para dentro.”

Ela deu um salto e andou em direção à enorme lareira e repousou um braço na manto, segurando a outra mão para sentir o calor do carvão reluzente. “Você fez amigos aqui?” ela perguntou inesperadamente.

“Por que?”

“Meu marido não quer que eu tenha amigos. Ele quer sua propriedade toda para si próprio. Às vezes acho que vou sufocar.”

“Ele fica violento?”

“Se ele já me bateu? É claro que não. Cavaleiro demais para isso.” Ela botou a palavra cavaleiro para fora como se fosse um remédio amargo.

“Não violento perto de você, talvez.”

Ela desviou o olhar. “Se o meu marido decidiu machucar alguém, tenho certeza de que seria limpo e eficiente, como ele faz todo o resto. Acredite em mim, ele não é o tipo físico. Não vou findor que nosso relacionamento não teve suas turbulências. De quem não teve? A

esposa de Oakley tinha um caso com Earl Yaegle. Mesmo assim, Earl e Tabitha Yaegle ficaram juntos até ela morrer.”

Darcie se esticou para torcer a cabeça novamente, e então se pegou e parou. “Como anda a investigação? Porque o detetive não prendeu o Earl?”

“Porque o assassino pode não ser o Earl.”

“Claro é que é Earl Yaegle. Ele e Oakley eram inimigos. Você acha que é ele, não acha?”

Drayco se juntou a ela em frente à lareira. Ele estava novamente impressionado com o tamanho desta, grande o bastante para estacionar um Cooper Mini dentro. O mármore era um cinza escuro com camadas de preto formando padrões como os testes de Rorschach. Um padrão lembrava dois demônios dançando.

Ele disse: “Não estou pronto para acusar o Earl dos assassinatos.”

Darcie inclinou a cabeça. “Porque não?”

“Você está doida para estigmatizá-lo. Algum motivo?”

“Eu não sou esperta, mas não consigo imaginar porque outra pessoa quereria fazer isso. Oakley era muito infantil.”

Ela olhou para a cena de caça emoldurada à parede. “Eu sempre detestei esta pintura. Armas, armas, sempre armas.”

Ela ficou em silêncio por um instante, suas mãos fechadas em frente a ela. “Eu não fui honesta quando eu disse que não conseguia imaginar alguém querendo matar o Oakley.”

“Seu marido?”

Ela acenou. “Achei que você já soubesse sobre a máscara. E que estava me incitando a acusar o Randolph dos assassinatos.”

“Você escondeu bem.”

“Meu marido ficou furioso quando ele descobriu sobre Oakley e eu. Ameaçou matá-lo. Mas quando eu me permito acreditar que ele foi em frente com isso... Fico aterrorizada. Já é insuportável aqui nesta caverna escura como é. Solitária, fria e sem alma.”

Ela se esticou para pegar o braço de Drayco e o levou para um canto, onde ela apontou para uma tapeçaria elaborada. “Esta é chamada de ‘Amor do Velho Moinho.’ Parecia tão romântica, eu fiz o Randolph comprá-la.”

Novamente em seus saltos agulha, ela estava mais próxima da

altura de Drayco e facilmente alcançou o ombro dele com a cabeça para manobrá-lo para que as costas dele ficassem contra a parede no canto. “Os detalhes não são requintados? O casal é tão cheio de vida.”

Ela se aproximou até seu rosto estar a centímetros do dele. “O homem jovem é meio sexy. Como você, só que bem mais atraente.”

Se ele sucumbisse à Darcie, que lançou uma teia como uma viúva negra ao redor de Oakley, seria o Drayco consumido como o outro homem foi? Para sua decepção, neste momento em particular, ele não estava certo se se importava. Em certo nível, bem profundo, ambos estavam vulneráveis como Earl e Nanette, quando instigaram seu caso amoroso.

Drayco estava intensamente ciente da pele macia na mão da Darcie enquanto os dedos dela embrulhavam-se ao redor do pescoço dele, e do batimento cardíaco rápido dela conforme ela pressionavam seu peito contra o dele. Os olhos dela faiscavam como um lampejo de esmeralda, e seus lábios vermelhos estavam quentes e macios ao provocativamente roçar sua bochecha e boca. Ele visualizou o Oakley, fraco de seus sonhos desbotados e autoestima desaparecendo, impotente diante desta sereia tentadora. Sua regra sobre mulheres casadas estava em iminente perigo de ser revogada.

Ela perguntou, “Você me acha atraente, não acha?”

“Acho que seria difícil algum homem não achar.”

Ela pressionou seus lábios contra os dele, beijando-o gentilmente a princípio. A mão esquerda dela deslizou sob o suéter dele, os dedos dela acariciando o peito dele, lentamente se movendo para baixo. Como no carro atrás do tribunal, ele não a deteve, não a afastou, mas retornou o beijo, e colocou um braço ao redor dos ombros dela, o outro ao redor da cintura.

Ele poderia discutir consigo próprio o dia todo sobre a moral de se transar com uma mulher casada, mas ele temia que seus argumentos soassem vazios. Ele estava cansado, mais sozinho do que queria admitir, e seu pulso pegava velocidade cada vez que ele ficava perto dela.

Os lamentos de sereias mentais tentavam abafar o seu desejo. *Ética, o assassinato de Oakley, não se renda.* Mesmo assim, a ideia de estar nos braços da Darcie era de longe mais agradável do que lidar

com a Casa de Ópera ou brigar num caso intrincado que pode não se rproável. Ele a puxou mais forte contra si, e Darcie aprofundou o beijo enquanto os dedos dela se moviam novamente, mais ao sul, deslizando sob a cinta dele.

Uma imagem de Oakley em seus óculos ensanguentados pince-nez e cravo vermelho aparecia não convidada na mente de Drayco. Relutantemente, ele soltou os seus braços e deteve a Darcie de ir mais longe. Ele segurou a mão esquerda dela na sua palma estirada. Ela não estava usando alianças.

“Darcie, não posso.”

“claro que pode. Não há ninguém aqui exceto nós. Quem vai saber? Se você está preocupado com aquela coisa de fogo e danação, seria um pecado deixar um corpo como o seu ser desperdiçado. Além disso, eu sempre consigo o que eu quero.”

Não era fácil afastá-la. Mas ele o fez.

“Eu vou me expor,” Drayco disse, pegando a máscara e se dirigindo à porta. Ele fez uma pausa antes de girar a maçaneta, olhando de volta para ela.

Sem oposição, sem artifício para ser vista agora. O lábio inferior dela estava tremendo, e lágrimas desciam por seu rosto. Ela disse suavemente, “Mas eu acho que estou me apaixonando por você.”

Ele precisou de todas as forças para não correr e botá-la em seus braços, então ele saiu às pressas pela porta, seguindo pelo acesso à garagem de pedra arredondada de granito para o Starfire. Ele começou a deslizar pelo banco do motorista, mas um lampejo de branco que não estava lá antes captou o seu olho.

Ele apanhou um canto do pedaço de papelão para estudar esta última nota, apesar de não ter levado muito tempo. Um *design* simples—um grande “G” vermelho, circulado com um talho. Ele deu ré, mas não viu ninguém. O solar do cipreste estava isolado em sua própria mini-floresta, provendo uma abundância de esconderijos. E o único som era o vento soprando pelas sempre-vivas.

Ele examinou a nota novamente. O detetive concordaria que o perseguidor de Drayco estava mais específico desta vez. O que o assassino entalharia no peito de Drayco—outro “G”? Talvez “D”? Ou um simples “X.”

Capítulo 37

Drayco foi ao centro e estacionou. Ele precisava andar, pensar. Sobre o caso e especialmente sobre a Darcie. Ele tinha feito a coisa certa? Mesmo que ele soubesse a resposta lá no fundo, ele ficou surpreso no quão perto ele ficou de deixar de lado seus escrúpulos. O que aquilo dizia sobre o seu julgamento hoje em dia?

Apesar da escuridão da noite nublada e sem lua, ele conseguia ver a arquitetura da Main Street que datava do começo da cidade. Nem aço ou vidro espelhado em parte alguma. Reece disse que não era tanto um espírito de preservação quanto uma falta de desenvolvedores querendo construir em uma “área em deterioração.”

As calçadas se acumulavam de gente às seis, mas ele não estava sozinho em sua caminhada. Uma mulher hispânica segurando a mão de uma criança pequena cantando a rima de creche “Baa Baa Black Sheep” passou por ele. Mãe e filha não haviam ido muito longe quando um carro dirigindo por aí reduziu a velocidade para andar lentamente, e alguém gritou de uma janela, “Voltem para El Salvador! Vocês não pertencem aqui.”

A mulher e a criança correram às pressas para um beco, e Drayco os observou até que desaparecessem em segurança num edifício atrás. Não foi isso que o Paddy gritou para ele, que Drayco não pertencia aqui?

Ele continuou andando, mãos nos bolsos, enquanto acenava ausentemente para o dono idoso de uma loja de antiguidades, que estava fechando a loja. Perdido no pensamento dos prazeres conflituosos e quebra-cabeças da pequena cidade americana, ele voltou para o Starfire, preparando-se para cruzar uma rua lateral que estava escura, graças a uma lâmpada queimada na rua.

Do canto se seu olho, ele viu um lampejo baixo e ouviu o inconfundível rugido de um motor de carro acelerando. Bem na hora, ele torceu seu corpo para longe do arro conforme este passava por

meros centímetros. Perdendo o equilíbrio, ele caiu duro no asfalto, rangendo os dentes na dor disparando na mesma perna que o lobo coioote havia mordido.

O carro, luzes aparadas, continuou a acelerar sua adentro num terreno baldio onde pausou com o motor ligado. Então, deu a volta e retornou pela rua com o motor roncando a toda velocidade, direto em direção ao Drayco.

O dono da loja de antiguidades correu para ajudá-lo, mas nas ruas escorregadias pela chuva, ele escorregou e caiu. Drayco percebeu com horror que se o carro o atingisse, o idoso seria massacrado, também. Drayco rolou pelo meio-fio, conseguindo pegar o idoso pelos braços e içando-o, usando o corpo de Drayco para proteger o seu, as costas para o carro. O carro passou tão perto que a beirada do espelho retrovisor esfregou contra a bainha do casaco dele, quase o arrastando junto com ele. Os pneus emitiram uma última cantada alta, e o carro desapareceu na noite.

“Motorista maluco,” o dono da loja resmungou. “Um dos garotos locais do ensino médio. Eles não têm o bastante para mantê-los ocupados, então ficam cantando pneu por aí. Obrigado pela ajuda. Achei que eu fosse um caso perdido. Está bem, meu jovem?”

Drayco esfregou parte da brita molhada para fora de seu casaco. “Ainda inteiro. E você?”

“Tão certo quanto a chuva. Sinto muito não te dar detalhes do carro tunado. Conseguiu a placa?”

“Nada além do fato de o carro ser de uma cor escura.” Drayco deu uma checada visual no homem, então balançou a sua mão. “Arrume um lugar quente e seco. A previsão do tempo diz que fará quase zero grau à noite, tempo inadequado para um homem ou uma fera.”

“Acho que tínhamos um pouco de ambos.” O homem acenou e saiu pela noite.

Drayco lentamente dobrou sua ossatura de pernas longas no carro, para evitar acertar as suas várias novas lesões, e voltou ao Lazy Crab, ficando de olho em outros “cantores de pneu”. A pincelada com a morte por carro polvilhou mais dor emocional do que física, lançando-o de volta no tempo numa forma que sua conversa com o Reece não havia feito.

Seu retorno ao Lazy Crab foi um farol de boas-vindas levando-o de volta à sua utopia do chalé. Ele deve estar cansado mesmo. Fadiga invariavelmente causa referências a Beethoven, desta vez da Ode à alegria, *Himmliche, dein Heiligtum*. Santuário celestial, sim senhor.

Maida o saudou ao entrar, seu sorriso convidativo mudando para alarme. “O que aconteceu com você? Seu cabelo está molhado, você tem sujeira pelo corpo todo, e tem um corte próximo à sua têmpora.”

“Fiquei a dez centímetros de ser atropelado por um carro.”

“O motorista parou?”

“Acho que ele esperava que eu parasse—ou mais precisamente, caísse—morto.”

Maida o levou de volta em direção à cozinha. “Primeiro, um grogue quente. Aí, detalhes.” Ela revistou a cozinha e trouxe um copo a ele.

Ele deu um gole da última poção dela e tossiu várias vezes. “O que você colocou aqui?”

“Chá, querido, cravo e várias doses de rum escura e conhaque. Melhor que aspirina.”

“Outra receita de família?”

“A favorita da minha avó. Apesar de, quando criança, nunca entender porque.” Depois que ela o sentou próximo à lareira da cozinha com suas mãos envoltas no chá, ela se juntou a ele em uma das cadeiras de fio. “Eu te darei um kit de primeiros socorros para este corte.” Ela virou o rosto para um lado, e examinou mais de perto. “Nada digno de uma cicatriz. Algo contundido ou distendido?”

“Nada séri, enfermeira Maida.”

Maida agarrou o ombro dele. “Um acidente ou intencional?”

“O carro estava com as luzes apagadas e esperou para acelerar até eu pisar na rua. Um cavaleiro mais velho, que quase foi atingido, disse que poderia ser um jovem local ou um passeio sem autorização.”

“Os meninos por aqui fazem suas corridas na Old Harbor Road, onde tem uma longa esticada reta.” Maida mastigou o lábio. “Fiquei com medo de que a nota no seu quarto pode levar à maldade.”

Ela partiu por tempo suficiente para pegar mais conhaque para encher a xícara dele. “Vamos supor por um momento que este

incidente demoníaco do carro está relacionado aos assassinatos. Com quem você falou hoje? Alguém estava particularmente aborrecido?”

“Acho que nenhuma das minhas conversas hoje foi inspiração para uma violência automobilística.” Drayco fez uma pausa para beber mais do grogue peculiar. Um gosto adquirido.

“Vamos chamar o detetive.” Ela discou os primeiros números quando o Drayco a deteve.

“Vamos esperar até amanhã. Duvido que haja muita coisa que o detetive possa fazer hoje à noite, mesmo. O homem está exausto e precisa dormir.”

Maida fez tsk-tsk algumas vezes, mas concordou. Ela olhou para ele como um cão de caça com um osso sendo balançado em frente a ele. “Mas deve estar ligado à investigação. Quem são os principais suspeitos? Talvez possamos rastrear o motorista assim.”

Drayco sorriu para o “nós”. Ela levou a sério o comentário da assistente Maida. “O detetive tem uma bela lista de suspeitos do assassinato de Oakley. Os Squiers, Bakelys, Yaegle, Reece e outros animais exóticos no zoológico dos suspeitos.”

Maida deu um tapinha no ombro dele. “Tendo gerenciado um B&B, eu sei sobre como ser um guarda de zoológico. O detetive tem um chefe animal em mente?”

Drayco se inclinou para trás na cadeira e fechou os olhos. “Reece mencionou a navalha de Occam.”

“Você quer dizer pensar em cavalos, e não em zebras?”

“Normalmente, mas neste caso eu joguei appaloosas para fora da janela e comecei a procurar por zebras por causa do fragmento da carta da Nanette.”

Ele observou as traves de madeira no telhado e sua estrutura de suporte. Postes lineares simples paralelos uns aos outros e sem se tocar. Mas a natureza detestava linhas retas. Se as traves se desviassem pelo menor grau da verdade, elas uma hora se interseccionariam. Mesma coisa com humanos. Caminhos divergentes conectando pessoas em formas que elas não esperavam.

Ele bocejou. A bebida de Maida estava fazendo efeito novamente. “Pra ser honesto, agora meu cérebro está tão nuclado quanto o ar lá fora. Um banho quente e sono são tudo que eu preciso.”

Maida rodopiou em ação. “Só se você me deixar te despachar com algo para comer antes.”

Drayco concordou, surpreso com o quão faminto estava, já que ele comeu rápido o cozido da Maida. “Esta é uma receita incomum. Uma de suas criações?”

“É de um livro de receitas de Cape Unity dos anos quarenta. Peguei emprestado da biblioteca e copiei algumas receitas interessantes. Esta é uma de nossas favoritas—borscht polonês. Claro, ajuda a gostar de beterrabas.”

Ela pegou um fichário e o abriu na página. “A parte com o contribuinte está cortada. Pelo menos você pode ter certeza de que é uma criação local.”

“Te conhecendo, é melhor do que o original.” Ele deu uma olhada através da janela do pluviômetro que o Major esvaziou esta manhã. Estava cheio pela metade.

“Maida, você conhece alguém que usa cápsulas de pimenta caiena para cozinhar ou qualquer outra coisa?”

“Caiena é uma de minhas favoritas. Mas você não usaria cápsulas para cozinhar. O tipo para cozinhar vem pulverizado em garrafas. O tipo cápsula é usado na medicina popular para inflamação e problemas digestivos. Uns anos atrás, Major tomou algumas para a sua artite.”

“Acho que micróbios não têm a menor chance contra esse poder de fogo. Cravos vermelhos são usados assim?”

“Acho que não, se bem que você pode fazer chá com dentes-de-leão. E cravos vermelhos? As pessoas no sul os usam para a igreja no dia das mães como sinal de que sua mãe está viva. Você usa um cravo vermelho se ela for falecida. Mórbido, mas isso é tradição para você.”

Ela pegou alguns papéis de um aparador próximo à mesa, que entregou. “Quase me esqueci. Enviaram isso por fax hoje.”

Drayco leu a folha de capa. “Os registros de imigração que eu queria do Arquivo Nacional. Meu bom amigo em Washington é eficiente.”

“Você conseguiu registros para o Oakley, então?”

“Para várias pessoas.” Ele folheou as páginas, pegando os destaques. Ele parou em uma página, lendo as datas mais de perto.

“Huh. Janeiro de 1955.”

Maida o olhou com curiosidade. “Alguma coisa útil?”

“Possivelmente. Ou uma enorme coincidência.” Ele esfregou seus olhos e bocejou.

Maida o conduziu para seu quarto para descansar. “Você sabe o que a Bíblia diz. Deus faz o sol nascer para os maus e os bons, e envia chuva para os justos e os injustos. E amanhã você pode continuar a sua busca pelos injustos.”

PARTE QUATRO

Às vezes olho para o céu, implorando,
E a tempestade uivante ouve meu lamento.
A chuva é fria, e seu rugido é alto.
“Cante,” grita meu coração, “pois em breve partiremos.”

—Da canção “Eu quero e não tenho,” poema de Bohdan Zaleski,
música por Frédéric Chopin

Capítulo 38

Terça-feira, 23 de março

Seguindo outra noite de poucas horas de sono, Drayco estava aliviado de receber uma ligação do detetive para encontrá-lo no escritório para uma vigilância. Pode ser perigoso, ele teria dito. Mas a adrenalina com certeza derrotava um barril de cafeína, a qualquer momento. Depois de uma breve consulta, eles foram, num carro da esquadra, em direção ao extremo sul da cidade que deu lugar a um trecho esparsamente populado, pontilhado com uma infindável colcha de grama e o solo penetrante e arenoso.

Eles estacionaram e se dirigiram um esqueleto de barracão escondido em meio a um matagal de mirto de certa. Drayco ficou atento às árvores mortas ao redor, já que algumas das cascas apodrecidas balançavam e ameaçavam cair. O detetive teve que segurar o chapéu com ambas as mãos para ele não levantar voo.

Ao se aproximarem, Sailor desistiu do chapéu e retirou a arma, pronto para abrir a despedaçada do cabana de uma sala com seus pés. Drayco ficou ao redor da porta de trás, e eles convergiram no interior ao mesmo tempo. Vazio, salvo por uma aranha de teia circular num canto.

“Tem certeza de que ele vai aparecer?” Drayco perguntou.

“Se ele morder a isca. Meu informante me deu o código que eles usam para arranjar encontros.”

Eles não tiveram de esperar por muito tempo. A mastigação de passos se aproximando no cascalho do lado de fora os alertou à chegada do homem. Uma figura em macacão de camuflagem familiar abriu a porta com uma confiança denotando suas visitas regulares ao local, quando falou alto, “Paddy, eu acho que eu disse—”

Ele mal botou seu pé na sala antes de girar e ir embora, correndo pela floresta. Drayco estava mais perto e começou a persegui-lo, desviando-se de poças de lama tão grossas quanto cimento molhado.

Se livrando primeiro do tronco de uma árvore caída e depois de outro, ele era como um atleta de salto com barreira, grato pelo incidente com o carro não ter lesionado sua perna novamente.

Ele pegou o macacão com a mão cheia e puxou sua presa contra uma árvore numa contenção modificada da carótida. “Earl, que diabos você pensa que está fazendo?”

O outro homem, respirando pesado, conseguiu dizer, “Achei que você fosse Gus Revell.”

O detetive os alcançou. “Paddy é o tão conhecido amigo e sócio?”

“Eu devia encontrar um ou ambos, como sempre. Mas quando eu vi a arma, achei que tivessem se virado contra mim.”

Drayco olhou para Sailor, que puxou a arma. Captando um aceno do detetive, Drayco soltou o Earl. O trio voltou ao barracão em silêncio e entrou.

Earl desabou na cadeira solitária, que parecia estar em uma de suas proverbiais últimas. “Você sabe porque estou aqui, então?”

O detetive se inclinou contra a parede antes de um alto ranger o fazer mudar de ideia. “Descobrimos que você vem aqui para alimentar seu hábito de sorvete. Só não sabemos que sabor.”

“Nada dessa merda da pesada. Não sei se o Paddy tem isso para oferecer.”

“Porque faz isso, Earl?”

Earl começou a falar. “Eu machuquei as minhas costas quando caí de uma escada. Eu esperava que a dor fosse embora com o tempo, mas não foi. Foi piorando. Fui a vários médicos, mas depois da cirurgia e analgésucos, mais sofrimento sem parar.”

Como que para provar o que dizia, Earl cuidadosamente relaxou na cadeira. “Eu contratei o Paddy Bakely para alguns trabalhos eventuais, e ele percebeu o meu desconforto. Ele me disse que podia conseguir remédios para ajudar. Então eu disse, que diabos, e ele me trouxe o que achei que fosse um cigarro enrolado à mão, mas descobri que era baseado.”

Drayco não a ouvia ser chamada assim em décadas. O fez se lembrar da escola e de Barry Looney, um garoto de nome infeliz que queria tentar de tudo uma vez, e era por isso que passava tanto tempo no médico. “Você quer dizer maconha.” Drayco disse.

Earl cirou seu queixo em oposição. “E por Deus, ajudava. É a única coisa que faz a dor ser suportável. Nunca toquei nas outras drogas. Nada como heroína ou cocaína.”

Drayco perguntou, “Por quanto tempo isso aqui vem rolando?”

“Alguns anos. Eu não queria decepcionar a comunidade. Não é um bom exemplo um empregador ser usuário de drogas, certo?”

O detetive disse novamente, “Com que frequência você obtinha seu suprimento?”

“Sempre que acabava. Uma vez por mês, mais ou menos por dia.”

“Eram só o Paddy e o Revell?”

“Só os dois.”

“Quando foi a última vez?”

“Mais de uma semana atrás. Nos encontramos aos domingos à noite.” Earl contraiu-se, mas se era da dor nas costas ou da sua consciência, era difícil dizer.

Drayco atualizou a linha do tempo. “Você e Paddy e Revell fizeram negócios no domingo há uma semana? Na mesma noite em que Oakley foi morto?”

O detetive semicerrou seus olhos. “Você tem uma hora exata, Earl? Isso significaria que você e Paddy têm álibis para o assassinato de Oakley.”

Earl estava próximo de hiperventilar. “Você não pode perguntar a eles. Porque eles contariam a verdade? Eles seriam presos.”

Sailor disse: “Não se preocupe com o Revell. Ele é um vida loca insignificante de Salisbury. E Paddy fará de tudo que puder para evitar outro sabático na minha caidea. Podemos arranjar uma condicional para as acusações de drogas.”

Drayco perguntou, “Earl, o Oakley começou a usar por sua causa?” Ele sabia o que o detetive estava pensando. Dois traficantes e um comprador assegurarem um pelo outro não era incomum. Honra entre ladrões. Se o Oakley os descobriu, poderia ser um caso de chantagem. E assassinato botaria um final arrumado a isso.

Os olhos de Earl mudaram em direção à parede onde ele estudou a teia da aranha, frágil e facilmente destruída. “Eu nunca contei a ele.”

~~~

O detetive Sailor e o Drayco voltaram ao escritório do Sailor, onde Drayco havia deixado seu carro. Eles dirigiram em silêncio no começo, quebrado apenas por estouros ocasionais do rádio da central. Sailor diminuiu o volume. “O pessoal do resgate de vida selvagem diz que esses dois filhotes órfãos estão indo bem. Como você os encontrou?”

“Um pouco de persistência, um pouco de sorte. Apesar de eu quase ter desistido depois de algumas horas.”

“Isso sim é não desistir—pedi ao Giles para verificar outros nomes do recorte de jornal de Reece Wable em relação àqueles roubos dos anos 1970. Uma das vítimas encontrou casualmente uma loja de penhores em Delaware com alguns de seus itens sumidos. A vítima nunca se deu ao trabalho de informar a nossa delegacia. Ficou chocado quando nós o contatamos depois de todos esses anos.”

“O dono do penhor ainda trabalha?”

“Aposentou-se. Ele se lembra dessas peças porque estava em qualidade mais alta do que seus produtos comuns. Deu-nos uma descrição do homem que os trouxe.”

“Paddy?”

Sailor cafungou. “Não sei por que me incomodo em te contar essas coisas. O dono da loja mencionou uma cicatriz branca pontuda sobre a sobrancelha esquerda do homem. Como a que Paddy tinha desde garoto. Ele identificou uma foto.”

“Paddy e Squier deviam abrir negócios juntos.”

“Engraçado você dizer isso. O advogado da cidade cavou algumas irregularidades em livros razão conformando a história do ex-balconista sobre peculato. O homem no comando dessas contas era ninguém menos que Randolph Squier.”

Drayco teve visões de Darcie indo àquela mesma loja de penhores no futuro carregando suas joias, com Squier na cadeia e sua fonte de dinheiro seca. Ele passou uma mão pela testa, lembrando-se do toque quente da pele da Darcie na sua.

Sailor franziu a testa. “Contenha sua animação em relação a tudo isso. Ou foi o impacto na cabeça daquele incidente do carro de ontem à noite?”

Ele não havia mencionado isso ao Sailor ainda. Talvez o homem

fosse médium, afinal.

Sailor acrescentou, “Maida ligou para reportar porque ela achou que você não o faria. Você é popular—Tyler verificou a nota com G do seu carro. Igual à primeira, tinta vermelha misturada com sangue A negativo.”

“É bom ser amado. Algum resultado da Webley no cais?”

“Sem correspondência.”

“Está brincando, certo? Quantas Webleys podem haver numa cidadezinha?”

“Você me pegou. Vou pedir para refazerem o teste para ter certeza, mas parece a arma errada. Adivinhe o quão emocionado estou.”

“Você perguntou ao dono da loja de penhores sobre o manuscrito desaparecido da biblioteca?”

“Você acha que está conectado?”

“O documento estaria muito em evidência para aparecer, mas acho que Paddy não está por trás disso, mesmo.”

“Então quem está?”

Drayco não respondeu, e Sailor encostou o carro da esquadra na vaga de estacionamento ao lado do Starfire do Drayco antes de desligar o motor. O ar entre eles parecia o de uma arma carregada, pesada com repreensão.

“Eu peguei muito leve com você, Drayco, mais do que eu deveria. Reter informação não é o agradecimento que eu esperaria por isso. Esse lance de confiança funciona em mão dupla.”

Drayco abriu a porta e estiocu suas pernas contraídas. “Eu mandei você e sua delegacia assolada por caxumba em buscas inúteis. Dê-me vinte e quatro horas e verei se fosso conseguir aquela prova. Eu tenho tanta vontade em solucionar o caso quanto você.”

“Espero que sim, Drayco. Espero mesmo que sim.”

## Capítulo 39

Era a ocasião em que Drayco havia visto Darcie se vestir mais recatadamente. Botas de caminhada sensíveis, jeans e um casaco de lã grosso. Caía nela numa forma que o *look* de boneca Barbie não caía. Ela imediatamente botou a mão dele na dela, no que ele não resistiu. Ela não mencionou a palavra com “A” novamente, e ele não a trouxe à tona.

Eles caminharam para o pequeno santuário sem brilho, destinado a ser escavado em nome do progresso. Drayco deu uma circulada, vendo-o de todos os ângulos. Quando ele recuou, ele conseguia ver os contornos do santuário—com a pedra, plantações, e bancos—formava um grande K.

Darcie disse: “Oakley não queria ninguém aqui a não ser ele, mas eu o segui uma vez. Achei que ele estaria meditando, mas estava chorando. Eu perguntei a ele o porquê. Ele disse que era porque isso era o melhor que ele podia fazer por ela.”

“O melhor para quem?”

“Tentei fazê-lo explicar o santuário, mas claro que não. Disse que eu não entenderia, mesmo, já que eu tinha tudo que eu sempre quis, e ele teve tudo arrancado dele. O que ele queria dizer?”

“Que às vezes a vida é injusta e que não há muita coisa que se possa fazer quanto a isso.”

Ela juntou o braço através do dele, olhando para ele com curiosidade. “A vida foi assim para você?”

Ele se referia à vida de Oakley, não à sua própria, mas ficou desconfortável com a pergunta dela.

Ela o empurrou para baixo até ficarem perto do chão, e ela apontou para a base de um lado do coração. “Há uma imagem aqui. Isso é o que eu queria que você visse. Eu acho que o Oakley fez isso. Está escondido em meio às plantas que cresceram desde a última vez que eu vi.”

Ele afastou as plantas. A pedra tinha algo entalhado nela, algo que não vinha da natureza. Ele a traçou com seus dedos e disse: “É uma clave G <sup>[34]</sup>.”

“Uma o quê?”

“Uma clave G. É usada em notação musical.”

“Eu sei que o Oakley gostava de música, mas isso é esquisito, não acha?”

Drayco verificou o outor lado da pedra e encontrou um entalhe semelhante. Mas este segundo desenho não era uma chave, apenas um simples “G” reconhecível.

Darcie perguntou, “Por que ele as colocaria onde são difíceis de ver? E porque não algo mais romântico? É uma pedra em forma de coração, afinal.”

Ela apertou as mãos e o guiou a um dos bancos que Oakley fez. “Você acha que a Nanette não foi o primeiro amor dele, então? Algum amor oposto pelo destino em seu passado?”

“Não amantes. Mas definitivamente separado pelo destino.”

“Como você e eu?”

Ele semicerrou os olhos diante da pequena adaga de luz do sol perfurando um buraco nas nuvens de esconde-esconde. Em algum lugar lá em cima, havia milhões de estrelas com nomes como Regulus e Aldebaran, totalmente esquecidas das vidas humanas e das fraquezas. Como uma das suas citações favoritas de Bertrand Russell, “Vida humana, seu crescimento, suas esperanças, e amores são resultado de acidentes.”

Ele breve e gentilmente tocou a palma de sua mão na bochecha da Darcie e disse: “Eu prevejo um casamento longo e feliz para você e Randolph.”

“Acho que a sua previsão depende se meu marido é um assassino, não?”

Pela primeira vez desde que ele a conheceu, ela não estava usando joias caras exceto pelos anéis de casamento, que estavam de volta à mão dela. “Por que você se casou com ele?”

Ela colocou os braços ao redor dos ombros dele. “Porque eu ainda não havia te conhecido.”



“Não, sério.”

“Mas estou falando sério. Oh, suponho que eu estava entediada. Ele pode ser charmoso, quando não está tentando provar algo.”

Drayco olhou para a pedra de coração. “Sem querer bancar o moralista, mas quando você estava saindo com o Oakley, você parou de pensar na Nanette?”

“Eu não queria que ele descobrisse. Ela não era uma vadia ou algo assim. Mas Oakley estava infeliz, senão não teria me procurado, certo? E quem sou eu para questionar os motivos de alguém? Eu permiti o passeio.”

A vida era uma série de passeios para a Darcie. Sem jornada de verdade, sem destino. Esse era tanto um de seus maiores bens—a habilidade de viver o momento e sugar cda gota dele—e sua grande responsabilidade. Um belo pássaro pairando pelo ar, sem nunca tocar o chão.

“O que você quer da vida?” ele perguntou.

“Ninguém me perguntou isso antes.” Ela se sentou em silêncio por um instante, seus braços ainda ao redor do ombro dele. “Acho que eu diria liberdade.”

“Liberdade de quê?”

“Para ser quem eu sou em vez da ideia de outra pessoa de quem eu deveria ser. Minha vida inteira, me senti como um retrato. Algo que as pessoas penduram nas paredes, mas não espere ser uma pessoa viva, que respira.”

“Você devia dizer isso ao seu marido.”

“Talvez eu diga.” Ela o beijou novamente, mas mais breve dessa vez, deixando uma nódoa de onde seu batom deixou uma marca. “O que o ‘G’ significa?”

Ele a ajudou a se levantar, acenando na direção de outros carros que era hora de ir. “Essa é fácil,” ele disse. “G’ é de ingênuo <sup>[35]</sup>.”

## Capítulo 40

O detetive Sailor conduziu o Drayco para uma sala do tamanho de dois armários walk-in juntos. Uma lâmpada de cem watts inflexível balançava acima, iluminando as paredes de bloco de concreto pintadas do casco de ovo básico. O detetive apontou para uma pequena mesa de madeira com duas cadeiras dobráveis. “Pode se sentar aqui. Vou te descobrir em alguns minutos, mas não vamos mantê-lo aqui por muito tempo. Seria de se supor que esses caras têm algo melhor para comer de café-da-manhã do que um Jim Beam.”

“E as acusações de maconha?” Drayco perguntou.

“Provas insuficientes. Estou tentando conseguir imunidade pro Earl, mas Paddy está desconfiado. E o estatuto de limitações acabou há muito tempo naquela arte baleeira roubada.”

“Paddy já esteve na cadeia o suficiente para pagar por ambos os crimes, mesmo. Ele começou a briga?”

“Dessa vez não, mas o outro cara queria processá-lo. Mesma música, verso diferente. Pelo menos dá a ele algumas horas para se desintoxicar. Seus episódios estão ficando mais frequentes.”

Drayco tinha uma boa ideia porque era esse o caso. E estava bem certo de que sabia a resposta à próxima pergunta dele, mas perguntou mesmo assim. “As impressões digitais de Paddy estavam na máscara?”

“Não. Apenas as dos Squiers. Se ele estivesse em posse dela, ele a teria limpado.”

Paddy foi levado na sala e se sentou em frente ao Drayco, olhando para ele cautelosamente. A juba desgrenhada do Paddy precisava desesperadamente de um pente, apesar de ser uma moldura adequada para os capilares quebrados em seu rosto inchado. O alcoolismo causou deficiências nutricionais, e sob a fina camisa de Paddy, os contornos de suas costelas cutucavam a sua pele.

As mãos de Paddy também tinham um leve tremor, mas mais luz do dia espreitava por seus olhos vermelhos do que antes. Drayco

esperava pegar o Paddy enquanto sóbrio para variar, e Paddy concordou em vê-lo, algo que uma surpresa.

Foi Paddy quem falou primeiro. “O detetive disse que você queria falar comigo. Então fale.” Quando o seu discurso não foi tartamudeado, Paddy tinha uma agradável voz de tenor. Não operática, mas do tipo que a maioria dos corais de igreja cobiçaria, se ele pudesse cantar.

“Você me disse que Oakley Keys uma vez tentou invadir a Casa de Ópera. Faz alguma ideia porque ele faria isso?”

Paddy balançou para trás e para frente em sua cadeira, conforme ela rangia em ritmo. “Eu não perguntei. Ele não disse.”

“Você sabe porque Oakley foi assassinado?”

Paddy não respondeu por um momento, seu rosto enrubesceu como se tivesse sido queimado. “Aquele imbecil não tinha senso comum. Devia ter ficado com sua escrita. Dado mais atenção à sua amável esposa em vez de ficar caçando fantasmas. E agora ela está morta, também.”

Drayco continuou a se inclinar contra a parede, observando o Paddy, aguardando os segundos passarem em alto volume no relógio preto e branco na parede. Paddy engoliu várias vezes e acrescentou, “Ele foi morto porque ele não conseguia deixar as coisas para lá.”

“Não conseguia deixar quem ou o quê para lá?”

Paddy hesitou, e então seu balanço ficou mais rápido. “O passado. Pode ser ninguém que eu conheça, pode ser alguém que eu conheça. É o jeito que ele era.”

Drayco se sentou em frente ao Paddy na outra cadeira dobrável de metal rangente. “Eu vi uma foto de sua mãe no outro dia. Ela era uma mulher adorável.”

“Ela morreu por minha causa.”

“Você não tinha a intenção de causar a morte dela, Paddy. Tenho certeza de que, se você pudesse ter prevenido uma morte, você teria.”

Foi a vez de Paddy de ficar em silêncio, então o Drayco pressionou mais. “Deve ser solitário, só você e o Seth. Certamente há outros membros da família, avós, tias, tios?”

“Todos eles foram embora. Nunca os conheci, também.” As mãos de Paddy estavam tremendo tanto que agora ele as enfiou à mesa.

Para firmá-las ou para escondê-las. “Acho que você quer perguntar sobre aquela máscara. Eu disse ao detetive que não sei de nada.”

A psique de Paddy estava por um fio. A pequena corda de segurança da realidade que o Seth fornecia era a única coisa que evitava que Paddy se tornasse sem-teto ou suicida. Ou um residente permanente da cadeia. Qualquer informação dele seria inútil, detonada por advogados no tribunal que alegariam que Paddy não sabia o que estava dizendo metade do tempo.

Mas o Drayco esperava ao menos uma migalha de *insight* dentro de um relacionamento em particular. “Porque você odiava o Oakley Keys?”

“Ele não era bom. Traía a esposa. Com mulheres casadas, não menos. Mas você não saberia disso, saberia? Você devia tê-la deixado em paz.”

Drayco não teve de perguntar mais quem “ela” era. Darcie tinha uma legião estável de admiradores, com um membro em frente a ele. “Que é isso, Paddy. Não é essa a verdadeira razão pela qual você odiava o Oakley, é?”

Paddy puxou seu corpo balançando rapidamente para parar, e pela primeira vez olhou diretamente nos olhos de Drayco. “Você sabe porque. E isso é tudo que eu vou dizer.”

Paddy não estava desafiante, bravo, ou triste. Era como se Drayco estivesse olhando para um prédio desocupado onde a vida humana tivesse se deslizado e silenciosamente ido embora. Fiel à sua palavra, Paddy saiu de sua cadeira e foi até a porta, batendo nela várias vezes. Antes que fosse liberado, ele se virou em direção ao Drayco como se tivesse mudado de ideia. Mas ele se deteve, e então saiu de vez.

O detetive Sailor botou a cabeça de volta para dentro da sala. “Então você e o Paddy são melhores amigos. Conseguiu o que estava procurando?”

“Um vislumbre passageiro do que Paddy poderia ter sido.”

“Pronto para contar o segredo dessa teoria sua? Eu tenho café institucional ruim no meu escritório, tão grosso que você pode besuntar no pão. E se isso não te tentar, não sei mais o que te tentaria.”

Drayco sorriu. “Como eu poderia rescusar? Mostre-me o

caminho.”

## Capítulo 41

O detetive Sailor não estava tão preparado para botar o Drayco numa camisa-de-força quanto havia pensado, dizendo que o café era mais difícil de engolir que a teoria do Drayco—mas era como ter todas as peças de um quebra-cabeça no lugar e as luzes apagadas, para que você não conseguisse ver a imagem.

Drayco se ofereceu para ler os escritos de Oakley para buscar pistas tangíveis, e agora as caixas com as colunas de revista do Oakley enchiam o banco do carona e o chão do carro do Drayco. Mesmo assim, as últimas duas décadas da vida criativa de Oakley ocuparam menos espaço que uma lata de lixo.

À medida que dirigia pela cidade, Drayco deu uma olhadela de um objeto familiar no espelho. O misterioso sedã preto com o para-brisa escuro estava atrás dele novamente. Sailor havia dado ao Drayco uma lista de carros na região com isenção médica para para-brisas escuros, então Drayco não ficou surpreso de ver a identidade do motorista.

Hora de corrigir as coisas. Ele foi à garagem coberta isolada do centro e aguardou. Quando o sedã o seguiu, Drayco circulou depressa com o Starfire e bloqueou a saída.

Ele gritou para o motorista, “Você está me seguindo.”

Randolph Squier saiu de seu carro num lampejo, esmurrando os punhos no capô do Starfire. “Você está tendo um caso com a minha mulher.” Ele observou uma barba de vários dias fora do comum, combinando com uma mancha incomum em seu colar.

Drayco saiu do carro e se posicionou na diagonal ao Squier com o capô entre eles. Não é preciso usar a força, ainda. “Você está errado.” Ele afastou os pensamentos do quão perto de ser verdade a acusação de Squier estava.

Squier lembrava um javali enjaulado respirando pesado após a caça com o caçador. Suas palavras saíram em fragmentos ofegantes. “Eu te segui. Eu te vi com ela. Você não é melhor que Oakley Keys.

Você sabe disso?”

“Engraçado você dizer isso. Sua esposa vem bisbilhotando. Ela tem medo de você ter matado o Oakley Keys por ciúmes.”

Squier retirou as mãos do carro, e Drayco estava surpreso de que não houvesse amassados onde a sua mão fez contato. A julgar pela forma com que Squier estava esfregando as mãos, havia doído. Squier tropeçou para trás contra o prédio atrás dele, seus ombros se inclinando no concreto. “Eu fiquei com vontade de matar o Oakley quando ele estava me fazendo de idiota e me envergonhando na frente da cidade toda.”

Ele reduziu a respiração, mas sua voz tinha ainda mais embriaguez do que o normal. Talvez você ache que, se eu consigo acertar um pato com um tiro a quarenta metros, consigo matar um homem. Mas você estaria errado.”

“Você tem temperamento forte, pelo menos no que se aplica à Darcie.”

Squier ficou esfregando as mãos. Suas juntas estavam bem vermelhas. “Eu fico doido quando penso na Darcie com outros homens. Eu—olhe para você. E olhe para mim. Sou mais uma figura paterna com gota. Mas tenho ego suficiente para acreditar que a Darcie se casou comigo por amor.”

“Ela me disse que você pode ser charmoso se não está tentando provar algo—”

“Sucesso nunca dura. Você precisa se provar, o tempo todo.”

“É por isso que você concorreu para ser conselheiro da cidade?”

“Estou começando a me arrepender disso. Toda essa bagunça do desenvolvimento espalhou-se em um pesadelo político. Corro o risco de perder o pouco respeito que sobrou nesta cidade.”

Drayco deu um rápido olhar para o carro de Squier. No banco do carona havia uma caixa de arte balleira redonda com um elaborado veleiro entalhado e baleia na enseada. A data na frente dizia 1793. Além de ser um envelope de catálogo branco, como aquele contendo a última nota ameaçadora, mas este tinha Gallinger como o remetente. Saques do dinheiro da Gallinger? Ou o peculato?

“Mudança é inevitável, conselheiro. O desenvolvimento virá, de uma forma ou de outra.”

“Não é apenas pelo desenvolvimento. É pelos rumores sobre Darcie e os assassinatos. Se não resolverem em breve, serei linchado junto com o resto do conselho. E aquele amigo detetive seu.”

“Está preocupado com mais violência?”

“Somos inundados com reclamações sobre os operários que trabalham de dia e os estrangeiros.” Ele rosnou para o Drayco com um ódio primitivo de um javali enjaulado. “Certamente você concorda comigo que os imigrantes estão por trás dos assassinatos? Você deve concordar.”

“Pode ter um papel. Mas não da forma que as pessoas pensam.”

“Minha carreira acabou, de um jeito ou de outro. Quando a notícia se espalhar sobre a terra que eu comprei ao norte dos Yaegles... vai ser minha cabeça numa bandeja.”

“Se o novo desenvolvimento trouxer trabalhos e impostos, as pessoas vão é te louvar.” A menos que as acusações de peculato sejam provadas, caso no qual o Squier perder seu trabalho pode não ser a pior coisa a acontecer com ele.

A veia no pescoço de Squier pulsava como uma enguia espaguete roxa revirando numa rede. “Falar é fácil. Você pode vender aquela Casa de Ópera e terminar com Cape Unity. Pensando nisso, pode até ser melhor assim. Quando mais cedo você se for, mais cedo e Darcie vai se esquecer de você. Você é má sorte. Esses assassinatos não começaram até que você apareceu.”

O tema do conduíte novamente. Pelo menos o Squier estava certo quanto a isso. Desde que estavam numa bela *glasnost* de garagem, era a vez de Drayco. “A máscara de madeira do Oakley. Darcie disse que você a comprou de alguém na cidade.”

“Não fui eu quem a comprou. Foi a Darcie. Ela viu a máscara com o Paddy e sabia que era do Oakley. Fiquei furioso.” Como uma reflexão tardia, acrescentou, “Por causa do assassinato, fiquei naturalmente preocupado como uma ação assim poderia se refletir nela.”

Então o Squier e a Darcie estavam apontando dedo de culpa um para o outro, em relação a quem comprou a máscara. Isso não cairia bem na terapia de casal. “No dia em que eu estive em seu escritório, você e Paddy tiveram uma disputa aos berros. Você estava comprando



o silêncio dele sobre a máscara?”

“Está insinuando que eu recorreria à chantagem, Drayco?”

“Não insinuando. Perguntando. Eu me inscrevo na presunção de inocência, então se você não é culpado, você não tem com o que se preocupar. Seja com peculato, seja com chantagem. Por outro lado, um sedã escuro tentou me atropelar na noite passada, um que parecia bastante com o seu. Suponho que você não saberia nada sobre esse incidente, saberia?”

O rosto de Squier estava da cor de framboesa, mas não havia nada mais doce sobre aquele olhar nos olhos dele enquanto ele se movia em direção ao Starfire, suas mãos agora em forma de bola, bem apertadas nas suas laterais. Ele perdeu quaisquer traços restantes de seu chame de dândi do sul ao se transformar no javali preso, numa boa imitação do lobo-coiote rosnante da floresta, e se lançou contra o Drayco.

Squier desferiu o primeiro soco, mas Drayco se esquivou ao redor dele, o forçou em uma chave de braço, e o lançou no banco do motorista do Lexus dele. Drayco fechou a porta, silenciosa mas firmemente, e ficou surpreso quando Squier ficou ali, uma expressão atordoada em seu rosto. Randolph Squier, manipulador, valentão, e mestre derrotado de seu universo incrivelmente pequeno.

Drayco voltou para o Starfire, mas pausou para dar a volta. “E Squier—porque não leva a Darcie para Nova York, ver as paisagens, marcar um jantar romântico na Tavern no Green. Pode operar maravilhas para reacender aquela chama.”

Darcie disse que nunca desistiria do Drayco, que ela sempre conseguia o que queria. Mas ele não estava convencido de que ela soubesse o que aquilo era. Com sorte, ela não reprimiria sua felicidade com vagos filamentos de descontentamento só para descobrir tarde demais que não há volta. Claro, se o Squier acabasse na cadeia, toda aquela propriedade e dinheiro seriam só dela. Drayco não estava certo se ele ou mais alguém poderia competir com aquilo.

Talvez fosse tarde demais para o Tavern no Green e flores, afinal. Tarde demais para um monte de coisas.

## Capítulo 42

Quarta-feira, 24 de março

O nordestino <sup>[36]</sup>ameaçando a semana toda juntou suas forças, mirando em Cape Unity e outras cidades ao norte em Filadélfia, Nova York, Boston. Drayco acordou cedo na sexta, com o uivo do vento sob os beirais, chacoalhando as janelas da tempestade. Ele saiu em tempo de ver uma lixeira vazia ser lançada pela rua. A chuva bombardeava os arbustos de azevinho onde um um cardeal acocorava-se entre os ramos, se afofando em uma bola.

As rajadas de vento o acordaram várias vezes de fragmentos de sonhos perturbadores. Em um, Nanette Keys e os gêmeos Cadden imploravam por perdão enquanto um demônio risonho os perseguia dentro de uma piscina, onde afundaram sem vida por baixo de uma camada de sangue. Paddy preencheu outro pesadelo, metodicamente estrangulando cada cidadão de Cape Unity, até não sobrar ninguém. E em um terceiro, Konstantina estava ao seu lado enquanto o ladrão de carro jogava a ambos para fora do carro do Drayco, só que ela o afastou, deixando o seu braço intcto, e dói ela quem foi pega pela porta, arrastando-a à sua morte.

Ele se sentou à beira da cama por vários minutos, esperando as violentas imagens se apagarem.

Intrépido pela tempestade, o Major ficou em seu lugar de sempre, cortando a sua broinha em quatro seções iguais e colocando um bocado de manteiga em cada. “Bom dia, Scott. Está gostando do belo clima que arrumamos para você?”

Drayco estatelou-se em uma cadeira, olhando a pilha d ebroinhas cautelosamente. Ela havia observado o vento agitar as águas da enseada em pequenas cristas espumosas à distância de uma janela

subindo as escadas, e seu estômago estava fazendo uma impressão incrivelmente similar. Alguma coisa dava pancadas no telhado.

“Esta é uma casa velha robusta, que você tem. Deve ter aguentado muito clima ruim em toda a sua história.”

O Major estalou as suas juntas. “Vai virar centenária ano que vem. O fato é que ela resiste é testemunho de seu artesanato. Se fosse uma dessas novas casas obsoletas que se constroem em uma semana, uma tempestade assim entortaria ela toda.”

Maida entregou ao Drayco uma caneca fumegante, e ele perguntou, “Sem conhaque?” Sua surra noturna o deixou com outra dor de cabeça, e o conhaque não parecia uma má ideia.”

“Sem conhaque. Posso colocar um pouco.”

“Algumas doses de cafeína para dentro vão resolver.” Ele tomou um gole do café, sua boca se esalmando apenas um pouco. “Major, venho querendo te perguntar sobre uma peça que o Oakley fez para você uma vez. Uma máscara de madeira de algum tipo? Quando eu te perguntei sobre ela mais cedo, você não conseguia se recordar.”

O Major comeu sua obra-prima com manteiga sem pressa. “Não me lembro dela, para ser sincero. Mas com coroas senis como eu, a memória é a primeira coisa a ir embora. Minha memória começou a vaziar no minuto que deixei o trabalho. Auto-preservação, eu acho. Ou aquela concussão que eu tive que me deixou estirado por semanas. Disseram que eu poderia ficar com dano cerebral. Melhor isso que mortificar-se por algumas das coisas que você viu e fez.”

Drayco pode ter concordado, tendo testemunhado vários casos de veteranos com transtorno do stress pós-traumático, mas isso de um homem que conseguia detonar em um torneio de Trivial Pursuit?

O Major molhou um pedaço de broinha e pressionou os lábios rápida e ruidosamente. “Você devia perguntar à Maida sobre aquela máscara. Se eu deixar algo por aqui solto por tempo suficiente, ela leva para o Exército da Salvação.”

Um alto chocalho anunciava que o correio havia chegado pela porta da frente. Drayco ficou impressionado. “Acho que falam sério quando dizem que nem chuva, nem granizo nem a escuridão da noite vão deter o serviço postal.”

“Não era o Ed Alshire, mesmo. Ele foi o nosso carteiro em todo o

tempo em que moramos aqui.”

Quando o Major saiu para pegar a correspondência, Maida foi a um livro e pegou uma fotocópia, acenando-a para Drayco. “A receita de borscht polonês. Consegui a página completa da biblioteca, incluindo o contribuidor. Foi Angel Quillen, a mãe de Paddy, de todas as pessoas.”

Drayco ficou grato pelos esforços da Maida, mas não surpreso com os resultados. Outra peça no quebra-cabeça circunstancial em que tudo estava se encaixando.

“Tenho outra pergunta para você, já que sem dúvida conhece a bíblia melhor do que eu. Tem um verso junto às linhas de ‘os justos devem se regozijar quando ele vir vingança’?”

Maida pensou por um momento. “A Bíblia fala muito de vingança. Mas esta frase em particular parece uma dos Salmos—‘os justos devem se regozijar quando ele vir vingança e devem lavar os pés dele no sangue dos iníquos.’”

O Major retornou e organizou a correspondência à mesa. “Contas, contas, e mais contas. Exceto—eis uma para você.” Ele entregou ao Drayco um envelope de catálogo em branco. Tinha o endereço de Scott Drayco e o endereço do Lazy Crab. Sem remetente, mas o carimbo postal era local.

Ele a abriu e tirou uma nota menor que as duas anteriores, mas com escrita vermelha similar. Esta estava mais bagunçada e irregular, e dizia, “Se vocês dão valor às suas vidas, saiam agora.”

Quando Maida viu o que era, ela inclinou seu pescoço para ler. “Essa é menos amigável do que a outra. Talvez você devesse chamar o detetive Sailor.”

Drayco segurou a nota contra a luz. Sem marcas d’água incomuns. E enquanto a escrita era de fato vermelha, não parecia a mesma. Talvez o remetente não tivesse mais sangue do Oakley?

Ele discou para o detetive, que afastou o bocal enquanto tossia, se desculpando entre resfriados. “Exatamente o que não preciso agora, um resfriado. Pelo menos fui vacinado contra caxumba, então poderia ser pior. Solte esta carta a vamos acrescentá-la à correspondência dos seus fãs. Mas aceite uma dica dos filmes de terror de Hollywood e não faça viagens ao longo de trechos solitários de estradas ou caminhadas

no sertão.”

“Não se preocupe. Tenho todas as colunas de Oakley que você me deu. Vai ser divertido ler num dia como este.”

“Dia como esse é certo. Já estamos com as mãos cheias de incidentes. E vai piorar. Os deuses do tempo não estão felizes. Me faz desejar que pudesse ficar em casa e atualizar minhas leituras.”

“Vou tostar alguns marshmallows em sua honra.”

“Faça isso. E diga a todos aí para ficarem onde estão. Não queremos ninguém para fora hoje que não precisa estar.”

Quando Drayco retornou para cozinha, Maida lhe entregou um livro. “Você perguntou se a biblioteca local tinha um dicionário de polonês. Aqui está.”

“Obrigado, Maida. Devíamos conectar o Lazy Crab à Internet e te trazer para o século XXI. Da próxima vez posso trazer meu *laptop*.”

Ela sorriu. “Cape Unity está chegando no século XX só agora. Só recebemos serviço de Internet semi-confiável um ano atrás.”

Ele já havia pesquisado por um dicionário de polonês em seu *smartphone*, apesar da cobertura dolorosamente lenta e irregular da costa, era um suplício. Mas ele queria verificar o que havia encontrado por meio de uma fonte mais confiável. Drayco folheou primeiro para o *D* no livro e encontrou a entrada para *diabel*. Demônio. Então folheou mais à frente para os *Ks*, e lá estava. A piada ou homenagem de Oakley, era difícil de dizer.

Drayco requisitou o escritório dos Jepsens, onde foram graciosos o bastante para permitir a ele reino livre. Era um de seus quartos favoritos ali, um quarto masculino com apainelamento de carvalho escuro e a maior lareira na casa, flanqueada com leões de ferro fundido. Drayco imaginou que estavam olhando para ele, perguntnaod porque ele não havia mantido sua promessa à Nanette.

Ele passou os olhos por várias das colunas de Oakley para o “Brits Abroad,” fascinado pelo surpreendnete senso de humor do homem. Mas escuridão e dicas de rancor também apimentavam sua escrita. Os ex-colegas de FBI do Drayco pesquisariam o perfil de Oakley com muito entusiasmo, recriando o caráter de Oakley a partir de nuances de suas palavras como um artista forense modelando um rosto a partir de uma caveira.

Oakley terminou um ermitão, mas um inteligente. Como Earl disse: “Imaginei que leríamos sobre ele nos jornais um dia, um Pulitzer. Acho que não estava nas cartas.” Oakley era um escritor talentoso, mas sua verdadeira paixão, e mal era um presente, era sua inabilidade de deixar as coisas para trás, como o Paddy disse.

Cada coluna continha pelo menos uma diatribe contra alguma injustiça percebida. A mente de Oakley Keys era como uma prisão mental forjada de uma amargura que tudo consumia. Nesse sentido, Oakley e o assassino tinham tudo em comum.

Drayco queria trocar de lugar com o detetive Sailor quando pegou a coluna número dezoito e viu a pilha de revistas que ainda estavam na caixa. Ele meteu-se entre duas mais, surpreso de ver uma referência à Konstantina e aos músicos silenciados pela “solução final” de Hitler.”

Era revelador e comovente que Oakley escolhera a Konstantina. A mesma coluna divagava com uma estranha referência a Orestes na mitologia grega e um comentário sarcástico de que os norte-americanos sabiam mais sobre os Osmonds do que Orestes. Os Osmonds? Qual era a data da revista? Ah, 1990.

Ele se lembrou de ver alguns livros de referência na casa dos Keys. Incluindo um de mitologia. Bem, o detetive havia dado ao Drayco uma chave para a casa de Oakley e Nanette, não? Drayco olhou para a chave agora, brilhando na luz do fogo enquanto ele a rolava pela sua mão. Débil, comparada à chave da Casa de Ópera.

Ele não duvidou de que Sailor e seus assistentes fossem metódicos em sua busca, mas o detetive estava pensando em cavalos, não em zebras. Drayco brevemente brincou com a ideia de ligar pro Sailor primeiro, mas o homem sobrecarregado de trabalho estava atolado. Ele conseguia fazer isso sozinho.

Uma espiada pela janela revelou que a chuva estava dando uma trégua. Os marshmallows para o detetive teriam de esperar.

## Capítulo 43

A casa parecia a mesma de quando Drayco se despediu de Nanette uma semana atrás, exceto por uma fina camada de poeira na moldura, como um sudário. O lugar começava a ter cheiro de abandonado, salvo pelos ácaros de poeira e mofo. A arrumada Nanette ficaria horrorizada com este lapso no serviço doméstico.

Do relatório do detetive, ele se aproximou do local onde o corpo da Nanette foi encontrado e começou a sua busca ali, na cozinha. Sem evidências de entrada forçada, Drayco concordou com o detetive que Nanette deixou seu assassino entrar. Alguém que ela conhecia.

Uma galeria de fotos emolduradas estava pendurada na parede, incluindo fotos alegres do casamento de Oakley e Nanette. O jovem Oakley exibia cabelo mais escuro e menos pés de galinha do que a versão antiga caída no chão da Casa de Ópera. Mas os olhos jovens de Oakley claros e penetrantes em vez de turvo com cataratas incipientes, eram olhos que agora pareciam familiares em outra pessoa.

Ele deu uma olhada nos livros nas prateleiras até puxar um sobre mitologia, com uma citação para “Orestes” que Oakley destacou em amarelo. Drayco conhecia a peça de Eurípedes, mas queria verificar o roteiro. E lá estava. Orestes matou sua mãe Clitemnestra, para se vingar do assassinato de seu pai.

Outro livro, sobre folclore europeu, lhe chamou a atenção. Por curiosidade, Drayco folheou o sumário e pulou para seção sobre corujas, novamente destacada em amarelo. O artigo fazia referência ao simbolismo da coruja ao longo da história polonesa como um mal agouro. Oakley queria ter certeza de que a mensagem de sua coruja não se perderia no seu receptor pretendido, o “demônio”.

A mobília que Oakley fez estava espalhada pela casa. Mas o avô de todas era a longa mesa de console, a favorita de Nanette entre as criações de Oakley. Esta era a peça pela qual alguém ofereceu mil

dólares ao Oakley, mas ele não queria vender.

O topo macio descansando nas pernas era grosso, para uma mesa sem gavetas. Os entalhes eram dos mais elaborados em quaisquer dos trabalhos de Oakley, com passifloras como as do santuário externo de Oakley circulando as pernas. Duas pombas voavam pelo painel frontal, bicos apontando em direção à figura central da peça, um coração no formato da rocha do Oakley.

Drayco se ajoelhou para dar uma olhada melhor e passou as mãos por baixo do tampo da mesa atrás do coração. Sentindo uma parte áspera, ele botou a cabeça sob a mesa. Vendo uma área com leves costuras, ele a puxou e abriu uma pequena gaveta escondida.

Ele recuperou um envelope estofado dentro, com a escrita lateral familiar. Estava escrito, “A ser aberto após minha morte.” Mas já estava aberta, evaporada, não fendida. Ele deu uma soprada nela, cheirando traços de um doce perfume, um perfume de mulher, mas não como o jasmim de Darcie. Dentro do envelope havia um testamento escrito à mão, de uma página.

Ele o leu várias vezes. A Nanette o havia encontrado antes ou depois da morte do Oakley? E porque ela não contou ao Drayco quando ele esteve em sua casa? O assassino obviamente não o havia descoberto. Mas se Nanette confrontou o assassino quanto ao conteúdo, ela selou o seu destino.

Drayco sentiu uma pontada de intensa perda. A narrativa no testamento do Oakley não foi uma surpresa. Mas tocou em tantas tragédias, era tão simbólico das consequências da guerra—e o ciúmes, ganância, e ódio sobre o qual a guerra era baseada—que era difícil de separar essas duas mortes das muitas.

Um testamento discutível e divagador de um homem morto, um fragmento de carta queimada, as datas num registro de imigração, um “G” ensanguentado entalhado no peito da vítima, o entalhe b-b numa árvore—ele poderia encontrar provas mais tangíveis num tablóide de supermercado. Escuridão, distância, e a passagem do tempo eram com o que o assassino contava, e até agora a fórmula vinha funcionando bem.

A única coisa com a qual não se contava era com a chegada do próprio Drayco, novo proprietário de uma estratégica Casa de Ópera—



uma carta curinga.

## Capítulo 44

O detetive Sailor leu o testamento que Drayco descobriu. Seus olhos estreitados se focaram como um *laser* no papel, e Drayco esperou para ver se este ia queimar. O detetive rosnou, “Filho da mãe. Não sei como deixamos isso passar.” Ele empurrou o papel de volta pro Drayco. “Deixa algumas perguntas sem resposta. Mas explica com mais detalhes aquela outra carta, o fragmento queimado.”

“Explica e não explica. Nanette provavelmente leu este testamento antes de encontrar comigo no dia de sua morte. Fiquei batendo a cabeça tentando descobrir o porquê de ela não ter me contado—poderia ter salvado a vida dela.”

“Ela poderia ter sido morta mesmo assim, mas pelo menos teríamos pegado o assassino antes. Porque você acha que ela se conteve?”

“Medo, provavelmente, já que ela conhecia a identidade do assassino do Oakley. Ao me dar o fragmento da carta como forma de isca, talvez ela acreditasse que eu pegaria o assassino e que ela não teria de se envolver. Ela não poderia ter sonhado que o assassino estava do lado de fora da janela ouvindo, quando ela me mostrou o fragmento.”

“Eis outro enigma, Drayco—por que o Oakley nunca mencionou que tinha mãe? Porque todo o segredo?”

“Sem o Oakley voltando do mundo dos mortos, a resposta vai permanecer com ele no túmulo. Meu palpite—ele não queria ninguém bisbilhotando no seu passado porque isso poderia arruinar seus planos de vingança.”

Sailor esfregou a parte de trás do pescoço. Ele aparentemente vinha tendo dores de cabeça, também. “Tenho o quem, o quê e o onde, mas não o porquê, ou devo dizer, o ‘porquê agora’?”

“Essa terá de esperar por uma confissão.”

“Se conseguirmos uma. Pelo menos agora eu entendo o significado

da parte d 'G'. O detetive viu o Drayco com uma alusão de sorriso chegando por seu rosto. "Claro que isso o projeto de genealogia do Oakley na faculdade parecer um ato de genialidade. Consegue pensar num disfarce melhor para rastrear alguém?"

"Oakley não teria dado um investigador ruim. Pelo menos com suas habilidades de escrita, ele tiraria de letra a papelada do FBI que eu detestava."

O detetive tomou algumas aspirinas em sua mesa e as engoliu seco. "Falando de papelada—vou conseguir um mandado para revistar a casa para procurar aquela outra Webley, possíveis traços de sangue, e marcas de sapato para combinar com o nosso gesso da floresta. Mas é uma noite de sexta-feira, e você viu esses fofoqueiros e poodles que está chovendo lá fora. Te aviso assim que tiver autorização. Me mantenha atualizado do seu lado."

"Vou para Norfolk."

"Harmon Ainscough? O endereço que você usou o computador da Tyler para pesquisar?"

"Resulta que ele vive a meio dia de carro daqui, para minha sorte. Acho que minha conta bancária não daria conta de passagens de avião de última hora."

"É mais seguro para você fora da cidade, mesmo, até resolvermos isto, com aquele alvo nas suas costas."

"Me evita te amolar e aumentar as suas dores de cabeça. Quantas ligações pretende fazer?"

"Dezenas. Motoristas feridos, pessoas sem energia, fios elétricos caídos nas estradas, árvores derrubadas em cima de algumas casas. E um gato aterrorizado que não sai de um tubo de drenagem subterrâneo."

"Parece divertido. Queria poder ajudar, mas..."

"Tá bom, vai praticar escalas."

"Talvez eu faça isso. Vou passar na Casa de Ópera para ver se ainda está de pé."

"Com sorte será derrubada pelo vento. Vou falar bem de você pros deuses do tempo."

"Obrigado. Eu acho. A propósito, detetive, você sabia que a palavra

*klucze* significa ‘chaves’ em polonês?<sup>[37]</sup>”

## Capítulo 45

A pequena cabana era tanto um arquétipo de uma tradicional moradia inglesa que ficava do outro lado do lago. Mas isso era Norfolk, Virginia, e não Suffolk, Inglaterra. Ele ficaria um tempo admirando a arquitetura se não fosse pelas rajadas de vento de trinta nós.

Um homem embrulhado numa toalha de rosto de flanela xadrez cumprimentou a batida do Drayco. Harmon Ainscough ficou moldado em sua cadeira, como apenas alguém cronicamente doente pode parecer. Ele estava careca, encolhido, tubos de oxigênio em suas narinas. Mas seus olhos ainda azuis estavam brilhantes e sua voz limpa. Ele analisou o Drayco. “Tem cigarro?”

“Temo que não.”

Desapontado, Ainscough se dobrou mais para frente na sua prisão em forma de cadeira. “Eles não me deixam ter nenhum. Ordens do médico. Não faz mal perguntar.”

Dezenas de fotografias assinadas empoleiradas às mesas e penduradas nas paredes. Drayco parou para examiná-las e reconheceu vários artistas musicais, incluindo uma foto de Konstantina, usando um cravo vermelho. Ele perguntou, “Cliente sua?”

Ainscough levou o Drayco em direção a uma cadeira. “Todos clientes, num momento ou em outro. Eu TVE a minha cota de estrelas, mas como você pode ver,” ele fez um gesto abrangente ao redor da humilde sala, “Não me enriqueci às custas deles. Fiz bem, mas sem casa de inverno na Riviera. Mas tenho tudo que preciso aqui. Um pequeno lote, minha filha, netos, meu bulldog Winston e memórias. Muitas memórias...” cochilou.

Drayco levantou sua voz levemente. “É sobre uma dessas memórias sobre a qual eu vim conversar.”

Ainscough se recompôs novamente. “Sinto muito por esse lapso. São os malditos remédios que eles me dão.”

“Preciso te perguntar sobre uma ex-cliente, uma pianista que morreu nos anos 1950. Konstantina Klucze.”

Na menção do nome dela, a mandíbula de Ainscough ficou boquiaberta, e seu corpo todo congelou. Ele respondeu com um tremor, “Um dos talentos mais promissores que eu já encontrei. Perdido após a guerra.”

“Ela foi assassinada.”

“É o que a polícia disse.”

“Você não concorda?”

Ainscough tentou controlar os espasmos nas suas mãos, do que provavelmente era de mal de Parkinson, e enrolou o xale mais apertado ao seu redor. “Eles nunca descobriram quem foi. Eram tempos difíceis para todos na Europa, cidadãos, soldados, a polícia.”

“Ela foi ameaçada de alguma forma?”

Ainscough novamente hesitou. “Tem pó curioso o seu. Foi há tanto tempo.” Ele tossiu. “Ela é uma das razões pela qual me mudei para cá, sabe. Eu gostava da região quando fomos em excursão juntos.” Ele tossiu novamente e limpou as mangas ao redor dos lábios. “Agora, o que você disse que eram os seus interesses na Konstantina?”

“Estou agindo no interesse de alguém com razão para investigar a respeito da morte dela.”

“O filho dela? Ela teve um bebê antes de morrer. Nunca fiquei sabendo o que aconteceu a ele.” Drayco não o contradisse, e Ainscough suspirou. “Se é o filho dela procurando por respostas, ele deve ter algumas. Não posso dizer a ele quem a matou. Mas eu sei que ela e Filip vinham discutindo muito antes.”

“Filip? Esse seria o enteado dela?”

Os olhos de Ainscough se escancararam em surpresa. “É isso mesmo. Filip Gozdowski. Ele era filho do Edmund—marido dela—do primeiro casamento dele. Uma dessas tristes disputas em família. A invasão nazista os forçou a sair da Polônia, e perderam a maior parte da fortuna da família no processo. Filip ficou amargurado diante do prospecto de ficar pobre. Achava que o manuscrito que o seu pai deu à Konstantina pertencia legitimamente a ele. Este está com a família por algumas gerações, afinal. Eu acho que o Filip tornou a vida de

Konstantina um inferno depois que Edward foi embora para se juntar à resistência.”

“Era o manuscrito de Chopin.”

“Uma sonata de piano.”

“Aquele em Si-bemol menor? Si-bemol, escrito como b-b na notação musical <sup>[38]</sup>. Fônico, um anagrama para Chopin <sup>[39]</sup>. O entalhe na árvore do Oakley, o papel do arquivo caído. Todas as peças do quebra-cabeça estavam se encaixando. Estranhamente, era um fragmento da melodia do carrossel de Reece que passava pela cabeça do Drayco, *É o som de distantes batucadas apenas nos dedos de sua mão?... Como um círculo numa espiral, como uma roda dentro de uma roda...*”

A voz do velho era um sussurro. “Sim, sim. Uma cópia original do Chopin que era para ser entregue a uma editora. Filip achou que valeria uma pequena fortuna.”

“O que aconteceu com ele após a morte da Konstantina?”

Os espasmos de Ainscough ficaram cada vez mais agitados, e Drayco se esticou para segurar a mão dele. “Sr. Ainscough, a esta altura, nada do que disser seria usado contra você. É um alívio contar a verdade, não concorda”

Ainscough se acalmou, apesar de sua respiração permanecer penosa. “Eu tive algumas crises éticas. Konstantina foi o oblete inocente de alguém. Filip me procurou antes do tour de Konstantina pelos Estados Unidos, sabendo que eu estaria com ela o tempo todo, e pediu—não, exigiu—que eu ficasse de olho no manuscrito. Ele tinha menos de vinte anos, mas poderia ser um homem formidável. Ele descobriu que ela levaria o manuscrito com ela por medida de segurança. Disse-me que se eu encontrasse um jeito de roubá-lo, ele me daria uma parte dos lucros.”

“Você tentou vender?”

“Konstantina carregava por aí uma bolsa preta com o manuscrito e seu estojo com joias dentro. Depois que ela me pegou tentando vendê-lo em Nova York, ela não o tirou mais de sua vista. Estou certo de que ela descobriu que eu estava agindo em nome do Filip. Nunca tive a oportunidade de vendê-lo.”

“O que aconteceu depois do último concerto em Cape Unity?”

“Machuquei o meu braço. Konstantina me levou para uma clínica e me deixou umas horas depois. Quando ela retornou, ela não estava mais carregando a bolsa. Você é jovem demais para se lembrar, mas havia voos transatlânticos naqueles tempos. Voltamos às pressas para Nova York para pegar o que havíamos reservado.”

Ainscough pausou, se torcendo esquisitamente em sua cadeira, o constante balançar de seu corpo dificultando tudo. “De volta a Londres, quando contei ao Filip sobre a bolsa, ele ficou furioso. Ficou violento. Me acusou de inventar a história toda. De eu ter pegado o manuscrito para mim. Eu o convenci de que era verdade. Ele me deixou em paz, mas roubou algumas coisas minhas, por rancor, eu acho. Nunca mais ouvi falar dele. Acho que ele deixou o país.”

“Como isso se encaixa, temporalmente, com o assassinato da Konstantina?”

“Isso foi logo depois que voltamos. Konstantina descobriu que estava grávida, teve o bebê meses depois, e foi morta pouco depois. Ela me despediu quando retornamos. Eu não consegui vê-la novamente antes de sua morte.”

Ele tossiu tão forte que Drayco foi à cozinha para pegar um copo d’água para ele e esperou o ataque do outro homem acalmar. “Você, pessoalmente, acredita que Filip esteve envolvido no assassinato dela?”

“Ele tinha um padrão de violência. Mas matar sua própria madrasta?”

Drayco observou a fotografia da Konstantina. “Porque a Konstantina usava um cravo vermelho nesta foto?”

“As pessoas davam a ela em buquês depois de concertos, em vez de rosas. Era a sua flor favorita.”

A pesquisa de Oakley sobre o passado da mãe foi meticulosa. Um retrato mental do corpo de Oakley no palco da Casa de Ópera veio à mente do Drayco, e o triste cravo em sua lapela. De certa forma, lhe caía melhor do que qualquer uma das flores que fossem amontoadas na sepultura de Oakley.

“Você vive há muito tempo nos Estados Unidos, Sr. Ainscough?”

“Me mudei para Nova York perto de 1960. Me aposentei aqui uns



anos atrás para ficar perto da minha filha, a principal razão pela qual estou aqui agora.”

“Você tem um nome do meio, senhor?”

Ainscough parecia confuso. “É Horatio.”

Como isso é shakespeariano. H-A-H, o monograma de Harmon Horatio Ainscough. Drayco ficou com pena do homem, que parecia ainda mais velho do que quando ele chegou. “Como você disse, é história antiga, não é?”

Drayco se levantou para ir embora. “Você tem uma bela casa aqui, aconchegante e pacífica. Sinto muito não poder conhecer o Winston, mas mande as minhas lembranças, sim?”

O velho acenou, e assim que Drayco estava do lado de fora, ele viu pela janela que Ainscough havia caído no sono novamente.

Drayco fez uma rápida ligação para a Maida. “Está tudo bem aí? A energia ainda está ligada?”

Maida o tranquilizou. “Todos e tudo está bem. Para provar o quão otimista estou, tenho estou fazendo um bolo de dez camadas Smith Island no forno. Major teve de fazer uns serviços e disse que não volta logo. Ele estava cauteloso e disse que queria me fazer uma surpresa, mas era algo do qual ele tinha que cuidar. Você estará aqui para o jantar?”

“Não perderia por nada—seu sorriso ou o bolo. Vou passar pela Casa de Ópera primeiro, mas devo voltar na hora da refeição, mais cedo se eu conseguir resolver. Pode contar comigo.”

## Capítulo 46

A Casa de Ópera ainda estava de pé, apesar de Drayco ter tido de se desviar de detritos voando e bolas de gelo conforme se curvava para dentro. Seth ainda seguia o mandado de Horatio Rockingham, a fornalha reduzida para quinze graus Celsius. Drayco puxou seu casaco mais para perto dele. Ele havia aguardado até as cinco quando Seth terminaria as suas rondas, e observou a porta para se certificar de que Seth foi embora. Drayco queria estar sozinho para isto.

Ele ligou um quadro das luzes Fresnel em direção ao tubo de iluminação do palco, o suficiente para iluminar o palco. Então, abriu sua pasta e tirou a planta baixa de Reece.

Konstantina estava virtualmente sozinha num país desconhecido, sem conhecer ninguém exceto o seu agente, a quem ela viria a desconfiar. Ela sabia que, quando retornasse à Inglaterra, Filip faria de tudo para pegar o manuscrito. Confusa e cansada pelo *tour*, o stress do desfecho da guerra e da morte de seu marido, ela deve ter tomado a decisão de esconder o manuscrito em Cape Unity. Isso explicaria porque ainda não havia aparecido em alguma casa de leilão até hoje.

Como ela não tinha muito tempo sozinha—duas horas, de acordo com os cálculos de Harmon Ainscough—o único local na cidade que ela conhecia era a Casa de Ópera. Drayco não acreditava que o manuscrito tivesse voltado à Inglaterra. Certamente o assassino não achava.

A lesão de Ainscough deu à Konstantina uma oportunidade que ela não havia pensado. Pela primeira vez em meses, ela estava livre da dupla ameaça de seu agente e de seu enteado. Era impossível determinar se ela estava tentando encontrar uma forma de esconder o manuscrito durante seu *tour* inteiro ou se ela aproveitou o momento.

Onde ela teria passado a maior parte do tempo na Casa de Ópera? Drayco estudou a planta baixa. Havia o palco aberto e o saguão

público. Nenhum deles era um bom esconderijo.

A sala de estar para os artistas era uma possibilidade, mas nada na planta baixa indicava um potencial local de esconderijo, a menos que Konstantina o enfiasse dentro da mobília, que a muito tempo não estava mais ali. Isso seria irônico. Um valioso manuscrito dentro de uma poltrona desbotada de cinquenta anos, no porão de alguém entre os aparelhos de som quebrados e bicicletas ergométricas não usadas.

Mas o que foi que o Reece disse? Um cano estourou na sala de estar para os artistas antes do concerto da Konstantina. Drayco se dirigiu à parte de trás do palco e olhou para cima das escadas curvas. Uma dessas salas laterais no topo poderia servir como sala temporária para os artistas.

Ele folheou a planta para um detalhe da passarela e subiu pela antiga escada pela segunda vez desde que chegou a Cape Unity, esperando que elas valessem a subida. Ele celebrou quando chegou ao topo ileso.

A sala maior à esquerda do patamar parecia mais promissora. Depois de virar a turva luz na sala, Drayco carregou a planta baixa para dentro. Um tapete desbotado com marcas de queimadura no centro era o único objeto na sala, retirado do escritório há muito tempo depois de um incidente com um charuto.

Ele examinou as paredes e deu pancadas em muitos lugares, mas as paredes eram sólidas. A planta baixa indicava uma arquitetura em linha reta, quatro paredes, sem sótãos ou armários. Exceto... que havia um entrepiso sem o piso de prancha de madeira, uma área de excesso para armazenar acessórios de cena.

Um entrepiso seria um esconderijo perfeito. Mas uma mulher, mesmo tão desesperada quanto Konstantina, confiaria um manuscrito insubstituível a um buraco escuro onde alguém poderia encontrá-lo?

O recital de Konstantina foi um dos últimos na Casa de Ópera antes de o Rockingham fechá-la. E Konstantina, como ela havia explicitamente mencionado à mãe de Reece Wable depois do concerto de 1955, fez planos de retornar aos Estados Unidos o mais cedo possível.

Drayco tentou se colocar na mentalidade da Konstantina. O

implacável e ameaçador assédio de Filip Gozdowski, a perda de Edmund, os horrores da guerra e incertezas da Europa no pós-guerra. Isso gerava tanto medo e confusão que ela preferia perder o manuscrito a vê-lo cair nas mãos de Filip?

Talvez ela acreditasse que seria invisível entre os outros acessórios de cena no local cheio. Se alguém o encontrasse, ela poderia ainda reclamar posse.

Tudo hipotético. Mas ao pesquisar sobre a vida de Konstantina, ele forneceu uma ligação emocional e intuitiva com ela. Eles partilhavam uma paixão mútua pela música, pelo piano, um sentimento partilhado de dor e perda.

Ele acreditava que ela não queria perder o manuscrito, mas os instintos dela sobre seu enteado estavam corretos. Filip teria encontrado uma forma de tirar o manuscrito dela em Londres. Melhor perdido para sempre, do que nas mãos de um demônio de coração frio sem respeito pela vida ou pela arte.

Drayco verificou o soalho. Se o entrepiso estava em uso na época do concerto dela, deve haver um ponto de acesso, mas as taboas para assoalho pareciam sem costura. Ele andou pela sequência indicada na planta para onde a beira do entrepiso deveria estar, e rolou o tapete para trás.

O padrão de piso de madeira parecia típico, algumas tábuas bem ajustadas e outras com leves rachaduras entre si. Retirando sua faca Leatherman, ele cutucou pelas beiradas das bordas pregadas, mas elas não se moviam. Por favor, que isso não seja um beco sem saída. Ele não tinha como saber quando o entrepiso parou de ser usado, provavelmente fechado bem antes de Konstantina chegar.

Ele decidiu tentar a área que treia marcado a outra ponta do entrepiso. Dessa vez, o contorno fraco de uma indentação circular parecia promissora. Uma antiga mancha de líquido? Ou o local de um antigo anel de metal?

Ele tentou sacolejar a tábua com o contorno do anel. Dessa vez, a tábua moveu-se em uma fração de centímetro.

Encorajado por seu sucesso, Drayco deslizou a faca mais fundo na rachadura e sacolejou a tábua com mais força até que uma beirada se moveu uma fração. Ele trabalhou nas tábuas adjacentes, e uma seção

inteira do chão virou para cima e caiu com um som alto e oco. A abertura mal era grande o bastante para seu braço e ombro.

Retirando uma lanterna do bolso de seu casaco, ele verificou a escura abertura. Ele sorriu enquanto os adereços pareciam vampiros em seus caixões, cada um iluminado por vez—uma peruca, espadas, coroas.

Ele levou a lanterna para mais longe no buraco, onde a luz atingiu um objeto do tamanho de um livro de mesa de centro, coberto em couro escuro com cabos. Ele ficou de estômago para baixo, esticando o máximo que podia até os seus dedos se apertarem ao redor da peça, e a manobrou para fora de seu caixão.

Fina e leve, mal parecia o vasilhame de algo valioso. Ele imaginou a sua decepção quando o abriu para encontrar mais faturas amareladas. Ele tentou abrir o zíper na algibeira, mas estava preso. Lutando com ele por alguns minutos, ele conseguiu abri-lo. Então, prendeu a respiração e deu uma olhada dentro.

Com medo de que o óleo em seus dedos pudesse contaminar um possível manuscrito raro do Chopin, ele foi sem pressa. A luz na sala ficava tremeluzendo enquanto a tempestade fazia as linhas de alta tensão sofrerem. Mas havia luz suficiente para se ver um pequeno portfólio dentro coberto com lampejos de bordado de ouro e vidro. Vidro vermelho, como rubis. Era como a algibeira que Harmon Ainscough descreveua que desapareceu depois do assassinato da Konstantina.

Um instante depois, as luzes na Casa de Ópera se apagaram.

## Capítulo 47

Era a terceira vez que o detetive Sailor batia à porta, mas sem resposta ainda. Ele tentou a maçaneta, e a porta se abriu. Se virando em direção à Nelia próxima a ele, ele mexeu com a mão na direção da arma da Nelia. “Em caso de emergência,” ele disse.

Eles foram assustados por um alto estalo atrás deles e giraram ao redor para observar, enquanto a força dos ventos arreventou um galho do tamanho de um poste de telefone de um carvalho no quintal. Sailor balançou a cabeça, e entraram na casa, mantendo a guarda. Paddy podia ser imprevisível. Ele era conhecido por começar brigas num estupor bêbado, ser encontrado congelado em bancos públicos, ser multado por urinar em público, e claro os roubos e a maconha, mas ele nunca havia ligado antes para o detetive para dizer que cometeria suicídio.

Sailor apontou para a Nelia para verificar um dos quartos enquanto ele verificava o outro, mas estavam vazios. Sailor pausou na cozinha para examinar uma garrafa no balcão. Cápsulas de pimenta caíam. Um gemido baixo veio da sala de estar, e o detetive e a Nelia se aproximaram por trás do sofá de diferentes lados, convergendo na frente onde o Paddy estava estendido no chão. Perto dele estavam algumas garrafas vazias de tequila e um frasco vazio de remédios para dormir.

Nelia ajoelhou-se ao lado de Paddy, e Sailor ligou para a central para enviarem paramédicos. Ele olhou para uma bandeja de TV, onde uma caixa de arquivo de papelão estava, o rótulo retirado. Mesmo assim, ele a reconhecia. A caixa desaparecida da Casa de Ópera. Ainda na bandeja havia vários papéis. Ele pegou o do topo. Era uma carta de amor não enviada para Nanette Keys, de Seth. Ao lado desta, o manuscrito da biblioteca desaparecido.

Paddy parou de gemer e começou a murmurar, beixos e inteligíveis. Sailor se aproximou e balançou levemente o Paddy. “O que aconteceu,

Paddy?”

Paddy ficou ali, sua boca mexendo-se sem palavras. Então ele lambeu os lábios e disse numa voz baixa e rouca, “Estávamos procurando por ele. Todos esses anos. Nunca o encontramos na Casa de Ópera. Então revistamos todas essas casas. Então ele apareceu e bagunçou tudo.”

“Procurando o quê, Paddy? Você se refere àquelas invasões de anos atrás, certo?”

“Mas nós nunca o encontramos. Nunca o encontramos.”

Sua voz estava ficando cada vez mais fraca, e o detetive esperava que o frasco de remédios para dormir não estivesse cheio. Uma sirene ao fundo foi ficando cada vez mais alta, e Sailor foi em direção à porta para apontar o caminho para a equipe médica. Quando eles entraram às pressas para atender o Paddy, o rádio de Sailor estalou. Um despachante encaminhou uma ligação, e ele ficou surpreso de ouvir a Maida.

“Imagino que esteja ocupado, detetive, e odeio te incomodar. Mas estou sem notícias do Scott. Ele está uma hora atrasado. Ele não é assim.”

“Drayco me disse que ia encontrar alguém em Norfolk. Provavelmente ficou preso no trânsito devido ao péssimo clima.”

“Ele teria ligado. Você sabe disso.”

Sailor sabia. Nos procedimentos do detetive com o Drayco, ele sempre chegava cedo, nunca tarde. “Ele ia parar em algum lugar antes, Maida?”

“O único lugar que ele mencionou foi a Casa de Ópera.”

“A Casa de Ópera?” O detetive olhou para Paddy, que estava numa maca, com oxigênio e uma intravenosa. Mas aparentemente o Paddy estava ouvindo o final da conversa do detetive e estava ciente o suficiente para olhar de volta para Sailor, um olhar impassível. O olhar naqueles olhos diziam mais que suficiente para fazer o sangue de Sailor esfriar, e ele deu um salto e foi em disparada à porta da frente. A chuva bombardeava seu uniforme, ensopando a sua camisa, e o vento levantava o chapéu e o lançava ao céu. Mas Sailor mal percebia. Isso eram sombras de seu irmão novamente, e desta vez, ele esperava chegar lá a tempo.





## Capítulo 48

Drayco aguardou alguns momentos e ficou aliviado quando as luzes voltaram, apesar de mais turvas, banhando tudo num brilho sépia. Ele abriu a bolsa o máximo possível para dar uma melhor olhada ao que agora ele tinha certeza de que eram rubis no estojo menor escondido dentro. Ele andou em direção ao palco e a sua iluminação mais clara.

Se ele fosse do tipo que acreditasse em fantasmas, ele juraria que o espírito de Konstantina estava perto dele agora, sua presença palpável. Este estojo de aparência inocente que ele segurava era tanto o motivo pelo qual ela viveu quanto pelo qual ela morreu, e parecia chumbo nas mãos dele.

Poderia ainda contar com um manuscrito histórico de valor inestimável. Drayco estava tão absorvido por um entusiasmo irresistível de dar uma olhadela em notas provavelmente escritas pela própria mão do Chopin que ele levou um momento para perceber que não estava sozinho.

Um pedaço do corrimão pegou a sua manga e puxou ao redor de uma figura empoleirada no meio da passarela, assim que seus ouvidos treinados ouviram o clique inconfundível de um revólver sendo engatilhado. Ele instintivamente se torceu em direção a um lado simultaneamente com o disparo da arma, caindo contra o corrimão. Ele parou perto de deslizar escada abaixo, mas bateu a cabeça com força no chão da passarela.

Ele tentou se levantar assim que a figura se aproximava, mas uma onda de tontura o dominou, e ele caiu novamente. Ele sabia quem era pelo ofego de damasco em forma de cone. Através de uma grossa neblina serpenteante, Drayco observou o homem pegar a bolsa com sua mão esquerda e entrar. Na sua mão direita, ele agarrava uma Webley.

Drayco conseguiu dar um pálido sorriso. “G’ é de Gozdowski. Olá,

Filip.”

Seth Bakely ficou em silêncio sobre o Drayco a princípio, então se afastou e abriu o casaco de Drayco, procurando pela mancha vermelha se espalhando por seu ombro direito.

O sotaque de Seth estava mais carregado do que Drayco havia ouvido antes, com mais dicas de polônês que de Tangier Island, como se os cinquenta anos passados nunca tivessem acontecido. “Obrigado por encontrar a minha herança, Drayco. Passei a vida toda procurando por isto.”

Drayco tentou se levantar mais uma vez, mas ele lutou uma batalha perdida quando outra onda de tontura o abateu. Ele não tinha como alcançar a arma no seu coldre no ombro. Sua própria voz soava distante, ao dizer, “E foram preciso apenas três assassinatos para isso, certo, Filip? Konstantina, Oakley, Nanette.”

“Você está certo quando aos assassinatos.” Seth deu um passo para trás. “Mas sinto muito te dizer que você não está certo quando aos números. Foram preciso quatro.” Ele levantou a arma e a apontou para a cabeça de Drayco. Um tiro foi disparado, mas Drayco não sentiu dor alguma.

Ele ouviu um pequeno grito e virou a sua cabeça para ver o corpo de Seth rolando por uma das lacunas no corrimão. Seth caiu no chão na parte de trás do palco, usando seu próprio distintivo de vermelho, do buraco de bala em seu peito.

De baixo, o detetive Sailor abaixou a arma e correu escada acima. Drayco caiu para trás contra a passarela uma última vez enquanto observava o teto ainda girando, até a luz lentamente se sumir no preto.

## Capítulo 49

Sexta-feira, 26 de março

O primeiro dia de sol em Cape Unity em mais de uma semana parecia um erro. A tempestade deixou lixo espargido pelo caminho—uma grade de uma grelha de carvão pendurava numa árvore, uma lata de lixo jogada em um dos barcos desafiante ainda acorados no cais—mas também deixava para trás céus azuis profundos, sugando as nuvens e a poluição.

“Achei que você ia querer ver esta visão em todo o seu esplendor, para variar.” Sailor optou pela versão de manga curta do uniforme e não parecia se importar com os arrepios. A luz do sol formava marolas na água, uma onda dourada em direção ao litoral. Eles andaram ao longo do cais deleitando-se com o calor radiando das tábuas.

“Como um cartão postal,” Drayco ajustou a tipoia em seu braço.

“Cape Unity não é uma cidade tão ruim assim, a menos que você esteja obcecado com rancores de cinquenta anos atrás.”

“Entre meio-irmãos. Como o sobrinho de Oakley, Paddy, está?”

“Fisicamente, bem. Emocionalmente, nem tanto, ele só decidiu começar a falar com a gente na noite passada, mas está devastado de perder o Seth. Apesar de ter feito tudo que podia para evitar um final desse—te alertando com a última carta, jogando o que ele achava ser a carta do assassinato no píer. Infelizmente para ele, ele não sabia da história por trás da bengala HAH ou daquela máscara que ele vendeu ao Squier. Oo que o Seth tinha duas Webleys.”

Drayco parou para examinar um poste coberto com iniciais entalhadas e datas, e passou seu dedo sobre a superfície lascada. “Paddy era uma vítima inocente. Como a Nanette.”

“Irônico, não? Seth a usa para chantagear o Oakley a ficar em

silêncio, mas acaba se apaixonando por ela. Mesmo assim, acaba matando-a depois que ela o confronta sobre o que leu no testamento do Oakley.”

Drayco observou um sebastes respingando pela água, encontrando seu esquecimento às preocupações humanas estranhamente tranquilizante. “Então no final, o sendo de injustiça do Seth afundou todo o resto. Paddy, Nanette, sua própria chance de felicidade.”

O detetive colocou uma mão nas costas do Drayco, evitando o ombro lesionado. “Acho que os advogados precisam decidir o que acontece com aquele manuscrito. Mas fontes confiáveis me dizem que vai culminar no ‘achado não é roubado’. O que fará com todo esse dinheiro, sua alteza?”

“A Sotheby’s vendeu alguns manuscritos raros, Chopin e Beethoven, por centenas de milhares. Tem ainda o estojo de couro com os rubis, que devem valer um trocado ou dois. Não o bastante para aposentar,” ele acrescentou com um pequeno sorriso, “Mas possível capital inicial para combinar doações para restaurar uma Casa de Ópera envelhecendo.”

O detetive olhou para ele em surpresa. “Achei que você fosse se livrar do lugar.”

“Eu ia. Mas aí eu penso no que significou para a comunidade. E todas as pessoas que se apresentaram aqui, incluindo o último concerto da Konstantina. Pode ser um tributo mais adequado a ela do que o santuário do Oakley.”

O detetive semicerrou os olhos diante do sol em cheio. “Tenho que admitir, sou grato por você ter sido um músico em sua vida anterior. Não sei se mais alguém teria chegado às mesmas conclusões. Me faz querer acreditar em Kismet.”

“Você tem falado com o Reese? Ele está numa onda de Kismet.”

“Acho que está no ar. Ou flutuações do barômetro espremendo aquelas celulazinhas cerebrais grisalhas.”

Drayco se inclinou contra o poste e olhou em vão esperando os sebastes reaparecerem. “Você sabe porque eu te deixei no escuro, não?”

“Entendi.” Sailor turned virou sua cabeça para olhar um carro encostando, mas o Drayco não teve de vê-lo para ouvir a carranca na

voz dele. “Não faça isso novamente.”

O carro não desligou o motor, e a janela do Starfire desceu enquanto a cabeça da Nelia pulou para fora. “Está pronto?” Drayco havia protestado dizendo que conseguia dirigir seu próprio carro de volta a Washington, mas foi voto vencido.

Sailor apoiou a mão dele. “Ele está chegando.” O detetive se virou para o Drayco. “Foi gentil da parte da potencial solteira em breve, a Sra. Squier, te visitar no hospital.”

Drayco deu de ombros, e então desejou não tê-lo feito, esquecendo-se do ombro. “Assim como os Jepsens, Reece, você e a Tyler. É uma cidade amigável.” Ele sorriu, lembrando-se da angiosperma que a Nelia trouxe para ele, com um pequeno piano de brinquedo em cima. Foi ela quem se ofereceu para levá-lo, no Starfire, de volta a Washington.

“Squier pode pegar de um a vinte anos por peculato.”

Legalmente, sim, provavelmente, não. Se o Reece tivesse uma roda de apostas nesta, Drayco apostaria que o Squier vai evitar a cadeia, com restituição. Ele disse: “Sabe, perdi muito tempo acreditando que o Squier era nosso assassino. Estou envergonhado de admitir que eu não consegui superar aquela voz repulsiva dele.”

O detetive deu um peteleco num seixo na doca, rolando na água. “E então, tem algum caso novo esperando você invocar sua mágica de consultor?”

“Você acreditaria que é um caso de chantagem de uma década?”

Sailor sorriu. “Vamos torcer para que não inclua uma carta queimada. E rapaz, da próxima vez que vier à cidade, porque não te apresento àquele linguado de Wachapreague?”

“Combinado, detetive.”

## EPÍLOGO

Sexta-feira, 26 de março

Diferente de sua última visita aqui, era a Nelia quem estava esperando no carro do outro lado da rua observando ao longe, não ele. Ela concordou com pedido dele de parar uma floricultura primeiro, depois que chegaram em Washington, entendendo a sua necessidade de fazer isso. E fazê-lo sozinho.

A luz do sol do final da tarde formou um padrão xadrez de sombras no chão, enquanto as folhas caídas voavam ao redor como mini-vórtices ao vento. Drayco se ajoelhou e colocou um cravo vermelho em cada uma das pequenas sepulturas marcadas por lápides com os nomes de Callie Cadden e Calvin Cadden.

Os pesadelos estavam menos frequentes nos últimos dias, mas não haviam parado, e ele não queria que parassem. Ele precisava deles. Precisava se lembrar de que ele nunca poderia baixar a guarda, nunca ser complacente. Não havia verdades universais, não havia destino, nem Kismet, nem vontade de Deus, nem sentido em nada disso. Ele não havia sido tanto um conduíte da morte, mas meramente um jogador.

Ele se endireitou, dando uma última olhada nas covas. Amanhã significaria um novo caso, um novo dia, e como em todos os novos dias, haveria começos e fins e formas nas quais algumas coisas nunca mais seriam as mesmas.

## OBRIGADO POR LER

Espero que tenha gostado de *Manipulado até a morte*, a estreia para Scott Drayco. Haverá mais aventuras à frente no segundo fascículo, *Réquiem para a inocência*, no qual ele retorna a Cape Unity e se envolve cada vez mais com a comunidade e suas pessoas—e seus segredos.

Agora que você terminou o meu livro, que tal escrever uma resenha nos seus vendedores de *ebook online* favoritos? (Este livro também está disponível impresso na maioria dos locais.) Resenhas são a melhor forma de os leitores descobrirem excelentes livros novos, e eu apreciaria de verdade. E se você é um membro do Goodreads ou da LibraryThing, você pode adicionar sua resenha lá, também. Resenhas não são apenas úteis para outros leitores, elas têm o poder de ajudar a série do Drayco a se tornar um sucesso e a garantir mais livros nos próximos anos.

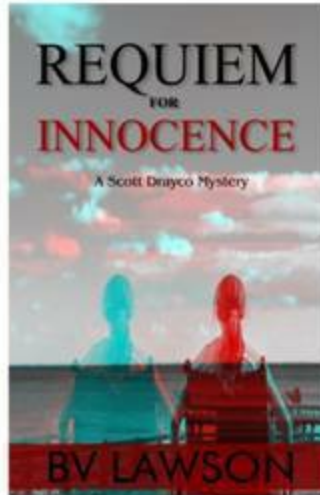
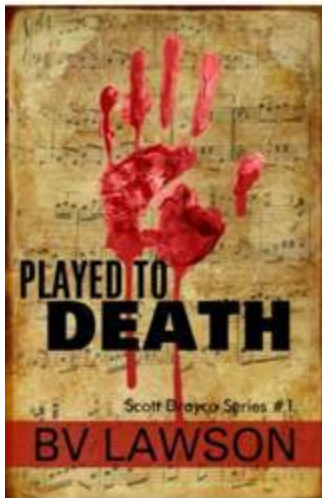
Gostaria também de ouvir o *feedback* de vocês no meu *website* em [bvlawson.com](http://bvlawson.com), onde você pode ainda se inscrever para a minha [newsletter](#) e receber um EBOOK GRÁTIS! Há ainda Guias de Leitura para clubes do livro.

Obrigada novamente por se juntar a mim e a Scott Drayco nesta aventura!

Com calorosos cumprimentos,

BV Lawson

Scott Drayco Novels



Short Stories



## Outros livros de BV Lawson

Série Scott Drayco:

*Manipulado até a morte*, primeiro mistério de Scott Drayco

*Réquiem para inocência*, segundo mistério de Scott Drayco

*Sombras falsas*, oito contos de Scott Drayco

*Jogos desonesto*, uma *novella* curta

Coleções de Contos

*Prato que se come frio*: Estórias de Vingança e Traição

*Decisões mortais*: Cinco Contos de Crime e Suspense

*Morte no feriado*: Quatro contos de alegria, assassinato e desordem



## AGRADECIMENTOS

Muitos agradecimentos aos amáveis amigos na Eastern Shore de Virginia, que ajudaram a inspirar algumas das vistas e cenas neste livro. Tanto Cape Unity quanto o condado de Princes of Wales são obra de ficção e uma amálgama das várias cidades na península Delmarva.

A tradução para o inglês do poema de Bohdan Zaleski, “*Mgła mi do oczu zawiewa złona*” é do Professor Mieczyslaw Tomaszewski da Academia de Música de Varsóvia.

Agradecimentos especiais a Michael Garrett por sua ajuda com a edição com um rascunho inicial deste romance.

Acima de tudo, dou minha gratidão eterna—ao infinito mais dez—à minha família incrível estímulo, especialmente o meu surpreendentemente paciente marido Charles, que é o meu apoiador-chefe.

## SOBRE BV LAWSON

Autora e jornalista, as histórias, poemas e artigos premiados de BV Lawson apareceram em dezenas de publicações nacionais e regionais e antologias. Três vezes finalista do Derringer Award e ganhadora em 2012 por sua ficção curta, BV foi também honrada pela American Independent Writers e Maryland Writers Association por sua série do Scott Drayco. BV atualmente vive na Virginia com seu marido e gosta de voar sobre a baía de Chesapeake num pequeno Cessna. Visite o seu website em [bvlawson.com](http://bvlawson.com). Não precisa de ingresso.

### **Conecte-se comigo**

Visite meu *website*: <http://www.bvlawson.com/>

Siga-me no *Twitter*: <https://twitter.com/BVLawson>

Siga-me no *Facebook*: <https://www.facebook.com/bvlawson>

Siga-me no *Pinterest*: <http://www.pinterest.com/bvlawson>

---

[1]

No texto original é especificado que o atacante é do futebol americano pelo fato de a autora ter usado a palavra *lineman*. (N.T.)

[2] Aqui, a autora fez um jogo de palavra: “*swap sleuth for slice*.” Esta combinação de palavras não possui tradução equivalente no português. (N. T.)

[3] No original, C.I. e P.I., respectivamente. (N.T.)

[4] Aqui, a autora cita um *jingle* com um trocadilho sem tradução possível para o português: *the nuttiest bar in town*. (N.T.)

[5] Esta palavra (no original, ‘*Americana*’) é um substantivo no inglês. Significa ‘a cultura dos Estados Unidos’, ou seja, se refere a um conjunto de patrimônios materiais e imateriais que compõem a cultura daquele país. (N.T.)

[6] Convém esclarecer estes dois termos, peculiares no contexto social norte-americano, mas sem equivalente lexical na língua portuguesa. *Ambulance chasers*, no inglês, se refere a um advogado que oferece serviços para clientes em uma área onde ocorreu um desastre. O termo vem do estereótipo de advogados que seguem ambulâncias até as salas de emergência para encontrar clientes. *Tell-all books*, por sua vez, são livros escritos por pessoas famosas, que contam tudo que existe sobre aquela pessoa. Livros assim geralmente contêm fatos escandalosos antes desconhecidos do público. (N.T.)

[7] Esta palavra é um trocadilho com as palavras *flay* e *failure*, sem tradução para o português. Sendo que *flay* significa ‘pelar, descascar’, e *failure* significa ‘falha’. (N.T.)

[8] Podunk não se refere ao nome de uma cidade que existe nos EUA. Na verdade, o termo descreve ou denota uma cidade fictícia, insignificante, fora do caminho. O termo geralmente é usado para indicar insignificância e falta de importância de um lugar. (N.T.)

[9] No inglês, a palavra Major pode tanto ser um substantivo quanto um nome próprio. Esta equivalência não existe no português, então optei por uma tradução aproximada do adjetivo, a fim de se aproximar do jogo de palavras que a autora quis usar. (N.T.)

[10] No original, *come about*. (N.T.)

[11] O inglês possui a expressão *cloak-and-dagger*. Ao pé da letra, significa algo como “de capa e espada”. É uma expressão de uso figurativo, para designar algo que envolve sigilo e mistério. No original, Drayco diz: I’m more *cloak than dagger*, por isso a tradução feita desta forma. (N.T.)

[12] Abreviação para ‘Síndrome da cidade pequena’, conforme consta no Capítulo 4. (N.T.)

[13] Popular canção de ninar nos EUA. (N.T.)

[14] Essas duas palavras, no inglês, começam com a letra ‘G’. (N.T.)

[15] No original, *tax lien*. Consiste numa garantia, imposta por lei, a uma propriedade, para se assegurar o pagamento de impostos. Pode ser imposta para impostos delinquentes devidos em propriedade real ou propriedade pessoal, ou como resultado de falha de se pagar impostos de renda ou outros impostos. (N.T.)

- [16] Famoso petisco semelhante a carne seca. (N.T.)
- [17] Tradução aproximada da expressão “have-not”, que foi usada como substantivo pela autora. Usado desta forma, este termo se refere a pessoas desfrutando de pouco ou nenhuma riqueza. (N.T.)
- [18] No original, “‘noyce’ instead of ‘nice’, ou ‘ye’ instead of ‘you’”. (N.T.)
- [19] No original, ‘verdinhas’ começa com ‘G’: *greenbacks*. (N.T.)
- [20] No original, ‘a garden-variety flower’. Este trocadilho não possui equivalente em português. (N.T.)
- [21] Gíria do contexto policial para prender alguém. No original, ‘on the barbecue grill’. (N.T.)
- [22] No original, ‘pool’. Esta palavra possui distintas possibilidades de tradução conotativa, mas optei por esta pelo fato de a autora aludir ao contexto de aposta. (N.T.)
- [23] No original, ‘trawler’. O arrastão é um barco pesqueiro com rede. (N.T.)
- [24] Expressão do direito. Consiste no direito do Estado de confiscar propriedade privada para uso público, mediante pagamento de compensação aos proprietários. (N.T.)
- [25] No original, G-man. Provavelmente a autora optou por esta expressão para aludir ao misterioso assassinato envolvendo a letra ‘G’, algo recorrente em vários pontos do livro. (N.T.)
- [26] No original, ‘lock, stock and barrel’. É por isso que, no parágrafo seguinte, a autora comenta que Drayco captou a ironia no uso de uma expressão baseada em arma, sem equivalente no português. (N.T.)
- [27] No original, esta expressão é um jogo de palavras: *Westminster Spinsters*. (N.T.)
- [28] No original, *dogfennel*. O nome científico é *Eupatorium capillifolium* (N.T.)
- [29] No original, a autora fez um jogo de palavras que não é possível traduzir. Lê-se no texto original: *...like a geiser ready to blow. Or maybe, should I say, a blow job*. Darcie, neste momento, se insinua novamente para Drayco, mas para esta informação não se perder na tradução, optei por trazer esta observação. (N.T.)
- [30] Aqui a autora se refere a Elleey Quinn. Que, na verdade, não é um pseudônimo para uma pessoa, mas para suas. Daniel Nathan, profissionalmente conhecido como Frederic Dannay, and Emanuel Benjamin Lepofsky, profissionalmente conhecido como Manfred Bennington Lee, eram primos norte-americanos do bairro do Brooklyn, em Nova York, que escreviam editavam, e antologizavam ficções de detetive sob o pseudônimo de **Ellery Queen**. Os principais personagens ficcionais dos escritores, que também eram chamados de Ellery Queen, é um escritor de mistérios e detetive amador que ajuda o seu pai, Richard Queen, um inspetor policial em Nova York, a solucionar assassinatos. (N.T.)
- [31] No original, ‘depu-sicle’. Um trocadilho feito pelo detetive Sailor, em referência ao assistente que mergulhou em águas bem frias. (N.T.)

[32] No inglês, essas três coisas começam com a letra B. (N.T.)

[33] No original, 'matronly fishwife'. A peixeira é um arcaísmo da língua portuguesa, e se refere a uma mulher que vendia peixes. (N.T.)

[34] Na notação musical, também é conhecida por clave de sol. Mas esta era uma forma antiga de representar notação musical, ainda usada na Europa. (N.T.)

[35] Esta palavra, no inglês, começa com G, mas não foi possível adaptar isto para a tradução. (N.T.)

[36] Neste caso, o texto se refere a um fenômeno meteorológico, ou seja, a uma frente fria que assola Cape Unity. Nenhuma relação, portanto, com os moradores da região Nordeste do Brasil. (N.T.)

[37] No original, 'chaves' se escreve 'keys', assim como o sobrenome do falecido personagem Oakley Keys. (N.T.)

[38] Atenção: b-b se refere à forma como a notação musical é feita em inglês. Em vez das notas (dó, ré, mi...), como é feito no português, muitos países, vários na Europa, optam por estabelecer letras para isso (A, B, C...). (N.T.)

[39] Este anagrama só é possível na língua inglesa. Ao longo de toda a obra, traduzi a palavra original, '*phonic*', para o português, já que não se trata de um anglicismo importado pela língua portuguesa. (N.T.)